

**JEREMY BATES**

**A FLORESTA DOS  
SUICIDAS**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# **A Floresta dos Suicidas**

## **Jeremy Bates**

Traduzido por Ayrton Jost de Lima, Christiane Jost, Karine Lima

“A Floresta dos Suicidas”

Escrito por Jeremy Bates

Copyright © 2017 Jeremy Bates

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

[www.babelcube.com](http://www.babelcube.com)

Traduzido por Ayrton Jost de Lima, Christiane Jost, Karine Lima

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

# Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[A FLORESTA DOS SUICIDAS | OS LUGARES MAIS ASSUSTADORES DO MUNDO: LIVRO UM | JEREMY BATES](#)

[Direitos autorais © 2014 por Jeremy Bates](#)

[Além disso, por tempo limitado, acesse \[www.jeremybatesbooks.com\]\(http://www.jeremybatesbooks.com\) para receber uma cópia grátis de Black Canyon e The Taste of Fear.](#)

[CONTEÚDO](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[2004](#)

[PRÓLOGO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)  
[15](#)  
[16](#)  
[17](#)  
[18](#)  
[19](#)  
[20](#)  
[21](#)  
[22](#)  
[23](#)  
[24](#)  
[25](#)  
[26](#)  
[27](#)  
[28](#)  
[29](#)  
[30](#)  
[31](#)  
[32](#)  
[33](#)  
[34](#)  
[35](#)  
[36](#)  
[37](#)  
[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[EPÍLOGO](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

**A FLORESTA DOS SUICIDAS**

**OS LUGARES MAIS ASSUSTADORES DO MUNDO:**

**LIVRO UM**

**JEREMY BATES**

# **Direitos autorais © 2014 por Jeremy Bates**

Primeira edição

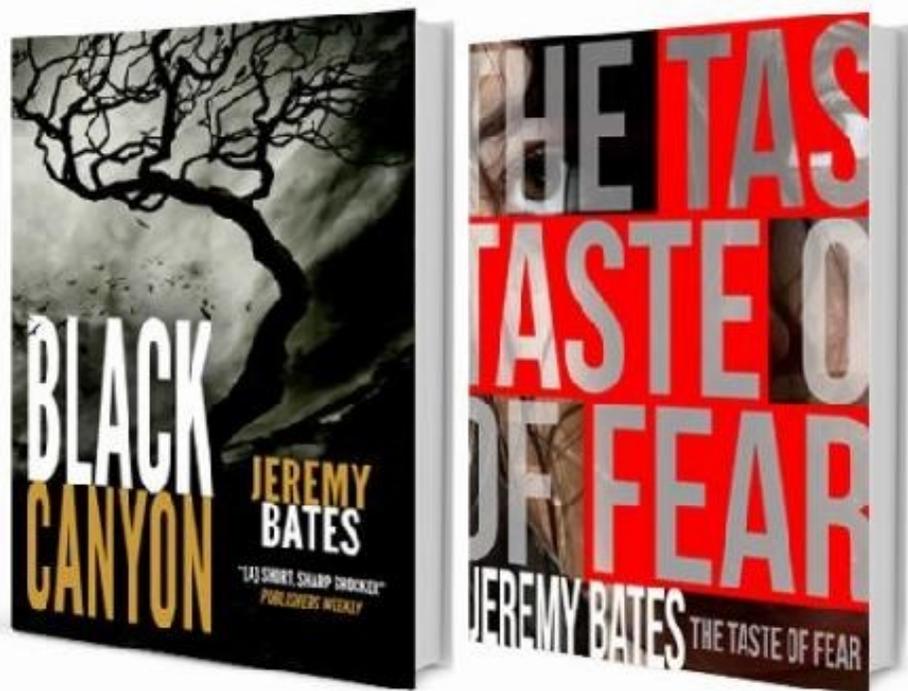
O direito de Jeremy Bates de ser identificado como Autor da Obra foi declarado por ele de acordo com as Leis de Direitos Autorais, Projetos e Patentes de 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida nem transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento por escrito do editor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

ISBN: 978-0-9937646-3-9

**Além disso, por tempo limitado, acesse [www.jeremybatesbooks.com](http://www.jeremybatesbooks.com) para receber uma cópia grátis de *Black Canyon* e *The Taste of Fear*.**



amazon kindle nook kobo iBooks

Windows android BlackBerry

# CONTEÚDO

[NOTA DO AUTOR](#)

[PRÓLOGO](#)

[EPÍLOGO](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

# NOTA DO AUTOR

Os romances da série *Os Lugares Mais Assustadores do Mundo* ocorrem em lugares reais. Eis um resumo da "Floresta do Suicídio" do Wikipédia:

**Aokigahara** (青木ヶ原), também conhecida como **Floresta dos Suicidas** ou **Mar de Árvores** (樹海 *Jukai*), é uma floresta de 35 quilômetros quadrados que fica na base noroeste do Monte Fuji, no Japão. A floresta contém várias cavernas rochosas geladas, algumas das quais são pontos turísticos famosos. Devido à densidade das árvores que bloqueiam os ventos e a quase completa ausência de fauna, a floresta é particularmente conhecida por ser silenciosa.

Ela tem associações históricas com demônios na mitologia japonesa e é um lugar famoso pelos suicídios, mesmo com várias placas, em japonês e inglês, estimulando as pessoas a reconsiderar suas ações.

**2004**

# PRÓLOGO

A Floresta do Suicídio existe. Os japoneses a chamam de Aokigahara Jukai, que significa "mar de árvores". Todos os anos, as autoridades locais retiram mais de cem corpos, a maioria enforcada em galhos e em vários estados de decomposição. Barracas abandonadas, sacos de dormir mofados, mochilas enlameadas e quilômetros de fitas cobrem o chão da floresta. Dizem que a área é assombrada pelos fantasmas dos suicidas e os habitantes relatam ter testemunhado gritos inexplicáveis durante a noite. Placas aconselham os visitantes a não se afastarem das trilhas. Geralmente, elas são ignoradas por aqueles que procuram testemunhar o macabro. A grande maioria consegue sair de lá. Outros, nunca saem.

# 1

Pegamos dois carros em Tóquio para ir ao distrito de Yamanashi, onde fica Fujisan, mais conhecido no ocidente como Monte Fuji. O primeiro carro estava logo em frente ao nosso. Era uma minivan Toyota, menor e mais compacta do que as que são vistas nos Estados Unidos. Ela pertencia a um assalariado chamado Honda. Daria até para fazer uma piada sobre um homem chamado Honda dirigindo um Toyota, mas era o nome dele: Katsuichi Honda. Naquele carro, também estavam Neil Rodgers, um professor de inglês de cinquenta e cinco anos da Nova Zelândia, e um rapaz chamado John Scott. Eu não sabia muito sobre John Scott, exceto que era um soldado americano servindo em Okinawa e que conhecia a minha namorada, Melinda Clement, porque estudaram juntos no ensino médio.

Quem dirigia o nosso carro era Tomo Ishiwara, vinte e dois anos, estudante de psiquiatria, uma carreira muito rara no Japão. Em termos gerais, as pessoas de lá não falavam sobre seus problemas e guardavam-nos para si ou bebiam para esquecer-los. Uma das primeiras expressões que aprendi assim que desci do avião quatro anos e meio antes foi *nomihodai*, que, basicamente, significa "o que você aguentar beber de shochu, saquê e cerveja". Para algumas pessoas na cidade estressante de Tóquio, isso era algo comum à noite e, em muitos casos, uma terapia muito melhor do que sessões semanais com um psiquiatra.

Eu estava no banco do passageiro. Mel estava encolhida em posição fetal no banco de trás. Fomos a um aniversário de um amigo em um bar na noite anterior. Ela ficou bêbada. Não era a melhor coisa a se fazer um dia antes de escalar uma montanha e eu esperava que ela aguentasse a subida. Entretanto, uma preocupação possivelmente maior do que a ressaca dela era o clima. Quando saímos de Tóquio às dez horas, o céu estava escuro e cinza. Esse era o comum e raramente significava que choveria, mas o céu deveria ter clareado quando saímos da vasta metrópole. Em vez disso, o céu escureceu, com o cinza transformando-se em nuvens de tempestade. Na verdade, o céu inteiro parecera inchar, aproximando-se da paisagem de campos de arroz e florestas. Nas duas horas anteriores, eu passara, em vão, esperando as nuvens irem embora, uma abertura se formar, cheia de azul e brilho do sol, porque não queria subir o Monte Fuji sob chuva. Os lados da montanha eram cobertos de pedras vulcânicas, o que deixava o lugar escorregadio e traiçoeiro. Roupas e casacos ficariam molhados e congelariam ao anoitecer quando a temperatura abaixasse. Sem falar que, em determinado ponto, você estaria andando *dentro* das nuvens. E se um raio resolvesse atingir a área? Eu não fazia ideia de como seria estar dentro de uma nuvem, onde um raio se origina, mas não parecia nada seguro.

Olhando para o Monte Fuji à distância pelo para-brisa, balancei a cabeça, um gesto quase imperceptível. Eu planejara tudo... exceto a merda do clima.

Continuamos para oeste pela via expressa Chuo por mais dez minutos até chegarmos a Kawaguchiko, uma cidade turística ao redor de um lago epônimo na base do Monte Fuji. A cidade parecia morta, sem ninguém nas ruas, talvez por causa do clima ruim. Achei que tinha ouvido uma música pela janela. Eu estava certo. Em alto-falantes virados para a rua, tocava uma música nostálgica de oito *bits* da Nintendo. Aquilo me lembrou das coisas toscas que tocavam quando um personagem entrava em uma cidade nova no *Pokémon* ou no *Final Fantasy*.

Só no Japão, pensei. E era verdade. O Japão era um mundo diferente para mim, completamente estranho, mas sedutor, e eu raramente passava um dia sem ficar admirado com algum aspecto da cultura ou tecnologia do país.

Mel e eu — e Neil também — trabalhávamos juntos na mesma empresa particular de curso de inglês chamada HTE, ou *Happy Time English*. Era de longe a maior empresta desse tipo no Japão, com cerca de quatro mil escolas pelo país. Apesar de ser uma fazenda-escola, era uma ótima escolha para aqueles que nunca foram ao Japão porque providenciavam tudo, desde a aprovação do visto até um apartamento completamente mobiliado. Eles inclusive davam um adiantamento do salário, se a pessoa precisasse. A maioria precisava porque grande parte dos professores era recém-graduada da universidade, sem dinheiro, e o Japão podia ser um lugar caro.

Mel e eu estávamos na HTE havia quatro anos, apesar de aquele ser o último. Mel já tinha decidido voltar aos Estados Unidos quando nossos contratos expirassem três meses mais tarde. Foi por isso que eu organizei a viagem ao Monte Fuji. Morar no Japão e não escalar a montanha seria o equivalente a morar na França e nunca visitar a Torre Eiffel ou morar no Egito e nunca explorar as pirâmides.

Honda ativou a seta e saiu da rua principal.

— Aonde Honda está indo? — perguntei. Katsuichi Honda preferia ser chamado pelo sobrenome, uma prática comum entre os japoneses mais velhos.

— Não sei — respondeu Tomo —, vou segui-lo.

Seguimos a van de Honda por várias ruas secundárias antes de chegarmos à estação de trem da cidade, uma construção de estuque mal cuidada com telhas de madeira, algo que combinaria mais com os Alpes suíços do que com a área rural do Japão. O estacionamento estava tão deserto quanto o restante da cidade. Honda estacionou em frente à entrada principal. Paramos logo atrás.

— Por que acha que ele parou aqui? — perguntei.

Tomo balançou a cabeça. — Não faço mínima ideia. — O inglês dele era bastante fluente, mas sempre deixava de fora artigos, preposições e plurais.

Eu me virei no assento. Mel continuava dormindo.

— Espere com ela — falei a Tomo —, vou ver o que está acontecendo.

Saí do carro. O ar estava frio e cheirava a outono, minha estação favorita. Isso sempre trazia de volta as lembranças de infância de doces ou travessuras, juntando doces, fazendo fantasmas com papel higiênico e algodão e aranhas com limpadores de cachimbo peludos.

Parei ao lado da van de Honda. Os outros já tinham saído e estavam espreguiçando-se. Honda vestia uma jaqueta vermelha e calças cáqui com pregas. O cabelo dele era grosso e muito denso. Os óculos se encaixavam perfeitamente no osso do nariz. Ele trabalhava para uma empresa de construção japonesa e dissera que encontrara Donald Trump no Trump Plaza durante uma viagem de negócios a Nova Iorque. Dissera que a própria filha do Trump acompanhou a equipe de vendas ao escritório do homem. À primeira vista, antes mesmo de serem apresentados, o gordo do Queens com penteado ruim levantara-se da mesa. — Vocês querem uma foto comigo, não é? Venham aqui. — Estereótipo dos asiáticos que adoram tirar fotos ou apenas megalomania?

O cabelo de porco-espinho de Neil era castanho-claro e ele não gostava de fazer a barba. Assim, o rosto estava sempre coberto por uma barba curta. Como Honda, também usava óculos, mas com armação esportiva preta. Morava no Japão havia cerca de cinquenta anos, ensinando inglês como segundo idioma o tempo inteiro. Era muito fechado e nunca nos sentamos para ter uma conversa franca, mas, pelo que eu ouvira dos colegas de trabalho, ele viera com a primeira esposa, uma neozelandesa, com o objetivo de economizar para comprar uma casa em Wellington. Isso acontecera na "bolha econômica" do Japão, quando o iene era ridiculamente caro e o dólar neozelandês igualmente barato. Em certo momento, ele começara a ter um caso com uma aluna doze anos mais nova, que tinha vinte e dois na época. A esposa descobriu, voltou para a Nova Zelândia e divorciou-se dele, levando todo o dinheiro que tinham economizado. Ele ficara, vivendo do salário como a maioria dos professores, independentemente da idade, e curtindo a vida.

Eu não sabia o que entender de John Scott, o rapaz do exército. Ele era vários centímetros mais baixo do que eu, com cerca de um metro e setenta e cinco, e mais musculoso. Sob o cabelo raspado com corte reto, havia o rosto de um homem comum, de olhos azuis e com mandíbula e nariz marcantes. Talvez fora o casaco que não me agradara. Era fino, curto e mais estiloso do que funcional. Quem usava um casaco daqueles para escalar uma montanha? Talvez fosse apenas a confiança arrogante dele. Quando nós o pegamos em frente ao *Tully's Coffee* e todos se apresentaram, ele batera amigavelmente nas costas dos outros e agira como se nos conhecesse havia meses em vez de minutos.

— Ethos! — cumprimentou John Scott. Eu só pude supor que ele esquecera o meu nome, Ethan. Talvez fosse algum tipo de apelido íntimo.

— Por que você parou aqui? — perguntei a Honda.

— Uma tempestade está formando-se — respondeu ele, olhando para o céu. Com um instinto de mímica, também olhei. Como esperado, as nuvens estavam escuras e baixas, como estavam quando eu olhara dois minutos antes.

— Talvez ela passe — disse eu, virando-me para Neil. — O que acha?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Eu não teria muita esperança disso.

— Podemos esperar.

— Por quanto tempo? Achei que o plano era começar a escalar logo.

O Monte Fuji era dividido em dez estações, com a primeira localizada no pé da montanha e a décima no topo. A estrada pavimentada seguia até a quinta estação. O nosso plano era dirigir até a Quinta Estação de Kawaguchiko e começar a escalar por volta das quatro da tarde. Após um percurso de três horas, parariamos em uma das cabanas da montanha que havia na trilha para comprar algo para comer e descansaríamos. Sairíamos novamente à meia-noite, idealmente passando pelo portão de Shinto no topo perto das quatro horas da manhã, logo antes do amanhecer.

— Podemos esperar até perto das dez horas e começar a escalar em seguida — disse eu.

— Uma escalada contínua durante a noite? — questionou Neil.

Eu assenti.

— O que faremos o dia todo? Ficaremos sentados conversando? — perguntou John Scott, fazendo parecer como se aquilo fosse um tipo de punição.

— Que tal Fuji-Q Highland? — sugeriu Honda.

— O parque de diversões? — perguntei.

— Não quero passar o dia em um parque de diversões, obrigado — retrucou John Scott.

— O que você recomenda? — perguntei a ele.

— Não sei ainda. Mas vamos pensar bem.

— Há muitas fontes termiais aqui — disse Honda. — Podemos ir a um delas e, depois, pegar o almoço.

— Almoçar — corrigi eu. Normalmente, eu não fazia isso fora da sala de aula, mas "pegar o almoço" era uma daquelas expressões que soava errado e deixava-me muito irritado. Depois de lecionar por bastante tempo, já ouvira coisas bem estranhas. Quando perguntei a uma bela aluna o que tivera para o jantar, ela falou que fora caca. Perguntei onde tinha conseguido, para tentar descobrir o que era, e ela disse que foi em uma máquina em frente à escola. Demorei alguns segundos para entender que ela quisera dizer "Coca".

— Ah, almoçar — disse Honda. — Foi mal. Sempre esqueço.

— Não acho que ficar pelado por aí com alguns caras a tarde inteira é a minha praia — disse John Scott.

Ele foi muito direto, mas era o que eu também achava.

— Podemos seguir até o quinto nível — disse Neil. — Dar uma olhada.

— E fazer o quê? — insistiu John Scott. — Tem uma loja de turistas onde dá para comprar um bastão de caminhada. E isso é tudo.

— Você já escalou o Monte Fuji? — perguntei surpreso.

Ele assentiu. — Com alguns amigos no ano passado.

— Por que está escalando de novo?

— Por que não?

Eu franzi a testa. Escalar o Monte Fuji era algo difícil e complicado. Eu não conhecera ninguém que o escalara duas vezes, principalmente em dois anos seguidos. Um velho provérbio japonês definia bem, "você é sábio ao escalar o Fuji uma vez, mas tolo ao escalá-lo duas".

— Podemos também deixar isso para lá e ir embora — acrescentou John Scott. — É sábado. Tóquio estará agitada.

Olhei para ele impassível. Ele não conhecia ninguém ali, exceto Mel, chegara no último minuto e subitamente estava tomando as decisões por todos nós?

Os portões principais da estação de trem se abriram e um casal, parecendo ser do Mediterrâneo, saiu. As botas de caminhada e as mochilas sugeriam que estavam lá para escalar o Monte Fuji, mas eu teria achado isso mesmo se estivessem usando tênis brancos e moletom. Por que outro motivo os estrangeiros iriam até lá? Eles passaram por nós, de cabeça baixa e conversando entre si.

— Com licença — eu disse para chamar a atenção deles.

Eles pararam, olharam para mim e, em seguida, para o resto do nosso pequeno grupo. Eles eram pessoas atraentes, de cabelos escuros e ondulados, olhos pretos e pele escura e lisa. A garota era pequena e o rapaz tinha altura média, parecendo flexível como um atleta. Eles não pareciam ser mais velhos do que eu, com vinte cinco ou vinte e seis anos no máximo.

— Sim? — respondeu o rapaz. Ele estava sorrindo e parecia estar bem-humorado.

— Vocês vão escalar o Monte Fuji? — perguntei.

— Foi para isso que viemos aqui. Mas a mulher na bilheteria disse que não poderíamos — Ele deu de ombros. — Disse para esperarmos até amanhã.

— Ela disse que a trilha estava fechada ou apenas recomendou não escalar?

— Não sei. O inglês dela era pior do que o nosso, na verdade.

Ele achou graça e riu. Com base no sotaque suave, imaginei que fosse israelense. Quando eu fora sozinho à Tailândia no ano anterior nas férias de Natal, pois Mel voltara à Califórnia para visitar a mãe, conheci um israelense chamado Moshe na balsa de Ko Samui para Ko Phangan. Ele era conversador e simpático e, para economizar dinheiro, concordamos em dividir um quarto no andar de cima de um restaurante. A julgar pelos esfregões e baldes em um canto, talvez o quarto fosse o depósito de materiais de limpeza quando desocupado. Na mesma tarde, ele me convidara para conhecer seus amigos que já estavam na ilha. Eram todos israelenses e eu rapidamente virara algo parecido com uma celebridade. Os israelenses são muito unidos quando viajam e um americano de origem irlandesa no meio do grupo fora aparentemente um estouro. Eu fora embora algumas horas depois, bêbado, alterado e feliz por estar sozinho de novo.

— Sou Benjamin, mas pode me chamar de Ben — falou o israelense. — Esta é Nina.

Apresentei o grupo a eles.

— Então, o que vocês dois farão agora? — John Scott perguntou a eles, apesar de parecer que a pergunta fora mais direcionada a Nina.

— Vamos acampar — disse Ben, apontando a oeste. — Pretendíamos escalar o Fujisan hoje e acampar em Aokigahara amanhã. Agora vamos trocar a ordem. Acampar e depois escalar.

— *Honto?* — disse Honda, com uma entonação na sílaba *to*. Ele franziu a testa sobre os óculos e murmurou algo em japonês, balançando a cabeça.

— Está falando da floresta dos suicidas ou seja lá como for que a chamam? — perguntou John Scott.

Eu vi Neil assentir.

— Sim, isso mesmo — disse Ben. — Todo ano, várias pessoas vão até lá para cometer suicídio.

— Sério? — perguntei surpreso por nunca ter ouvido falar do lugar. — Por que lá? O que tem de especial?

— Existem muitas histórias sobre Aokigahara — respondeu Honda. Ele estava com a testa franzida, claramente desconfortável por estar falando sobre o assunto. — Segundo os mitos, era a região de *ubasute*. As famílias abandonavam os jovens e os mais velhos durante os períodos de fome para que tivessem menos bocas para alimentar. Por causa disso, vários japoneses acham que a floresta é agora assombrada por *yūrei*, ou almas dos mortos.

Tentei imaginar a psicologia por trás da decisão de condenar um ente querido a uma morte agonizante e lenta de desidratação, fome e abandono. Parecia o conto de João e Maria, só que ao contrário, com os jovens abandonando os velhos. — Mas o que isso tem a ver com as pessoas irem lá para cometer suicídio?

— O lugar sempre foi conhecido pela morte — disse Honda, simples. — Portanto, atrai morte.

— E também tem alguns livros — falou Ben.

— Que livros? — questionei.

— Há vários anos, um romance *best-seller* sobre um casal que cometeu suicídio em Aokigahara foi publicado. Isso tornou a ideia muito romântica e popular. Também teve outro livro chamado *O Manual Completo do Suicídio*. Ele descreve a floresta como bela e pacífica, o lugar perfeito para morrer.

A última parte fez com que eu sentisse um incômodo.

*O lugar perfeito para morrer.*

Fez-se silêncio. Olhei para Neil e, depois, para John Scott. A testa de Neil estava franzida, como se estivesse perturbado pelo rumo sombrio que a conversa tomara. John Scott também parecia preocupado com os próprios pensamentos. Ben disse algo a Nina em hebraico. Ela respondeu, viu que eu os estava observando e sorriu.

— Vamos pegar um ônibus para Aokigahara agora — disse ele, apontando para uma parada de ônibus próxima. Não tinha nenhum ônibus lá ainda. — Quer saber? Você e seus amigos deveriam vir conosco. Será uma aventura. O que acham? Não nos importamos de ter companhia.

Eu estava prestes a recusar, quando John Scott disse: — Eu topo. — Ele levantou um cigarro Marlboro vermelho que aparecera em sua mão. — É melhor que um parque de diversões. — Ele acendeu o cigarro e soprou a fumaça pela boca de forma demorada e relaxada.

Eu parara de fumar um ano antes porque Mel pedira. Ela dissera que estava preocupada com minha saúde, apesar de eu ter achado que simplesmente não gostava do cheiro de fumaça nas minhas roupas e no meu cabelo. Mesmo assim, até aquele dia, um cigarro aceso sempre despertava uma grande vontade que eu me forçava a ignorar.

John Scott deu outra longa tragada, soprando a fumaça entre uma palavra e outra: — Que tal? Não queríamos passar o tempo de alguma forma? Acampar em uma floresta assombrada parece ser maneiro.

Neil estava olhando para o nada, o que interpretei como reserva. Honda começou a balançar a cabeça de novo. Ele certamente não estava de acordo com a ideia.

— Neil? — pressionou John Scott. — O que acha, grandalhão?

Neil não era grande e, considerando que tinha o dobro da idade de John Scott, achei "grandalhão" um tanto desrespeitoso.

Neil deu de ombros. — Gosto de acampar e já ouvi falar sobre a floresta. Pode ser interessante, mas vai chover. A última coisa que quero fazer é passar a noite molhado e com frio.

— Aokigahara é especial — disse Ben. — As árvores são muito densas, entende? Elas seguram praticamente toda a chuva.

Não acreditei muito no que ele falou, mas não abri a boca, pois estava começando a gostar da ideia de acampar. Seria um longo fim de semana, o que significava que ainda poderíamos escalar o Monte Fuji no domingo e voltar para Tóquio na segunda-feira sem que ninguém faltasse ao trabalho.

— Vamos lá, cara — falou John Scott.

Honda fez um X com os braços e inclinou ligeiramente o corpo como se pedisse desculpas. — Sinto muito, não posso ir, não lá. Vocês são malucos. Mas vão. Sem problemas.

Ben mudou o peso do corpo de uma perna para a outra, como se estivesse impaciente, querendo que tomássemos logo uma decisão.

— Deixe-me falar com a minha namorada — disse eu.

Entrei no banco da frente do Subaru WRX envenenado de Tomo. Notei que Mel ainda estava dormindo. — O que você sabe sobre a Floresta dos Suicidas? — perguntei a Tomo.

— Ah! Foi por causa dessa merda que você demorou tanto? E me deixou aqui?

— Você poderia ter ido.

— Você pediu para eu ficar de olho na Mel.

— O que você sabe?

— É famosa entre os japoneses. Pessoas vão lá para se matar.

— Então é verdade?

— Louco, né?

— O que você acha de acampar lá hoje?

— Caralho, tá de sacanagem? — Tomo era jovem e era comum os jovens no Japão usarem palavrões ao falarem em inglês. Mostrava como eram fluentes. Mas alguns exageravam. Não cresciam acostumados com os palavrões, não eram ensinados a não usá-los na infância, eram apenas palavras normais. Tomo era um cara assim. — Você quer acampar lá?

— Não podemos escalar o Monte Fuji porque parece que vai chover. Podemos voltar para Tóquio ou fazer alguma coisa aqui. Honda não quer acampar. Mas Neil e John Scott gostaram da ideia. Aqueles dois também vão — concluí, apontando para os israelenses.

— Ela é tão gata.

Acho que Tomo tinha duas ou três garotas atrás dele. Ele era bonito, com o cabelo bagunçado popular entre os rapazes japoneses, olhos dourados, nariz pontudo e maçãs do rosto altas. No entanto, um dentista não seria uma má ideia, pois os dentes eram todos tortos. Mas essa era apenas a minha opinião. *Yaeba*, ou dentes tortos, era algo comum no Japão e considerado atraente. Inclusive, eu ouvira falar de pessoas que pagaram para fazer uma cirurgia para ter *yaeba* falsos.

Na cabeça, ele usava uma boina com aba dura e um cachecol de caxemira enrolado no pescoço com as pontas penduradas sobre a jaqueta de motociclista antiquada. Era de couro, assim como a de John Scott, mas menos pretensiosa.

— Quem é gata? — perguntou Mel. Eu me virei e vi que ela se mexia. Ela se sentou, piscou e esfregou os olhos, que eram azuis e brilhantes. Os cabelos loiros estavam bagunçados. Ela usava a mesma maquiagem do dia anterior. A bochecha direita estava vermelha no local que apoiara sobre um dos braços.

— E aí — falei, inclinando-me entre os assentos e beijando-a no rosto.

— Obrigada — disse ela, animando-se. Ela sempre me agradecia quando eu a beijava. Podia dar a impressão de estar sendo sarcástica, ou até mesmo escrota, mas ela não era nada disso. Talvez simplesmente gostasse do fato de eu mostrar afeto e isso me agradava. Conheci casais que não se aguentavam mais depois de seis meses de namoro. Eu achava que o fato nos darmos tão bem era um bom sinal da nossa compatibilidade.

— Já chegamos? — perguntou ela.

— Quase — respondi. — Estamos na cidade ao pé do Monte Fuji. Mas temos um probleminha.

— É claro que temos.

— Parece que vai chover. Acho que não poderemos escalar hoje.

— Ótimo, posso voltar a dormir. — Ela se deitou novamente no assento e fechou os olhos. —

Acorde-me quando chegarmos a Tóquio.

— Na verdade, acabamos de conhecer um casal que também pretendia escalar o Monte Fuji hoje.

Eles vão acampar em uma floresta aqui perto. Estamos decidindo se vamos com eles ou não.

Ela abriu um olho e observou-me, como uma pirata. — Perto quanto?

— Não sei. Em algum lugar aqui por perto.

Ela considerou a ideia por um momento. — Beleza.

— Sério?

— Por que não? Já estamos aqui.

— Mas tem mais uma coisa.

— O quê?

— O nome da floresta é Aoki... — olhei para Tomo.

— Aokigahara.

— E? — perguntou Mel.

— Ela também é conhecida como Floresta dos Suicidas — disse eu —, pois parece que os japoneses vão para lá para se matar.

Ela franziu a testa.

— Acho que é mais papo furado do que qualquer outra coisa — acrescentei. — Algumas pessoas provavelmente se mataram lá algumas vezes, o que deu origem a uma reputação ruim...

— Não, eu já ouvi falar dela — disse ela, sentando-se novamente. Ela puxou os cabelos sobre os ombros, mostrando o pescoço esbelto. Em seguida, tirou um prendedor elástico do pulso e usou-o para fazer um rabo de cavalo. Os brincos de esmeralda que eu lhe dera de aniversário em junho brilharam nas orelhas. — Meus alunos me falaram sobre ela. Não é papo furado. E eu acho que muitas pessoas cometem suicídio lá todos os anos.

— Não temos que ir muito longe na...

— Você não precisa bancar a minha babá, Ethan. Não estou com medo. Seria legal ir lá ver com os próprios olhos.

Eu assenti, contente com a facilidade com que as coisas se resolveram.

Virei-me para Tomo. — Que tal, grande Tomo? Quer se juntar a nós? — Esperei a resposta ansioso. Com Honda de fora, o único carro que sobrara era o de Tomo.

— É, pode ser — disse ele, abrindo um sorriso meio selvagem. — Vamos ver alguns fantasmas nessa porra, que tal?

## 2

Antes de partirmos para Aokigahara, fomos aos banheiros na estação de trem e compramos comida em um *Mini Stop*, já que peso não era mais um grande problema. Parei perto da bilheteria para pegar um mapa da área. Uma moça uniformizada me cumprimentou educadamente. Assim que falei "Aokigahara", no entanto, os olhos dela se estreitaram e o sorriso alegre desapareceu. Ela me estudou, talvez tentando compreender as minhas intenções. Tudo que ela sabia era que eu estava lá sozinho, perguntando sobre como chegar a um lugar onde as pessoas iam para se matar. Eu não sabia como explicar que estava com meus amigos e que queríamos apenas conhecer a floresta, então, então fiz uma expressão sincera para aliviar qualquer preocupação que ela poderia ter. Aparentemente funcionou, pois ela me deu o mapa, apesar de sentir os olhos dela acompanhando-me enquanto eu saía.

Do lado de fora, encontrei todos já dentro dos carros. Eu entrei no Subaru e seguimos em frente.

Tomo ligou o som do carro e cantarolou junto com uma banda de hip hop japonesa-americana. Ele sabia toda a parte em japonês, mas, quando chegava na que cantavam em inglês, Tomo batia no volante e só soltava as palavras que conseguia acompanhar, como *nigger, fucking hoe* e *my bitch*.

Quando conheci Tomo, mais de oito meses antes, eu notara que ele era o tipo de cara que gostava de sexo, música e festas. Mas, depois de passar um dia com ele e sua irmã mais nova, que era autista, eu descobrira que Tomo tinha um lado carinhoso e educado. No entanto, é claro, ele nunca admitiria isso, principalmente quando eu o provocava.

— Esse negão é fodido, cara! — disse ele depois de trocar de CD e antes de começar a cantar uma música misógina.

Fazendo o possível para ignorá-lo, pois eu tinha certeza de que ele quisera dizer *foda* em vez de *fodido*, abri o mapa que recebi da mulher da bilheteria. O Monte Fuji era representado por um triângulo. Havia rodovias, rotas de ônibus e vias expressas, cada uma marcada com uma cor específica. Os cinco lagos próximos e outras atrações turísticas estavam indicados em inglês e japonês. Na lateral havia uma representação da área ao redor do lago Saiko que mostrava trilhas para algumas cavernas de lava que foram formadas quando o Monte Fuji teve a primeira erupção.

Aokigahara, que deveria estar por perto, claramente não estava lá.

Joguei o mapa no painel com carpete enfeitado e tentei imaginar o que nos aguardava. *Quantas pessoas se matam na Floresta dos Suicidas todo ano? Uma dúzia? Duas dúzias? Será que tropeçaríamos em um crânio meio enterrado em um monte de folhas? Um cadáver pendurado em um galho de árvore?* Esse último pensamento fez com que eu pausasse. Não os ossos. O cadáver. Será que eu estava preparado para viver algo assim, tão sombrio?

Abruptamente, contra a minha vontade, vi o meu irmão mais velho Gary em seu esquife bege e brilhante, com os cabelos lavados e penteados, orelhas e narizes tapados com algodão, cera nos lábios, maquiagem pesada no rosto e uma gravata vermelha com nó perfeito na garganta.

Piscando repetidamente para deixar de lado essas imagens, ajeitei-me desconfortavelmente no banco e concentrei-me nas árvores que passavam pela janela.

Cerca de vinte minutos depois, a minivan do Honda saiu da estrada e entrou em uma via menor. Nós a seguimos. A floresta era densa nos dois lados da via. Honda virou em um estacionamento praticamente vazio. Estacionamos a duas vagas de distância dele. Saí do carro e fechei a porta, que ecoou na tranquilidade. Mais portas bateram à medida que todos saíam.

— Cá estamos! — anunciou Ben. A delicadeza dele quase lhe deu uma aparência afeminada. Ele puxou Nina em sua direção e beijou-a na testa. Em seguida, colocou um braço em volta de Tomo, que estava ao seu lado, e também o beijou.

— Ei, cara, não sou gay, beleza? — disse Tomo, tentando se afastar.

Mas o entusiasmo de Ben era contagioso, fazendo com que todos sorrissem ou gargalhassem. Foi uma boa distração do estacionamento nublado e sombrio.

Tomo, corado, abriu o porta-malas do Subaru. Peguei a mochila verde-samambaia da Osprey de Mel, que estava sobre o macaco e a chave de roda, e ajudei-a a colocá-la. Joguei para Tomo a bolsa dele, coloquei a minha em um ombro e fechei o porta-malas.

— Tem certeza de que não quer vir, Honda? — questionei.

— Esta floresta não é para mim — ele olhou nervosamente para as árvores. — Talvez de dia... mas à noite? — Tomo balançou a cabeça.

Nós sete nos despedimos, acenando ou curvando-nos estranhamente, pois era raro estrangeiros fazerem isso direito, e começamos a seguir o caminho que levava às árvores. Havia um Mitsubishi Outlander estacionado logo ao lado. A tinta branca do carro estava irregular com poeira ou fuligem. Várias folhas mortas cobriam o para-brisa e o capô se encontravam.

— Esse carro parece abandonado para vocês? — perguntou Mel.

— Caralho, tem razão — disse John Scott. Ele olhou por uma janela. — Ei, vejam só isso.

Fomos até o carro para espiar. Os bancos traseiros estavam deitados. Sobre eles havia uma bomba de ar, um kit de primeiros socorros e um pneu de bicicleta. Um pano preto cobria a maioria do espaço do porta-malas. Sobre ele havia dois montes, lado a lado.

John Scott abriu a porta de trás, que estava previsivelmente aberta. Roubos praticamente não existiam no Japão.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Quero ver o que tem debaixo do pano.

— Você não pode entrar no carro dele.

— Acho que sabemos que ele não voltará.

— Talvez ele esteja acampando.

— Ele teria que estar acampando por muito tempo. Olhe para essas folhas.

— Quero ver — disse Ben.

— Eu também — concordou Tomo.

John Scott tirou o pano, revelando uma roupa azul-escura, um par de sapatos pretos e uma maleta de couro retangular.

Olhamos aos pertences por um bom tempo em silêncio. A visão era um pouco perturbadora e achei que ninguém sabia o que pensar.

— Vamos nessa — disse Mel cuja voz mudara. Ela estava mais ríspida.

John Scott fechou a porta.

— Coloque o pano de volta — eu disse.

— Por quê?

— Porque ele cobriu essas coisas por um motivo. Era o que ele queria.

— E ainda pode voltar — acrescentou Mel.

Eu sabia que ela não acreditava nisso, ninguém ali acreditava, mas não dissemos nada em contrário. John Scott colocou o pano de volta no lugar, fechou a porta e seguimos pela trilha. Olhei para trás pelo ombro e fiquei surpreso ao ver que Honda ainda estava ao lado da van dele, assistindo-nos. Levantei a mão para me despedir. Ele fez o mesmo.

Em seguida, segui os outros para a Floresta dos Suicidas.

### 3

A Floresta dos Suicidas, ou Aokigahara Jukai, era diferente de qualquer floresta que eu já visitara antes. A variedade de coníferas e as árvores de folhas largas cresciam muito próximas, entrelaçando-se, confundindo a visão e criando a ilusão de vegetação intransitável. Os galhos formavam uma cobertura com aberturas estreitas, bloqueando a maior parte da luz do sol e tornando o ambiente mais escuro do que estava alguns minutos antes, no estacionamento. Tudo naquele mundo sombrio em tom sépia parecia distorcido, primordial e... errado. Essa era a melhor forma com que podia descrever. A natureza dera errado. Os abetos, as cicutas e os pinheiros não tinham raízes profundas, pois sob a camada fina de cinzas levadas pelo vento e do solo havia uma camada de magma solidificado deixada para trás quando o Monte Fuji entrou em erupção quase trezentos anos antes. Em vez disso, várias das raízes cresciam sobre o solo, um emaranhado de nós e tentáculos de madeira espalhados sobre a rocha vulcânica azul-escura aparente em uma luta desesperada para ganhar estabilidade e sobreviver. Consequentemente, várias árvores pareciam ser vítimas do sucesso, tombadas pela incapacidade de suportar o próprio peso. Por isso estavam inclinadas, apoiadas nas vizinhas, que sofriam do mesmo mal, ou totalmente deitadas, dentre vários galhos e madeira apodrecida. Na verdade, não seria difícil imaginar que a floresta estava doente e morrendo se não fosse pela abundância de folhas verdes e brilhantes, musgos, líquen e hepáticas, que pintavam tudo com uma camada muito necessária de coloração.

— Parece meio que a Terra Média, na verdade — disse Neil, quebrando o silêncio que havia dominado o ambiente — Ents. Barbárvore.

Vendo um ninho de raízes próximo, eu quase podia imaginar uma daquelas árvores ganhando vida, levantando-se e indo embora.

— Uma floresta encantada — disse Mel. — É o que eu acho. É tão *verde*. Como se fosse um conto de fadas.

A conversa continuou por um momento. Ela foi repetitiva, uma conversa banal, barulho para preencher o silêncio, e acabou bem depressa. Pelos vinte minutos seguintes, passamos por várias placas enferrujadas e cobertas de sujeira. Algumas delas estimulavam possíveis suicidas a reconsiderar suas ações e pensar sobre aqueles que os amavam, enquanto outras pediam aos alpinistas que informassem às autoridades locais sobre qualquer pessoa que estivesse sozinha, aparentemente depressiva ou com raiva. Uma dizia que era proibido acampar. Isso nos fez pausar, mas Tomo insistiu que era apenas para impedir suicídios, pois vários japoneses iam para lá com o pretexto de acampar enquanto criavam coragem para cometer suicídio.

Quanto mais avançávamos, mais apreensivo eu ficava. A floresta estava muito parada, muito silenciosa. Na verdade, até aquele momento, eu não ouvira um animal sequer. Sem piros de pássaros, sem insetos. Nada. Como um lugar com uma vegetação tão magnífica teria ausência de vida? E por quê? Os animais certamente não se importariam de a floresta ser um lugar para suicídios.

Mel, que andava ao meu lado, segurou a minha mão e apertou-a. Eu a apertei de volta. Eu não tinha certeza se ela estava sendo carinhosa ou se apenas queria falar sobre algo.

Como ela não disse nada, presumi que estava sendo carinhosa.

— Você está de bom humor — disse eu.

— Estou me sentindo bem.

— Não está de ressaca?

— Não mais. Acho que dormi o suficiente.

— Você não está achando estranho estar nesta floresta?

— Eu acho incrível. Quero dizer, não que isso seja bom. É apenas um lugar especial. É tão diferente de Tóquio, sabe?

Eu pensei um pouco sobre o assunto e não sabia se concordava completamente. Tóquio era uma floresta de vidro e aço, enquanto Aokigahara era uma floresta de árvores e rochas, mas ambos eram cemitérios, de certa forma. Porque, sabendo um pouco sobre a cultura corporativa sem misericórdia do Japão, os arranha-céus brilhantes que dominavam os céus de Tóquio não passavam de lápides impessoais das pessoas que trabalharam neles como escravos em uma passagem eterna para chegar ao dia seguinte, para chegar aos "anos dourados" da aposentadoria. Ironicamente, várias morriam bem antes disso. Bastava perguntar àquele pobre coitado que deixara o terno, a maleta e os sapatos no carro dele.

Eu estava prestes a mencionar isso, mas não sabia como me expressar de forma clara. Em vez disso, falei: — Pois é, é um lugar louco.

— É desse tipo de viagem que sentirei falta quando eu for embora do Japão. Deveríamos ter feito isso mais vezes. Por que não fizemos?

Eu dei de ombros. — Estamos sempre trabalhando.

— Porque ficamos no DST. Poderíamos ter passado vários feriados em outros lugares.

Ela sempre chamava o HTE de DST. Era a piada dela. Algo que pegou e não conseguíamos deixar para lá.

— Sabe — continuou ela —, minha amiga Francine conseguiu um emprego em uma universidade. Ela ganha seis meses de férias. *Seis meses*. Metade de um ano. E ainda ganha mais do que nós.

— Podemos nos inscrever em uma universidade, se quiser.

— É tarde demais, Ethan. Estamos aqui há tempo demais.

Eu não falei nada.

Ela olhou para mim, aparentemente achando que eu estava com raiva, o que não era verdade, e inclinou-se como uma bailarina para me beijar no rosto.

— Obrigado — falei.

— Não caçoe de mim.

— Não estou. Eu gostei.

— Vou falar com John — disse ela, sorrindo.

Olhei para John Scott à frente, que estava contando alguma história a Tomo.

— Beleza.

Ela se apressou para alcançá-los. Eu observei quando ela se esgueirou entre John Scott e Tomo. John Scott colocou o braço sobre o ombro dela, disse algo que a fez rir e, em seguida, depois do que considereei ser um período inadequadamente longo, tirou o braço.

Neil tomou o lugar de Mel ao meu lado. Ele estava assoviando aquela famosa música da guerra civil americana, que todos chamam de "A Marcha das Formigas" hoje em dia, apesar de eu não me lembrar do título original.

Olhei de lado para ele. Neil Rodgers. Carinhosamente chamado de Neilbo, sr. Rodgers ou, às vezes, "aquele kiwi maldito" quando as pessoas com quem trabalhávamos brincavam. Um colega de trabalho chamado Derek Miller falava sobre ele como se fosse um estuprador em série excêntrico. Isso era exagero, é claro, mas Neil era certamente um pouco excêntrico. Acho até que Neil admitiria se alguém lhe perguntasse. Ele não usava óculos remendados com fita nem algo do tipo, mas tinha um pouco de idiosincrasia. Ele só tinha um terno, por exemplo, que usava todos os dias. Eu sabia disso porque tinha um furo nas calças, perto do bolso esquerdo. Ele guardava o celular em um bolso preso ao cinto, como se fosse o capitão Kirk com uma arma avançada. Sempre comia as mesmas coisas em todas as refeições. Arroz, feijões fermentados, algumas nozes e uma salada quando trabalhava de dia. Arroz, um pedaço de frango ou três ou quatro *dim sum* de porco quando trabalhava à noite. A esposa dele preparava as refeições, embalando-as em um recipiente da Tupperware com seu nome escrito na tampa com marca-texto preto.

Contudo, dos vinte professores de tempo integral em nossa escola, eu diria que ele era o mais popular entre os alunos. Ou, pelo menos, o mais solicitado para aulas particulares. Ensinávamos de crianças a idosos, sozinhos ou em grupos pequenos. A maioria era homens assalariados sonolentos forçados a aprender inglês pelas empresas ou donas-de-casa entediadas que queriam alguém para conversar. Após anos ministrando repetidamente as mesmas aulas, eu, às vezes, tinha pavor de certas aulas com certos alunos em que repassaria os mesmos participípios pela milionésima vez.

Já o Neil, não.

Ele tinha uma energia maníaca e tola. Era tipo o sr. Rodgers, apresentador de televisão para crianças, por isso o apelido. Era por isso que os alunos gostavam tanto dele. Eles sabiam que ele sempre daria o máximo de si.

— Você acha que essa é uma boa ideia? — perguntei a ele naquele momento, principalmente para fazê-lo se calar. O tema nostálgico estava fora de contexto na floresta, quase que de forma horripilante.

— Acampar aqui? — disse ele, piscando algumas vezes.

— Isso.

— A ideia foi sua.

— Foi dos israelenses.

— Mas você e John Scott estavam a favor.

— Achei que poderia ser interessante.

— E agora?

Observei as árvores. — Ainda é interessante.

— Você quer voltar?

— Não é como se fôssemos as primeiras pessoas que vieram aqui. Há trilhas no local.

— Mas quantas pessoas acampam à noite aqui?

— Quem sabe?

— Você acha que veremos um corpo?

— Não sei — dei de ombros —, talvez.

— Você quer ver?

— Não sei ao certo. Talvez sim. Se virmos, vimos.

Enquanto eu contemplava como estava sendo honesto comigo mesmo, notei que houvera outra alternativa para passarmos o tempo até o clima melhorar. Poderíamos ter ficado na estalagem japonesa com pisos de tatame e portas com telas. Eu tinha certeza de que Mel e Tomo teriam escolhido essa opção. No entanto, não sabia se Neil teria concordado, pois não gostava de gastar dinheiro e provavelmente concordou em acampar apenas porque era de graça.

Olhei à frente novamente. Mel ainda estava ao lado de John Scott. Ela usava um casaco violeta K2 e calças jeans. Eu estava com um casaco idêntico, só que preto. Não os compramos para combinar. Estavam com cinquenta por cento de desconto em algumas lojas em Shinjuku e nenhum de nós trouxera casacos para o Japão. Esse era o problema em dar aulas em outro continente: os pertences eram limitados ao que você conseguiria carregar em uma ou duas malas.

Mel virava repetidamente a cabeça para olhar para John Scott, fazendo-me imaginar sobre o que conversavam. Escutei uma palavra ou outra, mas não passou disso.

Neil começou a assoviar novamente. — Como está Kaori? — perguntei.

— Ela levou a filha para a Disneylândia esse final de semana.

— Quantos anos Ai tem agora?

— Quatro.

— Ela está indo à escola?

— Está indo à creche. — Ele assentiu em direção a Mel e John Scott. — Como eles se conheceram?

John Scott disse algo a Mel. Ela o socou no ombro divertidamente.

— Estudaram juntos no ensino médio.

— Você não gosta dele, não é?

Era uma boa pergunta. Eu gostava de John Scott? Eu tinha o péssimo hábito de julgar pessoas e manter o mesmo julgamento mesmo quando havia provas de que estava completamente errado. No caso de John Scott, no entanto, não achava que minha primeira impressão estava errada. Ele era um grande mala.

— Por que isso importaria? — dei de ombros. — Eu não o conheço.

Neil assentiu, como se eu tivesse dado um bom argumento, e começou a assoviar de novo. Não me dei ao trabalho de pedir para ele parar.

Três alpinistas japoneses desciam a trilha em nossa direção. Dois homens e uma mulher, todos vestindo roupas específicas para trilhas e segurando guarda-chuvas de plástico transparente.

— *Konichiwa!* — disse Ben amigavelmente. — *Konichiwa!*

A pronúncia dele era pior do que a minha. Os japoneses cumprimentaram de volta, sorrindo e curvando-se.

— Como foi a trilha de vocês? — perguntou Ben.

Eles pareciam confusos.

— Caminhada — eu intervi. — Boa?

Várias assentidas hesitantes.

— Ei... *summimasen?* — disse John Scott. Ele lutou para expressar o que queria dizer em japonês, desistiu e mudou para inglês. — Estamos procurando outras trilhas. Não as principais. Entendem?

Eles não entenderam. Na verdade, pareciam ansiosos em seguir em frente.

John Scott fez com que esperassem, falando: — Ei, ou, espera, espera, espera. — Ele se virou para Tomo. — Traduza para mim.

— Traduza o quê?

— O que eu acabei de falar. Trilhas secundárias que saem dessa?

Tomo pareceu relutante.

— Cara — disse John Scott. — Só pergunta.

Tomo perguntou.

O mais velho dos três japoneses, com cabelo e bigode completamente grisalhos e óculos de armação dourada, franziu a testa e retrucou algo. Tomo respondeu, colocando as mãos para o alto, mas foi rapidamente cortado. O homem começou a gritar. Eu vi cuspe voar da boca dele. Quando Tomo tentava acalmá-lo, o homem balançava a cabeça e os braços e falava mais alto ainda. Eu assisti, emudecido. Era raro ver japoneses perderem a paciência. Eles tinham um ditado, "o prego que se destaca é martelado". Isso poderia significar qualquer coisa durante um dia comum. Não deixe o trabalho antes dos colegas. Não tome decisões de negócio por conta própria. Nunca, nunca se atrase.

Não mostre as suas emoções.

Então o que estava acontecendo? O Grisalho perdeu totalmente o controle. Tomo percebeu a futilidade em argumentar e desistiu. Coloquei minha mão nas costas dele e empurrei-o para longe. Os outros seguiram.

— Qual era o problema daquele cara? — questionou John Scott.

Tomo balançou a cabeça. — Ele disse para não ficarmos aqui.

— Por que ele está aqui?

— Ele vai para cavernas de lava, de gelo.

— E daí?

— Ele acha que procuramos corpo.

Grisalho continuou a gritar conosco.

— O que ele está dizendo agora? — perguntei.

— Ele vai nos denunciar.

— É ilegal sair da trilha?

— Acho que não. Ele é um doido fodido. Quem se importa?

— Vá se foder, *kemo sabe!* — gritou John Scott, levantando o dedo.

— Ei — disse eu —, relaxe aí.

— Qual é o seu problema?

— Você está sendo um otário.

— Escute o maluco.

— Ele tem razão — disse eu. — Talvez não devêssemos acampar aqui.

— Não venha com esse papo de merda. Isso só está acontecendo porque não somos japoneses. Por sermos *gaijin*. Se não fôssemos estrangeiros, ele não teria nos tratado daquela forma. Eles têm que largar o racismo.

— Você só está alimentando o estereótipo de americano detestável e barulhento.

— É mesmo? E ele está alimentando o de japonês idiota. Cuzão xenofóbico.

— Este não é o seu país — disse eu.

— E isso lhe dá o direito de agir como um louco?

— Você sabia que *kemo sabe* não é japonês, não é?

— O que é?

Balançando a cabeça, continuei andando em silêncio.

Não muito depois que eu chegara no Japão, fui a um restaurante com vários amigos. A promoção do dia era o máximo que conseguisse beber de *shōchū*, cerveja, coquetéis e drinques diversos em um balcão onde as pessoas se serviam por trezentos ienes. O divertido era que você tinha apenas trinta minutos para beber antes de ter que pagar de novo. Sendo beberrões desenfreados, ficamos bêbados em uma hora. Quando entrei no trem com meu colega de quarto escocês, eu estava no celular, falando alto com a minha ex-namorada, Shelly, que estava nos Estados Unidos e que ligara para mim. O escocês estava sentado à minha frente, olhando silenciosamente para o copo que tinha na mão, cheio de rum, que levava do restaurante para continuar bebendo. Eu não prestei atenção ao velho que se aproximara até que ele começou a me xingar em japonês. Até então, eu não percebera como era vergonhoso falar no telefone daquele jeito e argumentei de volta. O escocês observou preguiçosamente, disse algo e vomitou em si mesmo. Olhando pelo lado bom, ele conseguiu pegar boa parte do vômito com o copo roubado. O homem, com o rosto vermelho, saltou do trem na estação seguinte.

Na época, eu achava que o cara fora um cuzão por não cuidar da própria vida. Em retrospecto, notei que eu fora o cuzão por não estar de acordo com as normas da sociedade japonesa. Sim, ele provavelmente achou que eu fosse um típico *gaijin*, mas era exatamente isso. Ele estava sendo racista? Acho que não. Os japoneses têm um conjunto complexo de regras delicadas para dar ordem às situações sociais. Eles conhecem essas regras. Geralmente, os estrangeiros não. Por isso que são observados e tratados de outra forma. O Japão é assim, simples. Ou você se acostuma, ou vai para outro lugar.

Devíamos ter andado por mais dez minutos até encontrarmos o que procurávamos. À esquerda da trilha principal, tinha uma corda esticada horizontalmente entre duas árvores. Uma placa pendurada no meio dela dizia "NÃO ENTRE" em inglês. Além dela, havia um caminho estreito e com pegadas que seguia

mais adiante pela floresta. As plantas altas que acompanhavam as margens estavam inclinadas para dentro com os galhos enredados como dedos ossudos, formando um túnel apavorante.

O incômodo que senti antes voltou, mais persistente ainda, e comecei a duvidar da prudência de acampar lá.

Mel, pelo jeito, parecia estar no mesmo barco. Ela cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse repentinamente com frio, e disse: — Não digam que vamos seguir este caminho.

— Sim, é claro — disse Ben.

— Por que não acampamos bem aqui?

— Aqui não tem aventura.

— Tive uma ótima aventura até agora.

— As pessoas nos verão.

— Quem? Só passamos por aqueles três alpinistas.

— Vamos seguir o caminho — disse Ben — para encontrar um bom lugar para acampar.

— Aquele japonês ameaçou nos denunciar — retrucou Neil. — E se ele fizer isso e a polícia local aparecer? Não pretendo ser preso.

— Preso? Pelo quê? — interveio John Scott. — Por sair da trilha?

— Invasão de propriedade. Eles viram nossos equipamentos de acampamento e podem supor.

— Esta terra é pública.

— Aquela placa pedia especificamente para não entrar.

— Isso não é uma ameaça sujeita a punição.

— O que essa parte aqui diz? — questionou Mel. Ela apontou para uma placa ao lado da que estava em inglês. Era menor, com kanjis escritos.

— Não entre na floresta — traduziu Tomo. — Você se perderá.

— Só isso? — perguntei.

— Está vendo? — falou John Scott.

Observei os arredores, procurando outras placas de avisos, e encontrei uma câmera de segurança a três metros de distância, no topo de um poste de metal preto, parcialmente escondida atrás de uma árvore.

— Que merda é essa? — perguntei, apontando para a câmera.

Todos olharam. Ouvi algumas exclamações de surpresa.

— Quem colocou aquilo ali? — perguntou Neil. — A polícia?

— Deve ter sido — falou Ben. — Mas não é nada demais.

— O que quer dizer? — perguntou Mel. — Eles podem estar nos vigiando agora mesmo.

— Mesmo se estivessem — disse Tomo —, não se importariam.

— Por que não? — perguntei.

— Eles se preocupam com suicidas. Vocês, estrangeiros? Eles sabem que não são suicidas, entende? Não se importam.

— Então estamos de acordo? — perguntou Ben. — Vamos entrar?

Olhei para Mel. Ela deu de ombros resignada e aquilo fez com que eu tomasse minha decisão. Ben, com um sorriso largo, passou por cima da corda e ajudou Nina logo depois. Enquanto ela passava, os *shorts* subiram pelas pernas. John Scott passou em seguida, depressa, depois Tomo e Neil, que prendeu o pé e quase tropeçou. Levantei a corda e eu e Mel passamos por baixo dela.

Deixando a trilha principal para trás, nós nos aventuramos ao desconhecido.

Andamos em silêncio. O tempo de conversas e diversão havia acabado. O que tinha começado como uma ideia de romance, algo para passar o tempo, tornara-se uma coisa séria. Poderíamos não estar invadindo, tecnicamente, mas com certeza estávamos onde não deveríamos. Aokigahara era um lugar aonde as pessoas iam para morrer. Era a casa dos mortos, não dos vivos. Acho que a ficha estava começando a cair para todos nós enquanto seguíamos pelo túnel, que era claustrofóbico e aterrorizante.

Apesar disso, ninguém mencionou nada sobre voltar. O que nos fazia avançar, eu presumia, era a curiosidade mórbida. Era a natureza humana querendo saber o que tinha logo em frente, independentemente do que podia estar à espera.

Meu coração estava mais acelerado do que o normal, meus sentidos aguçados, como se eu tivesse virado um energético enorme. Meus olhos avaliavam os emaranhados da floresta que nos cercavam pelos dois lados, apesar de não ter certeza do que encontraria. Um nó pendurado? Um corpo? Um fantasma pálido espreitando pela floresta em nossa direção? Eu não ouvia nada além dos estalos dos nossos passos e da minha respiração agitada. Pensei novamente sobre o silêncio peculiar da floresta e disse: — Ei, Tomo. Onde estão todos os animais?

Ele olhou para trás por sobre o ombro. — O que quer dizer?

— Não tem animais, pássaros nem nada.

— É uma porra de uma floresta assombrada, cara. Pássaros assustados pra caralho. Eles vão pra outras florestas.

— E quanto ao vento? — perguntou Ben. — Não tem vento algum.

— Deduzo que seja por causa das árvores — retrucou Neil. — Elas cresceram demais e o vento não passa.

— Se esta trilha está fora do limite, Tomo — disse Mel —, por que está aqui? Quem a fez?

— A polícia. Ela é usada para encontrar corpos.

— Quantos corpos eles encontram geralmente?

— Cem. Duzentos.

Mel ficou parada. — O quê?

Todos nós ficamos parados.

Tomo deu de ombros. — Às vezes mais, outras menos.

— Não fazia ideia de que o número era tão alto. — Mel estava pálida. — Imaginei... não sei, que fossem meia dúzia por ano.

Aquilo não chegava nem perto das dez ou vinte pessoas que eu imaginara.

— O Japão tem a maior taxa de suicídio entre os países desenvolvidos — disse Neil sinceramente.

— Será que vamos ver um corpo? — perguntou Mel.

— A floresta é grande — falei a ela reservadamente.

— E, se vocês encontrarem — disse Ben —, será apenas um esqueleto ou algo do tipo.

— Muito melhor — respondeu ela.

— Você quer voltar? — perguntei a Mel.

Ela olhou para mim. — Você quer?

— Não seja otário, cara — disse John Scott. — Já decidimos. Estamos aqui.

— Você quer voltar? — perguntei a ela de novo.

— Amarelãããã — provocou John Scott.

— Não se meta — reclamei.

— Só estou dizendo que...

— Não é da sua conta.

— Tudo bem, galera — disse Mel. — Estou bem.

Bufando como se tivesse acabado de ganhar um desafio, John Scott assumiu a liderança com Ben e seguimos em frente. Olhei para o cara algumas vezes, continuando várias conversas na minha cabeça. Imaginei alguns cenários em que eu dizia a ele que ninguém o queria lá. Outros deterioravam para uma briga e eu bravamente o vencia.

A minha irritação diminuiu gradualmente e minha atenção voltou à floresta. Estava ficando cada vez mais horripilante à medida que continuávamos. As plantas pareciam cada vez mais juntas, com os troncos alinhando-se tão próximos quanto barras de prisão, enquanto alguns dos galhos mais baixos das árvores se estendiam como mãos esqueléticas.

Ben gritou repentinamente. Em seguida, todos se juntaram perto de algo que estava no chão, logo ao lado da trilha. Eu me inclinei sobre Mel e vi uma pilha de equipamentos relativamente novos. Havia uma lanterna prateada, pilhas ainda na embalagem, uma serra com um cabo laranja, luvas de borracha pretas, fita adesiva e uma bolsa transparente com várias latas de produtos químicos.

— Isso deve ser da polícia ou dos voluntários que procuram os corpos — falou Ben. — Estão vendo a tesoura e a serra?

— Mas para que servem esses produtos químicos? — questionou Neil.

Ninguém tinha uma resposta para aquilo.

John Scott pegou a lanterna e as pilhas.

— John! — repreendeu Mel. — O que está fazendo?

— Isso pode ser útil.

— Você não pode pegar isso.

— Por que não? Alguém obviamente largou isso aqui.

— É possível que voltem para buscar.

— Eu devolvo quando voltarmos amanhã.

— Acho melhor você não pegar.

— Você tem uma lanterna?

— Sim, tenho.

— Alguém mais?

— Eu tenho uma — anunciou Neil.

— É isso? Duas lanternas para sete pessoas? — John Scott olhou para cada um de nós. — Alguém mais é contra uma terceira lanterna? Vai ficar bem escuro mais tarde.

Quando ele colocou as coisas daquela maneira, ninguém contestou.

De alguma forma, uma pedra entrara no meu sapato esquerdo, incomodando-me ininterruptamente. Eu não estava usando sapatos para caminhada como os outros. Eu calçava quarenta e cinco, um tamanho que era quase impossível de se encontrar no Japão, mesmo em uma cidade grande como Tóquio. Consequentemente, eu não conseguira comprar botas para aquela viagem e, em vez disso, usava o par de botas Reebok maltrapilhas que trouxera comigo dos Estados Unidos.

John Scott, que agora estava conversando com Nina três metros à minha frente, acendeu um cigarro e assoprou a fumaça por sobre o ombro.

Eu notei os sapatos dele pela primeira vez: Doc Martens de dezoito furos, couro preto e cadarços amarelos. Como acontecia com o casaco, eu não sabia o que pensar.

Ele planejava usá-los para escalar o Monte Fuji? Ou tinha outra coisa na mochila grande com estampa militar?

— Sobre o que vocês estavam falando antes? — perguntei a Mel.

— Vocês quem?

Eu não respondi. Ela sabia o que eu queria dizer.

— Ele estava me contando histórias sobre Okinawa. Disse que é um ótimo lugar. Deveríamos visitá-lo — disse Mel.

— Onde ele está ficando em Tóquio?

— Em um hotel do amor, na verdade.

— Ahá. Onde? — Os hotéis do amor eram lugares extravagantes de *neon* onde você alugava um quarto para um descanso de três horas ou por uma noite inteira. Você escolhia o quarto em um painel de botões e pagava a conta por uma tubulação de cápsulas ou por um par de mãos atrás de um painel de vidro jateado. Mel e eu ficamos em alguns deles nos anos anteriores por empolgação e os quartos tinham camas giratórias, espelhos no teto, sistemas de karaokê, banheiras de hidromassagem e máquinas de venda que tinham de cerveja a equipamentos de sadomasoquismo e calças femininas, já usadas.

— Aquele em que ficamos em Shibuya. Lembra-se, naquela rua pequena onde ventava?

— Sim, eu me lembro. — Acho que a região se chamava *Love Hotel Hill*. Nosso quarto não tinha janelas pelos mesmos motivos que os cassinos também não tinham. — Tem vários hotéis lá. Ele ficou no mesmo que nós?

— Eu recomendei.

Eu franzi a testa. — Desde quando você sabia que ele viria a Tóquio?

— Desde alguns dias antes de ele chegar.

— Foi quando você o convidou para escalar o Monte Fuji?

— Eu disse a ele que o escalaríamos, sim. Ele disse que já pretendia escalar antes, mas que tinha outros planos. No entanto, ele me mandou uma mensagem ontem à noite, dizendo que os planos foram cancelados.

Eu olhei à frente. John Scott deu outra tragada no cigarro, assoprando a fumaça na nossa direção.

— O que você acha do casaco dele? — perguntei.

— O que tem?

— Um casaco de couro? Para escalar uma montanha?

— Ele não planejava escalar. Eu acabei de falar isso. Acho que é o único casaco que ele trouxe.

*Justo*, pensei. Mas eu ainda queria ir mais além. Não gostava do relacionamento que a Mel tinha com ele. Talvez estivesse exagerando. Não sei. Algo não parecia certo.

— De onde ele é? — questionei.

— Por que todo esse interesse?

— Estou com ciúmes.

— Santa Helena. Eu disse que estudamos juntos no ensino médio.

— Qual é o sobrenome dele?

Mel apenas olhou para mim.

— O quê? — perguntei.

— Scott, caramba.

Eu ergui as sobrancelhas. — Está de brincadeira? — Eu achava que Scott era o segundo nome, como Billy Bob.

— Não, é o sobrenome dele.

Eu não consegui resistir e comecei a rir. Foi uma sensação boa, parcialmente porque a floresta estava muito melancólica, mas também, acho eu, porque estava rindo de John Scott.

— O que é tão engraçado? — perguntou Mel.

— Quem se apresenta com o nome completo?

— Muitas pessoas.

— Em reuniões de negócio, talvez. Você o chama de John Scott?

— Eu o chamo de John.

— E as outras pessoas?

— No ensino médio, as pessoas o chamavam de Scotty. Não sei agora.

— É tipo eu ser chamado de Ethan Childs.

— Ele não pediu para você o chamar de John Scott. A decisão foi sua.

— Sim, bem, se me chamassem de Ethan Childs sem parar, eu pediria para quem usassem apenas Ethan. Quem ele acha que é? Uma celebridade?

— O que você tem contra ele?

— Não tenho nada contra ele...

— Ei, olhem só! — gritou Ben.

Por um instante, uma onda de pavor me invadiu. Encontráramos alguém. Estaria pendurado enforcado em uma corda. Morto, gelado e...

Era um tênis. Só isso. Um tênis branco solitário.

Sentei cerca de três metros à esquerda da trilha, perto de uma rocha cheia de musgo.

Ben e John Scott já estavam indo em direção a ele.

— É *Nike* — anunciou Ben.

O resto de nós se aproximou. Era masculino. Tamanho trinta e nova ou quarenta. Estava sem cadarços.

Observei os arredores, mas não vi nenhum sinal de intrusão de humanos.

— Parece que ficaremos aqui por um tempo — disse Neil.

— Você acha que é de... sabe? — disse Mel. — De alguém que se matou?

— De quem mais seria? — disse John Scott. Considerarei pensar nele apenas como John daquele momento em diante, mas optei por continuar com John Scott. Era de se admirar ele ter deixado que eu pensasse nele como um homem de dois nomes, como Tom Cruise. — Um alpinista perceberia se deixasse um tênis cair.

— Então alguém planejava se matar — falei. — Estamos falando de uma pessoa, não de um zumbi.

— Onde está o cadarço? — perguntou Mel.

— Talvez ele tenha precisado para fazer o que veio fazer — respondeu Neil.

— Com cadarços de tênis? — questionei.

— Sabe o que acho? — interveio Tomo. — Acho que os animais comeram o cara.

Ben balançou a cabeça. — Sobrariam esqueletos e roupas.

— Talvez ele tenha sido arrastado para longe e o tênis caiu.

— Não gosto disso — declarou Mel.

— Há ursos por essas bandas, Tomo? — perguntei.

— Sim, cara — respondeu ele. — Vários.

— Estou falando sério.

— Sim, tem — disse Neil. — Li sobre pessoas que viram ursos enquanto escalavam o Monte Fuji. Mas raramente atacam humanos, a não ser que fiquem entre eles e seus filhotes.

— Não disse que urso comeu cara vivo — declarou Tomo. — Disse que ele comeu o cara morto.

— Quem se importa com o que o pegou? — John Scott deu de ombros impacientemente. — Nós só estamos chutando. E tudo isso é perda de tempo. Quero ver um *corpo*. — Ele voltou para a trilha, avançando pela floresta.

Um momento depois, nós o seguimos.

O dia ficara evidentemente mais escuro depressa. Um pouco antes, era possível ver parcialmente o céu cinza-granito pelo emaranhado de galhos altos. Agora, pouca luz passava pela cobertura grossa, transformando o meio-dia quase que em anoitecer. Geralmente, eu gostava do crepúsculo entre o fim da tarde e o começo da noite. Havia uma serenidade associada àquilo. Mas não em Aokigahara. Lá, as árvores tinham uma aparência sinistra e definhada. As folhas verdes não tinham aquela vibração, como se estivessem sem vida. As sombras elásticas ficaram maiores e mais longas. A mente e os olhos começaram a me pregar peças a ponto de eu enxergar um rosto torturado em um tronco de árvore torto ou um crânio preto formando-se em uma rocha vulcânica. Além disso, tive uma sensação desconfortante de estar sendo observado. Notei várias vezes movimentos pelo canto do olho.

E, ainda assim, não havia animais nem vento, apenas as árvores e nós naquela... cripta.

Eu não era o único que estava ficando com medo da floresta. Todos estávamos agindo como animais suspeitando de uma armadilha, observando a cobertura de galhos ou as árvores sufocantes, como se estivéssemos à procura de ameaças à espreita.

Ouvimos o estalo de um galho à direita. Ben e Nina, que estavam à frente, pularam meio metro acima do chão. Tomo se agachou com as mãos no rosto, parecendo aquele cara em *O Grito*. Mel segurou o meu antebraço com tanta força que doeu. Em seguida, logo atrás de nós, John Scott soltou uma gargalhada. Eu sabia o que ele tinha feito antes que jogasse outra pedra nas árvores.

— Credo, John! — gritou Mel. — Não teve graça!

Ele continuou rindo. Neil estava ao lado dele, parecendo culposamente entretido, e imaginei John Scott dando-lhe uma cotovelada de forma conspiratória quando pegou a rocha.

— Seu merda! — disse Tomo, apesar de ter um sorriso bobo no rosto. — Quase caguei nas calças!

Isso fez com que John Scott risse ainda mais. Ben e Nina também riram e, logo, todos estávamos dando boas risadas. Precisávamos daquilo. Uma descontraída na pressão que estava claramente acumulando-se em todos nós.

No entanto, foi um alívio breve. Quando as risadas acabaram e começamos a andar de novo, o silêncio inevitavelmente voltou, tão inquietante como antes.

Olhei ao lado, para Mel. Ela mordida o lábio inferior, com os olhos entreabertos, olhando por onde andava. Eu quase podia sentir a tensão no corpo dela. Ela olhou para mim e sorriu. Foi um sorriso hesitante e frio, parecido com os sorrisos que as enfermeiras me davam quando eu estava com Gary em suas últimas horas. Um sorriso tranquilizador.

De repente, eu me senti mal por tê-la chamado para aquela viagem de acampamento. Ela não gostava desse tipo de coisa. Sempre se recusava a assistir a filmes de terror porque eram assustadores demais e raramente ou talvez nunca fizera algo perigoso ou ilegal.

Segurei a mão dela e perguntei: — Ainda acha que esta floresta é encantada?

— Um pouco — respondeu ela —, mas sinto que acabamos de invadir o domínio da bruxa louca.

— Sei bem o que quer dizer.

— No que você estava pensando? Não falou nada nos últimos cinco minutos.

— Em nossa viagem à Espanha — respondi, o que era verdade. Eu estava fazendo uma lista de algumas das coisas mais idiotas que fiz ou tentei fazer na vida. Entre as três melhores, estava a minha decisão no verão anterior de cruzar o Caminito del Rey na Espanha, uma passagem antiga de um metro de largura virada para um desfiladeiro íngreme de cem metros de altura sobre um rio. Tenho medo de altura e achava que conquistar a passagem me ajudaria a superar o medo. Mas, quando cheguei à seção onde o concreto desmoronara, deixando um buraco grande com apenas vigas estreitas de aço, voltei pelo mesmo caminho para me encontrar com Mel, que teve o bom-senso de esperar.

— Céus azuis, climas quentes — disse Mel. — Foram ótimas férias. Queria que você não tivesse falado nisso.

— Preferia estar lá?

— Quer dizer estar lá em vez de no Japão? Ou lá em vez de em uma floresta assombrada?

Eu estava falando da floresta assombrada. Mas, depois que ela trouxera o assunto à tona, eu respondi:

— Do que no Japão. Não temos que voltar para os Estados Unidos. Podemos ensinar na Espanha. Precisam de professores de inglês lá.

— Não é tão fácil assim. Eles preferem contratar alguém do Reino Unido que já tenha um passaporte europeu.

— Que tal Tailândia ou República Tcheca? Poderíamos até ir para a Turquia. Estão sempre contratando gente. Essa é a melhor vantagem em ensinar. Podemos ir a qualquer lugar, viajar para onde quisermos.

— E quanto ao futuro, Ethan? Não podemos ficar passeando pelo mundo até os sessenta anos. Precisamos...

— Crescer — conclui a frase por ela.

— É verdade.

— Temos apenas vinte e seis.

— É mais perto dos trinta do que dos vinte.

— É mais perto dos vinte e cinco do que dos trinta.

— Tanto faz.

— Ainda somos jovens.

— Estamos envelhecendo. E o que temos para demonstrar isso? Não temos casa nem economizamos.

Não... — ela parou de falar. — E filhos?

Eu engoli em seco. Filhos de novo. Ela falava cada vez mais sobre eles recentemente. Eu gostaria de ter um ou dois... em algum momento. Trinta sempre parecera ser uma boa idade, apesar de eu não ter ideia do porquê de ter escolhido esse número além do fato de que era o início de uma nova década. Acho que cheguei à conclusão de que estaria maduro o suficiente para ser pai até lá.

— Você realmente quer ter filhos agora? — perguntei.

— Em breve.

— Somos jovens demais.

— Jovens, jovens, jovens!

— Você sabe quantas despesas eles geram?

— Exatamente. É por isso que vamos embora do Japão e porque não podemos continuar indo de país em país por quanto tempo você quiser. Não com o salário que ganhamos. Estamos bem agora porque só precisamos sustentar a nós mesmos. Mas e se tivermos um filho? Tem escola, roupas, comida, contas médicas. Nos Estados Unidos, eu poderia conseguir um trabalho no Ministério da Educação. Eu teria licença-maternidade, benefícios...

— E estaria na Califórnia. Você sabe como é longe de Wisconsin? É como se eu estivesse no Japão.

— Você iria para Santa Helena comigo.

*Santa Helena?* Aquilo foi um choque para mim. Santa Helena era uma cidadezinha em Napa Valley, cuja única reputação era Robert Louis Stevenson ter passado por lá com a esposa mais de um século antes. Essa foi a primeira vez que ouvi falar sobre a ideia de nos mudarmos para lá e foi uma surpresa e tanto.

Eu passara a acreditar que existiam quatro tipos de professores de inglês como segundo idioma na Ásia. O primeiro são jovens querendo viajar por um ou dois anos e economizar um pouco de dinheiro antes de voltar para casa e começar a carreira na qual mergulhariam pelo resto da vida. O segundo são aqueles que acabam casando-se na Ásia e vivem o resto da vida como expatriados, talvez viajando para

casa para um casamento, um funeral ou para passar o Natal com os pais que estão envelhecendo. O terceiro são os mais aventureiros que desistem de salários melhores e padrões de vida no Japão e na Coreia do Sul por um estilo de vida mais liberal e econômico em um ambiente tropical do Sudeste Asiático. Eles são predominantemente homens e têm pouco interesse em se casar em um futuro próximo. Na verdade, vários deles sonham em se aposentar cedo, comprar uma cabana em uma praia de areia branca e passar os últimos anos com um suprimento constante de cervejas baratas e relacionamentos com namoradas com metade da idade deles.

O último tipo são os Corredores e o nome é óbvio: estão sempre correndo de algo.

Era nesse tipo que Mel e eu nos encaixávamos. Eu corria da morte de Gary, enquanto Mel corria da reputação da família dela.

Os pais dela se divorciaram quando ela estava no último ano na Universidade da Califórnia em Los Angeles e a mãe começara a sair com outro homem logo em seguida. Quando o pai dela descobrira, invadira a casa do novo namorado, sufocando-o até a morte com uma sacola plástica. Fora perseguido pela Força Tarefa de Fugitivos Regional de San Diego e cumpria prisão perpétua na Prisão Estadual Corcora, o mesmo buraco onde Charles Manson passava seus últimos anos.

Depois que Mel se formou, ela voltou para ficar com a mãe em Santa Helena, cuja população era cerca de cinco mil pessoas e onde o assassinato permaneceu como assunto da cidade. Ela era incomodada constantemente e, no mês seguinte, pegou um voo para o Japão para fugir.

Mas não se pode fugir para sempre e, apesar de ela ter deixado claro que queria voltar aos Estados Unidos, eu jamais imaginara que seria para a cidade natal dela.

Mel olhou para mim esperançosamente, como se estivesse esperando a minha resposta.

— Não podemos voltar para lá — respondi.

A raiva obscureceu os olhos dela. — Por que não?

— Você sabe muito bem.

— Isso foi há muito tempo. As pessoas esquecem.

— Não em cidades pequenas.

— Eu não fiz nada.

— Não importa.

— É um ótimo lugar.

— Há vários lugares ótimos, Mel. Por que Santa Helena?

— Minha mãe está sozinha — disse ela após alguns segundos de deliberação. — Acho que ela gostaria que eu voltasse para lá.

O pânico me invadiu. — Você quer que moremos com a sua mãe?

— É claro que não. Mas ficaríamos perto dela. Eu poderia visitá-la algumas vezes por semana.

— Santa Helena tem ao menos escolas onde poderíamos trabalhar? — perguntei diplomaticamente.

— Você acha que eu tinha aulas em casa? O ensino médio tem cerca de quinhentos alunos.

— Quais são as chances de terem uma vaga de professor disponível, quiçá duas?

— Não custa dar uma verificada, custa?

Abri a boca para responder, mas fechei-a em seguida. Eu não queria brigar com Mel, não ali, não naquele momento. Portanto, apenas dei de ombros.

Ela me olhou de um jeito estranho e acelerou o passo, deixando-me para trás para ponderar sobre os próximos cinco anos em Santa Helena cercado por lilases, avós e, talvez, uma multidão raivosa querendo um linchamento.

Andamos por mais de uma hora e meia e eu estava começando a me acostumar com a estranheza chocante de Aokigahara quando o caminho acabou abruptamente em duas árvores grotescamente fundidas que me

causaram fascinação e repugnância. Pareciam duas cobras enroladas, lutando, fazendo uma espiral em uma luta secular para conseguir um lugar perto do céu que devia ter sido aberto quando outra árvore caíra. Elas eram a personificação perfeita da implacabilidade para sobreviver a qualquer custo que tomara a floresta, reforçando a minha percepção de que aquele lugar era primitivo, cruel e aterrorizante, um pedaço do inferno na Terra, mesmo para a vegetação.

Alguém pintara o que parecia ser uma seta branca a cerca de três metros de altura em cada tronco. Elas apontavam para direções opostas.

— Isso são setas? — perguntou Mel, franzindo a testa.

— Imagino que tenha sido a polícia — respondeu Neil —, para encontrarem os caminhos para outras trilhas.

— Ou corpos — acrescentei.

Todos olharam para mim.

— Você realmente acha que elas levam a corpos? — questionou Mel.

— Talvez não mais — admiti. — A polícia já os deve ter removido.

— Então para onde vamos? — perguntou John Scott, acendendo um cigarro.

— Acho que não deveríamos sair deste caminho — declarou Mel.

— Não vamos muito longe — ele garantiu.

Ben assentiu. — Vamos nos separar. Metade segue pela esquerda por uma hora e a outra, pela direita.

Se um dos grupos encontrar algo, chamamos o outro.

Mel e eu verificamos nossos telefones. Ambos tínhamos sinal.

— O que acontece se nenhum de nós encontrar algo? — questionou Mel.

Ben deu de ombros. — Então nos encontraremos aqui em duas horas.

— Fechou então? — perguntou John Scott.

— Isso aí, cara — respondeu Tomo.

John Scott assentiu para Neil. — O que acha, grandalhão?

Neil estava observando a floresta. — Não sei — disse ele. — Tenho um péssimo pressentimento sobre esse lugar.

— É claro que tem. É um lugar bizarro do caralho. Estamos todos apavorados. Mas já viemos até aqui e estamos perto de encontrar algo.

— Cara, essa é a parada. Não acho que *quero* encontrar algo.

— Não quer ver um cadáver?

— Não deveríamos estar aqui. O que estamos fazendo é errado e desrespeitoso.

Mel estava assentindo.

— Alguém mais vai amarelar? — perguntou John Scott abertamente.

Isso deixou Neil indignado. — Não estou amarelado.

— Então venha conosco.

— É, cara — acrescentou Tomo. — Não seja amarelão.

Neil jogou as mãos para o alto. — Não sou amarelão! Se isso for calar a boca de vocês, beleza, eu vou.

— Uou! — gritou John Scott feito um idiota. Ele olhou para Mel e para mim.

Apesar de ter começado a repensar sobre a sabedoria do que estávamos fazendo ali, as setas despertaram o meu senso por aventura. E John Scott tinha razão. Nós já havíamos ido até ali. Por que pararíamos? Faltava só um pouco para descobrir o que tinha após a última curva. Em seguida, poderíamos montar acampamento, comer, relaxar e partir no dia seguinte com uma sensação de realização.

Mel viu a decisão em meus olhos e cedeu. — Mais uma hora — disse ela — e chega.

— Mais uma hora — concordou Ben, sorrindo.— Beleza, Nina e eu vamos pela esquerda. Quem gostaria de nos acompanhar?

— Conte comigo — disse John Scott. Ele apagou o cigarro com o sapato e concluiu: — Valeu! — Em seguida, andou em direção às árvores como um escoteiro atrás da próxima medalha de mérito.

Os israelenses se despediram de nós e seguiram logo atrás dele.

— E então eram quatro... — disse Neil silenciosamente.

O terreno fora da trilha era difícil e lento. Menos por causa dos obstáculos das árvores do que pelo terreno propriamente dito. A cada poucos metros, pisávamos em galhos secos, madeira podre e rochas vulcânicas. Tentei me segurar em algumas plantas, mas, com frequência, elas se soltavam com tanta facilidade quanto um membro apodrecido da articulação. O mais perigoso de tudo, na verdade, era o fato de ter uma rede enorme de tubos de lava sob os nossos pés. Passamos duas vezes por lugares onde o magma solidificado despencara sob o peso de uma árvore em um desses tubos subterrâneos, criando grandes crateras de seis metros de largura. Contornamos as depressões cheias de rochas e cobertas de limo com cuidado. Se alguém caísse e a queda não o matasse, as rochas afiadas rasgariam a carne, provavelmente fazendo com que sangrasse até a morte antes que alguma ajuda aparecesse.

Achei que o único lado bom do terreno irregular era o fato de eu estar tão concentrado na topografia e manter uma linha reta que tive pouco tempo para refletir sobre corpos pendurados e a noite que se aproximava rapidamente.

Quando paramos para um descanso mais do que necessário, tirei a garrafa de água da mochila e passei-a adiante. Ela voltou para mim praticamente vazia. Eu a terminei, sabendo que Mel ainda tinha meio litro na bolsa dela, que provavelmente duraria até o dia seguinte.

Tomo foi mijar atrás da árvore. Eu decidi ir também. Enquanto estava em pé sobre um tronco de costas para os outros, encarando as árvores, tive uma noção sensata. Se nós nos desorientássemos naquele lugar, ficaríamos completamente perdidos. As placas já tinham nos avisado sobre isso, claro, e Mel também comentara, mas eu não pensara na ideia com tanta seriedade quanto naquele momento.

*Perdidos na Floresta dos Suicidas.*

Tomo e eu voltamos para o grupo ao mesmo tempo. Ele estava ajeitando a fivela do cinto, gabando-se sobre como o pau dele crescera desde a última vez que mijara. Neil disse que ele devia ter sido bem pequeno.

— Como vocês estão? — perguntei.

— Cansada — respondeu Mel.

— Com fome — acrescentou Tomo.

— Com fome e cansado — concluiu Neil.

Eu assenti. — Falta mais ou menos meia hora. Depois voltaremos para comer.

Mel olhou pelo caminho pelo qual viemos. — Tem certeza de que sabemos *como* voltar?

— Eu sei o caminho — argumentei.

— Porque, se nós errarmos...

— Eu sei o caminho — repeti.

— Qualquer coisa, acho que podemos gritar.

Era verdade. Se começássemos a gritar, John Scott e os israelenses poderiam nos escutar e encontrar-nos. Ou, se Mel ligasse para o celular de John Scott e pedisse para que gritasse, poderíamos chegar até eles. Mesmo assim, isso pareceria desespero desprezível da nossa parte e eu tinha certeza de que não seria necessário.

Continuamos na direção em que a seta apontava.

Depois de apenas alguns minutos, eu já estava com a respiração pesada novamente e feliz por ter parado de fumar. No fundo da mente, eu ouvia Mel dizendo, *Está vendo? Eu falei que você devia parar.* Ela sempre falava coisas assim. Quando íamos a um restaurante que acabava sendo bom, ela sempre dizia, *Está vendo? Eu falei para virmos aqui.* Mesmo quando assistíamos a algum filme por entretenimento, *Está vendo? Eu falei que devíamos ver esse filme.*

Tomo pegou uma trepadeira comprida que continuava até onde minha visão alcançava à nossa frente.

— Vamos seguir isso aqui — ele disse. — Não vamos nos perder.

Menos de cinco metros depois, ele berrou e jogou a trepadeira para o lado.

— O que houve? — perguntei, achando que algo o mordera.

Ele estava cheirando as mãos. — Esta coisa mijou em mim!

— O quê?

— Sinta!

Peguei a trepadeira hesitantemente. Estava áspera e seca.

— Ali! — falou Tomo, apontando para um lugar um pouco mais abaixo no talo.

— Sim, estou vendo — respondi, vendo uma parte de quinze centímetros que parecia estar coberta com algum tipo de líquido. Parecia ser o único lugar molhado.

— Cheira isso! — disse Tomo.

Cheirei e senti um leve odor de amônia.

— Parece mesmo urina — falei a Mel e Neil, que estavam olhando para Tomo e para mim como se não tivessem entendido.

— E daí? — disse Mel. — Um animal...

— Você viu animais? — disse Tomo. — Onde? Não vejo nada.

— De onde mais isso viria?

— Eu mijo na floresta e ela mija em mim.

— Poxa, Tomo — reclamou Neil.

— É verdade! Cheira!

— Pode esquecer.

Tomo se virou para mim. — Experimenta.

Revirei os olhos e comecei a andar de novo.

Uma trepadeira mijando na gente. Porra.

Eu brinquei com a ideia do paranormal por um tempo. Uma floresta sensitiva que atrai pessoas e animais para o seu centro com a ilusão de tranquilidade verde e, em seguida, deixa-os completamente perdidos e exaustos, alimentando-se das carcaças. Se algum dia eu escrevesse um livro, o título seria *A Floresta de Vênus* ou talvez *A Floresta Mosqueira*. Teria um enorme elenco de personagens para que a floresta pudesse pegá-los um por um. E o protagonista teria que sobreviver de alguma forma e derrotar a floresta. Isso me intrigou por um tempo, pois como seria possível derrotar uma floresta inteira sem ter que queimá-la? Mesmo assim, decidi em certo momento, já que o gênero seria horror, que não precisava de um final feliz, precisava?

Quando cansei da minha imaginação incrível e assustadora, esvaziei a mente propositalmente e concentrei-me em manter uma linha reta. Inesperadamente, comecei a pensar em Gary. Era sempre naquela hora. Quando eu menos esperava pensar nele. Claro que, nos meses seguintes à morte, pensei nele incessantemente. Mas o tempo tinha uma forma de aliviar a dor, distanciando as memórias. Você nunca se esquece de algo como a morte de seu irmão nem aceita o fato, mas, em certo ponto, por bem ou por mal, deve aprender a viver com isso.

Gary fora baleado cedo na manhã de 12 de dezembro de 1999 quando estava indo praticar no Giant Center em Hershey, Pensilvânia. Ele jogava para os Hershey Bears na Liga Americana de Hóquei. Apesar de não ter sido escalado para o NHL em 1996, ele conseguira um contrato como agente livre pelos Washington Capitals no ano seguinte e passara as três temporadas seguintes alternando entre os Capitals e times menores. A maioria das autoridades do esporte concordara que ele poderia se tornar um jogador fixo nos jogos profissionais se conseguisse se recuperar de uma lesão no joelho, que precisou de

uma cirurgia reconstrutiva. Ele devia ter treinado o dobro do que qualquer um no time para conseguir atender aos requisitos para voltar a jogar. Na última vez em que nos falamos, cerca de um mês antes da sua morte, eu telefonei porque era o aniversário dele. Ele dissera que estava novo em folha.

O cara que atirou nele era um viciado em heroína de dezessete anos que fora um delinquente a adolescência inteira. Ele não conhecia Gary. Eles nunca se encontraram. Gary simplesmente estava no lugar errado na hora errada.

Gary corria todos os dias na North Hockersville Road, que atravessava uma mata isolada. No dia em que morreu, ele saiu da rua para oferecer ajuda a alguém caído contra um tronco de árvore. A pessoa, Jerome Tyler, puxou a arma e exigiu a carteira de Gary. Ele se recusou e foi baleado com uma pistola calibre 22. Tyler pegou a carteira de Gary e fugiu. Gary conseguiu voltar à rua antes de apagar. Foi levado ao hospital, onde descobriram que as pequenas balas causaram um enorme dano, perfurando o fígado e a aorta.

Eu estava no último ano da Universidade de Wisconsin-Madison e dormia para me recuperar de uma tremenda ressaca quando minha mãe me ligou histérica e contou que Gary fora baleado. Peguei um avião para Pensilvânia e cheguei ao hospital naquela noite. Meus pais estavam com a esposa de Gary, Cheryl, e a filha pequena deles, Lisa. Meu pai me levou para um canto e explicou a condição de Gary. Os olhos dele estavam vermelhos, indicando que havia chorado, algo que eu nunca vira acontecer. Entrar no quarto de Gary no hospital foi a coisa mais difícil que já fiz. Ele estava deitado em uma cama mecânica, ligado a uma máquina que o mantinha vivo. Estava pálido, com a pele oleosa e uma máscara de oxigênio tapando-lhe a boca. Eu não soubera na época, mas ele não tinha circulação nos pés nem no cérebro. Fiquei ao lado da cama dele o máximo que pude, sem falar nem fazer nada, apenas segurando sua mão.

Peguei no sono em um sofá na área de visitantes e fui acordado na manhã seguinte pelos meus pais e Cheryl. Estava estampado no rosto deles: péssimas notícias. Os médicos disseram a eles que Gary provavelmente jamais acordaria do coma e, mesmo se acordasse, estaria com morte cerebral. Foi tomada a decisão de desligar os aparelhos.

Voltei para Wisconsin atordoado. Não me lembro do voo. Não me lembro de nada sobre os dias seguintes. Lembro vagamente do funeral. A maioria dos presentes era família. O resto eram colegas do time de Gary. Foi um serviço de caixão aberto. Gary parecia notavelmente vívido e eu meio que esperei que abrisse os olhos e dissesse que era apenas uma piada. Acariciei a bochecha dele com a parte de trás da mão. A pele dele estava gelada como uma lápide, quase como se fosse borracha. Saber que aquela era a última vez que eu o veria foi um choque físico e, com dificuldade para respirar, saí para tomar ar fresco. Três dos colegas de Gary estavam lá, fumando. Um deles ria enquanto contava uma piada, como se fosse apenas mais um dia no vestiário. Eu andei até ele e perguntei que merda estava dizendo. Ele conseguiu parecer adequadamente envergonhado. Eu não me importei. Dei-lhe um soco no rosto, derrubando-o no chão, e continuei batendo nele até ser puxado para longe.

Jerome Tyler, que fora preso no dia seguinte à morte de Gary, foi condenado por homicídio qualificado. O julgamento durou uma semana. O júri demorou uma hora para retornar um veredito unânime. A sentença foi de prisão perpétua com possibilidade de condicional após dez anos.

Não era justo, achei na época. Jerome fora um assassino sangue-frio. Ele não merecia condicional. Merecia morte, olho por olho. Eu tinha fantasias em que o matava com as próprias mãos. Isso me ajudava a dormir à noite. Em cada um desses cenários, eu o matava de um jeito diferente. Nunca instantaneamente. Sempre era um processo lento e doloroso. Eu falava durante aquelas cenas, caçoando dele, comemorando a minha vida frente à morte dele, mostrando uma imagem clara daimensidão do nada para onde ele iria.

Eu não tinha mais aquelas fantasias. Não que eu tivesse perdoado Jerome. Simplesmente não tivera motivo para continuar guardando rancor por ele. Depois de sete meses de prisão, ele foi encontrado em um banheiro, com a cabeça em um vaso sanitário e sete apunhaladas nas costas. A causa oficial da morte foi afogamento.

Não foi como eu imaginara, mas foi bom o suficiente.

Chegamos a uma fita branca vinte minutos depois. Ela estava bem amarrada no tronco de uma árvore pequena e continuava perpendicular a nós em direção à floresta. Ficamos olhando para ela, com cada um de nós chegando às próprias conclusões.

— A polícia deixou isso aqui também? — perguntou Mel.

— Polícia ou algum suicida — deduziu Tomo.

— Por que um suicida deixaria uma fita para trás?

— Para que pudessem recuperar o corpo dele? — sugeriu Neil.

Tomo balançou a cabeça. — Para que pudesse voltar.

Eu fiquei confuso. — Se ele veio para se matar, Tomo, seria uma viagem só de ida.

— Alguns não se decidem. Ainda continuam debatendo o assunto.

— Então eles usam essa fita caso mudem de ideia sobre cometer suicídio?

— Isso, cara — disse ele antes de começar andar na direção da fita.

— Espere! — exclamou Mel. — Aonde estão indo?

Ele olhou para trás. — Vamos seguir, certo?

— Você sabe o que pode ter no fim dela? — perguntou Neil.

— Não seja amarelão de novo.

— Não me chame assim — disse Neil zangado.

— De quê? Amarelão?

Enquanto andávamos na direção da fita, tentei me imaginar no lugar da pessoa que veio àquela floresta, sozinha, desenrolando uma fita de segurança caso mudasse de ideia e quisesse voltar à civilização. Ela devia estar sofrendo havia algum tempo. Suicídio não era algo que se fazia no calor do momento. O que acontecera para que ela quisesse acabar com a própria vida? A morte da esposa ou de um filho? Falência financeira? Saúde ruim?

Ou apenas azar?

Eu imaginei a pessoa sentada em frente ao computador tarde da noite, talvez fumando um cigarro no escuro, pesquisando diversas maneiras para se matar, pesquisando aquela floresta, pelo menos como chegar lá, onde estacionar. Senti meus braços se arrepiarem.

Pesquisar a própria morte.

Meu Deus do céu.

Eu percebi que começara a andar mais depressa. Primeiro, imaginei que era porque queria andar o máximo possível no tempo que estimamos antes de dar meia-volta. Mas cheguei à conclusão de que era mais do que isso, quase como se a floresta, sensível como eu imaginara, estivesse me *puxando* mais para o seu interior.

Eu não percebi que tinha deixado os outros para trás até Mel gritar.

Ela estava cerca de sete metros atrás de mim, afundada no chão até o pescoço. Os cotovelos estavam apoiados em uma raiz retorcida, provavelmente a única coisa que a impedia de afundar ainda mais.

Pelo que eu consegui entender quando a alcancei, ela pisara em uma daquelas crateras vulcânicas, só que uma que estava escondida sob um emaranhado de raízes e galhos. Estimei que o buraco tivesse cerca de dois metros de largura, mas era difícil ter certeza porque não dava para diferenciar o que era chão e o que não era. Pensei primeiro em uma armadilha usada por caçadores camuflada com galhos e folhas, apesar de aquela ter sido feita pela floresta, não por humanos.

— Você está bem? — perguntei com a mente acelerada, pensando em como ajudá-la.

— Não sei — respondeu ela com os olhos repletos de pânico. Ela virou a cabeça para os lados, procurando algo além da raiz em que se segurar.

Eu me equilibrei no que julguei ser a borda do buraco. Ela estava longe demais. — Qual é a profundidade?

— Não sei. — Ela tentava evitar o pânico, sem conseguir. — Não consigo encostar no fundo.

— Consegue tentar escalar?

Ela se esforçou por um momento, remexendo-se, até que a raiz onde se segurava se soltou, caindo vários centímetros.

Ela gritou.

Eu mergulhei para frente e segurei os pulsos dela. Foi algo idiota. Puro instinto. Agora eu estava de barriga no chão, com a parte de cima do corpo balançando dentro do buraco e sem força para puxá-la nem ter como voltar por conta própria.

Abaixo de nós, pelos buracos nas folhas mortas, galhos e raízes, eu só conseguia ver escuridão.

*Qual era a profundidade daquilo?*

— Não me solte — disse ela com um sussurro apavorado.

— Não soltarei.

Ouvi Neil e Tomo vindo em nossa direção.

— Cuidado! — alertei.

— Minha nossa — disse Neil.

— Ah, merda! — exclamou Tomo. — A floresta a comeu, caralho!

— Segurem minhas pernas — pedi a eles — para que eu não caia.

Um segundo depois, senti mãos em meus tornozelos.

— Não soltem.

— Não soltarei, cara — respondeu Tomo.

— Mel — disse eu, fazendo o possível para manter a calma, apesar de estar me sentindo como se estivesse andando sobre gelo fino —, coloque os braços em volta do meu pescoço. Abraçarei você. Depois, Tomo e Neil nos puxarão.

— Não posso soltar.

— Sim, você pode. Provavelmente, o buraco nem é tão fundo. Nem pense nisso.

— Você viu como aquelas crateras eram grandes.

— Esta é pequena. Vamos lá. Você consegue.

Ela parecia tão assustada que achei que fosse chorar. Ela se virou para que a axila direita ficasse firme sobre o galho e tentou me alcançar com o outro braço, agarrando a gola do meu casaco. Passei o meu braço sob o dela.

— Ótimo — encorajei —, faça o mesmo com o outro.

Ela seguiu minhas instruções e agora estava abraçando-me com os dois braços e as mãos presas na minha nuca. Eu estava com os braços em volta do torso dela.

Tínhamos nos transformado em uma grande corrente de macacos pendurados: Mel, eu, Tomo e Neil.

— Tomo, está me segurando? — perguntei a ele.

— Sim, cara.

— Neil, você está segurando Tomo?

— Estamos bem, cara. Só nos diga quando.

— Agora.

Eles começaram a puxar.

— Espere! — gritou Mel. — Minhas mãos estão escorregando.

— Estou segurando você — eu disse a ela.

O movimento para trás fez com que minha camisa subisse pela barriga. Galhos afiados arranharam a pele exposta. Lentamente, no entanto, Mel saiu do buraco, com o galho onde estivera pendurada agora

sob o umbigo. Em seguida, eu estava de volta ao chão firme. Levantei, ajoelhando-me, e puxei-a na minha direção. Tomo soltou meus tornozelos e agachou-se ao meu lado.

De repente, as raízes onde Mel estava apoiada se soltaram com um grande estalo. Ela gritou e mergulhou na escuridão abaixo, com as mãos tentando agarrar a parede rochosa enquanto desaparecia.

Eu pulei em direção a ela em um esforço tolo para agarrá-la. Provavelmente teria caído se Neil e Tomo não tivessem me impedido.

— Mel! — gritei.

Esperei com expectativa ouvir quando ela atingisse o chão. Não escutei nada.

— Mel!

Tomo e Neil também gritaram.

— Ethan! — a voz de Mel surgiu, aguda e incerta.

Eu não consegui determinar a profundidade em que ela estava.

Ela quebrara um tornozelo com a queda? Uma perna?

*Pelo menos, estava viva.*

— Mel, o que houve?

— Socorro! Ai, meu Deus!

— O que foi? — insisti. — O que aconteceu?

— Estou em uma borda ou algo assim. Não... não tem nada abaixo de mim.

Por um momento, imaginei uma caverna subterrânea imensa aberta abaixo dela, cheia de ossos de todo tipo de animais, e talvez de suicidas, que caíram pela cratera no passado.

Reprimi o medo e disse: — Não se mexa, Mel. Não faça nada. Vamos tirar você daí. — Virei-me para Neil. — Pegue a lanterna.

Ele a procurou na mochila e mirou no buraco sombrio. Mel arrastara consigo a maioria das raízes e dos galhos que cobria a abertura e conseguíamos ver claramente de cima. O buraco não seguia uma linha reta, tinha formato espiral em um eixo vertical, lembrando um papelão de papel higiênico torcido e distorcido. Mel estava a cerca de cinco ou seis metros de profundidade em uma borda estreita coberta de escombros. A barriga estava encostada na parede rochosa e ela tinha os braços abertos para o alto.

Além dela, o buraco continuava em total escuridão.

— Meu senhor — disse Neil.

Cerrei a mandíbula.

— É muito fundo? — gritou Mel sem querer se mexer para olhar para baixo.

Fingi não escutá-la. — Procure uma trepadeira comprida! — ordenei a Neil e Tomo. Virei novamente para Mel. — Estamos pegando uma trepadeira, Mel. Vamos tirar você daí.

— Depressa, Ethan.

— Não se mexa. Não faça nada até pegarmos a trepadeira. Segure firme!

Juntei-me a Neil e Tomo, que estavam a seis metros de distância mexendo em um emaranhado de cipós e tentando soltá-los dos troncos de árvore e galhos onde estavam presos.

Tirei a mochila das costas e procurei no bolso superior o canivete suíço que trouxera. Abri a lâmina pequena e comecei a serrar o talo de madeira que estava enraizado ao chão. O diâmetro era aproximadamente o dobro de uma mangueira de jardim. Demorei quase um minuto para cortá-lo.

Levantei-me e olhei para cima. O cipó cortado ficou pendurado de uma confusão de galhos e outros cipós acima. Tomo e eu puxamos com toda força, sem conseguir soltá-lo.

— Merda — xinguei, limpando o suor da testa com as costas da mão.

Vi Neil atrás de mim. Ele tirava a barraca da sacola de náilon. Dela, caíram uma cobertura de poliéster, hastes de metal, várias estacas e cordas.

Cordas!

Havia quatro cortas, cada uma com tamanho entre um metro e meio e dois metros.

— Isso, Neil! — falei.

— Vamos amarrá-las — disse ele. — Acho que conseguiremos alcançá-la com facilidade.

— Mel! Temos cordas! — gritei. — Vamos jogá-las em um minuto!

Neil estava colocando as extremidades de duas cordas paralelas entre si.

— O nó precisa ser firme — destaquei, indignado por não saber nada sobre fazer nós.

— Eu sei que merda estou fazendo.

Eu assisti enquanto ele enrolava a extremidade de uma corda duas vezes na outra, passando-a por dentro do rolo. Ele repetiu aquilo na segunda corda na direção oposta. Em seguida, puxou as extremidades livres para apertar o nó.

— Pronto? — perguntei em tom cético. Parecia seguro, mas simples demais.

— Nó de pescador duplo. É a melhor maneira de amarrar duas cordas uma na outra.

Ele prendeu a terceira e a quarta partes, levantou-se e segurou a corda final com orgulho.

— Consegue amarrar a extremidade em um laço?

— Tem corda suficiente?

— Acho que sim. Qualquer coisa, desamarramos.

Neil fez um nó de laço grande na extremidade e voltamos ao buraco.

Tomo se agachou na extremidade, olhou para a corda e disse: — Neil, cara, você é a porra do James Bond.

— Mel! — chamei. — Vamos jogar uma corda. Está preparada?

— Estou!

Neil me passou a corda. — Não tem nada por perto para prender a corda.

Assenti e joguei a parte solta.

— Consegue alcançar, Mel?

— Já estou segurando!

— Deslize o laço pela cabeça e sob os braços.

— Isso vai funcionar?

— Com toda certeza.

O melhor método seria se ela se inclinasse para trás até ficar perpendicular à parede e subisse como os alpinistas fazem. Mas eu sabia que ela jamais tentaria fazer isso. Além disso, se caísse, passaria pela borda até o fundo e não sabíamos qual era a profundidade.

Por outro lado, se Tomo, Neil e eu simplesmente a puxássemos pouco a pouco, como se puxa um peixe em um buraco no gelo, e algo catastrófico acontecesse, por exemplo, se a corda se rompesse, ela provavelmente deslizaria pela parede e aterrissaria novamente na borda.

Pelo menos, era o que eu achava.

— Está pronta, Mel? — perguntei.

— Não acho que eu consiga fazer isso!

— Você tem que conseguir. É a única maneira. Olhe para a luz. Não está longe. São uns cinco metros.

— Eu não consigo!

— Sim, consegue. Nós a puxaremos, então basta se segurar.

— E se eu cair?

— Você não cairá. Apenas segure firme.

— E se a corda arrebentar?

— Isso não acontecerá. Ela está firme. Eu juro. Não pense nisso. Pronta?

Ela não respondeu.

— Mel?

— Sim.

— Está pronta?

— Sim.

— Não solte, não importa o que aconteça.

— Certo!

Olhei por sobre o ombro para Neil e Tomo. Como eu, eles estavam com os braços enrolados na corda para ter mais tração.

Puxamos com força andando para trás. Um passo após o outro. Mel era incrivelmente pesada. A corda de polietileno se enterrou na palma das minhas mãos, mas ignorei a dor.

*Estava dando certo.*

Imaginei Mel emergindo no círculo de luz acima, com o corpo balançando para frente e para trás enquanto subia aos poucos, batendo contra a parede rochosa.

Se a corda arrebetasse ou os nós se soltassem...

Eu não me permiti pensar nisso.

Em seguida, depois do que pareceu ser apenas um momento, os braços de Mel apareceram sobre a borda da cratera e, depois, a cabeça. O rosto dela era uma máscara de agonia e coragem. Estava tão concentrada que não olhou para nós. Ela estava contorcendo-se, chutando com as pernas.

Em seguida, rolou para frente na terra firme. Ela se arrastou em nossa direção como se estivesse com medo de que algo pulasse do buraco e puxasse-a de volta. Ela esbarrou em mim, segurando-me em um abraço apertado, e caímos juntos, ofegantes de exaustão.

Ficamos abraçados por vários minutos enquanto as batidas do coração voltavam ao ritmo normal e os nervos se acalmavam. Eu me deleitei com o calor do corpo de Mel contra o meu, com a maciez dele. Respirei o aroma fresco de limão de seus cabelos.

— Obrigada — ela sussurrou contra o meu pescoço.

— Tudo bem — respondi, apertando-a para acalmá-la.

— Eu estava com tanto medo.

— Está tudo bem.

Quando não consegui mais ignorar o formigamento nos braços, beijei Mel na testa, saí debaixo dela e sentei-me. A corda deixara marcas vermelhas de queimadura nas duas mãos. Felizmente, a pele não rasgara, mas não seria uma surpresa se começassem a formar bolhas depois de algum tempo. Levantei minha blusa. Havia alguns cortes pequenos, mas mais nada. Eu mal os sentia.

Voltei a atenção para Mel, que ainda estava deitada de olhos fechados.

— Você está bem? — perguntei, abraçando-a.

Ela abriu os olhos e assentiu.

— Você não torceu o tornozelo nem nada assim?

— Acho que não. — Ela olhou para a cratera. — Eu nem vi aquilo.

— Nem eu — acrescentei. — Devo ter passado direto.

— Você estava indo tão rápido. Eu só estava tentando acompanhar.

— Eu sei. Eu... — Dei de ombros, lembrando a tensão que sentira.

— Que profundidade você acha que tem?

— Não é muito fundo — menti.

— Meu celular caiu.

— No buraco?

— Quando você estava me puxando, ele caiu do bolso. Acho que o escutei caindo na beirada logo abaixo.

— Você quer buscá-lo? — perguntei em tom leve.

— Engraçadinho.

— Compraremos outro para você em Tóquio. Já estava mesmo na hora de trocar por um novo.

Neil limpou a garganta. — E o que vocês acham que devemos fazer agora? — perguntou ele enquanto limpava as lentes dos óculos com a blusa. — Seguir em frente ou voltar?

— Seguir em frente, cara — sugeriu Tomo, levantando-se de um salto. — Por que não?

— Porque Mel acabou de passar por uma complicação, Tomo. Talvez ela não queira continuar. Olhamos para ela.

— Vamos seguir em frente — disse ela. — Estou me sentindo muito bem, na verdade.

Estranhamente, eu também estava. Vivo e revigorado. Talvez fosse a adrenalina, mas achei que era mais do que isso. Fomos desafiados e não só triunfamos, como fizemos aquilo em equipe. Na verdade, com Mel em segurança, eu me senti mais orgulhoso do que nunca pela nossa conquista.

Floresta dos Suicidas zero, Equipe Tóquio um.

— Vocês a escutaram — disse eu. — Vamos nessa.

Mel e eu andamos lado a lado de mãos dadas, prestando atenção no chão para não pisar em crateras. Menos de cinco minutos depois, encontramos uma segunda fita. Era azul e seguia em paralelo com a branca um pouco antes de mudar gradualmente o ângulo para a esquerda. Imaginei quem colocara a fita primeiro e se a segunda pessoa se sentira mais confortável ao ver outra fita. Ao saber que outras pessoas também se mataram ali. Onde seria razoavelmente aceitável para se matar. Onde era possível desaparecer sem sobrecarregar amigos e família, que, caso contrário, teriam que reconhecer o corpo no necrotério e organizar um funeral.

*O lugar perfeito para morrer.*

Quanto mais eu ficava em Aokigahara, mais acreditava que essa declaração era real. Apesar da atmosfera penetrante de morte, conflito e tristeza, eu me sentia envolto, isolado do mundo afora. E não era exatamente o que alguém disposto a cometer suicídio queria? Realmente parecia um lugar mais adequado para passar os últimos momentos na Terra do que, por exemplo, a ponte Golden Gate, onde motoristas passariam gritando, algumas pessoas parariam para olhar, outras para bancar o herói enquanto você escalava a barreira do suicídio.

Certamente não era especialista em suicídio, mas conseguia entender o estado mental de alguém que o considerava porque eu mesmo pensara nisso nos dias seguintes à morte de Gary. Fora uma época de merda, a pior em minha vida, e frequentemente eu me perguntava se conseguiria aguentar mais um dia, mais uma semana. Eu não conseguira parar de pensar em tudo que Gary deixara para trás: família, carreira, futuro. Ele tinha tudo isso à frente. Talvez aquilo, de certa forma, fora o motivo de eu achar que deveria ter morrido no lugar dele. Gary era a estrela e eu, o coadjuvante. Eu era o descartável dos dois. Às vezes, eu imaginava se meus pais também se sentiam assim. Pais sempre dizem que não têm um filho favorito, mas não sei se eu acreditava naquilo. Como podiam não considerar Gary o favorito dentre nós dois? Quem optaria pelo contrário? Ele era... Gary.

Eu diria que a pior parte da depressão, quando se pensa em suicídio, durara um, talvez dois meses. Durante aquele tempo, eu raramente saía do apartamento, exceto para ir às aulas. Eu queria ficar sozinho. Queria não ter nada a ver com o mundo.

Queria um lugar como Aokigahara, onde as pessoas poderiam ficar sozinhas e esquecidas.

Contudo, eu sempre fui pragmático e também entendia que minha morte não traria Gary de volta. E, como aquelas placas pelas quais passamos anteriormente insinuaram, causaria apenas mais sofrimento à minha família e aos meus amigos.

Infelizmente, eu testemunhara esse efeito dominó em primeira mão. Acontecera quando eu estava no ensino médio. Em um sábado à tarde durante as férias de verão, seis rapazes que eu conhecia pegaram um carro com cinco cintos de segurança para ir a um show do Pearl Jam. Barry "Doninha" Mitchel estava no

volante. Ele estava em alta velocidade. Meu amigo, Chris, que estava no carro, dissera que queria que Mitchell desacelerasse, mas fora tímido demais para falar algo. Ninguém estava preocupado com a velocidade e ele achou que também poderia se acalmar. Eles rodavam um *bong* de 60 centímetros de altura, transformando o carro em uma sauna. Quando chegara a vez de Doninha, ele pedira ao irmão mais novo Stevie, que estava no banco de passageiro, para que segurasse o volante enquanto fumava. Naquele momento, Chris não queria mais que ele desacelerasse, apenas que parasse para que pudesse descer do carro. Estava justamente pensando em uma forma de falar isso quando o carro virara para o acostamento. Doninha jogara o *bong* para o lado e virara o volante para a esquerda, mas exagerara. O carro passara para a contramão. Ele virara o volante para o outro lado, mas exagerara de novo. De repente, o carro ganhara vida própria, indo de um lado ao outro repetidamente, fora de controle. Inevitavelmente, o carro saíra da estrada, entrando em um aqueduto estreito, batendo de frente em uma árvore um pouco depois do Blackhawk Airfield.

Chris lembrava até este momento, pois ficara inconsciente. Os jornais e as fofocas que correram pela escola preencheram as lacunas. Um motorista que passava por lá relatou o acidente. O rapaz que não estava com o cinto de segurança, o sexto passageiro, Anthony Mainardi, fora lançado pelo para-brisa, mas milagrosamente fora o menos ferido, sofrendo apenas arranhões no rosto e algumas contusões. Os outros ferimentos variavam de Kenny Baker, que precisara de uma cirurgia de reconstrução facial, a Tom Reynolds, que quebrara várias costelas e engolira metade dos dentes. Stevie, que era dois anos mais jovem que os outros, fora a única fatalidade. A colisão com a árvore empurrara o bloco do motor vários metros para trás, esmagando-o no banco. Aparentemente, os órgãos foram espremidos para fora do corpo, semelhante ao que acontece em atropelamentos. Ele fora declarado como morto no local.

Duas semanas depois que Doninha fora acusado de homicídio veicular por intoxicação, tapara o escapamento do carro dos pais com meias, entrara no carro, ligara o motor e morrera envenenado com monóxido de carbono. A mãe dele teve um colapso nervoso e foi hospitalizada no Centro de Saúde Badger Prairie, que, no século dezenove, era chamado de Manicômio para Doentes Mentais Criminosos do Condado de Dane. Ela não conseguiu se matar cortando os pulsos, mas morrera ao se jogar da janela do oitavo andar. No dia seguinte ao enterro, o pai de Doninha, um detetive policial, pegara o revólver e explodira o próprio cérebro.

— Ah, merda — ouvi Tomo falar, trazendo-me de volta àquele momento.

Alguns metros à nossa frente, havia uma clareira criada quando uma árvore caíra e derrubara várias outras menores. A fita branca acabava ali.

— Não tem nada aqui — declarei.

— É o que parece — concluiu Neil.

Enquanto avaliávamos o lugar, senti a frustração crescendo. Não chamaríamos John Scott e os israelenses para nos encontrar. Teríamos que caminhar de volta pelo caminho inteiro até as árvores entrelaçadas. E, se os outros também não tivessem encontrado nada, toda aquela excursão teria sido à toa.

Uma fita branca, mais nada.

Quando entramos na clareira, olhei para cima. Foi a primeira vez que eu vi claramente o céu desde que entramos na trilha secundária. Estava cinzento e agourento. Segui em frente, com os olhos ainda virados para cima, com as mãos abertas, procurando gotas de chuva, quando Mel fez um som estranho.

Eu congelei, achando que talvez estivesse prestes a pisar em um buraco que não tinha visto. Mas não, o chão estava firme. Franzindo a testa, olhei para Mel, observando o chão da floresta, e notei o que ela encontrara. Meu coração quase saiu pela boca e fiquei paralisado.

Eu estava no meio de um túmulo.

À minha direita, espalhados no chão, havia diversos objetos inofensivos que não estariam fora de lugar se fosse em uma casa. Mas ali, no meio da floresta, *daquela* floresta, era uma visão apavorante. Lá estava um guarda-chuva velho e rasgado. Uma bolsa destruída, coberta de lama e folhas mortas. Um maço de cigarros Seven Stars. Uma garrafa vazia de vodca Smirnoff. Um espelho quebrado, uma escova de dente, uma escova de cabelo e um batom.

E, talvez a coisa mais assustadora de todas, uma boneca de cabeça para baixo pregada no tronco de uma árvore adjacente.

Eu não consegui me mover nem parar de olhar para a coleção eclética de itens enquanto minha mente acelerava, tentando entender o que estava à minha frente. O batom indicava que a pessoa que aparentemente morrera era mulher. Isso tornava o tumulto ainda mais trágico para mim. Eu não sabia o porquê. Mulheres também se matam. Acho que eu apenas esperava que, se fosse encontrar alguém, seria um homem. Uma mulher morrer daquela forma, na natureza e sozinha, não parecia certo.

Afastei os olhos dos restos tristes de uma vida e olhei para cima. Não havia corpos pendurados nas árvores. Nenhuma corda cortada. Observei a floresta ao redor. Sem ossos nem roupas.

Uma escuridão me invadiu, espelhando a escuridão que permeava a floresta, e eu imaginei a mulher. Quem era ela? Uma secretária? Uma dona-de-casa? Uma aeromoça? Eu dera aulas a donas-de-casa e secretárias, dezenas na verdade, e cheguei à conclusão de que aquela mulher poderia ter sido uma aluna da minha escola. Tentei imaginar meus alunos tirando a própria vida. Foi impossível. Eles eram tão felizes, alegres, dispostos a aprender inglês, curiosos sobre o mundo.

Neil estava andando. O som dos pés dele esmagando folhas me tirou do transe. Pisquei e olhei para ele, que pegou um galho velho do chão da floresta, voltou e cutucou a bolsa. Ela estava dura como uma tábua.

Eu queria dizer a Neil para deixar a bolsa como estava. Ver os pertences de uma pessoa morta já era invasivo o suficiente. Mexer nelas parecia um sacrilégio. Mas não disse nada enquanto ele mexia com a ponta do galho na bolsa grande e tirava algo branco.

— Roupas íntimas? — perguntou Tomo. Ele parou perto de mim. — Que merda estranha.

Neil continuou mexendo e tirou uma blusa roxa, um par de meias, um sutiã de tamanho pequeno, uma tesoura e um livro de bolso. O livro de bolso estava parcialmente escondido por outra blusa, mas eu consegui ver alguns kanjis e as letras IDE.

— Vire o livro — falei.

— Por quê?

— Quero ver a capa.

— Essa é a capa.

Esqueci que no Japão os livros eram lidos da direita para a esquerda. — Mexa a blusa então.

Neil o fez. A imagem da capa era um caixão bidimensional com o que parecia ser um boneco de testes. O título do livro era *O Manual Completo do Suicídio*.

— Puta que pariu — disse eu. — É o livro que Ben mencionou.

Neil assentiu. — Aquele que descreve esta floresta como o lugar perfeito para morrer.

Uma coisa é quando lhe contam algo, outra completamente diferente é quando você a vê com os próprios olhos.

Ver aquele livro foi como levar um tapa na cara da realidade cruel.

— Ei, olhe ali — disse Tomo, apontando para o chão da floresta. Não vi nada além de folhas em decomposição. Ele se ajoelhou, tirou algumas folhas mortas do lugar e pegou um pedaço de plástico. Havia cinco ou seis pedaços no total.

— Isso é uma identidade? — perguntou Mel.

— Carteira de motorista — respondeu Tomo, examinando os pedacinhos de plástico que tinha na mão. — Yumi Akido. 18 de janeiro de 1983. Caramba, novinha. Cadê a foto?

Ele ampliou a busca, varrendo as folhas e os galhos com as mãos e desenterrando mais fragmentos da carteira de motorista, bem como um cartão de crédito VISA e um de débito Softbank.

— Ela é uma gata — disse ele, olhando um pedaço. — Por que uma gata cometeria suicídio?

— Deixe-me ver — pedi.

Ele me passou o pequeno pedaço da identidade. Eu a segurei de forma que Mel e Neil também pudessem ver. O cabelo da mulher era loiro arruivado e o corte era repicado. Ela tinha boca pequena e nariz pontudo. Os olhos pretos tinham cílios longos, daqueles falsos que podiam ser comprados em uma 7-Eleven e que todas as garotas japonesas pareciam adorar. O rosto era um pouco redondo demais, mas Tomo tinha razão. Ela era atraente.

Eu a visualizei morta, com a cabeça virada, o pescoço quebrado, as bochechas maquiadas pálidas, os olhos sem vida e a pele enrugada como uma casca de laranja deixada ao sol.

— Por que ela cortou a identidade desse jeito? — perguntou Mel.

— Imagino que pelo mesmo motivo que a fez pregar aquela boneca na árvore — respondeu Neil. — Elas representam a sociedade da qual ela sentia que não fazia mais parte. Essa foi a maneira dela de dizer "que se danem todos e tudo" que deixou para trás.

Enquanto estávamos lá em silêncio, cada um com os próprios pensamentos, tentei entender o ritual bizarro que a mulher fizera antes de se matar. Ao julgar pelos objetos pessoais espalhados, em nenhuma ordem em particular, ela colocou roupas íntimas limpas, bebeu bastante, destruiu a identidade, pregou a boneca na árvore, passou batom, escovou os dentes, penteou os cabelos, fumou alguns cigarros e acabou com a própria vida.

— Vamos — disse Mel, segurando a minha mão.

— Tudo bem — murmurei, mas não me mexi.

A mulher, Yumi, devia ter chegado ali durante o dia, pois não conseguiria caminhar na floresta durante a noite. Considerando isso, ela levava o livro sobre suicídio e provavelmente era uma das pessoas hesitantes, como Tomo descrevera. Ela ainda estava ponderando o suicídio, tentando convencer a si mesma de que era um mal necessário. O que será que pensara enquanto estava sentada ali, sozinha? Será que pensara em dar meia-volta, ir para casa e trabalhar na segunda-feira pela manhã? Nos pais e irmãos? Nos problemas que a levaram até ali? E quais seriam? Ela tinha apenas vinte e um, caralho.

A calcinha e o sutiã.

Por quê?

Porque, segundo a minha teoria, ela não tinha tanta certeza de que queria cometer suicídio e quisera manter a higiene até decidir? Eu não sabia. Era como se preocupar com uma febre em frente a um esquadrão de fuzilamento. E a pasta de dente, a escova de cabelo e o batom? Higiene também? Queria manter as aparências? Ou eu não estava pensando simbolicamente o suficiente? Escovar os dentes, pentear os cabelos e passar batom... essas eram coisas que ela fazia no cotidiano. Talvez quisera fazer isso em um esforço de sentir a humanidade uma última vez. E, se fosse o caso, chorara enquanto escovava os dentes? Sentira raiva enquanto passava batom? Arrependera-se enquanto penteava os cabelos repetidamente?

Ou estava sorrindo aliviada porque o sofrimento finalmente acabaria?

Eu sabia que estava simplificando demais. Mas, racionalizar, corretamente ou não, era a minha maneira de compreender a morte.

Fiquei de costas para os pertences. Eu não sabia dizer se ficara olhando para eles por trinta segundos ou dois minutos.

Notei que Mel estava de costas, olhando para as árvores. Pensei que estava tendo um momento de reflexão quando ela disse: — Está ouvindo isso?

Aquelas palavras me deixaram tenso imediatamente. Não eram palavras que se gostaria de ouvir na floresta parado perto de um túmulo.

— O quê? — perguntei em tom suave.

— Achei que tinha ouvido algo.

Prestei atenção. Não consegui ouvir nada.

— Deveríamos chamar os outros — sugeriu Neil.

— Não é um cadáver — respondi.

— Não, mas é o suficiente, imagino.

— Beleza. Mel?

Ela se virou, franzindo a testa. — Sim?

— Você pode chamar John Scott? Falar para ele vir para cá?

— Vir para cá?

— Para ver o túmulo.

— Para ver o túmulo?

— Ele, Ben e Nina. Eles vão querer ver isso.

— Ah, sim. Espere... eu não estou com o meu telefone, mas sei o número dele. Dê-me o seu celular.

Eu franzi a testa para ela. Ela decorara o número de John Scott?

Que porra era essa?

Mesmo assim, entreguei o meu celular.

Ela o pegou e discou o número dele.

— John? Sou eu. Está me ouvindo? — Mel perguntou a ele como fora o caminho deles, escutou um pouco, fez algumas outras perguntas, pediu para que repetisse várias vezes, indicando sinal ruim, e explicou que tínhamos encontrado um túmulo. Disse a ele como chegar a nós e para tomar cuidado com a cratera em que caíra. Contou novamente tudo que acontecera com ela, ficando cada vez mais empolgada no processo. Em seguida, desligou o telefone.

— Eles encontraram algo? — perguntei.

Ela assentiu. — Ele disse que encontraram uma gaiola de metal para cachorros.

— O quê?

— Aquela coisa que se usa para levar o cachorro para o veterinário.

— E tinha um cão nela?

— Não perguntei. Mas duvido muito. John teria comentado.

— Por que alguém traria cachorro? — perguntou Tomo.

— Porque não queria morrer sozinho? — sugeriu Neil.

— Como um suicídio-homicídio, só que com o bicho de estimação? — complementou Mel.

Pensei um pouco sobre o assunto. A pessoa matou o cachorro antes de se matar? Ou só queria companhia na sua última hora? Havia um cachorro selvagem correndo pela floresta naquele momento, sobrevivendo de pequenos roedores... e talvez cadáveres?

Deixei esses pensamentos de lado e disse: — E o que faremos agora? Eles levarão pelo menos uma hora para chegar aqui.

— Ainda quero ver maldito cadáver — exclamou Tomo.

Eu levantei uma sobrancelha. — Um túmulo não basta?

— Não, cara.

— Então vá procurar. Descansarei aqui um pouco.

— Eu também — disse Mel.

— Neil? — perguntou Tomo. — Quer vir?

— Acho que não, camarada.

— Qual é, cara, não vou sozinho. Talvez eu me perca e morra. E você será o culpado.

Neil balançou a cabeça.

— Por favor, cara! — suplicou Tomo. — Só pouco.

— Eu já disse que não.

— Deixa de ser amarelão.

— Eu juro, Tomo...

— Beleza, beleza. Mas venha comigo... por favor?

— Não.

— Por favor?

— Não.

— Por favor?

— Ah, pelo amor de Deus, Tomo!

— Por favor?

Neil suspirou.

— Então você vem? — perguntou Tomo.

— Você vai calar a boca?

— Não falarei nada.

Neil pediu para que eu ficasse de olho na mochila dele e juntou-se a Tomo. Os dois seguiram avançaram pela floresta.

— Vamos seguir este caminho um pouco — eu disse a Mel, acenando com a cabeça ao passar por ela.

Nós nos afastamos a uma distância respeitável do túmulo e deitamos em uma parte plana de terra na base de um cedro grande, com a cabeça sobre as mochilas, olhando para a copa das árvores.

Não falamos nada por algum tempo. Eu queria falar sobre a moça chamada Yumi, mas não sabia como quebrar o gelo nem o que dizer. Além disso, não queria tornar trivial o que passamos. Encontrar o túmulo do jeito como o encontramos, bruto, intocado, com os pertences pessoais espalhados no chão... parecia que eu precisava ter mais consciência moral por trás do que diria.

— Você se lembra de quando nos conhecemos? — perguntou Mel.

Aquilo me pegou desprevenido. — Sim, é claro. No trabalho.

— Lembra-se de Elise?

— Sim.

— Ela estava na sua roda.

— Minha roda?

— Você sabe do que estou falando.

Acho que eu sabia. Como em qualquer ambiente social ou de trabalho, havia grupos em nossa escola. Uma das "rodas", seguindo a terminologia de Mel, era de professores mais velhos e casados, como Neil, que na maior parte do tempo ficavam reservados. Outra roda era a dos rapazes de trinta anos. Havia quatro deles. Todos os dias, eles compartilhavam histórias das libertinagens noturnas: prostitutas russas, bares de travestis, brigas de rua com outros expatriados. Eles eram engraçados, amigáveis com todos e eu me dava muito bem com eles. O meu grupo tinha as pessoas da faixa dos vinte anos, colegas recém-formados que estavam viajando por um ano ou dois para conhecer o mundo. Nesse grupo, estava o canadense Derek Miller e três garotas: Jennifer, Karen e Elise. Mel estava com um pé dentro e o outro fora do grupo. Derek gostava dela e as garotas, não.

O último grupo, se é que podia ser chamado de grupo porque tinha pessoas claramente reservadas, era o dos esquisitões e *nerds*. Eu também não gostava desses estereótipos, mas não conhecia uma maneira melhor de descrever algumas das pessoas estranhas com quem trabalhávamos. Um exemplo era Brendan Christoffson, vulgo Blade. Foi para isso que ele mudou o nome no meio do ano: Blade, como o vampiro assassino do Wesley Snipes. Fora do trabalho, usava grampos ou lenços coloridos nos cabelos pretos longos, botas de plataforma e mais correntes que Keith Richards. Falava de forma afeminada e sempre impregnava a sala de professores com o cheiro do esmalte preto.

Existe uma porcentagem bizarramente alta de Brendans que ensinam inglês no Japão, provavelmente pelo fato de o país ser tão peculiar que é possível ser diferente com orgulho. Além disso, existe o mito de que, se uma pessoa for caucasiana, ela é vista pelos japoneses como um tipo de deus viking. Uma tirinha famosa que contribuiu para uma percepção mais recente apresentava um canadense introvertido e magérrimo que, ao se mudar para o Japão, transformou-se instantaneamente no Charisma Man, um rapaz estilo Rock Hudson com um bando de garotas sob os pés dele.

— E o que tem Elise? — perguntei, curioso para ver aonde Mel queria chegar com aquela lembrança.

— Ela tinha uma queda por você.

— Eu sei.

— E por que você não saiu com ela?

Era uma pergunta estranha de se ouvir da minha namorada e eu não sabia como respondê-la. — Porque não.

— Não o quê?

— Não sei. Eu não me sentia atraído por ela.

— Por que não? Ela era bonita.

— Ela era barulhenta. — Elise era australiana, de alguma cidade do interior a oeste de Queensland, e não tinha um botão para abaixar o volume. Ela praticamente gritava o tempo inteiro a cem decibéis, em tom anasalado, com as vogais agudas e prolongadas de forma torturante.

— Ela era *tão* barulhenta — concordou Mel.

— E... — continuei.

— E?

— Eu conheci você.

Apesar de não conseguir ver o rosto de Mel, pois estávamos lado a lado, olhando para cima, senti quando ela sorriu. Aquela fora a resposta certa. Além disso, eu estava falando sério. Algumas semanas depois de ser contratado, cheguei para trabalhar em uma segunda-feira à tarde e encontrei Mel na sala dos professores, reservada e ocupada com um livro escolar que precisava ensinar. Lembro-me que Derek me puxou para o lado naquele mesmo dia e fez uma careta horrível, o que parecia surreal agora, considerando que ele virou meu melhor amigo e ela, minha namorada.

Nos dias seguintes, puxei conversa com Mel sempre que surgia uma oportunidade, apesar de ter sido difícil porque, como professora nova, ela estava ocupada aprendendo os livros, o sistema e algumas outras coisas. Elise viu o esforço que eu fazia e duas coisas aconteceram. Primeiro, ela parou de flertar comigo, o que acontecia desde que tínhamos nos conhecido. Segundo, começou a ficar fria com Mel a ponto de elas raramente terem conversado nos dois anos antes de Elise voltar para Austrália. Esse fora o motivo pelo qual Mel nunca se encaixara bem em nosso grupo.

— Ela era uma vadia — disse Mel.

— Você era uma vadia — respondi.

— Eu?

— Lembra-se da primeira vez que chamei você para beber alguma coisa? Quando estávamos no trem do trabalho para casa?

— E?

— Você se lembra do que disse?

— Que eu não tinha um guarda-chuva.

— O que diabos quis dizer com aquilo?

— Estava chovendo.

— Eu não ia levar você para um piquenique.

— Não sei. Entrei em pânico. Era a minha primeira semana no trabalho. Eu não queria parecer... aquele tipo de garota.

— Achei que você tinha um namorado.

— Eu tinha. Mais ou menos. Como você.

— Eu?

— Você tinha uma namorada. Shelly MacDonald.

Eu me surpreendi por Mel saber o sobrenome de Shelly. Não achei que o tivesse mencionado alguma vez. — Nós já havíamos terminado.

— Hmmm...

— O que isso quer dizer?

— Nada.

Ficamos em silêncio novamente. Pensei no que havíamos conversado, no primeiro ano no Japão quando o país ainda era novo para mim. Imaginei eu mesmo pensando no passado, em coisas do Japão, em um jantar na Madison dali a vinte anos. Será que meus amigos de lá se importariam? Será que conseguiriam me entender? Se eu e Mel terminássemos, será que todas essas lembranças perderiam o significado, deixariam de existir? Se uma árvore cai no meio da floresta...

— Você se lembra de Degawa? — perguntou Mel abruptamente.

— Degawa...? — perguntei como se, ao pronunciá-lo, o nome trouxesse algo à tona.

— Foi um dos primeiros alunos a quem ensinei. Eu falava sobre ele com você. Ele me deu um aparelho de som.

Antes de nos mudarmos para morarmos juntos em uma casa de hóspedes perto de Shinagawa, o prédio onde Mel morava era adjacente a uma loja de eletrônicos usados chamada *Hard Off*. Ela estava procurando um aparelho de som barato lá quando encontrou Degawa. Ele a ajudou a escolher um som da Panasonic com grandes alto-falantes e insistiu em pagar. Ela recusou, claro, mas ele não aceitou um não como resposta. Em seguida, durante uma das aulas naquela semana, ele a convidou para um jantar, garantindo que apenas queria praticar o inglês.

Eu disse a Mel para recusar o convite. Ele era um velho de cinquenta anos. Divorciado. Ela era uma jovem americana loira. Todavia, ela sempre acreditava nas primeiras impressões e procurava o bem em vez do mal. Foi provavelmente por isso que aceitou... com a condição de que a colega de quarto dela, uma irlandesa, também pudesse ir.

Supostamente, Degawa foi um perfeito cavalheiro, de fato interessado em melhorar o inglês. Ao pensar bem, não ouvi falar dele depois daquele jantar.

— O que tem ele? — perguntei.

Mel hesitou. Em seguida, disse: — Ele se matou.

Eu me apoiei sobre o cotovelo e encarei-a. — Quando?

— Há alguns anos.

— Por que você nunca me contou isso?

— Você nunca gostou dele...

— Isso não é verdade.

— Você achava que ele era um velho tarado.

— Eu não...

— Você achava.

— Quem disse que ele se matou?

— Um dos alunos. Todos eles sabiam.

— Ninguém me falou nada.

Ela deu de ombros. — Eu o conhecia melhor.

— Como ele fez isso?

— Enforcou-se.

Fiquei tenso. — Não me diga que foi aqui.

Mel balançou a cabeça. — No apartamento dele. Só descobriram uma semana depois. Ninguém se importou em verificar se ele estava bem.

— Por quê...?

— Não sei. Provavelmente estava se sentindo só. Enfim, lembrei dele ao ver o túmulo.

Eu queria dizer algo sobre Yumi naquele momento, sobre o ritual que ela fizera antes de cometer suicídio. Em vez disso, falei: — Você está bem por estar aqui?

— Acampando na floresta?

Eu assenti.

— É só por uma noite.

— Mas você está bem?

— Sim. — Ela fez uma pausa e, em seguida, perguntou: — E você?

Eu estava prestes a dizer que estava bem, mas havia algo na pergunta dela, nas entrelinhas, e levei alguns segundos para entender o que era. — Está falando isso por causa de Gary?

— Ver o túmulo...

— Não é a mesma coisa.

— Este lugar é deprimente.

— Não me incomoda.

— Tem certeza?

Eu não sabia. Mas eu não queria falar sobre Gary. Nunca falei sobre Gary com ninguém. Pelo menos, não de forma aprofundada. Mesmo após passar quatro anos comigo, tudo que Mel sabia era que ele era meu irmão mais velho, jogador de hóquei e que fora baleado. E preferi manter as coisas assim.

— Sim, Mel... — falei — tenho.

— Beleza.

Deitei novamente e tentei imaginar o rosto de Degawa, mas simplesmente não consegui. Tudo de que me lembrava sobre ele era a van. Era compacta, como a de Honda, talvez uma Mitsubishi, com cortinas nas janelas laterais e traseiras. Ele buzina para Mel e eu enquanto andávamos para casa do trabalho. Mel dissera que aquele era Degawa. Eu retruquei perguntando se era o perverso.

Um trovão alto soou, seguido de outro, ambos distantes, mas mais próximos do que eu gostaria.

— Acho que vai chover, afinal de contas — comentei.

Mel suspirou. — E eu estava tendo um dia tão agradável.

Eu não sabia quem provocara primeiro, Mel esfregando-se em mim ou eu colocando a minha mão no traseiro dela, mas, pouco tempo depois, estávamos seminus, fazendo amor na Floresta dos Suicidas. Foi arriscado, considerando que Tomo e Neil poderiam voltar a qualquer momento, mas não me importei e Mel também não. Por causa do ambiente escuro e do chão duro, fiquei surpreso pelo sexo ter acontecido sem incidentes. Bem, quase. Em algum momento, Mel reclamou de um pedaço de casca de árvore machucando-lhe as costas. Trocamos de lugar, mas havia um graveto. Depois, outra coisa. No fim das contas, nenhum de nós se arrependeu.

Eu comecei a cochilar de leve quando Mel, deitada ao meu lado, sentou-se subitamente, gritando.

Sentei imediatamente. — O que houve? — perguntei.

Ela estava respirando pesadamente com a mão no peito.

— Mel? — perguntei novamente, começando a ficar preocupado.

Ela balançou a cabeça. — Nada. Foi um sonho.

— Mais um pesadelo do que um sonho. Você está agitada. Sobre o que era?

— Caí naquela cratera de novo. Na verdade, você me empurrou.

— O quê?

— Não quer dizer nada. Foi apenas um sonho. Não acho que você faria isso. Mas eu não parei na borda desta vez. Continuei caindo, caindo e mergulhei em um lago enorme e gelado. Estava completamente escuro e, por algum motivo, eu não conseguia nadar. Tinha algo na água comigo. — Ela estremeceu. — Eu estava com tanto medo e não sabia o que era. A coisa ficava esfregando nas minhas pernas.

— Você saiu de lá?

— Eu estava me afogando. Conseguia ver você e John olhando para baixo no buraco. Eu tentava gritar, mas a água enchia minha boca. Vocês não fizeram nada, só assistiram. Depois, caí até o fundo do lago... e acordei. — Ela encostou os joelhos no peito e abraçou-os. Em seguida, virou o rosto.

— Ei — falei —, foi apenas um sonho.

Ela olhou para mim novamente e vi lágrimas em seus olhos.

— E se antes, de verdade, eu não tivesse caído naquela beirada?

— Eu lhe disse... que não era tão fundo.

— Eu poderia ter morrido.

— Você não teria morrido.

— Eu poderia. Por uma questão de centímetros.

— Sim, e você poderia ter passado direto pelo buraco sem ter caído. Tudo na vida é por uma questão de centímetros. Atravessar a rua distraidamente é uma questão de centímetros. Nem pense nisso. — Eu limpei uma das lágrimas com o dedo. — Tudo bem?

Ela assentiu.

Ouvi a voz de John Scott ao longe. Momentos depois, vi quando ele, Ben e Nina percorreram a vegetação, seguindo a fita em direção ao túmulo. Ben notou os pertences espalhados pelo chão e gritou com empolgação. Eles começaram a sussurrar de forma respeitosa, mas não consegui ouvir o que diziam.

Mel esfregou os olhos e chamou-os.

— Mel! — exclamou John Scott. Ele se aproximou e agachou-se em frente a ela. — Puta merda, Mel. Passamos pelo buraco onde você caiu. Ele ia até a porra da China. — Ele pegou as mãos dela e verificou se estavam machucadas. — Você não se cortou nem nada do tipo?

Eu quase lhe disse para parar de tocar na minha namorada, mas fiquei de boca fechada.

— Ethan disse que não era tão fundo...

John Scott olhou para mim como se eu fosse maluco. — Você precisa de óculos, cara? Não tinha fundo.

Mel franziu a testa. — Não tinha fundo?

Eu fiz sinal para que ele calasse a boca.

— Mesmo com a lanterna — continuou ele — não vimos nada. O buraco só descia. Eu joguei uma pedra e não a escutei atingir o fundo.

Mel olhou para mim. — Você disse...

— Eu não queria deixá-la preocupada.

— Ei, não importa — John Scott disse a ela. — Neil salvou você. Está tudo bem agora.

Eu o encarei. Neil? Apenas Neil? Lembrei-me de Mel explicando a ele pelo telefone como usamos as cordas de Neil, mas John obviamente sabia que eu e Tomo também estávamos lá. Ele estava tentando me irritar de propósito?

— Ethan e Tomo também ajudaram — acrescentou Mel.

John Scott assentiu, mas não parecia estar escutando. Ele apontou em direção ao túmulo. — Aquela merda não é maneira? E ainda foi uma garota. Onde estão Tomo e Neil?

— Foram dar uma volta — respondeu Mel.

— Procurar o corpo?

— Estão logo ali.

Ela apontou para trás de nós quando Tomo e Neil apareceram entre as árvores. John Scott correu até eles e começou parabenizá-los e cumprimentá-los.

Cerrei os dentes.

Por que eu me importava?

Em seguida, eu o ouvi perguntando sobre um corpo e vi todos balançando a cabeça. Logo, Tomo começou a falar com empolgação sobre algo. Pelo que consegui ouvir, parecia que ele encontrara várias outras fitas. Ben e Nina foram até eles.

— Vamos — disse Mel a mim, levantando-se e juntando-se a eles.

— Estou indo — respondi.

Tomo contou sobre a descoberta e, em seguida, John Scott começou a falar sobre a gaiola de cachorro, atraindo a atenção de todos. Decidi que já pensara por tempo suficiente, levantei-me e juntei-me a eles.

— Tomo e Neil encontraram outra fita — disse Mel para me atualizar.

— Fita e barbante — acrescentou Tomo.

— Você os seguiu?

— Seguimos a fita até o barbante — respondeu Neil — e voltamos em seguida.

— Quem está a fim de dar uma verificada? — sugeriu John Scott.

— Nina e eu continuaremos — declarou Ben. — Com toda certeza.

— Eu já me aventurei o suficiente — respondeu Neil. — Acho que ficarei aqui.

— Mas eu esqueci caminho — argumentou Tomo.

— Caramba, Tomo — retrucou Neil.

— É sério.

— Precisamos de você, cara — disse John Scott a Neil, dando a ele um sorriso sarcástico e batendo no ombro dele com animação. — Mel?

— Concordamos que seria apenas mais uma hora — declarou ela. — Eu... acho que quero ir embora.

— Da floresta? — perguntou John Scott surpreso. — Impossível. Você não conseguirá sair daqui antes do anoitecer.

— Por que não ficamos aqui então?

— Do lado deste túmulo? Você quer dormir perto disso?

Mel franziu a testa.

— Escute só — prosseguiu John Scott ao notar que achara um bom argumento —, não é como se fôssemos nos perder. Basta seguirmos a fita e o barbante.

— Precisamos encontrar lenha se quisermos fazer uma fogueira.

— Pegaremos no caminho.

Mel balançou a cabeça, mordendo o lábio inferior. Estava claramente angustiada. A agitação de ter saído da cratera já tinha passado e parecia que a experiência a abalara mais do que eu suspeitara. Mais uma vez, eu me arrependi de tê-la levado até lá. Fora um grande egoísmo da minha parte. Estava concentrado apenas no que eu queria.

— Voltarei com você, Mel — falei, segurando a mão dela. — Vamos conseguir um quarto em algum lugar...

— Você não me ouviu? — perguntou John Scott. — Vocês não conseguirão sair daqui antes do anoitecer.

— Daremos um jeito.

— E cairão em outra merda de buraco...

— Por que você não vai para a puta que...

— Parem com isso! — gritou Mel. — Vocês dois, parem de brigar! — berrou ela. — Não vamos embora. Não no escuro. Nem ficaremos aqui. Não perto deste túmulo. Vamos nos afastar um pouco e montar um acampamento. Faremos uma fogueira e ficará tudo bem.

John Scott deu outro daqueles gritos idiotas do exército.

E foi o fim da conversa.

As lojas de conveniência no Japão ofereciam opções de comida muito mais frescas e saudáveis em comparação aos estabelecimentos semelhantes em outros países, principalmente nos Estados Unidos. Pensei nisso novamente enquanto observava todos comerem o que tinham comprado mais cedo na estação de trem. Mel comeu uma tigela de macarrão de trigo. Neil, uma bandeja retangular de macarrão de trigo apimentado servido com molho à base de soja. John Scott, sushi e uma salada. Tomo, Ben e Nina comeram uma marmita de arroz, peixe e legumes. Eu optei por um onigiri, uma bola de arroz enrolada em alga. Esperava ter escolhido uma de salmão ou atum, mas, como não conseguira ler o kanji na embalagem de plástico, acabei inadvertidamente com *umeboshi*, um tipo de ameixa em conserva. Não estava muito apetitoso.

— Não entendo — disse John Scott com um olhar filosófico enquanto brincava com a salada. — O suicídio, sabe?

— Como assim? — perguntou Ben.

— Por que as pessoas se matam. A vida pode ficar tão ruim a ponto de você querer explodir o próprio cérebro? Quero dizer, sempre tem alguém em situação pior do que a sua. Você acha que está na pior porque não consegue pagar a hipoteca? Bem, um amigo meu perdeu as duas pernas em um acidente durante um treino e é um dos filhos da puta mais felizes que conheço.

Ben deu de ombros. — Acho que depende da pessoa. Todos reagem às circunstâncias de forma diferente. É tudo questão de... como chamam mesmo? Constituição.

John Scott assentiu e disse: — Você só precisa lidar com os seus problemas. Seguir em frente. Tinha um homem... essa história é verdadeira, sério mesmo. Quando jovem, ele era a menor criança na sala de aula. Tipo, muito menor. Ele também tinha uma voz muito fina e fazia todos aqueles gestos afeminados. Dava para jurar que ele era *gay*, mas não era. E vocês ririam se soubessem o nome dele. É um insulto à injustiça, sabe? Mas não posso contar ainda. Enfim, não dá para pensar que a situação poderia piorar para o pobrezinho, certo? Um franguinho que jamais conseguiria conquistar as moças? Bom, saca só.

Além de tudo, ele era um negro em uma cidade de brancos caipiras em Minnesota. Então, quando o cara não estava sendo caçoado pelos homofóbicos, era pelos racistas. Resumindo, ele sabia que não cresceria mais, que não ficaria branco nem menos gay. Então, se alguém fosse se matar, seria ele, certo? Sabem o que ele fez?

Todos olharam para ele em silêncio.

— Comprou uma guitarra e praticou que nem um louco. Depois, quando tinha dezessete ou dezoito anos, assinou o primeiro contrato com uma gravadora. Poucos anos depois, ele lançou *Purple Rain*.

Passou-se um momento de silêncio.

— Esse cara era o Prince? — perguntou Mel.

— O cara do símbolo? — questionou Tomo.

— Essa história é real? — perguntou Ben.

John Scott sorriu. — Totalmente real, meu irmão. É disso que estou falando. Você nunca sabe o que a vida lhe dará. Então, por que desistir do jogo bem antes de saber como ele terminará?

Assim que todos terminaram de comer, partimos. Achei que o descanso e a comida afastariam um pouco da aflição que eu sentia após descobrir o túmulo de Yumi. Não afastou. Na verdade, eu me sentia pior do que nunca e, de novo, comecei a me preocupar com a possibilidade de me perder em Aokigahara. Se não encontrássemos aquela fita nova e não conseguíssemos voltar para a fita branca, estaríamos em uma grande enrascada. Tínhamos comida e água limitadas. Se não conseguíssemos voltar à trilha principal e se não chovesse, não sobreviveríamos mais do que alguns dias. Achei que estávamos seguindo para o norte, mas era apenas uma suposição, pois a floresta parecia sempre igual. Apenas mais árvores malformadas, raízes em zigue-zague e rochas que pareciam dentes. A fita amarela poderia se desviar para sudoeste ou sudeste. Caralho, até onde eu sabia, a corda podia ter dado meia-volta, fazendo com que seguissemos para norte. A floresta confundia e iludia muito.

Um pouco depois, quando comecei a crer que finalmente tínhamos nos perdido, encontramos a fita. Era vermelha e estava a quinze metros à direita, seguindo na mesma direção para onde íamos.

— Parece que nos desviamos um pouco — comentou Neil, coçando a barba do queixo. — Não importa, não estamos muito longe agora.

Ele marchou em direção à fita. O resto de nós formou uma fila atrás dele. Dada a idade, Neil estava em boa forma, mostrando poucos sinais de fadiga. Nina, Ben e Tomo também pareciam bem e os quatro se afastaram gradualmente, abrindo um espaço entre eles e Mel, John Scott e eu.

Mel era magra e tinha uma aparência saudável. Era de pensar que ela ia à academia várias vezes por semana, mas a maior parte dos exercícios era das aulas de salsa semanais. Os músculos dela estavam enferrujados para aquele tipo de excursão. Fora parte do motivo pelo qual planejei escalar o Monte Fuji em duas partes, pois sabia que seria difícil para ela escalar a montanha em uma caminhada contínua.

Como a maioria dos soldados, John Scott estava em boa forma e era musculoso. Dava para perceber isso no porte dele, com ombros definidos e pescoço robusto. Por outro lado, era fumante. Eu conseguia ouvir a respiração pesada. Ele estava ofegante e, de vez em quando, tossia, expelindo uma grande quantidade de catarro.

E eu? Qual era a minha desculpa para ficar para trás? Eu era simplesmente grandalhão. Pesado demais para andar. Com um e noventa e cinco de altura, eu pesava cem quilos, o que me deixava com dez quilos acima da média. Felizmente, por causa do meu porte grande, não dava para notar muito, apesar de Mel sempre de advertir sobre algo que chamava de gordura invisível.

Quando eu começara a engordar? Quando pequeno, eu e Gary éramos igualmente atléticos. Nós dois jogávamos em equipes de hóquei grandes em nossos respectivos grupos de idade. Fazíamos uma quantidade semelhante de gols e tínhamos o mesmo número de assistências. Gary ganhou o troféu de

melhor jogador no Bantam AAA. Eu ganhei no Peewee AAA. Em algum momento do ensino médio, comecei a ficar para trás, perdendo a boa forma. Pouco tempo depois, já não era mais o patinador mais rápido nem o mais hábil com o taco. No Midget Major, meu treinador sugeriu que eu ficasse na defesa. Ainda grande e forte, tive desempenho adequado na nova posição, mas, na melhor das hipóteses, fui um jogador mediano.

Gary, por outro lado, continuou a se destacar, a marcar gols, a ser o centro das atenções dos olheiros. Em seguida, ele conseguiu um contrato com os Capitals. Ele conheceu Cheryl no mesmo ano. Ela era amiga da namorada de um dos colegas do time. Eles se casaram seis meses depois na igreja que Gary e eu frequentávamos na infância. Fui o padrinho. Cheryl engravidou quase imediatamente e Lisa nasceu.

Cheryl me ligou tarde da noite algumas semanas após o funeral de Gary. Foi durante minha fase de suicídio, quando eu raramente saía de casa. Eu tinha aula no dia seguinte, mas não estava dormindo. Nunca dormia cedo naquela época. As pessoas dizem que, quando uma pessoa fica deprimida, tudo que faz é dormir, mas isso não aconteceu comigo. Dormir era a última coisa que eu queria, principalmente por causa dos pesadelos. Em vez disso, eu assistia à televisão ou a filmes até não conseguir ficar mais de olhos abertos.

Eu verifiquei o identificador de chamadas, vi o número de Cheryl e não atendi. Não queria falar com ela. Não queria falar com ninguém. Não tinha nada a dizer. Não queria consolar nem ser consolado. Só queria sentir minha tristeza. Queria que fosse só minha.

Contudo, Cheryl ligou novamente dez minutos depois e mais uma vez dez minutos mais tarde. Ao perceber que alguma coisa poderia ter acontecido, atendi. Assim que Cheryl me cumprimentou, eu percebi que cometera um erro. Apesar de ela parecer triste e incerta, não havia pânico em sua voz. Ela passou vários minutos perguntando sobre a minha faculdade, minhas aulas, o campus, como se fôssemos amigos. Mas nunca fomos amigos. Ela fora a esposa do meu irmão. Eu a via nos aniversários e em outras ocasiões especiais. Não me senti confortável falando com ela como se fôssemos amigos. Eu nem sabia o motivo pelo qual ela me ligara. Conforto, imaginei. Ela estava sozinha. Eu também. Gary conectava nossa solidão.

Eu a interrompi e disse que precisava desligar. Ela não me perguntou o porquê, não contestou nem começou a falar sobre Gary, o que me deixou contente.

Nós desligamos e nunca mais nos falamos.

Agora, ela estava saindo com alguém. Meus mais me contaram. Inicialmente, a revelação me deixara com raiva, o que não tivera justificativa. Gary se fora. Cheryl tivera que seguir em frente com a vida dela. Mesmo assim, parecera uma traição. Se as coisas dessem certo com esse cara, um estrangeiro, ele um dia se tornaria o marido de Cheryl e o pai de Lisa.

Lisa acabara de começar o terceiro ano do ensino fundamental. Ela me enviava um cartão de Natal todo ano desde que eu fora para o Japão. Fiquei imaginando por quanto tempo isso continuaria, por quanto tempo Cheryl se sentiria obrigada a ajudar a Lisa a escrevê-los...

— Ei — disse Mel, cutucando-me para chamar a minha atenção. — Chegamos.

O barbante se separava da fita vermelha a um ângulo perto de sessenta graus seguindo para sudoeste. Pelo menos, o que eu acreditava ser sudoeste.

— Foi aqui que eu e Tomo paramos — comentou Neil.

— Então, para que lado devemos ir? — perguntou Ben.

— Voto no barbante — disse John Scott. — Algo diferente, sabe?

— Por mim, tudo bem.

John Scott e Tomo deram um passo à frente ao mesmo tempo, dispostos a seguir em frente, e quase esbarraram um no outro. John Scott acenou. — Primeiro os cavalheiros.

— Está mais para cafetão primeiro — retrucou Tomo.

— Você está assistindo a MTV demais, cara.

— 'Coé' galera, é o Snoopy Doggie doidão na área!

Tomo cuspiando a letra do Snoop Dogg em inglês com sotaque péssimo era bizarro e cômico ao mesmo tempo, apesar de John Scott ter sido o único a rir.

Tomo liderou o caminho, seguido por John Scott, Ben, Nina e Mel.

Neil parecia estar finalmente sentindo a idade. Ele esperou até que todos passassem e ficou ao meu lado, no final.

— Espero que esteja prestando atenção no caminho para voltarmos — eu disse a ele.

— Achei que você estava fazendo isso.

— Estamos entrando bastante.

— Só precisamos voltar por onde viemos.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Seguimos a fita branca até o começo, viramos à esquerda. Acabou.

— Isso se encontrarmos a fita branca de novo.

— Como não encontraríamos? São apenas dez minutos nesta direção — ele gesticulou para o caminho por onde viemos.

— Na verdade, vinte — respondi. — E, se perdermos a fita, mesmo que por muito pouco, talvez nunca mais a encontremos.

— Não vamos perdê-la.

Eu não respondi. Não porque eu concordava ou discordava. Apenas não havia nada a acrescentar. Ou encontraríamos a fita branca de novo, ou não. Se encontrássemos, estaríamos bem. Se não, teríamos que pensar juntos e descobrir o que fazer.

— O que você acha que aconteceu com o corpo daquela garota? — perguntou Neil.

— A polícia deve tê-lo levado.

Ele assentiu.

— O quê? — perguntei. — Você não concorda?

— Eu assenti, não?

— Mas...? — Ele parecia estar contendo-se.

— Por que eles deixariam as coisas dela para trás?

— Talvez estivessem carregando coisas demais.

— Talvez.

— Ou talvez ela tenha mudado de ideia e foi embora por vontade própria.

— Após cortar a identidade e os cartões de banco?

Eu dei de ombros. — Ela poderia pedir uma segunda via deles.

— A mesma pergunta. Por que ela não levou suas coisas? A bolsa, o guarda-chuva...

— Aonde você quer chegar, Neil? Ou ela foi embora daqui, ou a polícia carregou o corpo dela. Quais são as outras alternativas? Você acha que um daqueles *yūrei* veio até ela?

— Isso é algo a se pensar.

Eu olhei para ele. Ele estava observando o chão, sem expressão alguma no rosto. — Você não acredita em fantasmas, não é, Neil? — perguntei.

— Nunca acreditei — ele respondeu. — Não é algo do ocidente, certo? Mas Kaori acredita. A crença dela afetou a minha.

— Ela já viu um fantasma?

— Diz ela que sim. Uma noite, ela acordou e disse que viu o rosto de uma garotinha no pé da cama. Mais cedo naquele dia, uma garotinha, que ela jura ser a mesma que viu, foi morta atravessando a rua perto do nosso apartamento. Kaori só descobriu sobre a morte da garota no dia seguinte.

Meu primeiro impulso foi rir. Mas não fiz isso. Eu conheci várias pessoas que disseram ter visto um fantasma e elas levavam os encontros sobrenaturais muito a sério.

Quando adolescente, trabalhei como carregador de malas em um pequeno hotel de uma família no centro de Madison. A dona era uma mulher chamada Bella Grayson. Ela não tinha filhos e assumira os negócios do pai uma década antes, quando ele ficara doente. Ela começara a trabalhar no hotel quando era criança e passara por todos os cargos: lavadora de louças, empregada doméstica, cozinheira de linha, administradora geral etc. Tinha orgulho disso, de chegar ao topo não com a ajuda do pai, mas com anos de trabalho pesado. Ela parecera ser uma mulher inteligente e prática até a metade da entrevista de emprego, quando me alertara de que o hotel era assombrado. Ou que, pelo menos, fora no passado.

A história, até onde eu lembrava, era assim: seis ou sete anos antes, perto da meia-noite, depois que a maioria dos outros funcionários tinham ido para casa, Bella Grayson estava no escritório, colocando o rendimento daquele dia no cofre da parede, quando escutou um barulho alto do salão adjacente. Ela foi até lá para verificar e encontrou uma garotinha de vestido vermelho e sapatos pretos brilhantes afastando-se, desaparecendo no corredor. Bella a seguiu. Ela jurou que estava apenas alguns segundos atrás, mas, quando chegou ao corredor, ele estava deserto. Ao voltar para o salão, ela notou que todos os cinzeiros estavam alinhados na beirada das mesas.

Ela chamou a garçonete, uma garota de vinte e três anos chamada Grace que estava na cozinha trocando de roupa. Grace negou ver alguém desde que o último cliente fora embora, um homem que era dono de uma loja de ferramentas do outro lado da rua, e afirmou que colocara os cinzeiros no centro das mesas, junto com os porta-copos de papelão, onde deveriam estar.

Nada mais aconteceu até o mês seguinte, quando um homem que estava em um quarto do segundo andar reclamou sobre uma garotinha de vestido vermelho correndo para lá e para cá no corredor a noite inteira.

Algumas semanas depois disso, Bella chegou ao trabalho e encontrou o cofre do escritório aberto, mas com todo o dinheiro dentro dele.

Ela contou ao pai doente sobre os acontecimentos misteriosos, e ele confessou que vira a garotinha pessoalmente e que uma garota morrera no hotel no início dos anos 1900.

Eu me lembrei de como Bella me observou após esta revelação, intencionalmente, quase como se estivesse desafiando-me a contestar a declaração de alguma forma. Eu garanti a ela que acreditara em cada palavra e consegui o emprego. Eu acabei trabalhando no hotel por três verões consecutivos, frequentemente ficando até tarde da noite.

Eu nunca ouvi um "bu" sequer.

Apesar de não acreditar que Bella estava só tentando me assustar, continuei convencido de que havia uma explicação racional para a história dela, mesmo que não soubesse qual era.

Quanto ao fantasma de Kaori, só posso supor que não havia nada além de uma combinação de sombras no pé da cama. O fato de a garota ter morrido no mesmo dia fora uma coincidência. Ou isso, ou Kaori ouvira inconscientemente sobre a morte logo após o fato, talvez como um comentário passageiro entre duas mães no corredor do prédio, algo que o consciente dela perdera, mas o subconsciente registrara e manifestara quando estava meio dormindo e mais suscetível à sugestão.

— Você viu também? — perguntei.

— O fantasma? — questionou Neil.

Eu assenti.

— Não, não vi.

— Você acha que Kaori realmente o viu?

— Eu não acho que ela inventaria algo assim.

— Ela pode ter... se confundido.

— É possível.

— Mas você acha que não.

— Quando ela me acordou, estava pálida de tão assustada e bem acordada. Ela não conseguiu voltar a dormir e fez com que eu ficasse acordado até amanhecer. — Ele deu de ombros. — Seria ótimo você lembrar que, apesar de ninguém ter provado que fantasmas existem ou não, ninguém foi capaz de desmentir a existência deles.

— Pode-se dizer a mesma coisa sobre a fada dos dentes.

— Não quero discutir isso, Ethan. Não sou crente assíduo, mas também não sou cético. Simplesmente há coisas que não conseguimos entender. Vamos deixar as coisas desse jeito.

E deixamos.

A cerca de duzentos metros ao longo do barbante, encontramos outra fita, dessa vez amarela. Como a branca original, ela seguia para norte e sul, serpenteando pela floresta. Só conseguíamos ver vinte ou trinta metros em cada sentido antes de as árvores engolirem a fita.

— O que devemos fazer — perguntou Ben —, continuar no barbante ou seguir esta nova fita?

— Voto na fita — disse John Scott.

— Fizemos o que você queria, John — disse Mel quase como se fosse uma acusação. — Viemos ver a fita e o barbante. Se quiser seguir em frente, beleza, pode ir. Eu vou montar o acampamento.

— Estou com você, Mel — eu disse a ela, que se animou imediatamente —, mas o chão aqui é irregular e rochoso. Sugiro continuarmos um pouco mais pelo barbante até encontrarmos um lugar melhor.

Ela assentiu depressa, visivelmente feliz em ter um objetivo claro.

— Vocês fazem o que quiserem então — retrucou John Scott. — Ben, o que acha?

— Sim, Nina e eu vamos continuar explorando com você. É por isso que estamos aqui.

— Como meus serviços já não são mais necessários — argumentou Neil —, terei que recusar, obrigado.

— Tomo? — John Scott insistiu.

— Tô maroto, cara.

— Maroto?

— Morto. Andei demais.

— Tanto faz. — John Scott deu de ombros. — Vocês borboletas podem encontrar um lugar legal para acampar. Nós não vamos muito longe. Só não saiam de perto do barbante.

Ele, Ben e Nina partiram sem mais uma palavra. O restante de nós seguiu o barbante.

— O que é borboleta? — perguntou Tomo.

— Um inseto — respondi.

— Ele nos chamou de inseto?

— Ele é um idiota.

— Ethan, seja gentil — disse Mel atrás de nós.

Eu passei por uma teia de aranha dez passos à frente. — Argh — murmurei, tirando os fios sedosos do rosto e cuspiendo-os da boca.

— O que é isso? — perguntou Mel, alcançando-me.

— Uma teia de aranha.

— O que será que ela deve estar comendo? — perguntou Neil. — Não tem insetos.

— Talvez eles apareçam à noite.

O barbante não seguia uma linha reta. Em vez disso, serpenteava para a direita e para a esquerda, quase como se a pessoa que o tivesse deixado lá estivesse bêbada. Pensei no assunto e achei que não era improvável. Afinal de contas, Yumi trouxera uma garrafa de vodca consigo. Não era assim que a maioria das pessoas se matava? Com um coquetel letal de álcool e soníferos?

Imaginei a pessoa seguindo o mesmo caminho em que estávamos, com a camisa para fora da calça, os cabelos desgrenhados, um rolo de barbante em uma mão e uma garrafa de vodca ou uísque na outra. Tropeçando enquanto caminhava para a própria morte, balançando para trás e para frente embriagadamente entre as árvores, lágrimas escorrendo pelas bochechas, xingando o chefe, o parceiro ou o mundo de forma geral, sabendo que não sentiriam sua falta.

Chegamos a uma árvore caída. Ela estava meio podre e coberta de limo e fungos. O barbante passava sobre ela, bem no meio. Era larga demais para passar de uma vez só. Tive que me apoiar nela e passar uma perna de cada vez. Ao empurrar o corpo para o outro lado, minha mão esquerda atravessou a casca podre, entrando na cavidade oca logo abaixo. Senti uma dor aguda no pulso e gritei.

— Ethan! — exclamou Mel.

Vários insetos pequenos saíram do buraco. Puxei a mão com nojo. Havia um arranhão vermelho na parte de dentro do pulso.

Mel parou ao meu lado. — Caramba, você se cortou. — Ela examinou o ferimento fino. — Não temos creme antibiótico, curativos nem nada.

— Ecaaa! — gritou Tomo. — Olha esse!

— Que nojo — concordou Neil.

Eles estavam inclinados sobre o buraco. Os insetos ovais estavam por todo lado. Duas centopeias se contorciam para voltar para dentro da casca. Tomo estava cutucando um piolho-de-cobra preto e enorme com um galho. O inseto enrolou o corpo segmentado em uma espiral protetora.

— Cuidado — disse Neil —, eles espirram ácido.

Eu verifiquei o meu pulso novamente. O sangue começara a escorrer livremente.

— Caralho, cara — Tomo gritou para mim —, você parece um suicida.

— Você precisa botar pressão nisso — ordenou Mel. Ela tirou a mochila dos ombros e vasculhou o bolso principal, tirando uma meia branca e entregando-a para mim.

Eu a pressionei contra o ferimento.

— Você precisa segurar assim até o sangue coagular — instruiu ela. — Tem certeza de que está bem?

— Tenho — respondi —, não foi profundo.

— O terreno está um pouco melhor aqui. Montaremos o acampamento e ferveremos um pouco de água para lavar o ferimento, senão você acabará com uma infecção.

Observei a floresta ao redor. Já estava escurecendo, com a folhagem perdendo a vibração e as sombras alongando-se.

— Parece uma boa ideia — respondi.

Tirei a mochila das costas e abri a barraca que trouxera. Diferentemente da barraca tradicional de Neil, uma lona erguida por hastes e cordas e presa ao chão com estacas, a minha era uma cúpula pequena, feita para uma pessoa, mas que serviria para mim e Mel. Eu sugerira que todos trouxessem uma barraca caso as cabanas na subida do Monte Fuji estivessem fechadas. Eu lera na internet que várias delas fechavam em setembro. John Scott, eu percebera quando nos encontramos naquela manhã, não trouxera barraca. Isso era problema dele, na verdade. Ele poderia dormir sob as estrelas ou, se comesse a chover, deitar com Neil, Tomo ou os israelenses. Tudo que eu sabia era que ele não ficaria perto de mim nem de Mel, isso era certo.

Quando acabei de erguer a barraca, Mel ainda estava determinada a ferver água e lavar o meu ferimento cuidadosamente. Mas Neil sacudiu uma garrafa de uísque que trouxera e derramou um pouco sobre o corte. O álcool não ardeu da forma como eu achei que arderia. Mel me deu uma meia limpa, que amarrei em volta do pulso.

— Alguém quer um golinho? — perguntou Neil, levantando a garrafa.

— Quero, cara — respondeu Tomo —, vamos ficar bêbados.

— Eu disse um gole — advertiu Neil. — Fique bêbado com o seu próprio álcool.

— Eu não trouxe.

— Então acho que você não vai ficar bêbado.

Neil pegou alguns copos de papel na mochila e serviu um pouco para mim e para Tomo. Ele ofereceu um pouco para Mel, que recusou.

— *Kampai* — disse Tomo, levantando o copo.

— À natureza — acrescentou Neil.

Pensei sobre o túmulo, a mulher que provavelmente perecera lá, e disse: — À vida.

— À vida — repetiu Neil lentamente.

Nós bebemos.

— Ei — perguntei a Neil —, onde você aprendeu a amarrar duas cordas daquele jeito?

— Eu andava de caiaque na Nova Zelândia. Era como amarrávamos os apoios ao barco.

— Você não anda mais de caiaque?

— No Japão? Não.

— Falando nisso — adicionei repentinamente —, o que John Scott disse a vocês quando nos encontramos lá atrás?

— O que quer dizer? — perguntou Neil.

— Eu o vi parabenizando você e tal.

— Ele disse que fizemos um bom trabalho no buraco.

— Ele falou que, se estivesse lá, teria salvado Mel sozinho?

— Ele não disse isso, Ethan — interveio Mel. Ela estava sentada atrás de mim, sobre uma rocha.

— Era o que ele estava pensando. Dava para notar.

— Você só está com raiva porque ele não lhe deu nenhum crédito.

— Eu não estou nem aí para o que ele acha. O cara é um palhaço.

— Larga do pé dele, Ethan.

Eu me virei para olhar para ela. — Por que você não para de defendê-lo?

— Ele é meu amigo.

— Do ensino médio. Você sabe quanto tempo isso faz? Manteve contato com ele depois disso?

— Um pouquinho.

— Você o viu durante a faculdade?

Ela franziu a testa. — Aonde você está querendo chegar?

— Qual era a dele, tocando em você e fazendo todas essas merdas?

— Do que você está falando?

— Olhando os ferimentos na sua mão e coisas do tipo.

— Ethan, chega.

— Chega o quê? Sabe, eu ainda não entendi por que ele está nessa viagem conosco.

Ela suspirou. — Podemos não voltar a esse assunto?

— Vocês saíam ou algo assim?

Ela se levantou abruptamente e foi para a nossa barraca.

Eu me virei de costas.

Tomo e Neil tentavam não agir como se fosse uma situação estranha.

— O quê — perguntei —, vocês gostam dele?

Eles não disseram nada. Balançando a cabeça, recostei-me na pedra onde Mel estivera e bebi um gole do uísque.

Eu me arrependi de ter mencionado John Scott. Devia ter deixado as coisas como estavam. Mel já estava no limite e estressada. A última coisa de que precisava era de ser acusada de dormir com John

Scott. E se isso tivesse acontecido? Teria sido bem antes de eu conhecê-la. Ela estaria perfeitamente no direito de fazer isso.

Mas, se esse fora o caso, por que ela simplesmente não me contara?

Porque nunca acontecera?

Ou porque havia outra coisa acontecendo...?

Neil e Tomo começaram a debater sobre o melhor filme de ficção científica de todos os tempos e eu fiquei feliz por me distrair escutando-os. Neil disse *2001: Uma Odisseia no Espaço*, sem a menor dúvida. Tomo disse *Tubarão*. Isso deixou Neil indignado porque, segundo ele, *Tubarão* não era ficção científica.

— É, cara, claro que é — reclamou Tomo. — Você já viu um tubarão tão enorme? Nunca.

— É um filme de horror — argumentou Neil. — Terror no pior dos casos.

— A ficção científica finge as merdas, certo? Tubarão falso.

— A ficção científica precisa acontecer no futuro.

— Não necessariamente — retruquei.

Neil olhou para mim. — Não me diga que acha que *Tubarão* é ficção científica.

Eu não achava, mas adorei ver Neil ficar indignado por coisas triviais. Balancei a cabeça. — Não vou me meter nisso.

— Você está sendo tolo, Tomo — disse Neil impacientemente. — Escolha outro filme.

— Eu já disse: *Tubarão*.

— Eu já disse que não é ficção científica.

— Beleza, beleza, deixe-me pensar.

Neil o observou, fazendo uma careta. Tomo continuou pensando.

— E então? — insistiu Neil impacientemente.

— Beleza, já sei. *Tubarão 2*.

Neil fez um som de nojo e levantou-se. Ele deu um passo em direção à barraca dele, deu meia volta e pegou a garrafa de uísque.

— Espere! — disse Tomo. — Espere! *Guerra nas Estrelas*. Melhor filme. *Guerra nas Estrelas*. Volte!

Neil desapareceu dentro da barraca.

— Cara idiota — murmurou Tomo.

— Você não deveria ter implicado com ele — comentei.

— Eu estava brincando, falou? Ele não gosta de brincadeiras?

Eu tinha certeza de que Neil conseguia nos ouvir, não quis deixá-lo mais chateado e apenas dei de ombros. Procurei Mel para ver se ela se acalmara, mas não a vi em lugar algum.

Endireitei o corpo e olhei para a barraca.

— Mel?

Sem resposta.

Varri a floresta com os olhos. Ela parecia fantasmagórica com o anoitecer iminente. Mel não estava à vista.

Eu me levantei.

— Mel?

Nada.

— Mel? — gritei.

— Estou aqui — respondeu ela. Ela parecia estar longe.

— Onde?

Sem resposta.

— O que você está fazendo?

— Eu fui ao banheiro!

— Ah... foi mal!

— Estou com fome — disse Tomo.

— Tenho amendoim na minha bolsa... — parei no meio da frase, mentalmente dando um tapa na própria testa. — Merda.

— O que foi, cara? — perguntou Tomo.

Eu estava balançando a cabeça. — Meu canivete suíço. Acho que o esqueci na cratera, onde cortei a trepadeira. — Deixei o uísque de lado e fui até minha mochila, sabendo que o canivete não estaria lá, mas querendo verificar mesmo assim. Enfiei a mão no bolso principal e tateei em volta.

— Ai! — gritei, tirando a mão da mochila.

Por um momento, achei que o canivete me espetara. Mas a dor se espalhou para a mão inteira, como se eu a tivesse colocado no fogo.

Tomo me perguntou o que tinha acontecido, mas eu mal o escutei. Eu estava olhando para a minha mão com pavor. Ela estava coberta de dezenas de formigas... e todas estavam me picando.

— Caralho! — gritei, sacudindo a mão loucamente. — Caralho, caralho, caralho!

A dor era insuportável. Eu tentei jogar as formigas longe, mas as filhas da puta enterraram as mandíbulas na pele e não se soltaram.

Senti uma picada no tornozelo. Depois, outra. Mais outras.

Olhei para os pés.

Estavam cheios de formigas.

Chutei os Reeboks longe, lançando-os a três metros de distância. Em seguida, tirei a calça *jeans*, tudo enquanto recebia mais picadas nos tornozelos e nas panturrilhas.

Bati nas formigas freneticamente, com a mente a todo vapor.

De onde elas surgiram? Quantas havia?

*E se eu sofresse um choque anafilático?*

Tomo e Neil, que saíram depressa das barracas ao ouvir a comoção, passaram por mim, gritando e batendo os pés, parecendo dois índios americanos fazendo a dança da chuva.

Tomo cutucou a minha mochila com a ponta do sapato e deu um salto para trás. — Ah! — berrou ele. — Quantos bichos!

Neil gritou, batendo no próprio tornozelo.

Na luz fraca, vi uma massa ondulante de formigas debaixo de onde minha mochila estivera.

*Eu a coloquei em cima da merda do formigueiro.*

— Ethan! — exclamou Mel, chegando até mim. — O que está acontecendo?

— Formigas! Afaste-se! Estão por toda parte! Guarde a barraca, temos que sair daqui.

Ela observou o chão perto de nossos pés.

— Eu não vejo...

— Vá logo!

Ela correu de volta para a barraca.

Eu pulei em uma rocha e pedi para que Neil pegasse meus sapatos. Ele os pegou, bateu-os contra uma árvore e jogou-os para mim. Eu os bati contra a rocha por precaução e calcei-os logo em seguida. Minha mão direita estava quente e latejando. Eu a coloquei sob a axila esquerda.

Passamos os próximos minutos desarmando as barracas e guardando as coisas, mantendo-nos bem afastados do formigueiro agitado. Minha mochila estava diretamente sobre o território inimigo, coberta pelas coisinhas furiosas, e decidi deixá-la lá mesmo. Poderia pegá-la no caminho de volta no dia seguinte.

Em seguida, olhando uma última vez para o enxame, demos o fora dali.

Seguimos o barbante branco por mais dez minutos para garantir que ficássemos bem longe do território do formigueiro, e paramos em uma área coberta de folhas esponjosas na base de um abeto de trinta metros de altura.

Vesti novamente a calça *jeans* e examinei a mão. Ela ainda latejava e desenvolvera dezenas de pequenos inchaços. Neil fora mordido algumas vezes no tornozelo e Tomo e Mel saíram ilesos.

Depois que armamos as barracas novamente, Mel passou um pouco de hidratante facial nos meus ferimentos, aliviando um pouco a dor e a irritação. Em seguida, Neil me ofereceu mais uísque, que aceitei feliz.

— Que tipo de formiga você acha que elas eram? — perguntou Mel.

— Não consegui ver a cor delas direito — respondi. — Talvez fossem vermelhas.

— Formigas assassinas — acrescentou Tomo.

— Formigas-de-fogo — disse Neil. — E acho que tivemos sorte de termos saído com apenas algumas picadas. Elas são responsáveis por mais mortes de humanos do que qualquer outro animal predador no planeta. São insetos medonhos.

Eu não queria falar sobre formigas, pois estava muito desconfortável. Deitei a cabeça na mochila de Mel e comecei a pensar em nossa companhia onipresente do Monte Fuji. Estaríamos na metade do caminho naquele momento. Estaríamos nas cabanas do sétimo ou oitavo nível, ou fora delas em nossas barracas, tentando aproveitar algumas horas de sono antes de completarmos a subida final ao topo.

Será que algum de nós ainda teria a energia ou a vontade de escalar o monte no dia seguinte? Eu não sabia. Tinha quase certeza de que Neil e Mel se sentiam mais ou menos como eu: desgastados física e emocionalmente. Aquilo não fora um passeio no parque. Andamos até as profundezas de Aokigahara e passamos por muito mais do que eu imaginara. E, novamente, o que eu, de fato, *esperara*? Uma ou duas horas de caminhada, uma fogueira, *marshmallows* e histórias de fantasmas?

A verdade era que eu queria que aquele final de semana apenas acabasse logo. Estava com frio, com fome, com dor e... vazio. Não sobrara senso de aventura algum em mim, nenhuma curiosidade nem empolgação. Não sobrara nada. Eu estava amortecido.

O susto de Mel no buraco no chão me deixara desanimado, mas o túmulo de Yumi, estava convencido, fora a gota d'água. Até então, fora um jogo de vontade, como ficar de jejum por dois dias ou cruzar um pequeno lago nadando, coisas que se fazia só para ver se era possível. Testemunhar os pertences espalhados de Yumi, no entanto, mostrara, de forma desesperada e patética, que as coisas ali eram reais. As pessoas realmente se matavam naquele lugar. Elas se reuniam como animais, centenas ou milhares no decorrer dos anos, cada uma torturada da própria maneira.

E, em nossa ignorância e nosso egoísmo, fomos bisbilhotar, levados pela morbidez do espetáculo, como motoristas que desaceleram ao passar por acidentes na esperança de testemunhar alguma tragédia.

Deixando esses pensamentos de lado, imaginei-me em um lugar bem distante.

— Você *está na selva*, baby — soou uma voz metálica. — *Acorde. Está na hora de morreeer!*

Eu devia ter apagado por algum tempo, pois, quando abri os olhos, estava completamente escuro e John Scott e os israelenses já tinham voltado. Todos estavam sentados ao redor de uma fogueira que acenderam. Meu telefone continuava tocando, ou melhor, Axl Rose continuava cantando, que fora o que me despertara.

— Ethan? — chamou Mel. — Seu telefone.

— Sim, já acordei. — Eu percebi que minha mão direita inchara e começara a coçar. Ignorando a tentação de coçá-la, remexi no bolso interno do casaco, abri o telefone KDDI amarelo e verifiquei o

visor. Era Derek Miller, o colega de trabalho canadense que rotulara Neil como estuprador em série excêntrico.

Derek e eu tínhamos quase que um ritual noturno. Após sairmos do trabalho às nove da noite, parávamos no Family Mart na rua do colégio, comprávamos algumas latas de cerveja, Kirin ou Asahi, encontrávamos um lugar no fluxo de ternos e saias da estação de Shinagawa e ficávamos lá, evidentemente chamando atenção. Mesmo assim, era algo barato. Uma cerveja em um bar, mesmo em uma espelunca, custava cerca de setecentos ienes ou quase sete dólares, e não era incomum cobrarem dez.

Na verdade, foi durante uma dessas noites de baixo orçamento que conhecemos Tomo, que fazia exatamente a mesma coisa.

Apesar de não ser ilegal consumir bebidas alcoólicas em ambientes públicos no Japão, as únicas pessoas que realmente faziam isso, sem contar o festival nacional e a bebedeira das cerejeiras em Abril, eram os estrangeiros. Os japoneses se preocupavam demais com o que os outros japoneses pensavam. Então, quando meu olhar cruzou com o de Tomo enquanto ele tomava um gole do latão dele, ergui minha lata em um brinde. Ele fez o mesmo, abrindo aquele sorriso brilhante para mim pela primeira vez. Em seguida, ele fez algo bastante incomum para um japonês: foi até nós e começou a conversar. Ele era engraçado, eu e Derek estávamos nos divertindo e compramos outra rodada de cerveja. Cerca de trinta minutos depois, apareceu uma garota com botas pretas de salto alto e minissaia. Tomo a apresentou como Minami e convidou-nos para ir com eles a um bar próximo dali. Acabamos em um bar lotado de belas garotas universitárias. Alguns dos rapazes de lá achavam divertido sair com estrangeiros e compraram para Derek e para mim doses de tequila pelas duas horas seguintes. Tudo de que eu me lembrava foi de acabar em uma sala de karaokê com tema de masmorra e, de alguma forma, de ter voltado para casa perto das duas da manhã, encontrando Mel nada contente.

— Hora da cerveja! — falei no telefone. — Fala a boa!

— Sr. Childs! — respondeu Derek. — Eu não sabia se você teria sinal aí. Já chegaram ao topo?

— Adiamos a subida. Parecia que ia chover.

— Não está chovendo aqui.

— Nem aqui. Não ainda. Alarme falso, eu diria.

Derek riu. — Seus babacas. E o que estão fazendo agora?

— Estamos acampando em Aokigahara Jukai.

— Aokigahara o quê? Espere um pouco. Sumiko está meio louca aqui.

Enquanto Derek e sua namorada quase ilegal e funcionária do Starbucks discutiam acaloradamente, examinei minha mão direita novamente. A dor diminuía e os pequenos inchaços viraram bolinhas brancas. Toquei em uma delas de leve. Ela estava dura e desconfortável. Em seguida, Sumiko pegou o telefone e disse: — Ethan, o que você está fazendo em Aokigahara Jukai?

— Acampando.

— Você não deveria fazer isso. Saia daí agora.

— Não podemos. Já anoiteceu.

— Não é seguro.

— Fantasmas, não é?

— Você deve tomar cuidado aí. E não leve nada daí, entendido?

— Por que não?

— Apenas não faça isso. Eu realmente acho que você não deveria estar aí.

Ela estava começando a me assustar e eu disse: — Posso falar com Derek de novo?

Uma interferência estática soou enquanto o telefone era passado de um para o outro.

— Floresta dos Suicidas! — exultou Derek divertidamente. — Incrível. Como ela é? Você encontrou algum cadáver?

— Escute, tenho que desligar. Contarei tudo quando voltar.

— Se você voltar. Brincadeira, cara. Beleza, até mais.

Eu desliguei, franzindo a testa. Qual era o problema de Sumiko? Eu sabia que o lugar era um tabu para a maioria dos japoneses, mas ela soara aterrorizada. Será que realmente acreditava nas lendas associadas à floresta? E o que quisera dizer sobre não levar nada dali? Isso também fazia parte das histórias? Era motivo para ser amaldiçoado ou algo assim?

Guardei o telefone e fui para perto da fogueira.

— Quem era? — perguntou Mel.

— Derek. A namorada dele acha que somos loucos por estarmos aqui.

— E nós somos.

— Ouvi dizer que você foi atacado por formigas, cara. Como está se sentindo? — perguntou John Scott.

— Estou bem.

— É bom ver que você colocou as calças de volta.

Eu percebi que Nina estava olhando para o chão intensamente, mal conseguindo esconder o sorriso. Fiquei feliz por estar escuro, pois isso escondeu o vermelho das minhas bochechas.

— Sabe — prosseguiu John Scott —, eu já ouvi a expressão "formigas nas minhas calças" antes, mas nunca ouvi falar de alguém que realmente tenha passado por isso.

Ele tinha um sorriso largo estampado no rosto e os outros deram gargalhadas.

— Encontrou algo seguindo a fita? — perguntei para mudar de assunto. Eu me senti um idiota por estar ali, sendo o centro da piada. Também estava indignado por estarem falando de mim pelas minhas costas.

John Scott balançou a cabeça. — Acabou no nada. Talvez fosse uma ligação entre dois pontos. Quem sabe?

Eu sentei ao lado de Mel, que sugeriu que estava na hora de comer. Pegamos a comida que trouxemos de Tóquio ou que compramos na estação de Kawaguchiko, algo parecido com o que almoçamos. John Scott passou várias latas de cerveja, desculpando-se por estarem quentes. Eu recusei a oferta. Queria beber uma cerveja, mas senti que acabaria devendo algo a ele de alguma forma se aceitasse.

A fogueira era reconfortante, mantendo a noite e a floresta à distância. Nós a alimentamos com gravetos que coletamos em nossa jornada até lá e conversamos sobre o dia: as fitas, o sapato, o túmulo. John Scott, parecendo à vontade com uma cerveja em uma mão e um cigarro na outra, inventou uma história inteira para Yumi. Disse que ela era jornalista. Viera até lá para fazer uma história sobre os suicidas e os *yūrei*. Planejava passar algumas noites ali. Fora por isso que tivera que trocar as roupas íntimas. Mas, então, encontrou um homem que fora lá para se matar. Alguém que hesitava. Ela tentou entrevistá-lo, deixando-o com raiva e fazendo com que ele a matasse. Não, melhor ainda. John Scott acrescentou que ele decidira que queria fodê-la. Ninguém jamais saberia. Mesmo se descobrissem, ele se mataria, então não importaria. Logo, ele a estuprou várias vezes, pendurou-a em um galho de árvore e enforcou-se ao lado dela. — Bum! Isso explica tudo — concluiu John Scott orgulhosamente. — A calcinha. O corpo desaparecido.

— E quanto à identidade rasgada? — questionei.

— Que identidade?

— Ah, merda — disse Tomo —, não mostrei a você.

Ele pegou os pequenos pedaços de plástico que tirara do bolso e entregou-os para John Scott. Ben e Nina se aproximaram para ver.

John Scott assoviou. — Ela é linda.

— Não é mesmo? — acrescentou Tomo. — Por que gata se mataria?

— Talvez, sabe, seja uma foto antiga. Ela talvez tenha se ferido em um incêndio e ficou desfigurada — sugeriu Ben.

Nina assentiu. — Ou talvez tivesse um tumor no cérebro.

Olhei para Nina. Ela fora reservada o dia todo e achei que aquela foi a primeira vez que falara em inglês. Ela tinha características aristocráticas, com sobrancelhas arqueadas, nariz aquilino e a boca bem delineada. Amarrara os cabelos em um rabo de cavalo e um cacho caía pelo rosto. Ela me viu observando-a. Os olhos eram grandes, castanhos, quase refletivos na iluminação ruim, como os de um gato... e havia mais alguma coisa neles.

Maliciosos? Sedutores? Ou eu só estava imaginando coisas?

— Qual seria o melhor método para cometer suicídio? — perguntou Ben.

— Cortar os pulsos — respondeu Nina imediatamente — ... em uma banheira com água quente.

— Claro que não — falou John Scott. — Primeiro, isso é coisa de gente baitola. Segundo, demora para sangrar dessa forma. Se você quiser mesmo se matar, será melhor que seja instantâneo. Você não quer sentar e esperar a morte chegar. Isso levaria horas. Eu acho que a solução é enfiar a merda de um cano de uma Glock na boca e apertar o gatilho.

Eu balancei a cabeça. — A maioria das pessoas que tenta fazer isso acaba causando danos permanentes a si mesma e passa o resto da vida em uma cadeira de rodas com um pedaço do cérebro faltando.

John Scott me encarou. — Então, o que você me diz, chefão?

Eu gesticulei vagamente em volta. — Enforcamento, provavelmente.

— É, e se não fazer direito ou a corda se romper, você fica paraplégico.

— Já sei — interveio Tomo —, pular na frente de um trem. Ploft, morreu.

— Isso serviria para você, Tomo — respondeu Neil —, mas está forçando a sua morte a outras pessoas, forçando-as a conviver com a lembrança das suas entranhas espalhadas porque não foi capaz de se matar por conta própria. Sem falar que a empresa de trem, no Japão pelo menos, provavelmente processará a sua família por interromper o serviço.

— E aí? — falei, querendo ouvir a teoria de Neil.

— Pular de uma ponte.

— Isso é tão anos noventa — respondeu John Scott. — Você sabe por que ninguém faz mais essa merda?

— Diga-me — disse Neil de forma fria.

— Porque foi provado que a maioria das pessoas muda de ideia sobre cometer suicídio no meio da queda. Imagine só.

— Como é possível provar isso? — contestei.

— Já provaram, mano. Pesquise.

— E que tal uma *overdose*? — sugeriu Mel. — É indolor, certo?

— Não dá para confiar — respondeu John Scott. — Você passa mal e vomita todas as pílulas. Isso faz com que fique em uma poça do próprio vômito, provavelmente ao lado de uma carta de suicídio, que, considerando que você não morreu, parece bastante idiota.

As chamas do fogo diminuíram para uma altura de menos de trinta centímetros. Eu olhei ao redor do círculo que formamos, mas não vi madeira alguma.

— Essa é toda a lenha? — perguntei.

— Acabou rápido — respondeu Ben.

— Precisamos de uma fogueira — declarou Tomo.

— De fato, precisamos — reafirmou Neil. — O tempo esfriará.

Eu xinguei a mim mesmo por ter dormido em vez de ter procurado lenha mais cedo. Peguei uma lanterna e levantei-me. — Vou procurar um pouco de lenha.

— Vou com você — Ben falou, levantando-se.

— Eu também — declarou Nina.

— Esperem, no escuro? — perguntou Mel. — Vocês podem se perder.

Balancei a cabeça. — Não sairemos de perto do barbante.

Eu a vi considerando a ideia, avaliando as vantagens e as desvantagens. Pelo jeito, o calor e a luz venceram os possíveis perigos, pois ela entregou uma lanterna para Ben.

— Tudo bem, mas não vão muito longe — pediu ela — e tomem cuidado com aqueles buracos.

Se Aokigahara era perturbadora durante o dia, era dez vezes pior à noite e longe da segurança do fogo. A escuridão da floresta nos pressionava como se fosse uma força física. Ben e eu combatemos aquilo com as lanternas, mas só conseguimos mostrar parte do caos que nos rodeava: trepadeiras balançando como cordas, árvores íngremes em ângulos demoníacos, raízes saindo do chão como se estivessem prontas para atacar presas desatentas. E tudo permanecia escondido em um silêncio enlouquecedor. Em contraste, nossos passos estalavam e rangiam, quase que alto o suficiente para acordar os mortos e atrair a atenção dos *yūrei* em um raio de dois quilômetros.

Eu liderei o caminho, nervoso e apreensivo, com Nina atrás de mim e Ben no fim da fila. Estávamos acompanhando o barbante em uma direção que achei ser mais ou menos para oeste, passando por um território não descoberto. Tínhamos levado mochilas para encher de galhos mortos. Eu usava a de Mel e, até então, recolhera vários gravetos e um galho grande que quebrei em três pedaços com o pé.

O terreno começou a subir. Eu me agachei para me mover de quatro enquanto escalava, tomando cuidado para não tropeçar nem cortar as mãos nas rochas vulcânicas. No topo, direcionei a luz para baixo para que Nina e Ben pudessem enxergar melhor.

Em seguida, no meio das árvores, escutei algo. Virei-me instantaneamente um pouco para a esquerda.

— O que foi isso? — sussurrou Nina, movendo-se para mais perto de mim.

Eu balancei o feixe de luz de um lado para outro, mas não vi nada além de troncos de árvores fantasmagóricos. — Achei que tinha ouvido algo.

Ben se juntou a nós. — Foi um animal?

— Não sei.

— Que tipo de animal? — perguntou Nina.

Balancei a cabeça. — Uma raposa?

— Acha que devemos voltar?

— Não encontramos lenha suficiente — declarou Ben.

— Deve ter sido um roedor ou algo parecido — argumentei. — E Ben tem razão. Precisamos de mais lenha.

Começamos a andar novamente, mas agora continuei a conversa. Era reconfortante e agradável escutar nossas vozes. Além do mais, eu queria espantar o que estivesse por lá.

Ben parecia contente em conversar. Ele me contou que nascera em Haifa, que os pais eram judeus argelinos e que se mudara para Tel Aviv aos oito anos. Ele era o terceiro de cinco filhos, formado em economia e passara os últimos anos na Força de Defesa de Israel. Por algum motivo, começamos a falar da Segunda Guerra Mundial e ele explicou que o avô fora assassinado em um campo de concentração, enquanto que a mãe sobrevivera escondendo-se em um convento na Tchecoslováquia.

— O que você fará quando acabar de servir no exército? — perguntei.

— Vou me mudar para Nova Iorque — respondeu ele.

— Ele quer ser ator — comentou Nina.

— É mesmo? — perguntei a ele.

Ele assentiu. — Vários israelenses, sabe, são atores de Hollywood. Mas sempre mudam a nacionalidade para americanos. Eu continuarei israelense.

— Então, talvez seja melhor você se mudar para Los Angeles, em vez de Nova Iorque.

— Você acha que seria melhor?

— Nova Iorque serve mais para atuar na Broadway. Palcos e essas coisas. Se quiser atuar nos filmes, a melhor opção seria Los Angeles.

— Obrigado, Ethan. Quero dizer, por não perguntar por que quero ser ator nem dizer que não posso ser. É o que todos dizem.

Ele pareceu chateado com isso e ficou em silêncio.

— Conte a ele porque você quer ser ator — sugeriu Nina.

— Pela fama, é claro — afirmou Ben—, e por dinheiro. Eu poderia levar meus pais para Los Angeles comigo. Longe de foguetes e combates.

— Ele quer se casar com uma bela americana — disse Nina. — Ele me disse isso uma vez.

— Não disse nada!

— Disse sim. Ele disse que manterá a cidadania israelense, mas que quer se casar com uma americana. Não sei o que dizer dele. É um maluco, eu acho.

— Eu me casarei com você — declarou ele.

Nina bufou.

— E quanto a você, Ethan? — perguntou Ben. — Você é professor, certo?

— Como sabe disso?

— John Scott me contou.

Franzi a testa. — O que mais ele disse?

— Nada. Só que você dá aula para crianças.

— Crianças?

— Não é isso?

— Dou aula para adultos. — Em seguida, por algum motivo, acrescentei: — Vários executivos de negócios, na verdade.

Crianças, pensei. Que porra foi essa? Por que John Scott diria isso? Ele não fazia ideia.

— Às vezes — prossegui, sentindo que tinha que provar algo —, dou seminários para grandes grupos na sede de algumas empresas. Sony. Rakuten. Roche.

— Entendo — respondeu Ben.

Parei de falar. Eu estava fazendo papel de bobo.

— Por quanto tempo você morará no Japão? — Nina perguntou a mim.

— Esse deve ser o meu último ano.

— Para onde você irá?

— Talvez de volta para os Estados Unidos.

— Você continuará a dar aulas lá?

— Acho que sim. Gosto de lecionar.

— Sua família mora lá?

— Meus pais.

— Você não tem irmãos?

Eu hesitei. — Não.

— Filho único. Como é?

— Você se acostuma.

Peguei outro galho, quebrei-o em dois e guardei na mochila.

— John Scott, eu gosto dele. Vocês são amigos há quanto tempo? — perguntou Ben.

— Não somos amigos — declarei —, eu o conheci hoje.

— Achei que fossem amigos. Acho que ele disse que vocês eram.

— Não somos.

Nina contestou: — Mas e Melissa? Ela é sua namorada?

— Melinda, sim..

— Pare! — sibilou Ben.

— O quê? — perguntei, congelando imediatamente.

Nina colidiu com as minhas costas.

— Você ouviu isso? — Os olhos dele estavam bem abertos e brancos na escuridão. — Parecia... não sei. Outro animal?

Ficamos totalmente imóveis por dez longos segundos, mas não escutamos nada.

— Tem certeza de que escutou algo? — perguntei.

— Talvez tenha sido apenas o vento.

*O vento? Não tinha nenhum vento, pensei.*

A floresta era um vácuo maldito.

Tenso por causa da adrenalina, continuei em frente. Ninguém falou por algum tempo e comecei a pensar no que havia de errado com Ben. Havia algo de estranho na forma como ele falava. Estava diferente de antes. Mais intensa, mas... espaçada. Como se estivesse fazendo perguntas apenas por fazer, sem de fato escutar as respostas.

Talvez porque estivesse com medo?

Nina, pelo menos, ainda era ela mesma.

Ela mesma? Eu poderia ter achado graça disso. Eu a conhecera cinco ou seis horas antes e aquela foi a primeira vez que conversamos. De repente, percebi como sabia pouco sobre os israelenses. Eles eram estrangeiros. E eu estava lá, andando no escuro, andando pela floresta com eles, sozinho. E se eles fossem psicóticos? E se pulassem em mim, golpeando-me na cabeça com uma rocha e deixando-me ali para morrer?

Na colina lá atrás, eu notei que Ben não pegara lenha alguma além de um galho de um metro, que usava para afastar a vegetação do caminho ou para bater nos troncos.

— Como vocês se conheceram? — perguntei a eles.

— Nós nos conhecemos na Tailândia — respondeu Ben. — Em uma festa da lua cheia no mês passado. Eu estava com meus amigos e, certa noite, nós nos encontramos na praia.

— Mas depois perdemos um ao outro — acrescentou Nina.

— Pois é. Eu não a vi por uma semana. Depois, enquanto procurava um restaurante em uma manhã, escutei meu nome. Ela estava lá.

— Ele deixou os amigos de lado e ficou comigo — disse Nina.

— Fomos para uma cabana. Surfamos, comemos e assistimos a alguns filmes.

— Vocês estão no Japão há quanto tempo?

— Fazem apenas alguns dias — respondeu Ben.

— Estou em uma viagem pelo mundo — explicou Nina. — Japão era a minha próxima parada depois da Tailândia. Você tem que seguir na mesma direção para dar a volta ao mundo, certo? Ben quis me acompanhar.

— Vocês estão viajando há quanto tempo?

— Mais ou menos quatro meses agora — disse ela.

— E não está ficando caro demais?

— Alugo quartos. Sabe o que quero dizer?

— Você fica na casa das pessoas?

— Sim, você registra uma conta no *site*, diz quando estará em uma cidade e, geralmente, as pessoas respondem e convidam você para ficar na casa delas. É muito fácil conseguir um anfitrião sendo mulher. Mas, quando você está com alguém, as coisas complicam bastante.

— Até agora, no Japão, ficamos em albergues — disse Ben. — É tranquilo.

— Não é perigoso para uma garota alugar quartos dessa forma? — perguntei.

— Noventa por cento das pessoas são maravilhosas — disse Nina.

— Você teve alguma experiência ruim?

— Sim, uma.

Algo em sua voz fez com que eu olhasse para ela por sobre o ombro. Eu não consegui ver a expressão dela no escuro. Queria perguntar o que acontecera, mas achei que não era da minha conta.

— Quatro meses — eu disse, mudando de assunto. — Você não está cansada de viajar?

— Às vezes, mas eu medito. Posso ficar sentada por horas sozinha. É muito relaxante. Queria encontrar algum lugar especial para passar o meu último mês. Sem televisão nem turistas. Apenas para meditar. Ainda não encontrei esse lugar.

— Vocês observaram as árvores? — perguntou Ben com um timbre estranho na voz. Ele ficou balançando a luz da lanterna entre as árvores. — Está vendo como elas estão próximas?

Era verdade. Elas eram menores, mais finas e mais densas.

— Acho que está na hora de voltar — comentou Nina.

Verifiquei o relógio de pulso e fiquei surpreso ao notar que tinham se passado apenas quinze minutos desde que deixamos o acampamento. Se voltássemos após meia hora sem lenha suficiente para durar a noite inteira, John Scott não me deixaria em paz, apesar de não ter sido voluntário para ajudar. — Só mais cinco minutos — disse eu.

Nós nos apressamos. Afastei alguns galhos do rosto. Havia vários galhos secos ali, que juntei rapidamente. Eu estava erguendo o corpo depois de pegar mais um galho quando vi o sangue. Ele fora espirrado no tronco de uma árvore ali perto, na altura do peito.

Eu congelei. Minha pele se arrepiou com uma onda de adrenalina.

Alguém enfiara a pistola na boca e explodira o próprio cérebro contra uma árvore?

Mas onde estava o corpo?

Vi minha mão se estender e tocar no sangue, apesar de uma voz interna não parar de gritar para que eu desse o fora dali. Uma lasca se soltou da casca da árvore. Eu a esfreguei entre o indicador e o polegar, transformando-a em pó. Cheirei-a em seguida.

— Tinta — disse eu meio entorpecido. — É tinta.

Quem espirrara tinta vermelha na árvore? E por quê?

Agindo por algum impulso maluco, sem saber o que estava acontecendo, girei o corpo, com a luz da lanterna cruzando as árvores. Nada. Apenas árvores e mais árvores... *que porra é essa?*

Seis metros à frente, pendurado em um galho por uma fita vermelha de suicídio, estava um crucifixo feito com dois galhos pequenos e um barbante. Em seguida, vi outro. E mais outro depois daquele. Estavam em toda parte. Pelo menos uma dúzia.

Cada um deles estava balançando lentamente com o vento...

*Não estava ventando.*

Fechei meus olhos, aguardei um momento, e abri-os novamente.

Os crucifixos ainda estavam balançando.

Tentei me virar e correr, mas as pernas não responderam corretamente e acabei tropeçando para trás, sacudindo os braços para me equilibrar.

Algo me atingiu por trás.

Com a exceção de insetos, peixes e, talvez, pássaros pequenos, ver uma carcaça apodrecendo sempre é um choque. Não vemos a morte todos os dias e não estamos programados para aguentá-la de uma só vez. Apenas uma semana antes, eu estava andando em uma rua em Tóquio procurando uma loja de *ramen* que Tomo recomendara. Era possível encontrar lojas de *ramen* em praticamente todas as esquinas da cidade, mas as melhores nunca eram anunciadas. Sem sinalização e localizadas em prédios nada chamativos, a única maneira de identificar tais estabelecimentos era pela grande fila de homens de negócios aguardando na frente deles entre onze da manhã e duas da tarde.

A loja de *ramen* específica que eu procurava ficava em algum lugar no labirinto de ruas atrás da

estação de Omachi, perto da linha Yamanote. Tomo dissera que eles tinham um *ramen* com *curry* e queijo delicioso. Eu andei por vinte minutos, temendo ter me perdido completamente, quando notei pelo canto do olho um cachorro morto no lado da rua. Era um filhote de labrador preto. Os lábios estavam retorcidos para trás, mostrando as gengivas cor-de-rosa e os caninos brancos. Ele estava a mais ou menos meio metro de distância.

Ver aquilo me fez pular. Eu não estava assustado, apenas chocado por ver algo morto. Rapidamente, o choque desapareceu e eu o estudei com mais calma.

Ele parecia ter sido atropelado porque o corpo estava aberto com uma mistura de entranhas derramadas para fora. As pernas traseiras estavam quase completamente achatadas. Moscas voavam ao redor dele, dispostas a por ovos na carne estragada.

*A morte, pensei naquele momento, desperta diversas emoções em você.*

Fascinação.

Repugnância.

Tristeza.

Alívio... pelo menos, alívio no sentido de que o que está vendo não é você.

No entanto, eu não senti nada disso, apenas um medo que pareceu entorpecer a mente quando me virei e vi um corpo balançando em uma corda atrás de mim.

Primeiro, notei o cabelo. Era preto, fino e penteado do lado esquerdo por cima do crânio bronzeado para o lado direito. Da testa para baixo, o rosto estava irreconhecível. Era quase como se tivesse derretido. Os olhos tinham sumido, provavelmente devorados por animais, deixando buracos pretos vazios, o esquerdo sendo maior do que o direito. Em volta das órbitas, havia um tecido cinza que um dia já fora pele. Na área do nariz, havia uma pequena abertura triangular. A boca e a mandíbula não pareciam estar lá, apesar de ser difícil dizer com certeza, pois o tecido cinza se estendia pelos ossos do rosto para baixo em filamentos longos, tapando a boca, o queixo e o pescoço e acumulando-se na parte de cima do peito.

O homem optara por usar uma blusa de golfe no dia em que se matara, de cor clara, com listras horizontais. Isso, junto com o grau de decomposição, sugeria que ele provavelmente se enforcara vários meses antes, durante a primavera ou o verão. Preso no bolso dianteiro da blusa havia uma caneta esferográfica. Os braços que saíam das mangas não passavam de pele e ossos. De alguma forma, as calças de cor bege permaneceram no lugar e não caíram da cintura murcha.

O tempo pareceu passar mais devagar enquanto eu processava tudo aquilo, apesar de, na realidade, terem-se passado apenas alguns segundos. Fiquei de costas para a visão tenebrosa e vomitei o que tinha no estômago. Foram necessárias três regurgitadas para pôr tudo para fora.

Enquanto eu estava curvado, com as mãos nas coxas, a garganta ardendo e os olhos lacrimejando, fiquei ciente da comoção ao meu redor.

— Ben! — gritou Nina. — Pare! — Ela agarrou o meu braço. — Ethan, venha!

— Onde ele...?

— Venha!

Ela se afastou.

Eu não me mexi. Estava confuso. O que estava acontecendo? Por que estavam correndo? Em seguida, lembrei-me dos crucifixos, *eles estavam balançando*, e comecei a mancar na direção da qual viemos.

Ben e Nina estavam bem à frente. Eu conseguia ver a luz da lanterna de Ben balançando loucamente enquanto ele corria. Eu corri pela mata densa de árvores altas. Um galho solitário bateu em meus braços

e cortou-me a bochecha. A dor foi intensa, rápida e rapidamente esquecida enquanto eu seguia em frente. Tropecei, caí de joelhos, levantei-me novamente e continuei correndo.

Eu escutava minha respiração ofegante e meus grunhidos de esforço. Via os pés aparecendo logo abaixo, o esquerdo e depois o direito, um após o outro. Em algum momento, as árvores começaram a ficar mais espaçadas e diminuí o passo para uma corrida lenta. Os israelenses estavam muito à frente para que conseguisse alcançá-los. Olhei para trás, sabendo que não haveria nada, mas não consegui evitar mesmo assim.

Meu coração batia tão depressa quanto o de um coelho e respirei fundo várias vezes para acalmá-lo.

*A merda dos crucifixos estavam balançando com um vento que não existia.*

Eu tinha certeza de que não havia vento algum?

*Não ventara nada o dia inteiro.*

Eu tinha certeza?

*Completa certeza.*

Então o que fizera com que os crucifixos balançassem? Fantasmas? *Yūrei*? Devia ter ventado pelo menos um pouco. Fora apenas loucura minha. Eu deixara a imaginação desenfreada. Tinha que ser o vento.

Olhei por sobre o ombro novamente.

— Deve ter sido o vento — sussurrei para mim mesmo.

Luz à frente. Ela piscava para lá e para cá entre as árvores.

— Ei! — chamei.

— Ethan? — respondeu Mel.

— Sim, sou eu.

Quando nos encontramos, descobri que ela estava com Tomo. Ela me deu um abraço apertado. Pensei que me perguntaria sobre o corpo, mas apenas disse: — Temos que voltar para o acampamento. Depressa.

— Por quê? O que houve?

— O Ben. Ele está delirando loucamente.

Eu achei que o acampamento estaria um tumulto. Talvez Ben chutando as coisas, gritando besteiras ou até mesmo uivando para a lua. Mas tudo estava calmo quando saímos das árvores. Neil e John Scott estavam de pé ao lado do fogo que morria. Um pouco afastado, nas árvores, consegui ver as silhuetas de Ben e Nina. Estavam muito próximos, indicando que provavelmente conversavam.

No caminho de volta, Mel me deu um breve resumo do que acontecera. Quando Ben e Nina chegaram, Nina estava bem, mas Ben começou a andar de um lado para o outro e falar coisas em hebraico que ninguém entendeu. Quando Tomo tentou acalmá-lo, Ben o empurrou, derrubando-o. Nina disse a eles que estava tudo bem, que eu estava voltando. Mesmo assim, Mel pediu a ajuda de Tomo e foi me procurar.

— Que merda vocês viram? — John Scott perguntou quando eu me aproximei da fogueira.

— Um corpo — esclareci.

— Só isso?

— O que quer dizer com "só isso"? — retruquei indignado com a apatia dele. Ele ficara sentado ali o tempo inteiro. Não fazia ideia de como podia ser assustador encontrar um cadáver em Aokigahara no meio da noite.

— Ben está tendo um ataque e tanto — comentou Neil.

— Sim, Mel me contou. — Eu pausei, tentando pensar em algo a acrescentar. — Tinha alguns... crucifixos pendurados nas árvores.

— Crucifixos? — perguntou Mel.

— Feitos de gravetos.

— Foi isso que enlouqueceu Ben — perguntou Neil —, esses crucifixos?

Eu balancei a cabeça. — Não sei o que aconteceu. Vimos tinta em uma árvore...

— Uma seta? — questionou John Scott.

— Não, apenas... tinta vermelha. Em seguida, vi os crucifixos. O homem que se matou deve tê-los feito.

— Qual era o tamanho? — Tomo perguntou.

— Dos crucifixos? Não sei, alguns centímetros de altura. Ben começou a gritar em seguida e saiu correndo. Quero dizer, foi muito assustador. Mas a reação dele foi bem exagerada. Ele já estava estranho antes disso...

— Como assim? — questionou Mel.

— A forma como ele estava falando. Sei lá. Não parecia ser ele mesmo.

— Porque o cara comeu cogumelo — revelou Tomo.

John Scott deu uma cotovelada de leve em Tomo.

— Cogumelos? — perguntei. — Cogumelos mágicos?

— Só um pouco — disse John Scott calmamente.

Eu sabia que era possível comprar cogumelos psicodélicos legalmente em lojas por correio e em *head shops* espalhados pelo Japão até alguns anos antes, contanto que promettesse não consumi-los. Mas agora eles eram ilegais e impossíveis de se encontrar. Então, onde Ben os conseguiu? E o que tinha na cabeça ao comê-los naquela floresta, à noite?

— Como sabe que ele comeu cogumelos? — perguntei.

John Scott pegou um Marlboro do maço e acendeu-o. — Eu dei para ele.

Franzi a testa. — *Você* deu?

— Claro.

— E onde você os conseguiu?

— Eu os encontrei.

Por um momento, eu o imaginei encontrando um saco de cogumelos no meio da rua. Em seguida, a ficha caiu. — Você quer dizer que os colheu?

— Isso.

— Aqui, na floresta?

Ele exalou fumaça, assentindo.

— O que você sabe sobre colher cogumelos?

— Fazemos isso o tempo inteiro fora da base.

— Você também comeu?

— Claro.

Eu o observei cuidadosamente. — E você está bem?

— Perfeitamente.

— Mais alguém comeu?

Neil, Tomo e Mel balançaram a cabeça de forma negativa.

— Nina? — perguntei.

— Não — respondeu John Scott.

Olhei em direção aos israelenses. Ben parecia estar balançando para trás e para frente. O braço de Nina estava em volta do pescoço dele.

— Sempre tem um cara que sofre uma onda errada — disse John Scott de forma indiferente. — Como eu disse, ele só precisa de um pouco de espaço e de tempo para voltar ao normal.

— Tipo, oito horas — acrescentei.

— Não posso controlar como as pessoas vão reagir.

— Então não distribua cogumelos, caralho. Você é o quê, um traficante?

— Cara, relaxa.

Eu ficava com mais raiva a cada segundo que se passava. Não era um santo quando o assunto era experimentar drogas, mas a ideia de John Scott de distribuir cogumelos em Aokigahara Jukai era mais do que idiota.

— Sobrou alguma coisa? — perguntei.

— Sim.

— Alguém mais quer comer cogumelos nesta floresta?

Ninguém respondeu.

— E se ele tiver uma reação séria? Como conseguiremos ajuda?

John Scott fez um gesto com a mão. — Cara, você está acabando com a minha onda.

— Estou pouco me fodendo para a sua onda! Comer cogumelos em um ambiente controlado já é arriscado. Agora, um negócio que você colheu? E aqui, no meio do nada? Ele pode entrar em coma...

— Não me venha com esse papo de...

— É verdade!

— Foda-se. Não quero falar sobre isso.

— Ethan... — começou Neil.

— Não, é irresponsável e uma puta de uma idiotice.

— Ethan, John... parem! — gritou Mel. — Apenas parem.

Houve um silêncio longo e tenso.

Desisti de continuar falando, soltei a mochila, larguei a madeira que pegara do chão mais cedo e comecei a preparar a fogueira.

Consegui acender uma fogueira alta com facilidade e sem ajuda de ninguém. Neil abriu a garrafa de uísque novamente, desta vez compartilhando-a livremente com todos. Ele, Tomo e John Scott beberam em silêncio, passando a garrafa para lá e para cá. Mel tentou conversar um pouco, querendo melhorar o clima. Tomo ficou bêbado rapidamente e chamou todos, exceto eu, para brincar de um jogo que envolvia falar nome de atores que já ganharam um Oscar da academia. Aquilo ajudou a aliviar a atmosfera negativa que tomara o acampamento. Ainda estava longe de ser um ambiente alegre, mas já não estava mais sinistro.

Para alguém sob efeito de cogumelos, John Scott agia de forma surpreendentemente normal. Ele não comera tanto quanto Ben ou era uma daquelas pessoas que tinha um bom metabolismo para drogas. Participou dos jogos que Tomo sugeria, conversou com os outros e ignorou-me, algo que não me incomodava. Nina e Ben continuaram isolados. Mel e eu sentamos lado a lado, aquecendo os pés perto da fogueira, com as costas apoiadas em uma rocha. As chamas estalavam e saltavam em nossa frente. Eu as observava quase que em um estado hipnótico, tentando bloquear todos os outros. De vez em quando, uma pequena fagulha cintilava na escuridão, desaparecendo rapidamente. Fiquei imaginando se fora isso que acontecera com Yumi, com o cara que disfarçava a careca e com os outros que decidiram acabar com a vida ali.

Desaparecer.

Qual seria a alternativa? Fantasmas, espíritos e uma vida após a morte? Quisera eu acreditar nessas coisas. Era reconfortante pensar que as pessoas fazem parte de algo maior, que a vida continua de alguma forma após a morte. Mas eu simplesmente não conseguia me convencer disso. Pensava demais na morte. Vivi com ela por tempo demais. Eu a conhecia muito bem.

Ela era o fim e dizer o contrário não mudaria este fato.

O toque de celular do Guns 'N Roses me tirou do meu estado de reflexão mórbida. Tirei o telefone do bolso, achando que era Derek de novo. Olhei para o visor do celular e xinguei baixinho.

— Você não vai atender? — perguntou Neil.

— Não estou a fim de conversar agora.

— Pode ser Honda. Talvez ele queira saber como estamos.

— Não é Honda.

O toque de celular continuou, com a voz aguda de Axl parecendo cada vez mais alta e insistente porque eu me recusava a atender.

— Mas que porra? — reclamou Tomo. — Eu atendo.

Ele tentou pegar o celular, mas eu o impedi.

Finalmente, um tempo impossivelmente longo depois, a maldita coisa parou de tocar.

— Era Derek? — perguntou Mel.

— Não.

— Quem era?

— Por que isso importa?

— Por que você está na defensiva?

— Não estou.

— Talvez seja ex-namorada — disse Tomo.

— E aí? — perguntou Mel na expectativa.

Eu pisquei para ela. — E aí o quê?

— Era uma ex?

— Qual é.

— Qual é o problema?

— Uma pessoa qualquer.

— Shelly?

— Não — respondi, arrependendo-me instantaneamente de mentir.

Mel me estudou.

Tentei ignorá-la.

— Deixe-me ver o seu celular — pediu ela.

— Está de brincadeira?

— Não acredito em você.

— Você enlouqueceu? — Eu estava agindo adequadamente de forma indignada e, provavelmente, parecendo bastante culpado. — Eu não quis atender o meu celular. E daí?

— Deixe-me ver o celular.

Considerarei recusar o pedido dela, mas isso seria admitir que fora Shelly. Eu dei de ombros e entreguei o celular a ela.

— Mac — disse ela, lendo o nome no registro de chamadas. — Quem é Mac?

Eu quase disse a ela que era um rapaz com quem estudei, mas tinha algo nos olhos dela. Ela *sabia*. Estava atraindo-me para uma armadilha.

— Você sabe — respondi.

— Shelly MacDonald?

Eu não respondi.

— Por que você não botou "Shelly" na agenda? Por que "Mac"?

Que merda de interrogatório era aquele? — Porque, se você visse o nome dela — respondi em tom neutro, controlando o meu temperamento —, eu sabia que enlouqueceria, como está acontecendo agora.

— Não estou enlouquecendo.

— Sim, está.

— Porque você mentiu para mim, Ethan.

— Relaxe um pouco.

— Se você simplesmente me contasse que era Shelly quando perguntei, as coisas não seriam assim.

Balancei a cabeça. — Aonde você quer chegar?

— Sério, Ethan? Tenho mesmo que dizer? Beleza. A sua ex-namorada liga, pela segunda vez em um mês, uma pessoa que disse que queria casar com você. Você não atende a ligação e mente sobre quem era. Acho que mereço algumas respostas.

— O que você queria que eu fizesse? Atendesse? O que eu deveria dizer? "Olá, Shell! Fala a boa!"... Nós dois estaríamos fazendo a mesma coisa que estamos fazendo agora assim que desligasse, o que eu queria evitar.

— Eu não teria ficado indignada.

Aquilo era uma enorme mentira. Mel sempre fora ciumenta em relação a Shelly desde quando descobrira as fotografias provocantes dela no meu computador. Isso aconteceu no dia em que eu e Mel comemoramos nosso aniversário de seis meses. Ela estava olhando as minhas fotos, procurando uma nossa para imprimir e fazer um cartão, quando encontrara as fotografias. Eu me esquecera completamente delas e, quando Mel pedira para que fossem excluídas, fiz isso com prazer. Mas, depois daquilo, ela sempre se incomodava não só quando Shelly era o assunto, como também com meus dias de universitário em geral, pois representavam um mundo ao qual ela não pertencia e que conhecia muito pouco.

Então, no mês anterior, Mel e eu saímos para jantar no meu aniversário quando o telefone tocou. Eu não reconheci o número desconhecido e atendi, achando que poderiam ser meus pais. No fim das contas, era Shelly, ligando para mim sem mais nem menos. Eu não falava com ela havia anos. Pedi licença e sumi por dez minutos. Quando voltei, contei a Mel quem era. Mel ficou mau-humorada e o resto da noite foi arruinado.

— Podemos deixar isso para lá? — perguntei em tom cansado.

— Não.

— Você acha que estou tendo um caso que atravessa o Pacífico?

— Quero saber por que ela está ligando novamente.

— Como eu deveria saber? Não atendi.

— Conte-me a verdade, Ethan!

— Ela me ligou no meu aniversário. E ligou essa noite. Duas vezes. Só isso.

— Ela mandou alguma mensagem?

Eu encarei Mel. O que ela sabia? Evidentemente, mais do que demonstrava.

— Você andou mexendo no meu telefone?

— Ele tocou na semana passada — respondeu ela. — Você estava no banho preparando-se para o trabalho. Estava atrasado por causa da festa de Becky no dia anterior. Pensei que era o sr. Kurosawa querendo saber onde você estava. Então peguei o telefone para responder por você. Quer que eu lhe conte o que eu li?

Eu sabia o que ela lera.

— Você não entende — falei com simplicidade.

— Na verdade, acho que entendo.

— Você não sabe de nada! — Balancei a cabeça. — Não acredito que você xeretou no meu telefone.

Você também lê os meus e-mails?

— Eu já disse o porquê de eu ter feito isso. Não tente colocar a culpa em mim.

Neil limpou a garganta. — Talvez devêssemos dar uma caminhada.

— Não, fique aqui — respondi. — Eu vou dar uma volta.

Eu me levantei, peguei uma lanterna e saí.

Ninguém tentou me impedir.

Não me dei ao trabalho de seguir o barbante. Simplesmente saí em uma direção aleatória, com a raiva triunfando sobre o medo que eu sentia da floresta. Fantasmas e ursos eram as últimas coisas que passavam pela minha cabeça. Eu estava pensando em todas as coisas que acabaram de acontecer, recriminando-me pelo modo como lidara com elas. Algum tempo depois, encontrei uma rocha grande e sentei sobre ela. Conseguia ver o acampamento de longe, um pequeno brilho laranja.

Shelly.

Caramba.

Apesar de a fazenda dos meus pais ficar a apenas vinte minutos de carro da Universidade de Wisconsin-Madison, eu optei por morar lá no meu ano de calouro para obter experiência de campus e para conhecer pessoas. Entrei para a Kap Sig no ano seguinte e morava em um pequeno quarto no terceiro andar da casa da fraternidade. Todavia, as festas e bebedeiras infinitas deixaram minhas médias quase negativas. Portanto, durante o verão antes do último ano, eu me mudei para um apartamento de dois quartos com um amigo que não era da fraternidade.

No dia em que conheci Shelly, eu estava em uma loja de conveniência do outro lado da rua onde ficava o meu prédio. Shelly entrou pouco depois de mim, usando óculos escuros, um vestido de verão leve com um grande decote e que mostrava as pernas longas, e tamancos de cinco centímetros de altura. Ela passou por trás de mim em uma nuvem de perfume. Eu a observei por um momento enquanto ela andava até o refrigerador e contemplava os sorvetes.

De repente, George, o dono da loja, gritou: — Ethan, venha aqui, rápido!

Eu me juntei a ele no caixa. Uma pata entrara pela porta da frente da loja, que estava sempre aberta durante os meses de verão, seguida de quatro patinhos dourados. Eles estavam zigzagueando pelo local, parecendo não ter objetivo algum.

— Devem ser do rio — George dissera. — Eles se perderam de alguma forma e vieram para cá.

Eu abri um saco de batatas *chips* que tinha pegado e joguei alguns pedaços no chão. Os animais ficaram enlouquecidos.

— Boa ideia, Ethan! Pegue um pouco de pão também!

George reconhecia publicidade quando a via e ligou para o *The Capital Times*. Um repórter e um fotógrafo chegaram dez minutos depois e tiraram fotografias do evento. Shelly e eu conversamos e trocamos números de telefone. Mais tarde, naquela noite, nós nos encontramos para beber algo. Dois dias depois, fomos a outro bar. No final de semana, jantar e, na segunda-feira seguinte, um pequeno festival em um parque. Após uma semana saindo com ela, ficou claro para mim que estávamos namorando. Eu não sabia como me sentia em relação àquilo. Shelly era muito divertida, mas, com o novo semestre começando em setembro, eu não sabia ao certo se queria namorar outra garota de irmandade. Eu saíra com algumas no passado e sabia como era complicado: festas, saraus de vinho e queijo, festas, bailes formais, festas, bailes semiformais, mais festas. Basicamente, tudo de que eu queria me distanciar.

Todavia, eu ficara confortável com o relacionamento e, depois que Gary morrera em dezembro, Shelly me dera apoio, ajudando-me nos poucos meses seguintes. Nós nos formamos, conseguimos empregos em Chicago e fomos morar juntos. Todos achavam que éramos o casal perfeito. Todos, exceto eu. Eu me sentia preso. Inquieto. Eu me sentia alguém que, na verdade, não era. Os beijos aéreos, as roupas caras, a cocaína que rolava tão livremente quanto a maconha na universidade... nada daquilo fazia parte de mim. Eu não estava preparado para nada daquilo. Foi quando Shelly começou a falar sobre

casamento. Aquilo fez com que eu decidisse. Eu me imaginei trabalhando na mesma empresa, socializando com as mesmas pessoas, fazendo as mesmas idiotices nos dez anos seguintes, só que com crianças, e decidi que tinha que me afastar.

Eu economizara alguns milhares de dólares, suficientes para passar um tempo em algum lugar, mas não queria passar algumas semanas no Caribe. Queria recomeçar. Por algum motivo, a Índia parecera um bom lugar para começar. Era barato, grande e eu poderia sumir por lá durante um ano. O problema era que eu precisaria de um emprego e os únicos cargos disponíveis para estrangeiros ocidentais eram os de gerentes de centros de atendimento, algo que não me interessava e para o qual não tinha qualificação. Mudei o foco para a Ásia e descobri que precisavam muito de professores de inglês.

Fora a melhor opção em retrospectiva, considerando que eu jamais teria conhecido Mel se tivesse sido diferente. Após apenas alguns meses no Japão, o sofrimento da morte de Gary sumira. Eu estava muito melhor mentalmente e, a cada dia e a cada ano que passavam, minha vida antiga deixava de existir.

Mas, claro, o passado sempre encontra uma maneira de voltar à tona.

Dizer que eu me surpreendera quando Shelly me ligara no meu aniversário algumas semanas antes seria uma grande mentira. Não nos falávamos desde que saí de Chicago. E, quando ela disse "Ei, Ethan! Sou eu! Como você está?", eu não fazia ideia de quem era. Continuei a conversar até me lembrar de quem era a voz. Ela me perguntou como era o Japão. A comida, a cultura. Eu conhecera alguma japonesa? Respondi que não para a última pergunta. Eu deveria ter mencionado Mel. Se tivesse feito isso, aquela provavelmente teria sido a primeira e última ligação de Shelly e eu não estaria no dilema em que estava naquela noite. Mesmo assim, eu não mencionara. Para mim, não era da conta de Shelly.

Eu continuara no telefone aquele tempo todo porque esperara ela soltar algum tipo de bomba. Como a morte de algum amigo. Ou que engravidara. Mas, dez minutos depois, ela dissera: — Ótima conversa, Ethan! Depois a gente conversa. Passar bem. — E, simplesmente, aquela conversa surreal acabara.

Alguns dias depois daquilo, ela me enviou um e-mail, três ou quatro parágrafos confusos em que explicou que pensara em mim bastante nos últimos tempos, em nosso tempo juntos, e em algumas coisas que fizemos. Ela nunca disse que queria voltar a namorar, mas aquilo ficou implícito, o que achei bizarro, considerando que eu estava do outro lado do mundo. Ela achava que eu pegaria um voo para lá? Ou que iria para o Japão? Ela terminou com "Saudades. Com amor, Shell".

Eu fiz uma careta porque aquela foi a mensagem que Mel teria lido. O que será que ela pensara? E por que não me dissera nada até aquele momento? Ela me dera o benefício da dúvida? Ou estivera apenas esperando que eu recebesse outra mensagem? Evidentemente, ela ficara apenas observando-me. Talvez na expectativa de me pegar no flagra, assim como fizera aquela noite...

Com esses pensamentos na cabeça, comecei a andar de volta para o acampamento para resolver as coisas.

Eu estava tão concentrado em evitar as árvores, os galhos e os buracos no escuro que acabei não vendo o brilho vermelho da brasa de um cigarro até estar a menos de três metros de distância. A pessoa estava sentada no pé de uma árvore. Eu não consegui enxergar mais do que uma silhueta escura, mas quem fumava além de John Scott? Eu estava preparando-me para lhe dar um susto quando Nina disse: — Ethan?

Eu andei até ela, que estava com os joelhos contra o peito. E o que tinha na mão não era um cigarro. O cheiro era característico e parecia ser *skunk*.

— E aí — falei.

Ela me ofereceu o baseado sem dizer uma palavra. Considerei por um segundo antes de aceitar. Eu não fumava maconha havia anos, pois era tão difícil de conseguir no Japão quanto cogumelos. Todavia, decidi que era exatamente de que eu precisava para arejar as ideias.

Sentei de frente para Nina e dei uma longa tragada. Ela não misturara a maconha com tabaco, o que me deixou contente. Segurei a fumaça nos pulmões até sentir que estava prestes a tossir, exalando-a lenta e uniformemente.

— Onde está Ben? — perguntei.

— Foi para a barraca deitar um pouco.

— Como ele está? — Devolvi o baseado para ela.

— Bem.

— Ele ainda está...?

— Viajando? A culpa é toda dele. Falei para não comer demais. Ele é ganancioso.

— Você estava lá quando ele comeu?

Ela assentiu.

— Onde John Scott encontrou os cogumelos?

— Perto de um tronco de árvore. Isso já aconteceu antes com o Ben, sabe?

— Recentemente?

— Em um luau na Tailândia, tinha um bar de cogumelos. Fomos até lá com alguns amigos e tomamos algumas batidas com cogumelo. Mas, para sair de lá, era preciso descer uma escadaria bem estreita e íngreme que não tinha corrimão. Era bem perigoso, na verdade. Ben ficou com medo e não conseguiu descer. Brincamos dizendo que nós o largaríamos no bar. Ele começou a viajar pesado.

— Por que ele comeria de novo, então?

— John Scott disse que os cogumelos estavam maduros e que ele ficaria bem. — Ela deu outro tapa e passou o baseado para mim.

Inalei profundamente. — Posso perguntar uma coisa, Nina?

— Pode me perguntar o que quiser, Ethan.

— Por que você e Ben quiseram vir para a Floresta dos Suicidas? Não é bem um passeio turístico.

Ela pareceu considerar aquilo. — Ben queria fazer isso.

— Mas por quê? Apenas por fazer?

— Ben... conhecia alguém que se matou. Era alguém bem próximo. — Ela deu de ombros. — Ele ficou obcecado por suicídio depois disso. Ele assiste a filmes, lê livros... tudo. Acho que ele quer entender mais, entender por que as pessoas escolhem esse destino. Quando ouviu falar sobre a floresta, resolveu que queria ver com os próprios olhos. Ver se isso poderia... ajudá-lo a entender. Isso faz algum sentido?

— É, acho que sim.

— E quanto a você, Ethan? Por que está aqui?

— Porque você e Ben nos convidaram.

— Você não tem nenhuma obsessão secreta por suicídio?

Eu hesitei. — Não. Obsessão nenhuma.

— Entendo. Então... o que está fazendo aqui?

— Na floresta?

— Sim, sozinho.

Esqueci que Nina não presenciara o episódio do celular.

— Briguei com Mel.

— Quando?

— Há quarenta e cinco minutos, mais ou menos.

— Você sempre caminha sozinho pela floresta depois de uma briga?

— Não tinha muitas alternativas.

— Você está com a sua namorada há muito tempo?

Achei estranho ela chamar Mel de "minha namorada". Ela sabia o nome dela. Eu não chamava Ben de "namorado dela"... ou chamava? Não conseguia me lembrar. Meus pensamentos estavam meio enevoados.

Ofereci o que sobrara do baseado. Ela balançou a cabeça e eu o apaguei.

— E aí? — insistiu ela.

— Qual era mesmo a pergunta?

— Faz quanto tempo que você e sua namorada estão juntos?

— Cerca de cinco anos.

— Você é americano?

— Sim.

— Nunca namorei um americano.

Pestanejei.

— Namorei um alemão, um italiano... hmm... e um grego. Nenhum americano.

Comecei a rir baixinho. Eu não queria que os outros no acampamento escutassem.

— Qual é a graça?

— Não sei.

— Talvez você só esteja doidão.

— Acho que sim.

— E você?

— E eu o quê?

— Já namorou uma americana?

— Sim, namorei uma americana. Mel é americana.

— Ah, entendi. Quem mais? Quais outras nacionalidades?

— Nenhuma — respondi.

Foi a vez de Nina rir.

— O quê? — perguntei.

— Você é um virgem mundial, Ethan.

— Virgem mundial?

Ela assentiu.

Acho que eu era.

— Ei — falei —, estive pensando... você disse que teve uma experiência ruim ao alugar quartos. O que aconteceu? Quero dizer, se for pessoal ou algo assim, não precisa me contar...

— Não, Ethan, eu posso contar. Está no passado. — A expressão dela estava pensativa, como se estivesse processando a história na cabeça, ou pelo menos pensando em como começar. Ela continuou:

— Eu estava no Paquistão, indo para a Índia. Uma anfitriã em Nova Deli disse que eu podia ficar na casa

dela. Achei que ela era uma mulher solteira, mas acabou que era uma família inteira. Um marido e quatro filhos. O lugar era pequeno, mas eram pessoas bem legais. Cozinham para mim todos os dias.

— *Curry?* — Pensar em um bife de vindalho ou em um frango indiano na manteiga me fez perceber o tamanho da minha fome. Eu poderia comer uma pizza inteira.

— Sim. Eu comi bastante. Era tudo vegetariano. Bem saudável. Eu só planejava ficar alguns dias em Deli porque queria visitar Agra e, se tivesse tempo, Jaipur. Mas eu estava gostando tanto de passar aquele tempo com eles que acabei ficando a semana toda.

— Você nunca foi ao Taj Mahal?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Você também sabia que deveria ter uma construção preta?

— O que aconteceu com ela?

— Acho que o xá mudou de ideia.

— Acho que é um mito.

— Não é um mito.

— Você tem mais fatos interessantes para me contar?

— Já acabou com as gracinhas?

— Vai continuar me interrompendo?

— Prossiga.

— *Então* — disse Nina com ênfase, fingindo estar aborrecida comigo, ou pelo menos achei que estava fingindo —, meu destino seguinte foi a China. No dia anterior ao meu voo, o irmão da mulher apareceu para o jantar. Ele ficou bêbado e passou a noite lá.

— Os hindus bebem álcool?

— Mas é claro, Ethan. O hinduísmo não proíbe nada. Não há carma ruim para quem bebe com moderação. Você está confundindo com islamismo.

— Não, não estou. Eu sei a diferença entre hinduísmo e islamismo.

— Tem certeza?

— Total.

— Porque os muçulmanos governaram a Índia por muito tempo. Talvez seja por isso que você se confundiu com a diferença entre as religiões.

— Não me confundi. Eu só achei que... — Balancei a cabeça. — Esqueça. — Eu estava muito chapado para saber se ela estava apenas brincando comigo, apesar de suspeitar que sim. — Então você foi à China? — perguntei para dar continuidade.

— Você não para de me distrair.

— Foi mal.

— Você disse que não faria mais isso.

— Não farei.

— Espero que não. — Ela cruzou as pernas em frente ao corpo. — O quê? O que tem de errado?

— Ahn?

— Você estava olhando para as minhas pernas.

— Ah. — Senti as bochechas quentes. — Você ainda está de *shorts*. Eu... estava pensando se não está com frio nas pernas.

— Elas estão bem, Ethan.

Respirei fundo e tentei agir normalmente. — E o que aconteceu com a sua família?

— Depois do jantar daquela noite, sobre a qual eu estava falando antes de você querer saber se minhas pernas estavam geladas, fui para a cama cedo porque tinha um voo cedo na manhã seguinte. O irmão que passou a noite era motorista de táxi e ofereceu-se para me levar ao aeroporto. O táxi estava

estacionado bem em frente à casa. Parecia perfeitamente seguro. — Ela olhou para mim como se eu fosse contestar aquilo.

— E?

— Nova Deli é uma cidade grande. Eu não fazia ideia de onde ficava o aeroporto. Tudo parecia a mesma coisa para mim. Mas, quanto mais tempo andávamos, mais eu sentia que não estávamos seguindo na direção certa.

— Por quanto tempo você ficou andando de carro?

— Até então, vinte ou trinta minutos. O trânsito daquela cidade é péssimo. Mas era bem cedo, sem tantos carros assim. Já devíamos ter chegado ao aeroporto. Quinze minutos depois, eu tinha certeza de que não estávamos perto do aeroporto e pedi para ele parar. Ele parou em um beco. Eu estava com muito medo naquele momento, mas tinha uma mochila enorme, não poderia fugir. Quando saí do carro, ele me agarrou e... — Ela pausou por um momento. — Ele me pressionou contra o carro e levantou o meu vestido. Eu tentei gritar, mas meu peito estava tão apertado que não consegui fazer barulho algum. Enquanto ele abaixava as calças, eu o empurrei e, sem brincadeira, Ethan, dei um golpe de caratê na garganta dele. É o melhor jeito de parar um agressor. Na virilha, no pescoço ou nos olhos. Eu dei um golpe de caratê nele desse jeito — ela demonstrou o golpe, parando pouco antes de machucar o meu gogó — e ele me soltou.

— Caralho. Você contou à polícia?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— O cara tentou estuprar você!

— Se eu contasse à polícia, acabaria ficando em Nova Deli por muito tempo. Naquele momento, eu só queria ir embora. Além do mais, seria a minha palavra contra a dele.

Eu meio que conseguia entender. Ela não quisera ficar presa em uma nação subdesenvolvida. E a Índia era a Índia, uma sociedade patriarcal. As autoridades poderiam descartar a história dela em um piscar de olhos. Mesmo assim, parecia incompreensível o rapaz simplesmente ficar impune.

— E quanto à irmã dele, a que hospedou você? Ficou sabendo sobre o que aconteceu?

— Eu pensei em contar, mas, quando aterrissei na China e estava com o meu outro anfitrião, parecia que tudo acontecera muito tempo antes, em outro mundo. Depois de ter sido tão gentil comigo, não achei que podia contar a ela o que o irmão tentou fazer.

— E se ele agredir mais alguém?

— Eu sei, Ethan. Não estou feliz com o resultado das coisas. Às vezes, a vida é assim. — Ela deu de ombros. — Enfim, essa foi a minha experiência com os aluguéis.

— Eu não sei o que dizer. Eu... espero que esteja bem com isso.

— Obrigada, Ethan.

Eu assenti de leve. Não sabia mais o que fazer. Eu não era bom com condolências. Isso porque, desde a morte de Gary, eu estivera do outro lado e sabia muito bem como eram incômodas e triviais.

— Ei — falei, lembrando-me de algo —, quando estávamos pegando lenha e encontramos aquele corpo...

— Você passou mal.

— Eu esbarrei nele. Toquei nele. O cheiro...

— Entendo.

— Você e Ben viram os crucifixos pendurados nas árvores?

— Crucifixos? Não.

— Nenhum?

— Vimos a tinta na árvore. Nós a estávamos examinando quando ouvimos você gritar. Foi quando vimos você empurrando o corpo para longe. — Ela riu baixinho.

— Você acha que aquilo foi engraçado?

— Parecia que você estava dançando com ele. Foi o que achei. Que estava dançando com ele. Em seguida, você virou e vomitou.

— Então Ben enlouqueceu por causa do corpo?

— Você já comeu cogumelos?

— Sim.

— Imagine estar sob o efeito deles e ver um cadáver, especificamente um parecido com o que nós vimos. Acho que eu teria reagido da mesma forma. E os crucifixos de que você falou?

— Eles eram feitos de gravetos. Tinha pelo menos uma dúzia deles, pendurados nos galhos. — Eu hesitei. — E eles estavam se mexendo.

— Mexendo?

— Balançando de um lado para o outro. Como se estivesse ventando. Mas eu não me lembro de vento nenhum.

Nina franziu a testa. — Você está tentando me assustar, Ethan?

— Não...

— Essa é mais uma história de fantasma?

— Foi o que vi. — Balancei os ombros. — Não sei. Deve ter sido o vento.

— Forte o suficiente para balançar os crucifixos? Você teria ao menos sentido.

— Não tem outra explicação.

— Tem, sim. Você só não quer reconhecer o que pode ter sido. — Ela pegou a câmera do bolso, entregando-a para mim. — Tem uma fotografia que quero mostrar a você.

Eu liguei o aparelho e pressionei o botão de reprodução. Uma fotografia de Tomo, Neil, John Scott e Mel apareceu. Eles estavam sentados no acampamento.

— Essa em que estão todos sentados ao redor da fogueira? — perguntei.

— Essa mesma.

— Quando você tirou essa foto?

— Um pouco antes de você sumir.

— O que tem ela?

— Você verá.

Eu avalei a fotografia cuidadosamente. Tinha fumaça subindo da fogueira atrás deles, tapando a maior parte do lado direito da foto, e tinha algo que... não era fumaça. As bordas eram muito limpas, muito definidas, e tinha uma cor levemente diferente, mais clara, quase branca.

— Você viu? — ela perguntou.

— Você acha que é um fantasma?

— Não sei o que é. O que acha?

Um calafrio desceu pela minha espinha, como se um dedo gelado tivesse encostado na minha nuca. Crucifixos balançando e, agora... aquilo?

— Não acredito em fantasmas — declarei.

— O que é então?

Eu não tinha uma resposta. Usei a função de *zoom* para ampliar a imagem. Quanto mais eu olhava, mais achava que conseguia ver a vaga formação de um rosto.

— Um reflexo de luz? — sugeri.

— Está de noite, Ethan.

— Lente suja?

— Eu tirei outras fotografias. Pode olhar, as marcas só estão nessa aí.

Pressionei o botão para avançar para a direita. Havia várias fotografias da floresta, incluindo uma da gaiola de cachorro e várias placas pelas quais passamos em nossa caminhada. Tinha uma do Monte Fuji

que parecia ser de uma janela de trem. A estátua de bronze do famoso cão Hachioji, que era um ponto de encontro famoso na estação de Shibuya.

Nina nua.

Ela de pé em um quarto de frente para um espelho de parede. Uma toalha branca enrolada na cabeça. As costas e a metade superior das nádegas estavam visíveis.

Eu devia ter desligado a câmera. Em vez disso, avancei mais para a direita. Nina de novo, daquela vez Nina com a mão na direção da câmera, como se estivesse tentando impedir que a fotografia fosse tirada. Aquela não deixava nada para a imaginação.

A próxima era de Nina de sutiã e calcinha escovando o cabelo. A próxima era de um grande avião pousado no portão de embarque de um aeroporto.

Voltei para a fotografia do acampamento e do suposto fantasma. Eu pigarreei. — É, não sei o que dizer.

— Está vendo, a lente não estava suja.

Eu devolvi a câmera para ela. — Não...

— Mas você acha que deve ter uma explicação racional.

— Você não acha?

— Talvez sim, talvez não. Estou doida demais para pensar em explicações racionais agora.

Lembrei de como eu me sentira antes do anoitecer, quando entramos na trilha secundária. Dos formatos que eu achava que conseguia ver nos troncos de árvore retorcidos e nos emaranhados de raízes.

— Estamos projetando — disse.

— Oi?

— Tipo quando você vê uma girafa ou um elefante nas nuvens. Eles não estão ali, de fato. Mas você quer vê-los, então você projeta.

— Você estava projetando quando viu os crucifixos balançando?

— Não sei. — Dei de ombros. — Acho que provavelmente sim, estava.

— Sabe, Ethan — disse Nina com um sorriso esperto —, você é um péssimo mentiroso.

Passei mais meia hora conversando com Nina. Nem eu, nem Nina mencionamos as fotos em que ela estava pelada, apesar de nós dois sabermos que elas estavam na câmera. Em seguida, o meu telefone tocou.

Eu o tirei do bolso, xingando a mim mesmo por não tê-lo desligado. A última coisa de que precisava era Mel achando que eu estava falando com Shelly no meio do mato. Eu olhei para a tela e hesitei. Era um número bloqueado.

Pressionei o botão para atender. — Alô?

Silêncio.

— Alô?

Uma voz meio rouca: — Por que *tá* na minha floresta?

Por um momento, não consegui respirar, muito menos responder... até chegar à conclusão de que era Derek. Tinha que ser Derek tentando me assustar. — Vá se foder, Miller — respondi. — Eu sei que é você.

— Por que *tá* na minha floreeessta?

*Não era Derek, não parecia nem um pouco com ele.*

— Quem é? — exigi uma resposta.

Um barulho discagem.

Olhei para o telefone, gelado até os ossos.

— Quem era? — perguntou Nina preocupada.

- Um... amigo.
  - Você perguntou quem era.
  - Ele estava tentando me assustar.
  - O que ele disse?
  - Ele perguntou por que eu estava na floresta dele.
  - Cruzes, Ethan! Era mesmo o seu amigo?
  - Quem mais seria?
  - Verifique o número.
  - Estava bloqueado.
  - Você reconheceu a voz dele?
  - Não... sim. Ele estava disfarçando a voz.
  - Como era?
  - Era... um sotaque japonês.
  - Assustador?
  - Sim.
  - Tipo um fantasma japonês?
  - Como é o som de um fantasma japonês?
  - Não tem graça.
  - Eu sei. Descerei o cacete nele quando o vir.
  - Isso *tá* errado, Ethan. Muito errado.
  - Nina, está tudo bem... acalme-se.
  - Tem certeza de que era o seu amigo?
  - Sim... absoluta.
  - Ligue para ele.
  - Não dá para ligar para números bloqueados.
  - Ligue para o número dele.
- Concordando, disquei o número. Após sete toques sem atender, desliguei.
- Está vendo? — insinuei. — Ele sabe que eu sei e não atenderá.
  - Espero que tenha razão.
  - Quem mais seria?
  - Talvez tenha sido um...
  - Não, não foi... Nina.

Meus olhos tinham ficado secos e as pálpebras baixas por causa da maconha e o trote de Derek me assustara ao ponto de acabar com a minha brisa. Portanto, falei para Nina que queria dormir. Quando voltamos para o acampamento, a fogueira era praticamente carvão em brasa. Todos já tinham ido para as barracas. Olhei em volta, procurando John Scott, imaginando se ele fora dormir. Não o vi em lugar nenhum.

Coloquei o telefone na mochila de Mel para que não rolasse sobre ele enquanto dormia e entrei em nossa barraca, na esperança de que ela não sentisse o cheiro da maconha em mim. Ela estava encostada em uma das paredes debaixo de um daqueles cobertores térmicos espaciais. Eu nunca usara um e estava curioso para saber se eles aqueciam ou não. Tirei os sapatos, levantei o cobertor e deitei ao lado dela, com cuidado para não ficar próximo demais.

— Ei — falei gentilmente.

Ela não respondeu.

— Está acordada?

- Não.
- Quero explicar sobre a Shelly...
- Não fale o nome dela.
- Quero explicar sobre *ela*...
- Agora não.
- É importante!
- Não quero saber.
- Quando?

Nada.

— Mel?

— Boa noite.

Eu quase expliquei mesmo assim, mas não quis arriscar acabar sendo expulso da barraca. Virei o corpo para ficar mais confortável. O chão estava duro. Até então, eu não detectara nenhum benefício de calor do cobertor.

Deitado no escuro, ainda completamente acordado, pensei em Mel, em nosso relacionamento e imaginei como as coisas ficaram uma merda tão depressa. Após repensar nossa discussão de antes, afastei o assunto da mente, dizendo a mim mesmo que ele se resolveria na manhã seguinte.

Meus pensamentos mudaram para Nina. Não conseguia me livrar da sensação de que ela sabia que as fotografias estavam na câmera, que não se esquecera delas e quisera que eu as visse.

Mas por quê?

Uma fantasia surgiu na minha cabeça. Nina e eu de volta onde fumamos o baseado. Ela me entregava a câmera e pedia para eu ver as fotografias dela. Desta vez, no entanto, eu falava sobre elas.

— O que acha, Ethan? — perguntava ela.

— Você tem um belo corpo.

— Gostou dos meus peitos?

— São demais.

— Quer vê-los de verdade?

Nesse momento, ela levantava, levando-me ainda mais para o meio da floresta, onde começávamos a despír um ao outro. Mas, quando eu tirava as roupas dela, via um corpo seco e em putrefação, nada além de ossos envoltos em pele cinza e caída...

Abri os olhos. Eu pegara no sono, passando por aquele mundo obscuro onde se está acordado e dormindo ao mesmo tempo. Mesmo olhando para a escuridão, enxergava o corpo do homem enforcado. Uma sensação fria, viscosa e quase paralisante me dominou, como se a morte tivesse me seguido até a barraca. Eu quis abraçar Mel, sentir o corpo, o calor, a presença dela. Mas não podia. Estávamos brigados por causa de uma infidelidade idiota e inexistente.

Fechei os olhos e rolei para o lado.

A manhã ainda estava muito distante.

Estávamos na cozinha comunitária da casa de hóspedes em Shinagawa. Eu estava no fogão, cozinhando café da manhã para mim e Gary. Os ovos na frigideira estavam mexidos, como Gary gostava, com bastante *bacon*. Ele estava sentado na mesa: cachos pretos, nariz reto, olhos verdes com manchas douradas. Usava o uniforme branco e marrom dos Hershey Bears, com um "C" de capitão na parte da frente da camisa e o número 14 nas costas. Ele inclusive estava de patins, com protetores de borracha nas lâminas. Vestir-se em casa antes de um jogo ou treinamento era algo que fazíamos quando crianças. Aquilo dava aos nossos pais, que frequentemente estavam de ressaca nas manhãs dos fins de semana, tempo a mais para dormir.

— Por que você já se vestiu, Gare? — perguntei a ele. — Você não faz isso desde a liga da casa.

— Tenho um treino agora de manhã, cara.

— Mas por que você não se veste na arena?

Ele franziu a testa. — Porque estou atrasado.

— E daí? É só um treino.

— Não, cara. Estou atrasado para outra coisa.

— Para o quê?

— Tenho um compromisso.

— Que compromisso?

Ele franziu a testa ainda mais: tristeza ou medo, não soube diferenciar. — Não posso falar. — Ele se levantou. — Obrigado pelo café da manhã. Tenho que ir.

Um pavor fatal me dominou, pois eu sabia que ele não voltaria do lugar para onde iria. — Espere! Gare! Você não comeu o café da manhã ainda. Pelo menos coma.

— Não queime os ovos, cara.

Depois disso, ele sumiu. Olhei para onde ele fora, querendo que voltasse. Em vez disso, Nina apareceu, saindo do corredor, e entrou no chuveiro que ficava logo depois da cozinha, perto das máquinas de lavar que funcionavam com moedas. Uma camiseta da marinha flutuava lentamente sobre corpo dela, acabando no meio das coxas.

— Bom dia, Ethan — cumprimentou ela.

— Olá, Nina — disse, animando-me. — Você acabou de perder meu irmão, Gary. — Queria que ela o tivesse conhecido.

— Ah, é uma pena.

— Você quer café da manhã? Tem de sobra.

— Uma torrada serve. Onde está a sua namorada?

— Não sei. — Eu realmente não sabia. Mel não dormira no nosso quarto. Eu deveria estar mais preocupado, pois ela nunca passara a noite em algum lugar sem me avisar. Mas eu não me preocupei. Sabia que ela ainda estava chateada por causa da história de Shelly e não queria lidar com nada daquilo naquele momento.

— Você deveria se casar com ela, Ethan.

— Eu sei.

— Você está pronto?

— Não sei ao certo.

Nina desapareceu no cubículo do chuveiro. A água fez um barulho surdo pelos encanamentos velhos do prédio. Eu estava sozinho mais uma vez.

Mexi os ovos e virei o *bacon*. Depois, coloquei duas fatias de pão branco na torradeira. Pão integral era algo tão difícil de se encontrar no Japão quanto maionese de verdade ou pasta de dente com flúor.

Nina começou a me chamar. Ela precisava de uma toalha.

Peguei uma em meu quarto e bati na porta do chuveiro.

— Está destrancada.

Eu abri. Tinha uma pequena área onde se podia trocar de roupa e o chuveiro propriamente dito. Nina estava sob a corrente de água, usando um biquíni branco. Pendurei a toalha no cabide de roupas.

— Você está surpreso? — perguntou ela a mim.

— Com o quê?

— Por eu estar com roupa de banho.

— Não — respondi, apesar de estar. Desapontado também.

— Você quer que eu tire?

O vapor subia ao redor dela. Eu conseguia sentir a umidade.

— A sua torrada já deve estar pronta.

— Tchau, Ethan.

Eu continuei lá por um momento, sem querer ir embora, mas ela me ignorou. Fechei a porta e voltei para o fogão. Coloquei ovos e o *bacon* em um prato e duas fatias de torrada em outro.

Nina saiu do chuveiro com a toalha que eu lhe dera enrolada no corpo. Quando ela se sentou à mesa, a toalha escorregou pelo busto e parou na cintura dela. Ela não usava mais o biquíni. Ela não pareceu notar nem se importar com os peitos expostos e eu senti algo parecido com um *déjà vu*. Novamente, no entanto, preferi permanecer em silêncio. Enquanto comíamos, ela me contou sobre a vez em que quase fora estuprada. No meio da história, escutei algo do outro lado da porta de vidro deslizante que abria para uma sacada. As cortinas estavam fechadas e eu não conseguia ver o outro lado. O barulho continuou. Pareciam passos. Como se alguém estivesse andando sobre folhas secas.

— Você não vai ver quem está lá? — perguntou Nina.

Eu congelei, indeciso. E se fosse Mel? Se ela visse Nina seminua na mesa comigo, certamente enlouqueceria. Mesmo assim, senti-me obrigado a verificar.

Eu me levantei e abri a porta...

Acordei novamente, recordando os últimos momentos do sonho. A cozinha da casa de hóspedes. Gary. Nina. Mel... era ela na porta? Não tive a chance de ver. Enquanto a imediação do sonho se distanciava, lembrei-me de onde eu estava.

Eu rolara na direção de Mel durante a noite e estávamos de conchinha, com meu braço direito sobre ela. Ou ela estava com um sono bem pesado e não estava ciente da minha transgressão, ou notara em algum momento, mas não se importara. Eu rezei para que fosse a segunda opção.

Escutei um barulho do lado de fora da barraca e enrijei o corpo, alerta.

Fora aquilo que me acordara?

Eu permaneci completamente imóvel, apenas ouvindo.

Pegadas.

A atenção se transformou em completo medo.

Eu senti. O cobertor térmico caiu e o alumínio vaporizado estalou diversas vezes, fazendo muito barulho.

Mel não se mexeu. Prestei atenção mais uma vez, mas não escutei nada.

Eu estava prestes a abrir a frente da barraca, apesar de não ter criado coragem para isso.

E se fosse... o quê?

Um *yūrei*?

Eu me repreendi por estar agindo como se tivesse seis anos. Era apenas alguém indo urinar. A pessoa estava nas árvores agora e voltaria a qualquer minuto. Escutaria a pessoa voltar para a barraca dela.

Deitei novamente, completamente alerta.

— O que está fazendo? — perguntou Mel sonolenta.

— Ouvi algo lá fora.

— O que era?

— Alguém indo ao banheiro, acho.

Ela não respondeu.

Um minuto lentamente se transformou em dois, depois três. Em seguida, quatro.

Será que era um chamado do trono, em vez da bexiga?

Quando dez minutos se passaram e tudo permaneceu em silêncio fora da barraca, comecei a achar que imaginara o barulho.

Não... com certeza não fora a minha imaginação.

Será que fora um animal, então?

Devia ter sido algum bicho grande.

Um urso? Um veado?

Talvez, mas eu não estava convencido. Eu tivera a impressão de que os passos foram lentos, com a intenção de não fazer muito barulho.

*Sério? Você estava meio que dormindo. Pare de se assustar.*

Fechei os olhos e segui meu próprio conselho.

Pela névoa de sono, ouvi Nina chamando o nome de Ben. Eu não me lembro de quantas vezes ela chamou nem dos intervalos, apenas que continuava repetindo o nome dele sem parar. Por um momento, achei que pudesse estar sonhando, mas a realidade lentamente penetrou a minha sonolência, dizendo que eu deveria provavelmente levantar, que algo poderia ter acontecido. Relutantemente, eu me sentei. Estava meio escuro. Não havia o brilho ensolarado do dia, apenas luz cinza e filtrada de outra manhã nublada.

Mel não estava na barraca. Eu não a ouvira levantar, o que significava que meu sono fora bem pesado. Aquilo me surpreendeu porque, após escutar os passos no meio da noite, eu descansara de forma inquieta, semiacordado pela combinação dos passos, do chão duro e do clima gelado. Além disso, Mel se remexera, virara e falara enquanto dormia, algo que nunca fizera. Aquilo me fez pensar se ela estava tendo mais pesadelos relacionados àquele buraco.

Empurrei o cobertor térmico para o lado e esfreguei os braços para aquecê-los, percebendo que minha mão direita inchava ainda mais durante a noite. As pústulas viraram bolhas transparentes com um líquido leitoso. Ainda coçavam muito, especialmente as bolhas nas dobras da palma e entre os dedos. Novamente, no entanto, eu resisti à tentação de coçá-las. Se rompesse alguma delas, haveria uma chance ainda maior de pegar uma infecção naquele lugar.

Rastejei para fora e fiquei de pé. A floresta parecia deserta e tão diabólica quanto no dia anterior, mas aquilo não me incomodou. Conseguimos sobreviver à noite e iríamos embora. Aleluia.

Eu vi a respiração criar uma nuvem de vapor. A fogueira estava acesa e o cheiro de fumaça fez com que eu me sentisse semi-humano. Tomo e Neil estavam sentados lado a lado. Neil lia um livro, pois sempre carregava alguma coisa que não fosse ficção, enquanto Tomo folheava um de seus mangás. Ele dizia que eram histórias de ficção científica ou terror, mas, sempre que eu olhava para uma página por sobre o ombro dele, havia uma coisa traumatizante acontecendo com uma mulher de peitos grandes e roupas apertadas.

John Scott estava encolhido na base de uma árvore próxima. Ele parecia volumoso, como se tivesse colocado roupas extras sob a jaqueta de couro. Usava a mochila como travesseiro. Eu devia ter passado direto por ele na noite anterior, antes de deixar Nina.

Mel estava a vinte metros de distância, sentada em uma rocha e de costas para nós.

— E aí — pigarrei, sentindo a minha garganta ressecada. — Bom dia.

— Bom dia, Ethan — respondeu Neil —, quer um pouco de café? Vou preparar mais agora.

Notei que todos estavam com um copo de papel por perto cheios de café preto. Aquilo instigou o meu olfato e, de repente, consegui sentir o aroma forte e rico.

— Adoraria.

Neil colocou o bule diretamente nas chamas de forma que o cabo preto de plástico não derretesse. — Infelizmente, esse é o resto da água.

— Não vamos ficar por aqui.

Tomo tirou os fones de ouvido. — E aí, cara. Dormiu até tarde.

Olhei para o relógio. — São apenas sete e meia. — Olhei para Mel novamente. Ela conseguia me ouvir? Por que não estava olhando para nós?

— Os dois namoradinhos ainda estão brigados? — perguntou Neil, mexendo o café instantâneo em um copo.

— Acho que sim.

— Porque você é baitola — declarou Tomo.

— Porque Mel e eu entramos em uma discussão?

— Sim, e porque você correu para meio do mato e chorou como menininha. Você tem que ser mais homem, sabe? Fale para ela que você pode falar com a vadia que quiser.

— Obrigado pelo conselho, Snoop.

— Você sabe muito bem.

Nina gritou o nome de Ben mais uma vez de algum lugar nas árvores.

— O que está acontecendo com Ben? — perguntei.

Neil deu de ombros. — Ele não apareceu desde que acordamos.

Eu franzi a testa. Aonde ele fora? Dar uma caminhada... sem falar para Nina nem ninguém?

— Acha que devemos ajudar Nina a procurar? — sugeri.

— Não precisa entrar em pânico — respondeu Neil —, resolveremos o que fazer quando ela voltar.

— Ele derramou a água fervente em um copo e entregou-o para mim, que aceitei, segurando pelas bordas para não queimar os dedos. — Enquanto isso — continuou ele, acenando com a cabeça para Mel atrás de mim —, você já tem o próprio problema para resolver, não acha?

Mel não falou nada quando sentei em uma rocha perto da dela. Coloquei o café ao meu lado.

— E aí — cumprimentei com uma falsa naturalidade.

— E aí — respondeu ela.

— Quando você se levantou?

— Há uns quinze minutos, talvez.

— Você comeu algo?

— Chá.

— Isso não é comer.

— Não estou com fome.

— Acho que temos algumas nozes...

— Não estou com fome, Ethan.

Ficamos sentados em silêncio. O ar matinal, além de frio, estava muito úmido. O cheiro forte das folhas mortas perfumava o ar.

— Mel, escute só, essa história de Shelly é a coisa mais idiota com a qual ficar chateada.

Ela olhou para mim. — Está me chamando de idiota?

— O quê?

— Eu acho que mentir sobre ligações de uma ex-namorada é algo bem sério. Você acha que mentir sobre ligações de uma ex-namorada é idiota. Você está me chamando de idiota por pensar que é algo sério?

Cerrei os dentes. — Não.

— O que é, então?

— É meio exagerado, só isso.

— Benjamin! — Nina de novo. Ela parecia estar mais próxima dessa vez.

— Bom — continuei —, não está ajudando em nada colocando...

— John e eu dormimos juntos — disse ela abruptamente.

Pestanejei, pensando que não escutara direito. Isso rapidamente passou e uma onda ardente de ciúmes me dominou. — Quando? — perguntei baixinho.

— Na universidade. Ele estava de folga do exército, visitando alguns amigos na UCLA. Nós nos esbarramos em um bar.

— E você o levou para casa?

Ela ficou em silêncio.

— E depois disso — continuei —, você o viu de novo?

— Não. Ele voltou para a base onde estava servindo. Eu estava no último ano e voltei para Santa Helena alguns meses depois. Vim para cá em seguida.

Parei por um momento para absorver aquela revelação. Era enfurecedor escutar aquilo e eu tive que dizer a mim mesmo que ela não fizera nada de errado. Aconteceu antes de nos conhecermos. Se eu não tivesse conhecido John Scott naquela viagem, não haveria motivo para me preocupar. Mas, mesmo assim, eu o *conhecera*. Ele *estava* naquela viagem. Que porra era aquela?

— Você o viu novamente desde que chegou ao Japão?

— Não.

— Nunca?

— Não.

— Você não acha que deveria ao menos ter falado algo sobre essa história de vocês dois?

— Ethan, por favor, como se tivesse me contado algo sobre você e Shelly.

— Não tem nada acontecendo! — retruquei. — Nada!

— E não tem nada entre John e eu.

— Ele está aqui agora, Mel. Está acampando nessa merda com a gente. Você está vendo Shelly?

— Não posso ser amiga dos meus exs?

— Você podia ter falado que passaríamos o final de semana com um deles.

— Bom, agora você sabe. — Ela se levantou. — Vou pegar mais chá.

— Espere, quero conversar sobre isso.

— Eu não, Ethan. Preciso de tempo para pensar nas coisas.

Meu peito ficou apertado. *Pensar*? Não gostei de como aquilo soara. Parecia algo a ser dito quando se está considerando terminar o relacionamento.

— Pensar no quê? — perguntei.

— Nas coisas, Ethan. Nas coisas.

Ela saiu.

Eu permaneci onde estava, tentando entender o que Mel me dissera. Então ela e John Scott já dormiram juntos. Eu não gostava daquilo, mas não importava. Acontecera no passado. Mas por que ela o convidara para escalar o Monte Fuji? E por que não me contara sobre a história deles? Por que o segredo? Fora o jeito dela de se vingar? Ela já sabia das mensagens de Shelly algum tempo antes. Ela suspeitara, embora equivocadamente, que uma faísca se reacendera entre nós. Então, quando John Scott ligara para Mel, procurando algo para fazer em Tóquio, ela o convidara para escalar o Fuji com a simples intenção de me deixar com ciúmes? Ela omitira essa história, sabendo que eu inevitavelmente a descobriria? Ela, na verdade, falara com ele *primeiro* e não o contrário?

Mas que merda doentia e bizarra.

Mel seria mesmo capaz de fazer aquilo?

E que diabos era aquela pseudo ameaça de terminar o relacionamento? Ela não podia estar falando sério. Era um blefe, uma fase. Afinal de contas, Mel não tinha encontrado eu e Shelly na cama juntos. Aquilo sim seria uma causa para algo tão dramático como um término. Foram apenas algumas mensagens de texto, um mal-entendido.

*Bom, que se dane*, pensei. Se Mel quisesse perambular por aí com John Scott para me deixar com ciúmes, tudo bem. Se quisesse ameaçar terminar o relacionamento comigo em algum momento, tudo bem. Eu não entraria nessas brincadeiras idiotas.

De longe, vi o casaco amarelo de Nina de relance no meio da folhagem verde. Ela me viu e acenou. Acenei de volta. Ela veio até mim e sentou-se na rocha em que Mel estivera. O rosto dela estava avermelhado e a respiração pesada, eu não sabia se por causa da raiva ou do cansaço.

— Ben sumiu — disse ela, balançando a cabeça. — Você soube?

— Ele estava na sua barraca quando foi dormir na noite passada?

— Sim, ele estava lá. Ele só queria falar, falar, falar e falar sobre nada. Eu estava cansada e disse isso para ele. Depois disso, Ben ficou maluco e saiu da barraca. Eu fui dormir.

— Eram que horas?

— Uma hora depois que você se separou de mim. Por que, Ethan?

— Achei ter ouvido algo andando perto das barracas ontem à noite.

— E?

— E nada. Só estou tentando entender tudo.

— Quem era?

— Se não era Ben, acho que era alguém que precisava se aliviar.

— Aliviar?

— Mijar.

— Ah. Sabe o que me preocupa? Ben ter se perdido.

— Ele deve ter ido muito longe — admiti. — Quero dizer, já que não escutou você gritando o nome dele.

— Sim. Isso ou ele não conseguiu voltar e apenas dormiu em algum lugar. Você acha que ele está dormindo agora?

— Pode estar — respondi. Era uma alternativa melhor do que estar em uma daquelas crateras de lava com o crânio rachado. — Você já tentou ligar para ele?

— Não tenho telefone.

— Por que não?

— Tenho um em casa, mas não o trouxe. É caro demais para usar em viagens.

— Então você não tem o número de Ben?

— Ele também está sem celular.

— O que quer fazer então?

— Encontrá-lo, é claro.

— Será que ele foi para o estacionamento?

Ela franziu a testa. — Estacionamento?

— Se a floresta deu uma brisa ruim, talvez ele tenha tentando sair dela, ir para um lugar aberto.

— Sem me avisar?

— Talvez. Eu não sei.

— Não, acho que ele está perdido — disse ela com firmeza. — Temos que esperar ele voltar.

— E se ele não voltar?

— Ele voltará. Só deve estar dormindo. Você verá.

De volta ao acampamento, Mel já estava desarmando nossa barraca. Neil ainda lia o livro enquanto Tomo cochilava. John Scott estava sentado no lugar onde dormira, fumando um cigarro. Eu tive que resistir à tentação de comentar algo sobre ele e Mel. Seria um sinal de fraqueza, uma afirmação de que eu o via como ameaça. Ele provavelmente gostaria, pois alimentaria o seu complexo de macho alfa.

Em vez disso, perguntei: — Você ficou acordado até que horas ontem?

— Tarde.

— Você viu Ben por aí?

— Não. O que houve?

— Ele sumiu — disse Nina, colocando as mãos nos quadris. Era uma pose de confronto, quase como se estivesse culpando John Scott.

Eu gostava mais dela a cada minuto que passava.

— Ele está bem — disse John Scott.

— Você acha? — disse ela com aspereza.

— Sim.

— Sabe, ele ter sumido é culpa sua. Você poderia pelo menos fingir estar preocupado.

— Não sou a babá dele. Se ele não aguenta...

— Ah, cale a boca. — Nina se virou para os outros. — Ele está sem celular, então não temos como entrar em contato. Terei que esperar até ele voltar. Façam o que bem quiserem.

— Eu ainda quero ver aquele corpo — disse John Scott. — Tomo estava se cagando de medo para fazer isso ontem.

— Eu estava bêbado — reclamou Tomo sem abrir os olhos.

— E agora?

— É, cara, vamos lá.

— Neil? — perguntou John Scott.

— A sua descrição será mais do que suficiente.

Eu não me senti no direito de falar por Mel naquele momento e apenas olhei para ela, que continuou desarmando a barraca em silêncio.

— Mel? — perguntei.

— Sim?

— Ficar ou ir embora?

— É claro que ficaremos até Ben voltar — afirmou ela. — Não podemos deixar Nina sozinha.

Depois que acabamos de desarmar as barracas e juntar nossas coisas, sentamos em uma roda para tomar café da manhã, que eram apenas sobras do jantar da noite passada. Como tínhamos poucas opções, decidimos juntar tudo e dividir entre todos. No total, tínhamos algumas uvas, nozes, frutas desidratadas, uma banana passada e duas embalagens de macarrão instantâneo, mas não tínhamos mais água para cozinhá-lo. Separamos sete porções, guardando a de Ben. Neil, no entanto, disse que não estava com fome e dividimos a parte dele.

— Uma pena você ter deixado a sua comida no formigueiro — disse John Scott para mim.

— Pegaremos na volta.

— Se as formigas já não tiverem comido tudo.

Elas não comeriam. Eu não deixara nada aberto... estava tudo embalado. Mesmo assim, não perdi meu tempo respondendo a John Scott.

Eu não conseguia parar de pensar no filho da puta com a minha namorada, juntos na cama.

Enquanto comíamos, Neil desapareceu na floresta, voltando cinco minutos depois.

— Foi cagar, mano? — perguntou Tomo.

— Você é vulgar demais, hein? — respondeu Neil, ficando vermelho.

— Cagou.. — Ele fez um barulho de peido.

— Qual é, Tomo — reclamei —, estamos comendo.

— Como vocês chamam? *Diareia*?

— Caganeira — disse John Scott.

— Minha barriga dói, sim — confirmou Neil.

— Falei que o peixe estava com um cheiro ruim, cara.

— Não foi o peixe. Kaori não me daria peixe estragado.

— Ah, verdade — respondeu Tomo. — Provavelmente a água engarrafada.

Neil se irritou. As bochechas deles ficaram vermelhas, desta vez de irritação em vez de constrangimento. Ele estava prestes a perder o controle.

— Então, qual é o plano? — perguntei, mudando de assunto. — Deveríamos procurar Ben?

— Por quê? — questionou John Scott. — Se ele não consegue nos escutar gritando daqui, então está longe demais para o encontrarmos.

— Ele pode estar machucado — argumentei.

— Se estivesse, dentro de um possível raio de procura, ainda nos escutaria.

— Não se estiver inconsciente. — Olhei para Nina e, em seguida, para os outros, garantindo que tinha a atenção de todos. — Ele já tinha sumido quando acordamos, o que significa que saiu bem cedo ou no meio da noite. Ele pode ter escorregado e batido a cabeça em uma pedra... ou caído em uma daquelas crateras enormes.

— Uou, calma aí — interrompeu John Scott. — Se começarmos a andar por aí sem rumo, acabaremos tão perdidos quanto ele.

— Não iremos muito longe — respondi indignado por ele estar discutindo comigo —, mas temos que fazer algo.

— Quando? — perguntou Nina.

— Agora. Não tem por que esperar.

— E se não o encontrarmos? — perguntou Mel.

Olhei para Nina. A decisão era dela.

— Esperamos aqui — respondeu ela. — Se ele não voltar até o almoço, voltaremos para o estacionamento.

John Scott balançou a cabeça. Todos, no entanto, pareciam concordar com o plano.

— Acho que devemos procurar em pares. Que tal John Scott e Tomo, Nina e Neil, Mel e eu?

— Irei com Neil — disse Mel instantaneamente.

Olhei para ela, que desviou o olhar.

Dei de ombros. — Beleza. Mel e Neil. Nina e eu.

— Acho que Tomo e eu seguiremos o barbante até o corpo — disse John Scott enquanto se levantava.

— Quem sabe? Talvez Ben tenha voltado lá por algum motivo.

— Por que ele faria isso? — perguntei. — Foi o que deu a onda errada nele.

— Talvez ele tenha ficado sóbrio e quis ver o que tinha lá.

Eu não quis concordar com o imbecil, principalmente por saber que ele só queria ver o corpo para saciar a própria curiosidade, mas era um bom argumento. Ben poderia ter voltado lá.

Todos se levantaram, dividiram-se em pares e começaram a se espalhar.

Nina e eu fomos para a direção oposta à que ela fora antes. Andamos praticamente em silêncio, concentrados em procurar rastros da passagem de Ben. E então, abruptamente, ela tropeçou em uma rocha, caindo para frente. Eu a segurei pela cintura, impedindo que chegasse ao chão.

— Está bem? — perguntei.

— Sim, obrigada. Não estava prestando atenção.

Voltamos a andar.

— Tenho certeza de que Ben está bem — falei.

— Eu também.

— Mesmo se não o encontrarmos, a polícia organizará uma busca. Eles encontrarão Ben. Aqui não é o Parque Yellowstone.

— Onde o urso Yogi vive?

— Esse é o Jellystone.

— Sabe — disse ela — não me sinto bem...

— Ele ficará bem...

— Não, você não entende. — Ela franziu a testa. — Sabe, acho que ele me ama.

Olhei para ela. — Isso é ruim?

— Eu não o amo.

— Ah.

— Eu sei, eu sei. Não é algo legal de se dizer, principalmente com ele desaparecido, mas é a verdade. É por isso que não me sinto bem, porque estou pensando assim, agora, quando deveria estar preocupada com ele.

Eu não falei nada.

— Sabe — continuou Nina —, eu não sabia se queria que ele viesse junto comigo para o Japão. Mas ele veio. Ele insistiu. Pensei, por que não? Melhor do que ficar sozinha. Mas acho que me enganei. Gosto de ficar sozinha.

— Aonde você irá depois?

— Depois do Japão? Estados Unidos, o seu país.

— Nunca foi lá?

— Não.

— Você deveria visitar Wisconsin.

— Você é de lá?

— Sim... não. É de onde sou, sim, mas não precisa visitar. Foi uma brincadeira. Não há muito o que fazer lá.

— É calmo?

— Quietos.

— Ah, é isso que estou procurando! Lembra, quando falei que procurava um lugar para meditar? Você deveria ir comigo, Ethan. Vamos morar juntos.

Olhei para ela de novo. Ela estava muito séria.

— Então, o que acha? — pressionou ela.

Balancei a cabeça. Não sabia o que mais fazer.

— Não seja tímido — disse ela.

— Não sou tímido. Você é só... não sei.

— Sou o quê?

— Ben também irá para os Estados Unidos? — perguntei.

— Ele não pode.

— Por que não?

— Ele não terminou o serviço militar. Nós terminamos nossos três anos mais ou menos ao mesmo tempo, mas ele ainda tem nove meses a mais por ser comandante.

— Você também era do exército?

— Sim. Em Israel, tanto homens quanto mulheres devem servir.

— Que loucura.

— Somos um país pequeno em um lugar do mundo do qual muitos outros países não gostam. Fazemos o possível para sobreviver. Mulheres têm que servir o exército desde antes do conflito israelo-palestino.

— O que você fazia? O seu posto, sei lá.

— Eu fazia parte da guarda da fronteira.

— Como a patrulha de fronteira dos Estados Unidos?

— Eles protegem contra terroristas?

— Mais contra imigrantes ilegais.

— Então acho que não são tão parecidos.

— Você já atirou em alguém?

— Não, mas sou treinada para usar metralhadoras, granadas, morteiros, tudo. Então não mexa comigo, Ethan.

— E você tem um golpe de caratê incrível.

— Pois é.

Tentei imaginar Nina com uniforme militar e uma metralhadora e, por algum motivo, a imagem apareceu com facilidade. Talvez fosse por causa da personalidade forte dela...

Mel gritou.

O som me deixou congelado porque não era um grito de surpresa nem de alarme.

Era de puro horror.

— Venha! — gritei para Nina, já correndo, com o coração batendo forte no peito.

Mel e Neil não estavam muito longe e eu os alcancei rapidamente. Pelas árvores, vi os dois lado a lado, de costas para mim.

De repente, a floresta assumiu uma característica surreal, pois, à frente deles, vi de relance o que eles encaravam.

Quando cheguei ao lado de Mel, virei-a para longe da vista terrível, puxando-a para os meus braços e confortando-a gentilmente, dizendo que tudo ficaria bem, o que, é claro, estava muito longe da verdade.

Enquanto estava lá, segurando Mel e olhando para Ben, senti como se tivesse caído em um buraco surreal ou como se tivesse levado uma paulada na cara. E, com um olho clínico, estudei a carcaça do que fora um israelense bem feliz.

Ele estava suspenso vários metros no ar acima do chão, o que me levou a acreditar que escalara o pinheiro alto onde estava pendurado, ficara de pé em um dos galhos mais baixos, amarrara a corda sobre a cabeça em um galho mais alto e pulara para a própria morte.

A cabeça parecia grande demais, pelo menos maior do que eu me lembrava, em comparação ao resto do corpo. Em seguida, percebi que a cabeça não estava grande demais, era o pescoço que estava fino e alongado demais. A corda estava presa abaixo do maxilar e impossivelmente alta e firme devido à gravidade e ao peso do corpo dele, esmagando a pele fina da garganta, dando a ilusão de que o pescoço fora esticado.

Os olhos estavam fechados e a boca aberta, de onde saía a língua, grossa, inchada e roxa. Eu não sabia ao certo por causa da distância, mas parecia que o rosto estava coberto de bolhas, quase como se tivesse desenvolvido um terrível caso de sarampo, e demorei um pouco para perceber que provavelmente os vasos capilares vazaram sangue para a pele.

Na tranquilidade da floresta, o corpo estava pendurado e sem vida, lembrando uma marionete parada, exceto que não havia cordas nem hastes presas às mãos de um ventríloquo, somente uma corda, a corda terrível, totalmente esticada e estalando gentilmente enquanto aguentava o peso que carregava.

Ben usava a mesma roupa do dia anterior, apesar de estar com o casaco aberto, mostrando uma camisa com as palavras "Carne é assassinato — Um assassinato delicioso", uma piada que parecia completamente fora de hora naquele momento. A parte de dentro das pernas da calça estava úmida e manchada de marrom, uma indicação de que ele urinara e defecara.

Aquele último detalhe me fez pensar em um documentário sobre a pena de morte que vira uma vez. O programa dedicou uma grande parte do tempo a enforcamentos, considerando que ainda eram um método legal de execução judicial em mais de sessenta países, incluindo algumas partes dos Estados Unidos. Pelo que eu me lembrava, o objetivo em um enforcamento adequado era quebrar o pescoço e romper a coluna vertebral. A morte cerebral leva apenas alguns minutos para acontecer, enquanto a morte completa pode levar até vinte minutos, mesmo com a vítima perdendo a consciência quase que imediatamente, sem sentir nada disso. Por outro lado, se a altura da queda do alçapão fosse calculada incorretamente, não criando força suficiente para quebrar o pescoço da vítima, ela morreria de decapitação se a queda fosse grande demais ou de estrangulamento se fosse curta demais.

Eu só conseguia pensar em qual caso Ben se encaixava. Ele morreria rapidamente... ou balançara no galho por um período mais prolongado, chutando e contraindo-se de forma tenebrosa?

O vácuo no qual eu estivera enquanto todos esses pensamentos inundavam a minha mente se desintegrou abruptamente. Novamente, percebi que Mel me abraçava, murmurando sem parar. A primeira coisa que entendi foi "não consigo sentir". Depois, algo mais parecido com "isso não pode ser verdade".

Atrás de mim, a vegetação se agitou e, em seguida, Nina passou por nós, emitindo um gemido estranho. Ela parou ao chegar perto do corpo de Ben, como se não conseguisse se obrigar a tocá-lo. Aquele gemido virou uma choradeira, bem aguda, mas igualmente terrível.

John Scott e Tomo apareceram. John Scott pausou por um momento, xingou baixinho e subiu na árvore. Ele puxou furiosamente a corda onde estava amarrada na árvore, mas não conseguiu soltá-la.

Vê-lo assumindo o comando fez com que eu voltasse à vida.

*Talvez Ben ainda estivesse vivo.*

Parecia impossível, mas...

Eu soltei Mel e corri até Ben. Coloquei os braços em volta da cintura dele e levantei-o para que a corda parasse de pressionar a garganta. O corpo estava duro como o de um manequim. O cheiro das fezes quase fez com que eu vomitasse. O cheiro era pior do que merda, um ranço de sangue e tripa, quase como se ele tivesse evacuado os órgãos internos nas próprias calças.

— Peguem a minha faca! — gritei, antes de lembrar que eu a esquecera perto da cratera. — Peguem uma pedra! Qualquer coisa!

Tomo e Neil correram em direções diferentes. John Scott continuou a mexer no nó. Eu permaneci onde estava, erguendo Ben. Ele estava incrivelmente leve, apesar de eu ter achado que isso se devia à injeção de adrenalina. Na verdade, meus pensamentos, até então, estavam bem claros.

— Ele já morreu! — Mel gritou. — Ele está morto!

Nina caiu de joelhos e encarou Ben, com os braços estendidos. Era uma posição estranhamente religiosa, quase como se estivesse rezando para ele.

— Ele já morreu! — Mel choramingou.

Eu sabia que aquilo era verdade, estava claramente óbvio, mas continuei tendo esperanças, por mais ilógico que fosse.

John Scott gritou com triunfo acima de mim e, abruptamente, Ben estava solto. Tentei abaixá-lo cuidadosamente até o chão, mas acabei derrubando-o como uma tábua.

Eu me ajoelhei e pressionei os dedos contra o pescoço dele, esperei um pouco e aproximei o ouvido do seu peito.

Olhei para Nina e balancei a cabeça negativamente.

O pandemônio passara. Nós nos acalmamos um pouco, apesar de todos continuarem com os nervos à flor da pele. Conscientemente ou não, eu não sabia exatamente o motivo, nós nos afastamos cerca de três metros do corpo de Ben em grupo e permanecemos de costas para ele. Ele não morrera muito tempo antes, mas a morte ainda era morte. Ninguém queria nada com aquilo.

Mel e Nina se aproximaram e abraçaram-se. Nina chorou baixinho enquanto Mel acariciava-lhe os cabelos. Tomo olhava para o chão com o boné do Jay Gatsby em uma mão e coçando o cabelo desgrenhado com a outra, como se não conseguisse entender o que acontecera. Neil não estava à vista e eu não sabia para onde ele fora. John Scott acendera um cigarro e estava andando de um lado para o outro com uma expressão de pura concentração. Provavelmente estava pensando sobre a repercussão que a morte de Ben teria sobre ele. Como bem deveria ser. John Scott estava em uma grande enrascada.

Após cinco minutos daquele jogo bizarro de teatro, pois, naquele momento, nada parecia real e sim uma peça em um palco, sendo nós os atores, eu me senti na obrigação de dizer algo, apesar de não estar muito inspirado.

— Sinto muito, Nina, eu... — Balancei a cabeça, sentindo o resto da frase fugir.

— Não acredito que ele faria isso! — lamentou ela, secando as lágrimas dos olhos e balançando a cabeça. — Ele era feliz. Por que faria isso?

Eu esperei John Scott falar algo. Quando não falou, encarei-o com um olhar de expectativa.

— O quê? — questionou ele, com uma voz desafiadora.

— Por que acha que Ben fez isso?

— Como eu deveria saber de uma merda dessas?

— Está falando sério? *Sério?* — Eu não teria perdido a paciência se o cuzão teimoso tivesse mostrado algum sinal de arrependimento. Mas não. Zero.

— Não me diga que colocará a culpa nos cogumelos.

— Ele ficou muito doido ontem — argumentei. — Saiu para o meio da floresta por conta própria. Depois, ele se matou. Está vendo alguma outra explicação?

— Ninguém se enforca quando come cogumelos.

— Está claro que se enforcam, sim!

— Não foram os cogumelos — disse ele em tom desafiador.

— Então o que aconteceu? Ele decidiu tentar suicídio para ver qual era a sensação?

As sobrancelhas de John Scott se juntaram sobre os olhos furiosos. Ele cerrou as mãos em punhos, como se estivesse prestes a avançar em mim.

Eu queria que ele avançasse.

— Vai jogar a culpa em mim? — contestou ele. — Está mesmo querendo jogar tudo em mim?

Eu estava abalado demais para responder. Olhei para Tomo. — Você tem que chamar a polícia.

— E dizer o quê? — perguntou ele. Tomo observava John Scott de forma apreensiva.

— Conte a eles que nosso amigo está morto. Eles precisam vir aqui.

— Como eles nos encontrarão?

Percebi que aquilo era verdade. Teríamos que encontrá-los no estacionamento.

John Scott disse: — Diremos aos policiais que Ben colheu os cogumelos ele mesmo.

Nina piscou algumas vezes, como se estivesse saindo da letargia. — *Stom ta'peh!* — ela berrou. — *Você quem os colheu.*

— E importa? Por que precisamos nos envolver nisso? Não vai fazer a menor diferença.

— Você fez isso com ele! Assuma a responsabilidade!

— Eu não fiz porra nenhuma! — Ele apontou o dedo para Ben. — *Ele* foi o imbecil que se enforcou.

— Direi à polícia que vi você colhendo os cogumelos. Contarei que vi você dando alguns para Ben. Ele nem queria comê-los, mas você disse que estava tudo bem. Isso é assassinato.

John Scott deu um passo agressivo em direção a Nina. Parei entre os dois e empurrei-o com força, fazendo com que perdesse o equilíbrio e caísse no chão. Tive pouco tempo para desfrutar da expressão surpresa no rosto dele, pois ele rolou para a frente e ficou de joelhos rapidamente, jogando-se em minha direção. A cabeça dele me atingiu na barriga, fazendo com que eu soltasse o ar dos pulmões. Antes que conseguisse me recuperar, ele me arrastou para o chão. Eu não consegui afastá-lo quando ele moveu os cotovelos para o meu rosto. Dei um golpe arrasador na mandíbula dele, que caiu de cima de mim. Pulei sobre ele e levantei os punhos. Os olhos deles estavam desfocados, a mandíbula frouxa. Eu queria muito bater nele, por ter dormido com Mel, por dar cogumelos a Ben e por ameaçar Nina, mas não tive coragem.

Coloquei a mão na cabeça e empurrei-a, fazendo com que a cara dele batesse o chão.

Todos olhavam para mim. Ninguém parecia saber o que dizer.

— Ele estava prestes a bater em Nina — declarei.

— Nem fodendo — murmurou John Scott.

— Você está sangrando, Ethan. — Mel pressionou a ponta dos dedos perto da minha têmpora direita.

Eu me encolhi e afastei-me dela. — Estou bem.

— Você está sangrando.

— Estou bem.

John Scott se levantou cambaleante. Por um momento, achei que ele continuaria a briga. Em vez disso, ele se virou para Nina e disse: — É a minha palavra contra a sua. Você fala para a polícia que dei os cogumelos para Ben, eu falo que foi você quem deu.

Nina jogou as mãos para o alto. — Todos sabem que foi você!

John Scott deve ter sentido o sangue escorrendo do lábio porque passou a palma da mão sobre o corte. — Quem estava comigo? — disse ele. — Apenas você e Tomo. E Tomo não falará nada, não é, cara?

— Tô fora dessa — respondeu Tomo, erguendo as mãos.

— Você admitiu ter dado os cogumelos para ele — explodiu Nina.

— Besteira! — Ele olhou para Tomo, depois Mel e finalmente eu. Ele voltou para Mel, a melhor aliada dele. — Mel?

Ela não olhou para ele. — O quê?

— Eu disse que dei os cogumelos para ele?

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. Não soube dizer se ela estava do lado dele ou simplesmente negando que tudo aquilo estava acontecendo.

— Mel? — repetiu ele.

— Caramba! — Ela ficou de costas. Coloquei a mão no ombro dela, dizendo para que não lhe desse ouvidor.

— Não venham colocar a culpa em mim, seus idiotas! — berrou John Scott. — Tomo! — Ele abriu as mãos em um gesto de clemência. — Tomo?

— Não sei, cara. Não sei.

— Você o matou! — gritou Nina. Ela pulou em John Scott, socando o peito dele com os pequenos punhos. Ele levantou os braços em uma tentativa de bloquear os golpes. Foi algo patético de se ver, algo tão banal, que finalmente senti pena dele.

Eu me aproximei para afastar Nina. Ela não saiu com facilidade e tive que levantá-la do chão. Ela continuou balançando os braços e chutando loucamente. Quando eu a soltei, Nina olhou para mim, com olhar furioso, e caiu no chão. Ela abraçou as pernas contra o peito, apoiou a testa nos joelhos e começou a chorar.

Exceto por Nina, o resto de nós ficou subitamente em silêncio. John Scott me olhou de relance e acenou brevemente com a cabeça, o que me deixou indignado.

— Escute só — falei, decidindo que precisávamos deixar a culpa de lado naquele momento —, isso não ajudará em nada. Temos que resolver o que fazer.

— Temos que dar o fora daqui — disse Mel. — Temos que ir embora agora.

— Eu estava falando do corpo de Ben. Vamos deixá-lo aqui ou levá-lo conosco?

— Não podemos deixá-lo aqui — disse Nina de forma áspera.

— Mas como nós o carregaremos?

— Podemos fazer uma maca — sugeriu John Scott.

Mel cruzou os braços. — Isso não seria, não sei, contaminação da cena do crime? — perguntou ela.

— Nós já o soltamos — argumentei —, acho que deslocá-lo não fará mal algum. Traremos a polícia aqui depois.

Os lábios de Mel se apertaram e os olhos se estreitaram, como se estivesse percebendo as proporções daquilo, a consequência. Tirar Ben da floresta seria apenas o começo. Haveria entrevistas, declarações, possíveis detenções até os fatos serem descobertos, talvez um julgamento, tudo aquilo em um idioma estrangeiro e em um país estranho.

— Meu Deus — murmurou ela. — Meu Deus.

E aquilo resumiu tudo o que acontecera.

De acordo com John Scott, precisávamos de duas hastes de barraca e dois casacos para fazer uma maca. Você vira os casacos do avesso e fecha o zíper deles, deixando as mangas do lado de dentro. Em seguida, rasga os ombros, passa as hastes pelos buracos que fez, pelas mangas e sai pela parte inferior, um casaco depois do outro, como um palito em um *kebab*.

Entreguei meu casaco para ele. Estava bem frio, mas eu sabia que me aqueceria assim que começássemos a andar.

— Beleza — disse ele —, precisamos de mais um.

— Tudo bem. — Olhei para ele com expectativa.

— Cara, você não consegue fazer um buraco nesse couro sem uma faca.

— Aposto que consigo.

— Pode pegar o meu. — Nina tirou o casaco que usava. Ela estava apenas com uma blusa fina por baixo.

— Você ficará com frio — falei.

— Eu trouxe um suéter.

— Use o meu — disse Mel.

— Não, Mel, fique com ele — respondi.— Usaremos o de John Scott.

— Eu falei...

— Foda-se! Eu rasgarei os ombros.

— Qual é o seu problema?

— Qual é problema com você e essa jaqueta?

— Do que você está falando?

— É uma jaqueta de couro, caralho. — Coloquei a mão na lapela.

— Tire suas patas de mim. — Ele empurrou a minha mão.

— Dê-me a jaqueta! — exigi, agarrando a parte da frente e puxando.

Ele me deu um soco no rosto. Meus joelhos enfraqueceram, mas, mesmo assim, enquanto caía, consegui agarrar um dos bolsos e ouvi quando ele rasgou.

Caí de bunda no chão com força. O impacto eliminou a névoa da visão e, para a minha satisfação, John Scott segurava a jaqueta aberta, encarando incredulamente o pedaço enorme que eu rasgara.

— Falei — provoquei, apesar de a mandíbula estar adormecida e a palavra sair balbuciada.

— Seu merdinha — xingou ele.

Ele tentou partir para cima de mim, mas Tomo, Mel e Nina o impediram.

Cuspi o sangue da boca e vi um dente sendo expelido.

Mel se inclinou para ver o meu machucado enquanto John Scott trabalhava na maca. Acabou usando o meu casaco e o de Ben, levando em consideração que ele não precisaria mais. Tomo e Nina se mantiveram afastados. Neil foi para as árvores dar outra cagada.

— Qual é a sua com a jaqueta dele? — perguntou Mel enquanto limpava o sangue do meu lábio cortado. As mãos dela tremiam e ela estava pálida.

— Não é com a jaqueta. É com o fato de ele ter preferido que você e Nina sacrificassem os casacos em vez de usarmos o dele.

— Você falou algo sobre a jaqueta dele ontem.

— Não importa. O problema é ele e não a jaqueta.

— Você está chateado por causa de Ben. A sua raiva acabou sendo descontada em John.

— Estou bem.

— Você só está negando.

— Negando que Ben está morto?

— Sim.

Eu dei de ombros. Não achava que estava negando, mas queria mudar de assunto. Eu não gostei de Mel querer bancar a psiquiatra. Considerando que ela estava evidentemente abalada com a morte de Ben, Mel era a última pessoa que poderia dar um conselho pós-trauma.

— Beleza — disse ela com uma esfregada final no resto de sangue em meu queixo. — Isso é o melhor que posso fazer. Apenas pressione até parar de sangrar. — Ela me deu a blusa que usara antes.

— Obrigado.

— Agora quero que faça uma coisa por mim.

— O quê?

— Peça desculpas para John Scott.

— Pelo quê? — perguntei incrédulo.

— Por rasgar a jaqueta dele.

— Está de brincadeira?

— Não precisamos disso agora, meu bem. Precisamos deixar tudo isso para trás e ficar todos no mesmo time.

— Ele me deu um soco.

— Você quem começou.

— Caramba, quantos anos nós temos?

— Exatamente, Ethan.

— Peça para ele pedir desculpas a mim.

— Você aceitará se ele pedir?

Eu hesitei.

— Ótimo — disse ela.

John Scott andou até mim logo antes de nos prepararmos para partir. — Ei, Ethos — disse ele —, foi mal ter dado um soco na sua cara.

Olhei para Mel que estava atrás dele. Ela me encorajou silenciosamente.

— Foi mal por rasgar a sua jaqueta. — Fiz uma pausa. — Parece que você provavelmente terá que mandar costurar de novo. Será bem caro.

— Não tão caro quanto dar um jeito no seu dente.

Passei a língua pelo buraco onde deveria estar o incisivo esquerdo. — É, pois é.

— Então estamos bem?

— Sim, estamos.

— Apertem as mãos — ordenou Mel.

John Scott estendeu a mão e eu a apertei. Ele balançou com bastante força, como eu sabia que faria, segurando minha mão por um período desconfortável, apertando com cada vez mais força, como também sabia que faria.

Em seguida, ele a soltou.

Melhores amigos de novo.

John Scott e eu voltamos ao corpo de Ben e colocamos a maca no chão.

— Pegue os ombros dele — ele pediu —, fico com as pernas.

— Espere. E a corda? — Ela ainda estava em volta do pescoço de Ben.

— O que tem ela?

— Não deveríamos tirá-la?

— Acho melhor não mexermos nisso. Colocaremos o resto sobre o peito dele...

— Ei — interrompi com uma epifania abrupta —, onde diabos ele conseguiu a corda?

— É o barbante.

— Que barbante?

— O que seguimos.

Percebi que ele tinha razão. O barbante era um entrelaçado grosso, feito de fibra de coco, forte o suficiente para aguentar o peso de uma pessoa.

— Tomo e eu não o encontramos quando estávamos procurando o corpo.

— Ele sumiu? Inteiro?

John Scott assentiu.

— Ele tinha dezenas de metros de comprimento. Onde está o resto?

— Talvez esteja por aí em algum lugar. Não temos tempo para procurar. Agora vamos logo. Quando eu contar até três.

Erguemos Ben do chão e andamos de lado para colocá-lo na maca. Em seguida, colocamos a corda sobre o corpo, cobrindo-o com o saco de dormir dele. Carregamos Ben até o acampamento, John Scott na frente, segurando a maca com as mãos para trás e eu na outra ponta. Tomo, Mel e Nina estavam esperando-nos já com as mochilas nas costas. Neil, no entanto, estava escorado em uma árvore com a mão na barriga.

Falei para John Scott colocar a maca no chão e fui até Neil, agachando-me ao lado dele. — Neil? Você está bem?

— Está doendo que nem o caralho.

— Consegue andar?

— Não sei. Ajude-me a levantar.

Eu o puxei para que levantasse. Ele cambaleou, correu em direção às árvores e inclinou-se, colocando uma mão em um tronco para se equilibrar. Um segundo depois, começou a vomitar. Vi a primeira parte do jato marrom nojento saindo da boca dele e virei-me imediatamente. Ele vomitou várias vezes. Eu não consegui fazer nada para bloquear os barulhos molhados nem o fedor pútrido, que fez com que meu estômago se revirasse.

Ele voltou cambaleando, mas com uma aparência um pouco melhor.

— Vamos embora agora — falei para ele. — Acha que consegue?

— Não tenho escolha, não é?

— Você pode esperar aqui. Voltaremos para trazer a polícia.

Ele balançou a cabeça negativamente e estendeu a mão em direção à mochila.

— Deixe isso aí — falei. — Nós a pegaremos depois.

— Não, cara...

— Ninguém mexerá nela.

Ele estendeu o braço novamente.

— Eu levo — falei, já que não tinha mais a minha mochila para carregar, e coloquei-a nas costas. —

Apenas se concentre em caminhar.

Voltei para onde John Scott me esperava. Levantamos a maca novamente, que estava mais pesada do que eu esperara, e seguimos para onde o barbante estava antes.

— Ei! — disse Mel, parecendo estar apavorada. — Onde está o barbante?

Eu expliquei.

— Ele pegou? — Ela estava incrédula. — Mas como saberemos o caminho de volta?

— Sabemos mais ou menos a direção. Encontraremos a fita vermelha em algum momento.

— E se nos perdermos?

— Não nos perderemos.

— Você não tem certeza disso...

— Mel, não temos outra opção.

Avancei, empurrando John Scott com a maca, e começamos a andar.

Era impossível não pensar em Ben, claro. Eu o conhecera não muito tempo antes, menos do que vinte e quatro horas, mas a morte repentina dele fizera com que parecesse muito mais próximo de mim. Aquilo nos ligara de alguma forma. E eu senti uma dor dentro de mim. Ele era tão jovem, tão cheio de espontaneidade e vida. Eu me lembrei da forma como ele nos cumprimentara fora da estação de trem. Sociável, amigável, sem mostrar nem um pouco da desconfiança que a maioria das pessoas tinha com estrangeiros. O beijo em Tomo no estacionamento. Como ele ficara empolgado ao descobrir o tênis Nike e as setas pintadas, como uma criança na manhã de Natal. A forma apaixonada como falara sobre os pais e os avós. Era quase surreal olhar para baixo e ver o corpo dele diante de mim, coberto pelo saco de dormir, inerte, algo que logo começaria a atrofiar e apodrecer. Aquilo não parecia certo.

Minha mente passou para o relacionamento dele com Nina. Primeiro, eu presumira que os dois estavam juntos havia muito tempo. Eles se tratavam assim. Toques familiares, olhares de conhecimento, as conversas em hebraico, que ninguém mais entendia. Sem falar que eles simplesmente combinavam como casal. Em seguida, a primeira revelação, ele e Nina tinham se conhecido um mês antes na Tailândia, e a segunda, a atração entre eles não era tão recíproca quanto parecera.

Saber disso me deixara um pouco animado. Nina estava disponível. Eu poderia ficar com ela se quisesse, e provavelmente conseguiria, considerando a forma como ela flertara comigo. Aquilo era pura fantasia. Apesar dos dramas sobre Shelly e John Scott, eu e Mel éramos quase perfeitos juntos. Eu jamais a trairia. Mesmo assim, era bom para o meu ego saber que eu *podia* ficar com Nina se as circunstâncias fossem outras. Aquilo fizera com que eu me sentisse atraente e cheio de vida.

Não mais.

Na verdade, eu preferia que Nina não tivesse revelado os problemas de Ben para mim. Pois, agora, eu não só me sentia culpado por cobiçar a namorada de um homem morto, como a minha lembrança deles fora corrompida. Eu preferiria lembrar de Ben e Nina como um casal feliz e apaixonado. Não de Ben cortejando alguém que não podia ou não queria retribuir os seus sentimentos.

Flexionei meus dedos nas hastes das barracas. Já havíamos andado por vinte minutos. As bolhas na minha mão direita começaram a doer e percebi que tinham estourado. Mas eu não queria parar para descansar, pois teria tempo suficiente para aquilo quando chegássemos à fita.

Comecei a pensar na situação como um todo, particularmente no que aconteceria quando saíssemos de Aokigahara e ligássemos para a polícia. Eles nos encontrariam no estacionamento. Fariam perguntas... não, eles nos interrogariam. A polícia no Japão era extremamente cautelosa quando o assunto era crimes relacionados a estrangeiros. Aquilo nunca fizera sentido para mim, principalmente considerando a vista grossa com os yakuza, que realizavam todos os tipos de atividades ilegais em uma escala épica.

Eu já tinha sido preso no país antes, ou pelo menos ficado sob custódia, e sabia do que estava falando. Após uma noite com um amigo, eu peguei o último trem indo para o meu lado da cidade, ou achei que tinha pego, pois ele encerrou o turno no que parecia ser uma estação arbitrariamente escolhida a vários quilômetros de onde eu deveria estar.

Comecei a andar em direção a onde achava que minha casa estava e, no meio do caminho, encontrei

uma bicicleta sem correntes escorada em um poste. Subi nela, dizendo a mim mesmo que a devolveria no dia seguinte. Ela só tinha uma marcha, mas as ruas eram planas e, em seguida, eu estava andando... diretamente para uma batida policial. Depois, descobri que a polícia fazia essas paradas para restringir o número de bicicletas emprestadas por pessoas como eu, algo que, apesar de não ser surpreendente, era comum em uma cidade com dez milhões de bicicletas parecidas e que raramente estavam acorrentadas.

O policial perguntou se a bicicleta era minha. Eu respondi que sim. Ele verificou o adesivo de registro. Isso era algo que eu não sabia até então. Era obrigatório os ciclistas registrarem as bicicletas e colocarem um adesivo nelas. O policial informou o número pelo rádio. Minha bicicleta pertencia a uma mulher chamada Kimiko Kashiwa. Ele perguntou se meu nome era Kimiko Kashiwa. Eu disse a ele que não.

A delegacia era um prédio grande e branco, onde todos falavam em japonês comigo. Um policial, em algum momento, tentou falar em inglês. Ele foi suficientemente bom para que eu conseguisse adivinhar as perguntas. Qual é o seu nome? Onde pegou a bicicleta? Por que você a pegou? Onde mora? Onde trabalha? Em seguida, ele começou a fazer perguntas estranhas. Qual é o seu salário? O que seus pais fazem? Onde você cresceu? Qual é o nome da escola onde estudou? Quando acabaram as perguntas irrelevantes, eles me fizeram sentar em um banco desconfortável pelas cinco horas seguintes, apesar de eu não ter visto finalidade alguma naquilo. Finalmente, após preencher vários formulários que eu não consegui ler, tendo que refazer várias páginas porque minha caligrafia ultrapassava os espaços fornecidos, eles me soltaram com um aviso estranho que não consegui entender completamente.

Considerando como reagiram de forma séria ao roubo de uma bicicleta ridícula de cinquenta dólares, eu mal conseguia imaginar como lidariam com um caso que envolvia uma morte duvidosa.

Eu fizera algumas pesquisas depois daquele encontro noturno para determinar se fora detido ilegalmente e descobrira que não há *habeas corpus* no Japão. A polícia pode deter alguém por até vinte e três dias sem acusação alguma e sem permitir que a pessoa tenha acesso a um advogado ou juriconsulto.

Flexionei os dedos novamente. Agora não era mais a mão direita que doía. Os bíceps e os ombros começaram a doer. Por quanto tempo estávamos andando? Trinta minutos? Mais? A que distância estava a fita vermelha? Não mais do que quarenta minutos. O que significava mais dez minutos antes de podermos descansar.

Continuei a olhar à frente, para as costas de John Scott. Comecei a pensar se ele também estava ficando cansado. Tinha que estar. Ele não era o Super-Homem, apesar de talvez acreditar que fosse. Estranhamente, por mais que eu o odiasse, senti pena dele. Porque ele, claro, tinha mais a temer do que nós. O resto de nós não fizera nada pior do que invasão, se é que fora uma invasão. Ele dera cogumelos para Ben, comeu alguns ele mesmo, o que poderia ser comprovado com um teste de urina. E drogas, mesmo que leves, eram proibidas no Japão. Paul McCartney fora detido no Japão por nove dias uma vez, fazendo com que a turnê Wings fosse cancelada, porque fora pego com maconha no aeroporto de Narita. Os Stones brigaram por anos para entrar no país porque os membros da banda tinham históricos criminais com drogas. E também havia todos os tipos de histórias que se ouvia sobre os amigos dos seus amigos. A que eu lembrava envolvia um britânico preso por fumar maconha dentro da própria casa. Dez policiais vasculharam o apartamento dele e descobriram sementes de cannabis em uma caixa e algumas gramas de maconha no congelador. Ele foi sentenciado a dezoito meses de prisão.

E aquilo fora apenas por porte. Se John Scott fosse sentenciado por distribuição de uma substância controlada e homicídio culposo, poderia ficar por muito tempo atrás das grades.

Ele podia ser um soldado americano, mas o crime dele fora cometido fora do serviço. Não havia nada que o tio Sam pudesse fazer por ele caso ficasse sob custódia dos japoneses.

Finalmente, não aguentei mais andar. Eu estava prestes a pedir para que John Scott parasse, mas ele foi mais rápido, falando para abaixarmos a maca.

Eu a abaixei rapidamente e estendi meus braços, que pareciam completamente moles. Mel, Tomo, Nina e especialmente Neil pareceram satisfeitos com a parada.

— Então, onde está? — perguntou Mel, tirando o cabelo que caíra no rosto. — Onde está a fita?

— Foi por isso que parei — respondeu John Scott. — Acho que estamos perdidos.

— Não podemos estar perdidos — falei, surpreso por ele ter feito uma declaração daquelas. — Só não chegamos à fita ainda.

John Scott balançou a cabeça. — Estamos andando há quarenta e cinco minutos. A ida durou apenas trinta minutos.

— Demoramos mais do que isso.

— Eu acompanhei. — Ele bateu de leve no relógio de pulso. — Trinta, trinta e cinco minutos no máximo.

— Estamos carregando Ben. Não estamos na mesma velocidade.

— Estamos mantendo o mesmo passo, cara. Escute, deveríamos ter encontrado a fita há pelo menos dez minutos. Mas não encontramos.

Mel franziu a testa. — Então estávamos andando na direção errada?

— Desviamos de alguma forma.

— Claro que não — falei. — A fita seguia por centenas de metros para as duas direções onde o barbante estava conectado. Não tem como termos desviado o caminho.

— Então demos meia volta.

Olhei ao redor para a floresta, com uma sensação estranha na barriga.

— Acho que ele tem razão — declarou Tomo. — Andamos por muito tempo.

— Eu sabia que essa ideia era ruim — comentou Mel.

— O quê? — perguntei, sabendo muito bem que aquele comentário fora para mim. Fora eu quem declarara com confiança que não nos perderíamos.

— Sair andando sem uma corda para seguir.

— O que deveríamos ter feito então, Mel?

— Alguém tem uma bússola? — ela perguntou.

— Elas não funcionam aqui — respondeu Tomo —, as rochas fodem com elas.

— As rochas o quê? — questionou John Scott.

— As rochas. O ferro. Fode com elas. É verdade.

— Que idiotice.

— Enfim, alguém trouxe uma bússola? — perguntei. Quando ninguém respondeu, adicionei: — Então, que diferença faz?

— Talvez Ben tenha pego — disse Mel.

Olhei para ela. — A fita?

— Talvez.

— Isso é bastante improvável, Mel — respondeu John Scott.

— Bom, ele pegou o barbante, não pegou?

— Porque precisava para... você sabe.

— E onde está o que sobrou? — perguntou Nina.

Todos nós olhamos para ela. Até então, ela permanecera em silêncio. O rosto dela estava sem expressão, com os olhos inescrutáveis. Ela parecia pequena e frágil sob o peso da mochila.

— Ben não precisou de um quilômetro de corda para se enforcar — ela continuou. — O que ele fez com o resto dela, então?

— Deve ter jogado em algum canto — respondeu John Scott.

— Por que ele pegaria tanta corda? Por que não cortar apenas a parte de que precisava e deixar o resto onde estava?

— Quem sabe? Ele estava na merda.

Eu percebi que Neil estava arrastando-se para as árvores. Os outros o observaram. Um segundo depois, nós o ouvimos fazendo esforço para vomitar.

— Ele precisa de água — declarou Mel.

Olhei para cima e consegui ver acúmulos de nuvens escuras entre os espaços na copa das árvores. Eu queria dizer a ela que poderia chover e que poderíamos pegar a água da chuva, mas não disse nada. A necessidade de recorrer a tal medida seria uma aceitação de que não iríamos embora da floresta tão cedo.

— O que faremos então? — perguntou Tomo.

— Precisamos encontrar um jeito de dar o fora daqui — respondi.

— Não brinca — comentou John Scott.

— O que sugere? — perguntei. — Se continuarmos andando e seguirmos para a direção errada, acabaremos nos ferrando. Ficaremos ainda mais perdidos.

— Ficaremos aqui — disse Nina, tirando a mochila das costas. — Ligaremos para a polícia.

— Como eles nos encontrarão se nem nós sabemos onde estamos? — contestou Mel.

— Eles podem rastrear o sinal do celular — argumentou John Scott.

— Eles podem fazer isso, rastrear um celular?

Eu também estava cético.

John Scott assentiu sabiamente. — Claro, por que não?

— Então só ficamos aqui esperando?

— Tem uma ideia melhor?

Decidi que ele tinha razão. — Beleza, Tomo. Você pode ligar para eles?

— O que eu digo?

— Diga que alguém está morto e que outra pessoa está passando mal. Diga que estamos perdidos em Aokigahara Jukai. Precisamos que eles nos encontrem.

Tomo largou a mochila no chão e começou a remexer nela. Começou pelo bolso superior e passou para o principal. Logo depois, todas as roupas e mangás estavam espalhados ao redor dele, no chão. Ele bateu no casaco e nas calças que vestia. — Que merda, cara — ele xingou. — Cadê o meu celular?

John Scott mexeu na própria mochila, procurando o celular dele, enquanto eu procurava na de Mel, onde colocara o meu na noite anterior.

Todos os celulares sumiram.

— Mas que ridículo — reclamei. — Não é possível todos nós termos perdido os celulares.

— O meu caiu na cratera — lembrou Mel.

— E quanto ao celular de Tomo, de John Scott e o meu?

John Scott parecia nervoso. — Sério, se alguém estiver de brincadeira, deu certo. Agora onde eles estão?

— Será que Ben os pegou? — perguntou Mel.

— Por que ele faria isso? — perguntou Nina.

— Ele estava viajando — argumentou John Scott. — Talvez tenha achado que eram aparelhos de teletransporte que poderiam levá-lo para casa. Filho da puta!

— Ben não pegou os celulares — disse Nina com firmeza. — Ele estava viajando, sim. Mas não era maluco.

— Ele pegou a porra da corda, não pegou?

— Deveríamos voltar? — sugeri.

Mel olhou para mim. — Para o acampamento?

— Ele pode ter escondido os telefones em algum lugar.

John Scott estava balançando a cabeça. — Nem sabemos em que direção fica o acampamento.

Ficamos parados em silêncio, todos com expressões perplexas. Será que Ben pegara os telefones? Pensei naquilo e pareceu improvável.

Senti Nina olhando para mim. Encontrei o olhar dela e imediatamente soube no que ela estava pensando. Os crucifixos balançando, o borrão que parecia uma aparição na fotografia, a ligação misteriosa. Considerei a possibilidade de algo sobrenatural estar acontecendo, *acreditei* por um momento, mas apenas por um breve momento. Fantasmas não existiam. Não existia algo como uma floresta assombrada. Balancei a cabeça. Ela afastou o olhar.

Tirei a mochila de Ben da maca e comecei a remexer nela. — Mas que...? — falei, segurando um exemplar do *Manual Completo do Suicídio*.

— Esse é o livro que estava no santuário de morte daquela mulher! — exclamou Mel. — Por que Ben teria uma cópia... — Ela se interrompeu. — É dela, não é? Ele pegou.

Ela tinha razão. O livro estava velho e gasto, nas mesmas condições que o de Yumi.

— Você sabia que ele estava com isso? — perguntei a Nina.

— Eu... não. — Ela balançou a cabeça negativamente. — Não, não fazia ideia.

— Por que ele pegaria o livro? — perguntou John Scott.

— Uma lembrança? — sugeriu Tomo.

— Conte a eles o que você me disse — falei para Nina. — Ontem à noite, no meio do mato. Conte a eles por que Ben queria vir para a Floresta dos Suicidas.

Ela parecia desconfortável.

— Desembucha — exigiu John Scott.

— Ben — disse ela, relutantemente —, ele conhecia alguém que se matou. Ficou obcecado por suicídio desde então.

Silêncio.

John Scott disse: — Está vendo? Não foi culpa dos *cogumelos*. Ele já planejava se matar desde o início. — Ele não tivera uma revelação, simplesmente declarara o fato em nosso benefício. O fato de a morte de Ben ter sido premeditada o tirara da enrascada. Adeus, acusação de homicídio, muitíssimo obrigado.

— Isso não é verdade — sibilou Nina.

— Claro que é — prosseguiu John Scott triunfantemente. — Ele estava obcecado por suicídio. Você mesma disse. Todos escutaram.

Ela estava enfurecida. — Você é um porco.

— Não importa. Só quero respostas. Além do mais, isso prova que Ben pegou os telefones.

— Como?

— Ele é um ladrão.

— Ele *não* é um ladrão. Não o chame disso.

— O livro estava na bolsa dele e não pertencia a ele. Isso parece uma obra de um ladrão para mim.

Neil voltou das árvores, interrompendo a discussão. Ele sentiu a inimizade no ar e disse: — Foi mal. Não consigo controlar. — Ele se sentou no chão, com as mãos na barriga, fazendo caretas. — Não acho que conseguirei ir mais adiante.

— Posso ver se o seu telefone está na sua bolsa? — perguntei a ele.

— Por quê?

— Precisamos dele.

Ele tirou o celular dele de um bolso que tinha no cinto, que estivera escondido sob o casaco. Minha exclamação de alegria se perdeu entre os gritos do grupo.

Neil franziu a testa para nós, confuso.

— Precisamos ligar para a polícia para que possam vir atrás de nós — expliquei.

Peguei o telefone, um modelo de abrir e fechar da DoCoMo, e olhei para a pequena tela monocromática. Havia duas barras de sinal e uma de bateria.

— Está quase sem bateria — comentei enquanto entregava o celular para Tomo. — Ligue para a polícia, depressa.

Ele discou rapidamente o número de três dígitos e, um segundo depois, falou em japonês com alguém. Após alguns minutos, ele se virou para nós e disse: — Eles querem ligar de volta.

John Scott estava furioso. — Por quê?

— Ela precisa falar com outra pessoa.

— Bom, peça para ela chamá-lo! Agora!

Tomo repassou a mensagem. Ele balançou a cabeça. — Ele não está lá. Ela precisa ligar para o cara.

— Tomo — disse eu —, avise a ela que a bateria está quase no fim. Fale que não podemos esperar.

Ele falou com a despachante novamente por vários minutos.

Eu andei de um lado para o outro, furioso com a polícia, xingando, provavelmente de forma injusta, a incapacidade dela.

— O celular está com quanto de bateria, Tomo? — perguntei, interrompendo-o no meio de uma frase.

Ele verificou. — Quadrado vazio.

— Peça para eles se apressarem! — berrou John Scott. — Onde está esse cara? O filho de uma puta?

Tomo falou por mais dois minutos, com uma frustração surgindo na voz.

Em seguida, ele desligou.

— E aí? — perguntei, sabendo que seriam más notícias.

— Eles ligarão para a empresa de telefonia, depois para nós. A empresa rastreará.

— Quanto tempo isso levará?

— Não sei. Eles ligarão de volta.

John Scott ridicularizou: — Que diferença isso fará se o telefone morrer?

— Eu tentei, mano.

— O que devemos fazer? — perguntou Mel.

— O que podemos fazer? — questionou John Scott. — Esperar eles ligarem antes que a bateria acabe.

— Desligue o telefone — disse eu rapidamente.

Tomo franziu a testa. — Ahn?

— Desligue o telefone. Economize bateria. Nós ligaremos para eles em algumas horas. Eles resolverão tudo até lá e estarão prontos para agilizar o rastreamento.

Tomo olhou para os outros.

— O celular pode não ligar de novo — argumentou John Scott.

— É um risco que teremos que correr — respondi.

Ele avaliou a situação e deu de ombros. — A escolha é sua, Ethos.

Eu o encarei. Ele estava disposto a concordar com minha sugestão. Mas, se não desse certo, ele estava garantindo que a culpa fosse somente minha, permanecendo inocente por ser cagão demais para tomar uma decisão.

— Desligue, Tomo — ordenei.

Ele desligou o telefone.

*Nossa situação se transformou em um inferno em um piscar de olhos*, pensei enquanto sentava sozinho, distante dos outros. Ben se enforcara, nós nos perdemos e Neil estava cada vez pior. Meus pensamentos estavam embaralhados e tentei acalmá-los e organizá-los. Não tinha nada que pudéssemos fazer por Ben, então eu o empurrei para o final da fila. Decidir ficar onde estávamos fora provavelmente uma decisão sábia. A última coisa que queríamos era que ficássemos ainda mais desorientados. Eram mais do que duas horas de caminhada até o estacionamento, o que nos colocava em um lugar bastante remoto. Com sorte, a polícia conseguiria triangular a nossa posição e viria atrás de nós. Se não, sabiam que estávamos ali perdidos e que estávamos com um homem morto e outro doente. Organizariam uma equipe de busca. Enquanto isso, teríamos que permanecer no mesmo lugar e encontrar uma fonte de água.

O que me levou à maior preocupação: Neil. Eu já sofrera intoxicação alimentar quando tinha oito anos. Meus pais passaram o final de semana fora e Gary estava cuidando de mim e fazendo minhas refeições. Na primeira noite, ele preparara hambúrgueres de frango cozido na churrasqueira nos fundos da casa. O peito de frango estava ruim e mole no centro. Gary, com apenas treze na época, me dissera para colocar mais cebola e outros condimentos, o que eu fizera, ocultando o sabor terrível. Na manhã seguinte... credo, as câibras abdominais. Eu tinha certeza de que um alienígena estava crescendo dentro de mim, pronto para explodir na minha barriga. Eu passara o dia inteiro na cama, com visitas frequentes ao banheiro, sem saber o que sairia de mim. Em algum momento, ficara fraco demais para andar até o banheiro e ficara jogado em frente ao vaso. Gary ficara comigo o tempo inteiro, levando copo após copo d'água para que eu me reidratasse. Se não fosse por ele, eu não sabia o que poderia ter acontecido no pior dos casos. Eu já ouvira falar de pessoas saudáveis e em forma que morreram de intoxicação alimentar, mesmo com acesso a água e remédios. Sério, a toxicidade podia chegar ao ponto de envenenamento.

Então, o quanto o vírus ou a bactéria dentro de Neil era tóxico? Ele aguentaria esperar mais um ou dois dias, se necessário?

Eu o observei. Ele estava deitado de costas, com as mãos na barriga e os joelhos apontados para o céu. Parecia estar quase calmo. Achei que poderia estar dormindo, até vê-lo se contorcer abruptamente, gritando como se alguém lhe tivesse atingido o abdome com um taco de golfe.

Os outros ignoraram ou olharam sem saber o que fazer.

O que poderíamos fazer?

Eu me concentrei no mistério dos celulares desaparecidos. Tentei me colocar no estado mental de Ben. Vendo o corpo, no estágio de decomposição em que estava, algo ficara evidentemente claro para mim. Eu sabia a facilidade com que aquilo poderia acontecer quando se come cogumelos mágicos. Acontecera comigo na faculdade. Depois de comer um bolo de chocolate batizado com três gramas de cogumelo, eu tivera um dos melhores momentos da minha vida, vivenciando iluminações atrás de iluminações, ou o que pelo menos achara que eram.

Quando a onda errada batera.

Enquanto voava pelo quarto no dormitório, liguei para uma garota chamada Amy que conhecera anteriormente em uma maratona de bares. Ela morava fora do campus, na casa dos pais. Quando a mãe dela me disse que Amy não estava em casa, perguntei se ela já tinha saído para uma festa onde eu pretendia aparecer mais tarde naquele dia, que envolvia togas em uma casa de fraternidade. A mãe disse que não, que ela estava na casa de uma amiga, e começou a perguntar sobre a festa. Apesar de ter sido uma pergunta inocente, entrei em pânico, achando que criara problemas para Amy. Desliguei o telefone na cara da mãe dela e, quando percebi, estava andando de um lado para o outro pelos corredores. Na minha cabeça alterada, eu estava convencido de que Amy mentira para a mãe sobre a festa dizendo que

iria para a casa de uma amiga naquela noite, e eu estragara toda a armação. Amy apareceria no dia seguinte, com os pais gritando, e colocaria toda a culpa em mim. Depois disso, foi um grande desastre na minha mente. Amy ficaria de castigo por semanas e falaria para eu ir para o inferno, espalhando para todos o que eu fizera. As pessoas me achariam um cuzão e começariam a me evitar. Meu ano de calouro estaria arruinado.

Tudo aquilo não fizera sentido algum, claro, mas ninguém pensa nem age racionalmente quando está louco de cogumelo. Antes de completar uma hora de onda, eu já estava tão fodido a ponto de não conseguir falar com ninguém e acabara do lado de fora, perambulando pelo perímetro do mato que cruzava o campus. Eu estava drogado, não conseguia dormir e queria apenas ficar sóbrio de novo. A ansiedade e a paranoia ficaram tão terríveis que comecei a considerar formas não letais de apagar. E tudo aquilo começou com uma simples ligação que, no dia seguinte, descobri pela própria Amy que não fora nada demais: a mãe dela só puxara papo.

Fora isso que acontecera com Ben, só que em uma escala mais devastadora? Os cogumelos ficaram contra ele, com a onda aumentando tanto que fizera com que decidisse se enforcar? Afinal de contas, ninguém sabia a potência dos cogumelos daquele lugar nem a quantidade que ele comera. Eles não foram desidratados nem cortados em pedacinhos e colocados em um saquinho. Ele poderia ter tomado uma dose autodestrutiva sem saber.

A raiva da tolice de John Scott surgiu novamente, mas eu a ignorei.

Os celulares.

Por que Ben pegaria os celulares? Ele ficara louco a ponto de achar que éramos inimigos dele? Ele se convencera de que matamos o homem com a caneta no bolso da camisa? Escondera o barbante e os celulares para que nosso destino fosse perecer em Aokigahara com ele?

Aquilo não fazia muito sentido para mim. Senti como se estivesse forçando uma explicação para encaixar uma conclusão pré-preparada.

Abordei o enigma de diversos ângulos, mas, passados outros trinta minutos sem progresso algum, comecei a repensar no que vira mais cedo nos olhos de Nina e descartara instantaneamente: o paranormal.

Eu nunca acreditei em fantasmas e afins porque a ideia de espíritos entre este mundo e o próximo parecia baboseira demais para mim. Propaganda religiosa, mais coisa da televisão e de Hollywood do que da vida real.

Mas e se houvesse uma explicação mais científica?

Comecei a pensar em algo que eu lera em uma revista velha e cheia de orelhas chamada *Ciência Popular*. Passei alguns dias em um albergue em Barcelona alguns dias antes da minha tentativa imbecil de cruzar o Caminito del Rey. O título do artigo em questão era "A Ciência por trás de Fenômenos não Vistos". Citando a teoria das cordas, física quântica e diversas outras coisas das quais eu não conseguia me lembrar no momento, o autor argumentara que existia não só um, mas bilhões de universos, formando um tipo de espuma cósmica na qual havia um número infinito de dimensões e linhas do tempo. Quando uma dessas linhas do tempo ou dimensões se sobrepunha à nossa, era possível testemunhar um reflexo eletromagnético de alguém ou algo que existia em outro plano.

Imagino que preferiria isso a espíritos presos porque se baseava na ciência e não em fé cega. O problema, claramente, era que o artigo dizia que a ciência não podia provar. Sem falar no conceito como um todo, apesar de bolado de forma metafísica, ainda parecer improvável, quase como se fosse um truque barato de mágica, algo que seria considerado em uma conversa entre bêbados em uma festa, mas que seria indubitavelmente desconstruído com mais reflexão na manhã seguinte.

Em seguida, lembrei-me do que uma chinesa chamada Bingbing Wong, que morara na minha casa de hóspedes, me dissera uma vez. Certa noite, estávamos falando sobre fantasmas e ela admitira que, quando criança, sempre ouvia passos fora do quarto no meio da noite. Ela sempre tivera medo demais para ver

se havia alguém, mas o cachorro sempre sentava na porta e rosnava até que os passos parassem. Anos depois, ela descobrira com os pais que o dono original construía a casa para a esposa como presente de casamento, mas que ela morreria antes do casamento, fazendo com que ele se enforcasse no ventilador de teto.

Bings era uma das pessoas mais inteligentes e racionais que eu conhecia e não me surpreendi quando ela justificou a história dizendo que certas rochas e minerais dentro da terra, ou até mesmo corpos grandes de água acima ou abaixo do solo, eram propícios a armazenar a energia residual deixada para trás por alguém que morreu, sendo reproduzida por anos, décadas ou até séculos. Esse era o porquê de fantasmas não parecerem ter inteligência, personalidade nem massa e fazerem sempre as mesmas coisas, pois eram o equivalente à versão tridimensional de programas de TV antigos sendo reproduzidos muito depois da morte dos atores.

Pensando no argumento de Bings naquele momento, comecei a me aprofundar nos pensamentos sobre os depósitos de ferro no magma sólido sob Aokigahara Jukai poderem ter uma formação geológica propícia a armazenar e reproduzir as imagens dos mortos que cometeram suicídio ali... até perceber que estava negligenciando algo.

Se os fantasmas fossem míseras gravações impressas no ambiente, sem inteligência nem massa, não podendo interagir com o nosso mundo, como seria possível explicar os crucifixos balançando e os celulares desaparecidos?

Fiquei sentado, erguendo as sobrancelhas, enquanto tentava imaginar alternativas que explicassem a existência de fantasmas. Aquilo se tornara um jogo para mim, uma forma de passar o tempo. Mas não consegui pensar em nada. Brinquei de advogado do diabo comigo mesmo e perdi. Fantasmas não existiam e eu não conseguia me convencer do contrário. Eu estivera certo o tempo inteiro. As visões de fantasmas não passavam de fenômenos psicológicos ou, como eu dissera para Nina, projeções: você vê o que quer ou espera ver. A viúva triste vê o marido falecido porque precisa do conforto de saber que ele está bem e feliz na vida após a morte. A mente dela permite que tenha alucinações para ajudá-la a superar o estresse da perda.

Acho que, quando você quer enlouquecer — e todo aquele trem de pensamentos fora uma loucura, então por que não? — pode levar o conceito de projeção ainda mais além e argumentar que as visões não são apenas alucinações, mas verdadeiras manifestações físicas, criadas pelo subconsciente, seu ou de outra pessoa. E por que não? A ciência ainda precisa entender completamente os poderes da mente humana. Até que ponto uma pessoa comum a usa? Dez por cento? Quinze? Existiam tantas coisas que não conhecíamos que era certamente possível produzirmos manifestações e barulhos.

O que me levou de volta para o começo das minhas reflexões e ao único culpado dos celulares desaparecidos: Ben. Ele ficara paranoico, tivera alucinações e, por motivos que talvez nunca descobríssemos, pegara os celulares e escondera-os antes de se matar.

Balancei a cabeça lentamente, não gostando da sensação fraudulenta e incerta que persistia, quando notei a floresta ao meu redor novamente. Ela ficava mais escura à medida que o dia caminhava para o lusco-fusco, expandindo-se com malevolência e espanto ocultos.

Levantei e juntei-me aos outros com a intenção de ligar novamente para a polícia.

Nina e Mel estavam sentadas juntas, de mãos dadas, olhando silenciosamente para o chão em frente a elas. John Scott tirara a jaqueta e estava fazendo flexões. Eu queria pensar que ele estava sendo um grande idiota, mas o exercício era provavelmente a forma que tinha para se livrar do nervosismo. Eu teria feito o mesmo dando uma boa caminhada, se tivéssemos como rastrear o caminho. Tomo estava a seis metros de distância de todos, agachado ao lado de Neil, olhando sem saber o que fazer enquanto o

homem permanecia enrolado em posição fetal, com os braços sobre a barriga, balançando para frente e para trás, gemendo.

Minha barriga estivera roncando nas duas horas anteriores e eu considerei dividir a parte do café da manhã de Ben, mas decidi guardá-la... apenas por precaução.

— Está pronto para ligar para a polícia de novo, Tomo? — perguntei a ele.

— Com certeza — disse ele, aproximando-se.

Subitamente, ele se tornou o centro das atenções, com todos cercando-o. Ele pressionou o botão de ligar do telefone. O logotipo da DoCoMo apareceu com uma música bonitinha.

Apesar de a tensão entre nós ser palpável, ninguém reagiu em comemoração àquilo. Os olhos permaneceram fixos na tela. Ainda estávamos longe da liberdade.

Tomo ligou para a polícia e colocou o telefone na orelha. Uma voz respondeu. Parecia baixa e mecânica. Tomo falou rapidamente. Ele começou a assentir, erguendo o polegar.

Em seguida, ele tirou rapidamente o telefone da orelha, como se tivesse sido mordido.

A tela estava preta.

— Ah, merda! — xingou ele.

Todos começaram a falar:

— Acabou a bateria!

— Não pode ter acabado!

— Tente de novo!

Tomo tentou ligar o celular, mas sem sucesso.

Olhei para o lado, chutando as folhas mortas.

— Eu falei, Ethos — disse John Scott. — Falei para não desligar. Agora estamos muito fodidos.

Eu me exaltei com ele. — Falou porra nenhuma!

— A culpa é sua...

Eu corri em direção a ele, que se escondeu atrás de Tomo, fora do meu alcance.

De repente, Mel estava na minha frente, gritando para que eu parasse.

— Chega! — exclamou ela. — De novo não! Vocês dois, relaxem!

Fiz uma última tentativa de agarrar John Scott e desisti.

O filho da puta estava com um sorriso na cara.

— Mentiroso de merda — xinguei.

— Vá chupar uma rola...

— Chega! — Mel gritou de novo com a voz ríspida. — Parem de agir como crianças e de brigar.

Temos problemas mais sérios para resolver aqui, não acham?

Ela tinha razão, claramente. Eu me afastei dela, considerei uma investida para alcançar John Scott, mas decidi que não valia a pena.

— Temos que dar o fora daqui — disse ela com mais calma. — Precisamos encontrar um jeito de darmos o fora.

— Eu acho que é nessa direção — disse Tomo apontando para trás de mim.

— Eu acho que é para cá — declarou John Scott, apontando o queixo para outra direção.

Eu não fazia a mínima ideia e não especulei.

— Será que a polícia conseguiu rastrear a chamada? — perguntou Nina.

— Depois de cinco segundos?

— Talvez.

— Duvido.

— Como você sabe?

— Não sei.

— Então esperamos? — perguntou Tomo.

Nina assentiu. — Sim, é o que deveríamos fazer.

Concordei. — Mesmo se não conseguirem rastrear a chamada — falei —, sabem que estamos aqui e organizarão uma equipe de busca.

— Mas Aokigahara é muito grande — argumentou Tomo. — Como nos encontrarão?

— Eles têm o vídeo de nós entrando na floresta — falei. — Saberão pelo menos até onde fomos na trilha. Suspeitarão que seguimos as setas para a esquerda ou para a direita. Não deve ser tão difícil para eles nos rastrearem.

— E Neil? — questionou Mel.

Todos olhamos para ele, que tinha os olhos fechados. Eu achei que estava dormindo até ver as linhas apertadas em volta dos olhos e da boca.

Não estava dormindo. Estava sofrendo.

— Ele não consegue andar — disse John Scott. — É melhor deixá-lo descansar.

— Quando eles virão? — perguntou Nina. — A equipe de busca. Hoje à noite?

Sacudi a cabeça. — Faltam apenas algumas horas para anoitecer. Até prepararem tudo, terá anoitecido. Acho que começarão assim que amanhecer.

— Não posso passar outra noite nessa floresta — declarou Mel, cruzando os braços sobre o peito — Não mesmo. Tem... acho que tem...

— O quê? — perguntou John Scott.

— Alguma coisa por aí.

— Alguma coisa?

— Não sei — disse ela claramente desconfortável.

— Fantasmas — declarou Nina.

— Está de brincadeira, caralho? — reclamou John Scott.

— Então o que aconteceu com os nossos celulares?

— Ben... — comecei.

— Isso não aconteceu — disse Nina de forma áspera — e você sabe muito bem.

John Scott gargalhou. — Vocês perderam a noção, meninas?

— Isso não tem graça, John — respondeu Mel.

— Vocês assistiram a filmes de terror demais.

— Nossos celulares sumiram. A fita vermelha sumiu...

— Não sabemos se ela sumiu.

— Por que Ben pegaria tudo? — ela questionou. — Não faz sentido.

— Por que um *fantasma* faria o mesmo?

— Porque não quer que saíamos daqui.

— Sei — respondeu John Scott, sorrindo. — Ei, talvez Ben não tenha se matado. Talvez o fantasma o tenha possuído e forçado o ato.

O silêncio que se seguiu estava repleto de reflexão. Eu quase consegui ver Mel e Nina assentindo mentalmente.

— Puta que pariu — xingou John Scott. — Tomo, você acredita nisso?

— Fantasma assassino?

— Sim.

— De jeito nenhum, mano.

— Ethos?

— Não vou descartar nada — respondi principalmente porque não queria que John Scott achasse que eu estava do lado dele.

— Mas você quer passar a noite aqui?

— É melhor do que perambular sem destino. Precisamos conservar nossa energia. — Dei de ombros, ficando impaciente com toda aquela conversa sobre coisas sobrenaturais. — É só mais uma noite. Se estiver preocupada com algo por aí, Mel, então John Scott, Tomo e eu nos revezaremos em turnos para ficarmos de vigia. Somos seis no total. Ficaremos bem.

Eu conseguia ver nos olhos de Mel o que estava pensando, mas o que sentia estava claro: seis pessoas ou seis mil pessoas não fariam diferença contra um fantasma.

— Ainda temos luz — ela comentou. — Você continua falando que estamos indo para o lado errado. Mas, se formos para o lado *certo*, talvez encontremos a saída antes do anoitecer.

— E o que você quer fazer — respondi —, uma votação?

Ela mordeu o lábio inferior, frustrada, pois sabia que estava em desvantagem.

John Scott levantou a mão. — Voto por ficarmos.

Tomo levantou a mão. Logo em seguida, Nina fez o mesmo.

Mel olhou para mim, com raiva e súplica ao mesmo tempo.

— Não importa o meu voto — falei. — Já são três a um.

— E Neil?

— Ele não pode votar.

— Por que não? — exigiu ela.

— Ele mal consegue andar.

— Ele preferirá ir embora. Eu sei disso. Ele precisa de ajuda.

— Uou, calma aí — interveio John Scott. — Ethos, vote logo.

— Foi mal, Mel — falei —, mas acho que devemos ficar aqui.

Ela me encarou, com lágrimas nos olhos, e virou-se de costas.

As sombras emergiram de seus santuários diurnos, depravando as árvores mais do que já estavam, transformando-as em monstros indiscerníveis diretos de um conto de fadas sádico. O cinza parecia carvão e o carvão, preto. Logo em seguida, a noite caiu sobre nós como um ladrão, silenciosa e rapidamente. Se alguém diz que não tem medo do escuro, é porque nunca passou uma noite em Aokigahara Jukai. Não importa o tamanho da coragem, existe algo tão enlouquecedor e errado naquela floresta que invade os recessos mais escondidos da mente, despertando os medos mais primitivos.

Sem a mínima vontade de ficar sem o conforto de uma fogueira, passamos o resto da luz do dia armando as barracas e reunindo madeira mais do que suficiente para durar até a manhã seguinte. Formamos uma roda ao redor das chamas de um metro de altura, exatamente como na noite anterior, exceto pelo fato de que não tínhamos água nem comida, além de um de nós estar morto.

O grupo estava mentalmente mal. Ninguém conversava. Ninguém fazia praticamente nada. Sentamos e esperamos que a polícia aparecesse milagrosamente ou que o sono apressasse o amanhecer. Eu queria falar algo para quebrar o silêncio sufocante, mas não tinha nada a dizer.

Meu estômago estava azedo com uma mistura desagradável de ansiedade e fome. Senti a boca seca, a cabeça e o corpo doendo, e estava começando a ficar tonto.

Olhei para Neil. Ele permanecera a uns bons cinco metros de distância do resto de nós em uma insistência obstinada. Quando não estava enrolado em posição fetal balançando para trás e para frente, ele vomitava ou defecava. Ele mal conseguia reunir forças para ficar de pé e não se afastara mais do que dez metros de distância do acampamento para satisfazer tais necessidades. Os gemidos constantes e as viagens ao banheiro começaram a me irritar os nervos. Eu sabia que a culpa não era dele, mas estava irritado e em um estado soturno. Parecia quase um desrespeito à memória de Ben o fato de Neil ter sofrido uma intoxicação alimentar bem ali e naquele momento.

Não era apenas eu que estava irracionalmente irritado com ele. Na luz vibrante da fogueira, vi todos lançando olhares irritados a Neil em vários momentos.

Sentindo-me culpado por alimentar esses pensamentos, fui vê-lo novamente. Ele estava deitado de lado, de costas para mim. O rosto estava coberto de suor. A blusa também deveria estar encharcada, apesar de eu não conseguir vê-la. O saco de dormir cobria seu corpo, apertado firmemente em volta do pescoço. Ele parecia uma lagarta em um casulo, apenas com a cabeça para fora, tentando se libertar.

— Ei, Neil — falei, agachando-me ao lado dele —, sou eu, Ethan.

Ele não respondeu nem reconheceu a minha voz. Encostei na testa dele levemente com as costas da mão. Ele estava ardendo em febre.

— Como você está aguentando aí? — Foi uma pergunta idiota, mas o que mais havia para dizer? *Seu testamento está atualizado, amigão? Algumas últimas palavras para dizer para Kaori?*

Eu não achava que Neil estivesse correndo perigo mortal. Ele já passara mal por quase um dia. Os sintomas poderiam diminuir durante a noite. Se não, a polícia apareceria no dia seguinte e poderia levá-lo a um hospital.

*E se os sintomas não melhorarem? perguntei a mim mesmo. E se a polícia não aparecer? O que faremos? Aí sim Neil estará em perigo. Ele morrerá bem aqui, nesta floresta, acabado e pútrido, provavelmente por falha de algum órgão, mas, bem, tudo é possível, talvez sofra um ataque... ou decida que morrerá de qualquer jeito e acabe tirando a própria vida. Aquele era o lugar certo para fazer algo assim.*

Ele murmurou algo.

— O que foi, Neil? — perguntei, chegando mais perto dele.

— *Árrrguuaa* — ele falou de forma seca e áspera.

— Não temos nada. Acabou hoje de manhã.

A resposta dele foi fechar os olhos com força.

Olhei para ele sem saber o que fazer. Quanto tempo uma pessoa dura sem água? Três dias? Parecia ser mais ou menos isso. Três dias em circunstâncias normais, apesar de que, depois de dois dias, a pessoa já estaria bem ruim. E quando ela tem uma febre intensa e fica suando, mijando e cagando todas as gotas de líquido do corpo? Metade do tempo? Menos?

Se ao menos chovesse, pensei melancolicamente, poderíamos amarrar as barracas para servirem como enormes baldes de náilon. Conseguiríamos água suficiente até para tomar banho. Mas as nuvens torturantemente baixas e repletas de raios permaneciam muito distantes. Era impossível dizer por quanto tempo elas reteriam a preciosa carga ou se desabariam completamente.

Tentei me lembrar dos filmes que vira em que os personagens principais ficaram presos em algum lugar sem água. Algumas imagens vagas se materializaram na minha mente. Uma delas era de um cara enrolando trapos velhos nas pernas e pisando no mato alto para pegar o orvalho. Outro cara, ou talvez o mesmo, fez um silo abaixo do solo. Demorei alguns segundos para entender a mecânica, mas achei ter entendido. Você cava um buraco em forma de tigela com um metro de raio e um de profundidade. Faz uma fossa e coloca um recipiente nele. Cobre o buraco com um plástico e coloca uma rocha no centro de forma que fique pendurada diretamente sobre o recipiente, formando um cone invertido. A umidade do chão reage ao calor do sol produzindo condensação no plástico, que escorre e pinga dentro do recipiente.

Teoricamente, era um bom conceito, mas será que funcionaria? Infelizmente, não poderíamos testar até a manhã seguinte. E, mesmo assim, precisaríamos de um dia claro e uma clareira onde a luz conseguisse chegar ao chão da floresta.

Urina? Pensei desesperadamente. Ele poderia beber urina?

Apesar de ser água em grande maioria, a urina também retém todos os eletrólitos tóxicos que o corpo expele. Eles contribuiriam para a desidratação e não seria possível bebê-la por muito tempo. Mas serviria como uma medida de emergência?

Eu não fazia ideia.

— Socorro — implorou Neil.

— O que você precisa? — perguntei rapidamente.

— Ir ao banheiro.

Coloquei os braços sob as axilas dele e puxei-o para que levantasse. Eu estava certo, a blusa dele tinha várias manchas de suor salgado. Ele cambaleou, balançando para frente e para trás. Escutei John Scott chamando o meu nome, perguntando se eu precisava de ajuda. No entanto, a oferta chegou tarde demais, pois eu e Neil já estávamos andando para as árvores. Por um terrível momento, Neil balançou, fazendo um esforço seco para vomitar enquanto eu esperei que sujasse os meus sapatos. Felizmente, ele não conseguiu e continuamos andando. Quando chegamos a uma árvore, ele me largou e atrapalhou-se com o botão da calça. Eu me afastei vários passos, olhando para o acampamento. Consegui ver o brilho da fogueira, mas nada mais.

Neil cagou. O som pareceu o de uma torneira completamente aberta. Puxei a camisa para tapar o nariz.

— Neil? — chamei após um momento sem atividade. — Você está bem?

— Espere.

Dez segundos depois, ele emitiu um barulho gasoso, seguido de outro e, depois, nada.

— Neil?

— O quê?

— Está pronto?

— Não.

Esperei mais dois minutos. O algodão fino que tapava o meu nariz não era exatamente uma máscara de gás e consegui sentir o fedor tenebroso na garganta. Aquilo quase fez com que eu perdesse o café da manhã, mas consegui resistir à ânsia de vômito.

Em seguida, escutei algo, ou pelo menos achei ter escutado, um ruído da vegetação, algo à minha frente. Prestei atenção e escutei um estalo.

Um galho estalando?

Olhei para a escuridão, mas não ouvi nenhum outro barulho.

Olhei por sobre o ombro. Neil estava agachado, com as calças nos tornozelos e a cabeça apoiada nos antebraços, cruzados sobre os joelhos branquelos. O pênis balançava como uma lesma pálida.

Ele estava dormindo?

— Neil?

— Dê-me um segundo.

Cerca de trinta segundos depois, eu o escutei levantando-se e ajustando as calças. Eu me virei a tempo de vê-lo tombar para a frente e vomitar um líquido preto aguado e pegajoso. Neil limpou a boca com as costas da mão e rastejou na minha direção. Eu o levei até onde ele estivera descansando. Ele desabou, com toda a energia esgotada.

Coloquei o saco de dormir sobre o corpo dele, até o queixo, e rezei para que o pior da doença já tivesse passado.

Olhei para Mel pela porta da barraca. Ela estava deitada de lado, lendo um livro com uma lanterna. Eu quase pedi a ela que a desligasse, pois precisávamos economizar as pilhas, mas estava exausto demais para mais um confronto.

— Como está Neil? — perguntou John Scott. Ele estava sentado de pernas cruzadas, fumando um Marlboro. Senti um desejo quase irresistível de pedir um cigarro.

— Mal — respondi, olhando para o cigarro.

— Ele quer alguma coisa?

— Água.

— Não devíamos ter bebido tudo.

Eu esperei ele me culpar por algum motivo. Em vez disso, ele jogou um pouco de terra no fogo.

Os olhos de Tomo estavam fechados. Eu não sabia dizer se ele estava dormindo ou pensando. Continuei de pé. Se sentasse, provavelmente continuaria conversando com John Scott.

Olhei para as árvores e vi Nina um pouco distante, sentada na base de um abeto, na periferia do brilho emitido pela fogueira. Ela levantou a mão, acenando. Eu entendi aquilo como um convite para me juntar a ela, mesmo que não fosse, e fui até lá.

— Ele está muito mal — declarou ela, para trás de mim, onde estava Neil. — Ele aguentará essa noite?

— Não sei — admiti.

— O que podemos fazer?

— Nada.

A expressão dela era lúgubre.

Sentei-me ao lado dela. — Você não tem outro baseado, tem?

Ela balançou a cabeça negativamente.

Ainda bem, pensei. Eu adoraria dar alguns tapas para relaxar e suprir minha necessidade por um cigarro, mas não sabia se queria ficar introspectivo e filosófico.

— Como você está? — perguntei a ela.

Ela deu de ombros.

— Ben... ele era um cara legal. — Fiz uma careta mental ao notar como aquilo soara mal.

— Tudo bem — disse Nina.

— O quê?

— Você não precisa dizer nada.

Eu assenti, aliviado por não ter que dizer besteiras. Se conhecesse Ben melhor, eu contaria uma história para Nina sobre ele, uma lembrança engraçada que nos faria sorrir. Mas eu não sabia nem o sobrenome dele, quiçá algo nostálgico, e estava contente por concluir o assunto com "ele era um cara legal".

— Ele queria ser ator — disse Nina. — Acredita nisso? Ator?

Eu não falei nada.

— Ele era inteligente — ela prosseguiu. — Poderia ser tantas coisas, não? Médico. Advogado. Intérprete. Mas ele queria ser ator... um ator famoso. — Ela limpou uma lágrima que escorrera do olho. — E quer saber? Ele poderia muito bem ter conseguido. Essa é a parada. Todos diziam que era um sonho impossível. Mas como seria impossível se outras pessoas realizaram o mesmo sonho? Porque elas realizam. Você as vê na televisão, no cinema. Algumas pessoas realizam esses sonhos. Ben poderia ter sido uma dessas pessoas. Ele era tão agradável, tinha tanta paixão. Ele conseguia fazer tantas personificações. Woody Allen. Ele conseguia imitá-lo. Várias outras pessoas.

— Ele já atuou em alguma coisa? — perguntei.

— Não, nada.

— Nenhum comercial? Nem peça de escola?

— Não que tenha me contado. Ele tinha medo de atuar em frente às pessoas.

Ergui as sobrancelhas. — Mas como ele queria ser um ator?!

— Bem idiota, não?

Após uma pausa de incerteza, dei uma risada. Foi uma sensação boa. Por um breve momento, vi Ben repleto de otimismo. Era como eu queria me lembrar dele, não triste, inchado e pendurado em uma corda.

Escutei John Scott e Tomo conversando e olhei para eles. Tomo estava entregando um dos mangás para John Scott. Nina pegou um graveto pequeno e começou a batê-lo no chão. Não foi nada dramático. Apenas uma batida rápida, que ela repetiu três vezes.

— Ele não se matou — disse ela abruptamente.

— Nina, já conversamos sobre...

— Você viu a fotografia.

Pensei sobre ela novamente: uma forma fantasmagórica sobreposta à fogueira, com bordas escuras que a contornavam. O formato vago de um rosto.

— As lentes estavam sujas — declarei —, uma distorção.

— Que afetou apenas uma fotografia?

— Você só está acreditando no que quer acreditar.

— Projeção — disse ela com firmeza.

— Sim.

— Ethan, abra a mente! Só porque não viu algo, não significa que não existe. Milhões de pessoas acreditam em fantasmas. Está dizendo que todas elas estão enganadas?

— Sim.

— Você é um tolo.

— Milhões de pessoas acreditam em um deus. Isso não significa que ele exista.

— Ah — exclamou ela.

— Ah, o quê?

— Você é cristão?

— Fui batizado. Mas, não, não sou religioso.

— Foi o que pensei... e esse é o seu problema.

— Qual?

— Você não acredita em nada. Não tem fé em nada. É completamente cético. Estou discutindo com uma parede de tijolos.

— Com uma parede.

Ela me encarou. — Quer continuar em hebraico?

— Com uma parede serve.

— E o que acha que acontece quando morremos, Ethan?

— Nada.

— Bem depressivo, não?

— Acho que sim. Mas dizer que acredito em algo não mudará como eu me sinto.

— Bem, eu acredito, Ethan. Acredito em um deus e em vida após a morte. Porque estamos aqui. Existimos e temos um propósito. Algo é responsável por isso. E, só porque você não quer saber o que acontece depois, não significa que não haja nada.

Eu não falei nada, pois não começaria a pregar, e minha falta de resposta pareceu aborrecê-la. Ela balançou a cabeça e suspirou profundamente.

— *Ben não se mataria* — disse ela. — Ele era feliz. Queria ser ator. Você não tem um sonho em um dia e comete suicídio no outro.

— Tenho que concordar.

— O que acha, então?

— Ele estava drogado.

— Uma desculpa idiota.

— Não, não é. As drogas mexem com a mente, obrigando você a fazer coisas.

— Não com Ben — disse ela de forma obstinada.

— Nina, você disse que Ben estava obcecado por suicídio. Talvez você não soubesse de tudo. Talvez John Scott estivesse certo e Ben era propício a ser suicida. Algumas pessoas... nunca se sabe. Se ele era e usou drogas...

Nina começou a balançar o graveto sem olhar para mim. — Tem algo que preciso dizer — declarou ela. — Não fui sincera com você.

Franzi a testa. — Sobre...?

— Ben não estava obcecado por suicídio. A ideia de vir para a Floresta dos Suicidas não foi dele.

— Mas você disse que a amiga dele...

— A amiga dele não cometeu suicídio. Apenas tentou. Ela pegou uma faca afiada na cozinha, correu para a banheira quente, entrou nela e cortou os dois pulsos.

— O quê... Quem a encontrou?

— A chinesa que cuidava da casa onde ela estava hospedada, que chamou a polícia e os médicos a salvaram.

Pestanejei enquanto absorvia o que ela dissera. Olhei para os pulsos de Nina, que estavam escondidos sob as mangas do casaco amarelo que ela usava.

Sorrindo tristemente, ela levantou as mangas e, em seguida, as munhequeiras ao redor de cada pulso, revelando uma série de cicatrizes desiguais e brancas. Os cortes pareciam recentes.

— Credo, Nina, por que... — pausei. — Ele estuprou você.

— Eu não dei um golpe de caratê na garganta dele. Não fugi. Ele me estuprou naquele beco, entrou no táxi e foi embora.

— Eu... sinto muito. Caramba, Nina... sinto muito.

Ela assentiu em silêncio.

— Então... — comecei a falar, acreditando que tinha que dizer alguma coisa — a ideia de vir para a Floresta dos Suicidas foi sua?

Ela assentiu novamente.

— E foi você quem pegou o livro sobre suicídio no túmulo?

— Guardamos a comida na minha mochila. Eu não queria que o livro ficasse perto dela e coloquei-o na mochila de Ben.

— O... Ben sabia disso? Quero dizer, seus pulsos...

— Não, nunca contei a ele sobre o estupro nem sobre a tentativa de suicídio.

— Ele nunca viu essas cicatrizes?

— Eu nunca as mostrei para ele. Sabe, Ethan.. Ben e eu éramos mais amigos do que parceiros. Nunca fizemos sexo. Dormimos na mesma cama, demos alguns beijos, mas nunca fizemos sexo. Você acredita nisso? Ele tentou uma vez, na Tailândia, mas deixei claro que não queria. Ele não tentou mais depois disso. Como eu disse antes, acho que ele me amava. Ou estava apaixonado pela ideia de me amar. Era bastante romântico. Faria qualquer coisa que eu pedisse. — Ela largou o graveto. — Acha que sou maluca, Ethan? Acha que sou uma pessoa pior do que achava antes?

— Não, não mesmo — respondi com sinceridade.

— Ótimo. Porque eu me importo com o que você acha.

Ela se inclinou, beijando-me na boca. Os lábios dela eram macios e permaneceram encostados nos meus por um longo momento. Fiquei surpreso por não ter me mexido... nem me afastado.

Em seguida, ela se levantou e foi para a barraca dela.

Tentei não dar muita importância ao beijo. Nina estava estressada, emocionalmente perturbada. Estava feliz por poder conversar comigo. Era apenas isso. Acreditar que havia algo mais entre nós seria infundado... e perigoso. Em vez disso, concentrei-me na confissão dela. Fiquei pasmo por ela ter tentado se matar e disse a mim mesmo que não deveria me impressionar. O fato de ser jovem, inteligente e bela não a excluía de ter tendências suicidas. A maioria das pessoas que me conheciam jamais suspeitara que eu já considerara suicídio. Era uma doença, uma infecção que poderia afetar qualquer pessoa em qualquer momento.

Logo, a confissão dela de que Ben não fora obcecado por suicídio não mudou o que eu achava sobre o que causara a morte dele nem me fez acreditar na balela de fantasmas em que ela acreditava. Não importava se Nina não queria acreditar, mas Ben tirara a própria vida e as drogas eram as responsáveis. Era a única explicação lógica e terrestre.

Eu me levantei e voltei ao acampamento onde John Scott e Tomo liam os mangás silenciosamente. Nina fechara o zíper da porta da barraca dela enquanto Mel, ainda em nossa barraca, desligara a lanterna e estava deitada acordada no escuro ou dormindo. Talvez eu estivesse me sentindo culpado pelo beijo, mas já não me importava mais com o relacionamento estranho de Mel e John Scott nem com o que ele estava fazendo ali. Tudo que eu queria era me cobrir com o cobertor térmico ao lado dela, puxá-la para perto de mim e dizer que eu sentia muito... por tudo. Por levá-la àquela floresta, por não ter sido franco com a história de Shelly e por ter ficado ao lado dos outros, votando para ficarmos lá. A última parte foi a que mais me incomodou. Ela era a minha namorada, minha futura noiva, futura esposa. Estava assustada e, antiquado ou não, eu deveria cuidar dela. Eu conseguia entender por que ela estava chateada. Do ponto de vista dela, eu a traía.

Mesmo assim, o que eu poderia ter feito de diferente? Guardado nossas coisas e tentado encontrar uma saída de Aokigahara uma ou duas horas antes do anoitecer? Aquilo não parecera uma boa ideia no momento e ainda não parecia. O básico da sobrevivência: caso você se perca, permaneça parado até que o resgate apareça. Estatisticamente, os heróis que perambulam à procura de ajuda são os mais propícios a sofrer com o clima e a geografia, morrendo devido à exposição.

Tinha um cara, que eu conhecera na universidade, que batera as botas dessa forma. O nome dele era Craig "Garanhão" VanOrd, tinha um metro e noventa de altura, era jogador de rúgbi, cabelos loiros e curtos, olhos cinzentos e pálidos, e provavelmente era o aluno mais popular do nosso ano. Ele era o rapaz com quem você falava se quisesse saber onde seria a festa da noite. O rapaz com quem você falava se quisesse comprar maconha, cogumelos, *ecstasy*, pó ou o que viesse à cabeça. Não era traficante nem ganhava dinheiro vendendo aquelas coisas. Não precisava de dinheiro, pois os pais eram ricos. Simplesmente conhecia quem tinha as drogas e conseguia para você. No entanto, não era idiota. Não fazia isso para qualquer pessoa. Era preciso ser amigo dele ou, pelo menos, amigo próximo de algum dos amigos dele.

Eu não sabia ao certo por que ele ganhara o apelido de Garanhão, mas imaginava que tinha algo a ver com o fato de ter jeito com as mulheres. Os rumores diziam que, na semana dos calouros, fora um dos rapazes responsáveis por pendurar faixas de dez metros nas ruas próximas da universidade com a frase "PAIS, OBRIGADO PELAS SUAS FILHAS!". Garanhão devia ter traçado umas vinte garotas entre o começo do ano letivo, que começara em setembro, e o momento em que morrera em fevereiro. Aquele número sempre me impressionara porque as garotas que ele pegava em seu quarto estavam bem cientes da reputação dele. Pior ainda, elas provavelmente conheciam a maioria das outras garotas com quem ele dormira. Mesmo assim, ele não só saía ganhando, como também era fanfarrão, de alguma forma

permanecendo em bons termos com todas as garotas com quem passara apenas uma noite, o suficiente para que nunca falassem mal dele pelas costas.

Não preciso dizer que fiquei surpreso quando Shelly, minha ex, disse que já dormira com ele. Minha primeira dúvida foi se ela fizera exame de DSTs. Ela achou que eu estava brincando, o que era mentira, e disse que fazia exame todos os anos. Minha segunda pergunta, algo difícil de admitir porque Garanhão já estava na cova havia três anos, fora se ele era bom ou não de cama. Shelly gargalhara e dera de ombros de forma estranha. Resolvi deixar por isso mesmo, decidindo que não queria saber a resposta.

Para comemorar o dia dos namorados, Garanhão levava a garota mais recente, Jenny Walton, para a cabana dos pais nas montanhas Pocono, uma viagem de carro de três horas para o leste da Pensilvânia. Eles fizeram a viagem em um longo final de semana e estavam voltando, de carro, tarde da noite de uma segunda-feira, quando Garanhão perdera o controle do Jeep e atravessara uma barragem rochosa de quinze metros... diziam que Jenny o estava chupando naquele momento. Apesar de Jenny ter se ferido gravemente no acidente, Garanhão saía sem nenhum arranhão sequer. Seria de se pensar que o rapaz fora abençoado ao nascer pelo próprio anjo Gabriel para ter uma existência encantada... se não soubesse o que acontecera em seguida.

A temperatura estava vinte graus abaixo de zero nas montanhas. O motor do Jeep fora demolido na batida, o que significava que Garanhão e Jenny não conseguiriam ligar o aquecedor do carro. Além disso, era muito tarde, o lugar onde saíram da estrada era pouco movimentado e a colina era íngreme demais para escalar. Garanhão decidiu descer a montanha a pé para procurar ajuda.

Jenny foi encontrada três horas depois por um motorista da Fedex que notou que um pedaço da cerca de segurança sumira. A polícia levou mais duas horas para puxá-la de volta à estrada. Ela sofreu ulcerações causadas pelo frio nos dedos dos pés e das mãos e quebrou duas costelas e a clavícula. Garanhão não foi encontrado até o meio da tarde do dia seguinte. Os rastros dele levaram a um lago congelado a vinte quilômetros dali, que ele seguiu por mais dez quilômetros. De forma paradoxal, ele tirou a maioria das roupas, um efeito colateral comum da hipotermia, antes de fazer um abrigo na neve, onde passou as últimas horas de vida.

Então, sim, eu me convenci naquele momento. Tomamos a decisão correta. Ficar no mesmo lugar fora uma decisão sábia. Mel podia estar chateada comigo, mas veria. Ela me agradecerá no dia seguinte.

Eu notei copos de papel na mão deles pela primeira vez. Confuso, comecei a me perguntar onde John Scott e Tomo encontraram água e por que estavam bebendo, mas olhei para Neil e percebi que não encontraram nada. Em seguida, vi uma garrafa de uísque Suntory largada sobre as raízes de uma árvore.

— Que merda vocês estão fazendo? — questionei.

John Scott virou o que sobrara no copo dele. — Não achamos que Neil se importaria se atacássemos a garrafa dele, considerando a situação em que está.

— Você chegou a considerar a situação de *vocês* amanhã?

— Eu consigo me virar, cara.

— É um diurético — argumentei.

— Diu o quê? — perguntou Tomo.

— Faz com que você mijie — esclareceu John Scott.

— Ah — compreendeu Tomo.

— É, Tomo, ah — comentei. — Estamos no meio de uma floresta sem água.

— A polícia aparecerá amanhã.

— É o que esperamos. E se eles não nos encontrarem?

— Não seja melodramático — reclamou John Scott.

— É possível.

Ele deu de ombros. — Se eles não nos encontrarem e não chover, morreremos em alguns dias de qualquer maneira. — Como se quisesse demonstrar que estava disposto a correr tal risco, ou apenas para me desafiar, ele pegou a garrafa e encheu o copo. Deu um apenas um gole dessa vez, voltando a atenção para o mangá.

— Quer um pouco? — ofereceu Tomo.

— Não, Tomo. E eu acho que você deveria parar de beber.

— Beleza, tudo bem, não vou beber mais. Esse é o último. Quer um mangá?

— Não.

— Peitões.

— Não.

— Estão ali, na minha mochila.

Eu observei os dois por alguns momentos, lendo e bebendo, como se estivessem em uma festa. Uma palavra surgiu em minha mente: *idiotas*.

Como eu não tinha mais para onde ir e estava sentindo-me um idiota por ficar observando-os, sentei e flexionei a mão direita. As bolhas tinham se rompido, apesar de a dor ter diminuído e não estar tão perceptível naquele momento. Além do estalar da fogueira, a noite estava previsivelmente calma. Até Neil permanecia em silêncio. Parecia que as dores dele finalmente tinham diminuído e ele pegara no sono.

A fumaça subia pela madeira em chamas, com o cheiro defumado despertando a minha fome. Eu me imaginei assando uma linguiça sobre as chamas, escurecendo a pele e fritando a gordura. A imagem foi tão poderosa que comecei a salivar. Meus olhos encararam a garrafa de uísque, que estava cheia pela metade. Um copinho de uísque podia não ser comida, mas satisfaria o meu apetite. Também acalmaria os meus nervos, permitindo que eu esquecesse Ben por um tempo e aguentasse esperar até o dia seguinte. Um copo, talvez dois. Não faria mal algum. Aquilo também poderia me ajudar a dormir com mais facilidade...

— Como organizaremos os turnos de vigia? — perguntei para me distrair.

— Você não está falando sério, está, cara? — questionou John Scott.

— Não fará mal algum.

— Não seja tolo. — Ele abaixou a voz. — Não tem fantasmas nessa merda de lugar.

— Talvez não. Mas alguém tem que ficar de olho em Neil... e em Ben.

— Ben?

— Para garantir que nenhum animal apareça ou algo assim.

— Ah, merda — xingou Tomo, desviando o olhar do mangá que lia.

— Então beleza. — John Scott deu de ombros. — Assumirei o primeiro turno.

— Que começará quando?

— Agora.

— Que se dane.

— O quê?

Eram mais ou menos oito horas da noite. Se John Scott assumisse o primeiro turno, começando naquele momento, terminaria por volta das onze horas... ou seja, no horário em que ele dormiria normalmente.

— O primeiro turno começará às dez — declarei. — Cada um com duas horas de duração. Isso fará com que fiquemos vigiando até às quatro, não muito antes do amanhecer.

— E aí? — perguntou John Scott. — Você quer vigiar primeiro?

— Resolveremos tirando palitos. O maior escolhe primeiro.

Peguei um pequeno graveto na pilha de madeira e quebrei-o em três pedaços de tamanhos variados. Fiquei de costas e alinhei a parte de cima dos segmentos para que ficassem no mesmo nível. John Scott

podia ser adulto, mas desconfiei que pudesse xeretar mesmo assim. Virei-me novamente para eles e estiquei a mão.

Tomo escolheu primeiro, seguido de John Scott. Comparamos nossas escolhas. Tomo estava com o maior e eu, com o menor.

— Quero primeiro — declarou Tomo.

— O primeiro turno? — perguntei.

— Sim.

— Assumirei o segundo posto — acrescentou John Scott.

Eu assenti. — Beleza, Tomo. Acorde John Scott à meia-noite.

— Falou.

Ele terminou de beber o uísque que tinha no copo e jogou-o no fogo.

— Ei! — reclamei. — Temos poucos copos, Tomo. Talvez eles sejam necessários para recolher a chuva.

— Cara — disse John Scott com repreensão.

— O quê?

— Pare de ser tão dramático. Estamos bem, entendeu? Não estamos em uma ilha deserta.

— Você sabe o tamanho que esta floresta tem?

— E daí? No pior dos casos, podemos escalar uma árvore, localizar o Monte Fuji e seguir a estrada de tijolos amarelos até chegar em casa.

— Espero que seja bom em escalar árvores.

Ele fez um barulho de desaprovação e voltou a ler o mangá.

— Pessoal, sabem quem vocês me lembram? — perguntou Tomo. — Homens casados. Briga atrás de briga. E eu sou o filho, certo? Tenho que escutar. Vocês me corromperam para sempre.

— Eles ensinam isso na escola de psicologia?

— Falou.

— Isso é algum tipo de expressão nova?

— Falou.

Tomo tirou o chapéu. Os cabelos estavam completamente desgrenhados, com as costeletas tapando as orelhas. Ele estava com olheiras e uma barba curta começara a se formar sobre o lábio superior e no queixo. Olhando para ele naquele momento, lembrei-me de um suspeito em uma sala de interrogatório. Uma expressão de tranquilidade escondendo um interior apavorado. Como John Scott, ele parecia estar confiante de que nos encontrariam no dia seguinte e não estava preocupado em morrer ali. Imaginei que o medo dele estava mais no que achava que aconteceria depois que a polícia chegasse. Ele deveria começar um estágio em algum hospital de Shibuya-ku em breve. O que aconteceria se descobrissem que ele acampara em Aokigahara com vários estrangeiros, sendo que um deles cometera suicídio? Aquele não era bem o tipo de atitude que se esperaria de um psiquiatra. Se nossa expedição fosse documentada, a carreira dele poderia estar em risco antes mesmo de começar.

— Ei, cara — Tomo chamou John Scott —, pode me dar um cigarro?

— Você fuma?

— Só depois do sexo. Mas agora eu quero um.

John Scott pegou um cigarro do maço, jogou-o para Tomo e tirou outro para si mesmo. Ele acendeu o cigarro de Tomo e o próprio logo depois. Em seguida, virou-se e ficou deitado de costas, com a cabeça sobre a mochila, olhando para a copa das árvores, soprando a fumaça em um redemoinho azul. Ele tivera um ataque de pânico logo depois que encontramos o corpo de Ben, quando notara como o resultado poderia afetá-lo... mas, desde então, mantivera-se mais calmo. Naquele momento, poderia estar em um bar sem se importar com o mundo. Ou conseguia esconder as expressões com muita facilidade ou não tinha empatia alguma. A última opção me fez imaginar se ele já matara alguém.

Se participara da invasão do Iraque, as chances eram bem grandes. Ele poderia ter matado um grande número de pessoas. Com certeza já vivenciara a morte de um jeito ou de outro.

— Você já foi ao Iraque? — perguntei a ele.

— Passar as férias?

É, para passar a merda das férias. Por que eu perdia o meu tempo?

— Uma vez — disse ele pouco tempo depois.

— Como foi?

— Um paraíso. — Ele apagou o cigarro, acendendo outro imediatamente. — E, sim, já matei pessoas.

Olhei para ele.

— Era o que você queria saber, certo? É o que todos sempre querem saber.

— Quantas? — perguntou Tomo.

— Duas.

— Você atirou?

— Minha unidade estava em patrulha. Uma bomba explodiu o Humvee que estava na frente. Era uma emboscada. Acabamos no meio de um tiroteio intenso. Eu atirei de volta.

— Você matou os filhos da puta?

— Havia pessoas demais. Chamamos reforços. Um *Blackhawk* apareceu a uns quinhentos metros. Corremos em direção a ele, atirando em tudo que se mexia.

— Você ficou com medo? — perguntei. Eu não o estava provocando, estava sinceramente interessado.

— Você não tem tempo para ter medo — disse ele com honestidade.

— Quando isso aconteceu?

— Há alguns meses. — Ele deu um tapa na perna esquerda. — Fui baleado acima do joelho. Por isso que estou descansando no Japão agora. — Em seguida, ele se sentou e olhou para mim e para Tomo. Ele parecia pensativo e sério ao mesmo tempo. — Se eu for acusado de dar os cogumelos para Ben — disse ele com uma voz baixa e séria para combinar com a expressão —, acabarei sendo preso aqui.

A mudança de assunto repentina me pegou desprevenido.

— Foi idiota, eu sei — ele prosseguiu. — Eu queria poder voltar atrás, mas não tem como. E o Ben *se foi*. Não fodam comigo.

— Não importa o que digamos — respondi —, você precisa falar com Nina.

— Eu falarei. Amanhã. Mas será mais fácil convencê-la se vocês cooperarem. Tomo? O que diz, amigão?

Tomo hesitou. — É, pois é... não sei de nada.

John Scott olhou para mim.

Ele tinha razão: dar cogumelos a Ben fora idiotice. Mas fora uma falta de juízo temporária. Ele merecia passar os próximos sete ou oito anos em uma prisão japonesa por aquilo?

— Mano?

Dei de ombros, sem saber o que dizer.

John Scott assentiu. Claramente, aquilo foi o bastante para ele.

Eu não me virei, mas sabia que estavam seguindo-me, da maneira como se sabe das coisas em um sonho. Eu estava na quinta série. Os rapazes atrás de mim estavam no fim do ensino fundamental. O nome do líder era Hubert Kelly. Ele morava em uma rua ao lado da minha, o que significava que nos víamos quando estávamos voltando da escola. Além disso, tudo que eu sabia era que ele supostamente carregava um par de soqueiras de metal... e que gostava de mexer com crianças mais jovens.

Por mais de um ano, eu tivera medo de voltar para casa, sem saber se acabaria em uma emboscada.

Tudo virara uma questão de quem estava andando à frente de quem. Se o retardado de Kelly estivesse à minha frente, eu manteria distância e permaneceria relativamente seguro. De vez em quando, ele olhava para trás, notava a minha presença e parava. Eu também parava, sem tirar os olhos dele até que ficasse entediado e continuasse andando. Se eu ficasse à frente dele, no entanto, seria uma história completamente diferente. Eu aprendera bem a olhar por sobre o ombro. Mas eu ainda era criança, vivia sonhando acordado e muitas vezes não sabia que Kelly estava por perto até ouvi-lo andando atrás de mim. Ele era muito mais velho do que eu, mas era gordo e lento. Se eu tivesse uma boa vantagem inicial, podia correr e despistá-lo. E, mesmo quando Kelly tinha a sorte de me alcançar, eu conseguia escapar do encontro com apenas alguns machucados porque ele nunca tinha ninguém para quem provar alguma coisa. Fora quando ele me perseguira com dois amigos que eu mais tive medo. Eles eram magros e velozes, e, quando eu estava sonhando acordado, eles me pegavam em oito de cada dez vezes. E eram malvados. Sentavam sobre mim, batiam em meu rosto e rasgavam minhas roupas. Algumas vezes, quando eu revidava, eles me espancavam o suficiente para arrancar sangue.

No sonho, finalmente olhei para trás e meu coração quase pulou pela garganta quando os vi atrás de mim. Não sabia dizer como eles se aproximaram tanto sem que eu escutasse, o que era outra anomalia do sono... mas conseguiram. Gritei e tentei correr, mas Kelly agarrou o meu cabelo, derrubando-me no chão. Em seguida, os três começaram a me bater e a colocar neve na minha boca e no meu casaco.

Eu me debati e gritei, mas não consegui fazer com que me soltassem.

— Qualquer noite dessas, iremos atrás dos seus pais também, moleque — sussurrou Kelly em meu ouvido. — Apareceremos no meio da noite, amarraremos e picotaremos os dois em pedacinhos. Depois, faremos a mesma com você, seu melequento, cortaremos...

Kelly saiu de perto de mim abruptamente. Olhei para cima e vi Gary sobre nós. Não importa o fato de que eram três contra um. Não importava o fato de que eles tinham quase a mesma altura que Gary. Não importava o fato de que Hubert Kelly carregava um pedaço de pau do tamanho de um taco de golfe que usaria como arma. Nada disso importava porque Gary certamente não se importava. Ele desafiou todos eles a atacá-lo, dizendo que quem o desafiasse voltaria para casa com um dente a menos. Kelly e seus capangas foram embora, xingando e prometendo outras surras no futuro, como os valentões sempre faziam. Gary não acreditou em nada daquilo. Ele os perseguiu. Os dois mais rápidos conseguiram fugir, mas Gary pegou o gordo do Hubert Kelly com facilidade. Ele o arremessou no chão, pisou na cabeça dele e colocou uma corda em volta de seu pescoço.

— Não! — gritou Kelly. — Contarei para os meus pais!

Gary passou a outra extremidade da corda por um galho de árvore e puxou-a, erguendo-o do chão, fazendo com que começasse a chutar o ar freneticamente.

— Gare! Pare! — gritei.

Mas a pessoa deixou de ser Gary. Era John Scott.

— Cale a boca, Ethos! — respondeu ele. — Você concordou com isso. Disse que não contaria para os outros. Então cale a boca ou nós dois iremos para a prisão, escutou?

Os olhos de porco de Kelly estavam esbugalhados. Os vasos sanguíneos começaram a inchar. Ele abriu a boca gorda, soltando um gemido aterrorizante e apático...

Eu acordei, desorientado, perguntando-me por um momento por que estava com tanto frio e enrijecido. Em seguida, senti o ar frio. Eu estava acampando com Gary? Nós acampamos várias vezes, apenas nós dois, nas montanhas Porcupine. Mas não... Gary morrera. Eu estava sonhando com ele de novo. Algo relacionado aos valentões que me perseguiram. Gary batera neles no sonho, assim como na vida real em uma tarde de novembro...

— Que porra foi essa? — escutei alguém perguntar.

Sentei e vi John Scott agachado ao lado da fogueira que estava quase apagada.

A realidade voltou como um soco sombrio e repugnante.

*Floresta dos Suicidas. Ben. Morto.*

— O que foi isso? — perguntei com a mente enevoada.

O zíper da barraca de Nina se abriu. Ela colocou a cabeça para fora. — Vocês ouviram isso? — perguntou ela. Os olhos estavam arregalados, o rosto pálido, quase luminescente na escuridão.

Endireitei o corpo. O que eu perdera? O que estava acontecendo?

— Ouviram o quê? — perguntei.

— *Xiu* — sibilou John Scott.

Mel apareceu ao meu lado, fazendo com que eu desse um pulo. — Alguém gritou — sussurrou ela.

Pensei imediatamente em meu sonho, em Hubert Kelly gritando com a boca aberta e soltando um berro de dar arrepios.

— Quem? — perguntei, levantando-me.

— Uma mulher — respondeu Mel. — Acho que foi uma mulher...

— *Calados!* — sibilou John Scott novamente.

Aguardamos e escutamos. Tomo continuava dormindo.

Passado um minuto, perguntei: — Tem certeza de que...

Um grito fantasmagórico, selvagem e agudo veio da floresta, interrompendo-me no meio da frase. Ele ficou cada vez mais alto, atenuando-se para um gemido horripilante. Em seguida, parou tão abruptamente quanto começou.

— Puta que me pariu — xinguei, olhando nervosamente para os outros.

— São eles — sussurrou Nina. — São *elas*.

— Caralho, cale a boca, Nina — exigiu John Scott.

— Então o que foi? *O que foi?*

— Um pássaro — disse eu sem pensar.

— *Não* foi um pássaro, Ethan.

— Talvez um gato selvagem — sugeriu John Scott. — No cio, talvez.

Mel estava ao meu lado, tão imóvel quanto um cadáver. A mão dela agarrou a minha dolorosamente.

— O que faremos? — perguntou ela tão silenciosamente que mal pude escutá-la.

— Nada — declarou John Scott. — Ficaremos aqui, perto da fogueira...

O grito rasgou a noite novamente: uma manifestação feminina e curta de terror e agonia intensa. Em seguida, transformou-se em algo que pareceu uma gargalhada enlouquecida. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram por completo. Senti uma necessidade absurda de correr, de dar o fora dali. Mas estávamos no meio do nada. Presos. Impotentes.

Mel começou a puxar a mão dela. Notei que eu a estava esmagando com a minha. Parei de apertá-la e percebi que havia um líquido na palma da minha mão... sangue. As unhas delas perfuraram a minha pele.

— Meu Deus — exclamou ela. — Meu Deus. *Meodeos!*

Nina se escondeu na barraca dela.

— Acalmem-se todos — ordenou John Scott com autoridade na voz. — Provavelmente... é apenas alguém que veio para cá se matar.

— Por que ela está gritando? — perguntou Mel roucamente. — O que está *acontecendo* com ela?

— Talvez ela tenha feito uma merda — respondeu John Scott.

— Uma merda? — perguntei.

— Cometeu suicídio.

— Com uma corda no pescoço, você não gritaria desse jeito.

— Talvez ela não tenha se enforcado. Talvez, como você disse mais cedo, ela tenha estourado a própria cara.

— Você escutou algum barulho de tiro?

— Alguma outra coisa então — retrucou John Scott. — Você entendeu.

Nina saiu da barraca com a mochila nas costas. Olhamos para ela.

— Temos que ir embora — disse ela com uma voz monótona e vazia.

— Não podemos ir embora, Nina — respondi. — Não temos para onde ir.

— Eles estão por aí!

— Não, não estão, Nina — afirmei. — John Scott tem razão. É apenas outra mulher que resolveu cometer suicídio da forma errada. Provavelmente, tomou alguns remédios ou veneno e está tendo reações ruins, sentindo dor...

Nina gritou algo em hebraico para nós e marchou em direção às árvores.

— Nina! — Levantei-me depressa e corri atrás dela. Eu a alcancei rapidamente e parei em frente a ela, que tentou passar por mim. Agarrei-a pelos ombros. — Nina, pare! Você não pode ir embora.

— Não ficarei aqui!

— Foi só uma mulher.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Foi só uma mulher.

— Solte-me!

— Você acabará se perdendo.

Ela tentou soltar minhas mãos de seus ombros. Segurei-os com firmeza.

Ela respirou profundamente, recompondo-se. — Ethan — disse ela com confiança gélida —, saia da minha frente agora mesmo. Você não pode me segurar contra a minha vontade.

— Para onde você irá?

— Para longe daqui!

— Aonde? — Gesticulei violentamente para as árvores escuras. — Para lá? Sozinha? — A dúvida apareceu em seus olhos e eu pressionei. — Você ficará mais segura aqui do que por aí.

— Não posso ficar aqui.

— Só até o amanhecer. Faltam só algumas horas. Você não precisa dormir, pode ficar acordada perto da fogueira. Ficaremos todos acordados, são apenas algumas horas.

— Não — negou ela, tentando soltar minhas mãos novamente, apesar de não ter usado tanta força quanto antes.

Eu a soltei. — Volte para a fogueira, Nina. Ali é mais seguro.

Apesar de os olhos dela brilharem aterrorizados, a cada segundo que se passava eu conseguia ver o pânico que a dominara minguar lentamente.

Perdendo um confronto interior, ela me abraçou e sussurrou algo contra o meu peito. Ficamos daquele jeito por um bom minuto até ela me largar.

Voltamos para o acampamento. Nina entrou na barraca sem falar com ninguém. Sentei-me de novo. Os poucos minutos seguintes pareceram lentos, nebulosos e como um sonho, como se eu estivesse embaixo d'água. Continuei esperando ouvir outro grito, o que não aconteceu. Por incrível que parecesse, Tomo continuara dormindo. Nina também não se mexera.

O choro vindo da barraca de Nina rompeu o silêncio. Ele ficou cada vez mais alto, mais triste. John Scott olhou para a barraca com uma expressão inescrutável. Mel esfregou os olhos e eu percebi que também estava chorando.

— Volte a dormir — falei para ela baixinho.

— Será que foi só uma mulher?

— Sim.

— Não foi...?

— Não. Agora volte a dormir.

— Venha para a barraca comigo.

— Não posso. Minha vez de vigiar está prestes a começar.

— Ficarei acordada com você.

— Volte a dormir. Quanto mais cedo conseguir, mais rápido amanhecerá.

Aquilo parecera tentador demais para ela recusar. Mel beijou o meu rosto e voltou para a barraca, deixando a parte da frente aberta.

O choro de Nina começou a ficar mais baixo e, em algum momento, parou por completo. John Scott desviou o olhar para trás da barraca dela, para a floresta, na direção de onde vieram os gritos. Eu queria falar com ele, compartilhar algumas teorias. Mas Nina e Mel nos escutariam. Aquele não era um bom momento.

Deitei de costas, com a cabeça sobre a mochila de Mel, e olhei para o relógio de pulso. Uma hora até o meu turno. Fechei os olhos, torcendo para dormir, sabendo que seria algo impossível, mas tentando mesmo assim. Vi uma mulher caída no chão, com os músculos contraindo-se, tendo uma convulsão. Um *yūrei* de rosto pálido flutuando pelas árvores, cabisbaixo, abrindo a boca em um orifício obtuso. Diversos outros cenários que explicariam o que escutamos antes... Desliguei em seguida, parando de pensar.

Em algum momento, cedi ao desconforto e acordei entre a noite e o amanhecer. Abri os olhos repentinamente, mas não me mexi. O frio da noite penetrara meus ossos. O chão parecia concreto e eu me mexi e revirei-me constantemente. A pressão na bexiga aumentara a ponto de causar uma dor aguda, mas eu me recusei a levantar para me aliviar, sabendo que ficaria acordado se o fizesse.

O mundo era algo etéreo e cinza. Pela neblina horrorosa, eu conseguia enxergar a vaga silhueta dos galhos retorcidos e emaranhados à minha frente. Ergui o corpo, apoiando-me nos cotovelos. A fogueira virara um lençol de brasas sem fumaça. John Scott estava bem ao lado dela, roncando, inchado com as roupas que colocara sob a jaqueta de couro. O lugar de Tomo estava vazio. Presumi que ele fora descansar na barraca dele. Uma boa ideia. Eu deveria ter feito o mesmo: poderia ter deitado sob o cobertor térmico e encostado o corpo no de Mel, compartilhando o calor corporal.

Por um momento, perguntei a mim mesmo por que não fizera aquilo, por que estava ali fora, mas lembrei que concordara em vigiar. Tomo, John Scott e depois eu. Mas por que John Scott não me acordara? Ele pegara no sono? Olhei para ele de novo... Provavelmente.

Fiquei de pé, odiando o gosto horrível que sentia na boca e a sensação gelada das roupas contra a pele. Caramba, como eu queria que não estivesse nublado. Daria qualquer coisa para ver um céu claro e azul com o sol brilhando.

Agora eu estava de pé e andando, com a pressão na bexiga dez vezes pior do que dor de pedras nos rins. Andei em direção às árvores e vi Ben. Ele estava exatamente como o deixamos, na maca, coberto pelo saco de dormir. O corpo ainda estava sob o estranho controle da rigidez, torcido na cintura e com joelhos dobrados. Presumi que demoraria mais um ou dois dias para a decomposição começar e o corpo relaxar.

Pensando naquilo, senti-me estranhamente indiferente. *Apenas outro cadáver*. Foi exatamente como eu me sentira após as mortes de Doninha e Garanhão. Um choque quando ouvira as notícias, uma sensação vazia e preocupante o dia inteiro... mas, na manhã seguinte, nada. Ou eu era um filho da puta insensível, ou o cérebro humano tinha uma capacidade notável de lidar com a morte... pelo menos, com a morte de pessoas não tão próximas.

Apesar das alfinetadas na bexiga, desviei para ver rapidamente como Neil estava. Eu me ajoelhei ao lado dele e, por um terrível momento, achei que estivesse morto. Ele parecia um cadáver. O rosto estava esquelético, branco e sujo de terra. Havia manchas de vômito seco na pele e no queixo, que eu quis limpar, mas não consegui me forçar a encostar nele. Contudo, ao me aproximar, sentindo um odor pútrido e horrível, escutei a respiração dele. Estava fraca e catarrenta, como se estivesse cheia de fluido.

Eu o deixei descansar e andei algumas dezenas de metros pela floresta cautelosamente para evitar os vômitos e as fezes que pareciam estar por todo lado, como se fossem minas terrestres estrategicamente posicionadas.

Parei perto de um bordo, abri a braguilha e mirei em um arbusto inofensivo. O vapor subiu pelo arco de urina. Em seguida, averigüei a floresta no pré-amanhecer. A neblina corria vagorosamente entre as árvores, quase como uma forma de vida sensível e indeterminada farejando as presas.

Não havia insetos chilreando nem pássaros gorjeando saudando o novo dia, apenas aquele silêncio expectante e profundo com o qual eu me familiarizara de forma muito estranha.

A neblina se dissipou e eu vi alguém de pé a cinco metros de distância.

Eu provavelmente teria gritado se meu peito não tivesse parado de funcionar abruptamente. A reação espontânea passou em um piscar de olhos, transformando-se em uma admiração mágica quando percebi que estava olhando não para uma pessoa, mas um veado.

Ele ficou parado como uma estátua, olhando diretamente para mim. Os olhos eram pretos e leitosos, atemporais e, se não soubesse, facilmente acreditaria que tinham algum tipo de sabedoria antiga e secreta. As orelhas abaixadas estavam alertas, como duas antenas, aconchegadas na base de uma armação majestosa de chifres aveludados. O nariz preto brilhava, com as narinas dilatando-se silenciosamente. Ele era mais compacto e tinha pernas mais delicadas que um veado norte-americano e manchas pretas no pelo de cor castanha. A cauda felpuda se mexeu.

Olhamos um para o outro por um longo tempo. Senti uma tentação quase irresistível de avançar e aproximar-me do veado, mesmo sabendo que ele correria se eu tentasse. Em vez disso, levantei as mãos lentamente, mostrando que estava desarmado. O nariz dele farejou o ar.

— Olá — cumprimentei. — Está tudo bem. Não machucarei você.

Uma massa de neblina espessa e cinza passou entre nós e, quando dispersou, o veado sumira. Examinei as árvores retorcidas, surpreso por o veado ter partido de forma tão silenciosa... como um fantasma, uma voz sugeriu no canto da mente, e tive que me convencer de que realmente o vira.

Por vários minutos, recusei-me a mexer um músculo, sem querer deixar a experiência de lado. Aquilo fora diferente de tudo que eu esperara. Durante aqueles poucos segundos em que nossos olhares se cruzaram, uma paz transcendente me dominara, concedendo uma sensação intoxicante, como se eu pudesse largar minha civilidade e fazer o que quisesse em um mundo onde não existiam preocupações, decisões a tomar, consequências das ações nem conceito de passado ou futuro.

Eu estivera completamente imerso naquele momento, alegre, ignorantemente vivo.

Quando voltei para o acampamento, todos ainda estavam dormindo e eu me sentei silenciosamente, fazendo o possível para ignorar a fome e a sede, e comecei a reproduzir na mente os gritos fantasmagóricos da noite anterior. Agora, com a escuridão recuando velozmente, o que escutamos na noite anterior parecera mais confuso do que aterrorizante, um mistério a ser resolvido em vez de uma superstição a ser temida.

Será que John Scott tivera razão? Os gritos foram de uma mulher que falhara ao cometer suicídio? Imaginei que a maioria das pessoas sem coragem para se enforcar optaria por tomar um punhado de pílulas de Valium acompanhado de uma garrafa de bebida alcoólica. Aquilo, claramente, não causaria os gritos que todos ouviram. Mas, se essa suposta mulher não tivesse acesso a tais remédios, tentaria algo mais criativo e perigoso como, digamos, desentupidor de ralo ou veneno de rato. Se ela não tivesse consumido o suficiente para morrer rapidamente, poderia muito bem ter sofrido uma morte lenta e agonizante à medida que os órgãos internos eram corroídos. Eu quase conseguia vê-la jogada contra um toco de árvore, com as gengivas e o nariz sangrando, com o corpo debatendo-se e os tendões no pescoço esticados como cabos enquanto soltava aqueles gemidos terríveis.

Enquanto eu esperava os outros acordarem, mantive-me ocupado com alguns cenários terríveis, um deles com a suposta mulher cortando os pulsos sem saber que estava sobre um daqueles formigueiros de formigas-de-fogo, exatamente como acontecera comigo, exceto que sem força para tirá-las do corpo nem afastar-se.

Gradualmente, a neblina ficou menos espessa e evaporou-se por completo, revelando uma floresta vazia e sem vida com toda a sua glória verde. Meu desejo não se tornara realidade. O céu não se abriu, mas continuou tomado de nuvens escuras que bloqueavam a luz direta do sol. Isso significava que não seria necessário fazer um buraco no chão para coletar água... o que eu não teria feito mesmo se o sol estivesse bem forte, pelo mesmo motivo que não teria coletado o orvalho com trapos enrolados nas pernas nem mijaria em uma garrafa.

Eu estava com frio, sede, fome e exausto. Não tinha mais energia nem desejo para lidar com os piores casos. Queria apenas que aquele pesadelo de viagem acabasse... ou, mais precisamente, eu não aceitaria

que ele continuasse. A polícia estava vindo. Eles chegariam onde estávamos em algumas horas. Ao meio-dia, no mais tardar. Eu já não ligava mais para possíveis declarações e interrogatórios. Tudo que queria era estar em um quarto aquecido com um prato quente de comida e uma xícara de café à frente.

E, se por algum motivo a polícia não conseguisse chegar lá, sairíamos dali por conta própria. Eu não me importava se teria que carregar Neil na droga das minhas costas a tarde inteira. De uma forma ou de outra, sairíamos de Aokigahara naquele dia.

John Scott foi o primeiro a acordar. Ele se espreguiçou, abriu os olhos, mas, como eu fizera mais cedo, não se levantou. Ele me viu observando-o e fechou os olhos novamente.

— Você não me acordou ontem à noite — reclamei.

Ele grunhiu.

— Por que não me acordou para o meu turno?

— Peguei no sono — murmurou ele.

Mel provavelmente nos escutara, porque, logo depois, ouvi alguns barulhos de dentro da nossa barraca e ela apareceu. Os cabelos eram um emaranhado de fios loiros e ela estava com uma aparência mais jovem e vulnerável, com a maior parte da maquiagem agora borrada. Ela olhou para os restos da fogueira e franziu de leve as sobrancelhas, como se estivesse esperando um bule nas brasas fervendo água para uma xícara de chá matinal. Ela olhou para mim, para John Scott e, em seguida, para mim de novo. — Que horas são? — perguntou ela.

— Seis e meia.

— Quando a polícia chegará?

— Provavelmente daqui a algumas horas.

Ela estremeceu, abraçando o próprio corpo, e virou-se novamente para a barraca, aparentemente decidida a voltar para a cama.

— Venha comigo — falei enquanto ficava de pé. — Encontraremos mais lenha para a fogueira. O exercício a aquecerá.

Passamos os trinta minutos seguintes explorando as áreas ao redor à procura de madeira e folhas mortas e montando uma fogueira. Fiquei tão perto das chamas que elas queimavam a pele descoberta, mas não me mexi. O calor rejuvenesceu o meu espírito e fez com que eu me esquecesse temporariamente do corpo de Ben, da doença de Neil e do meu estômago vazio.

Nina colocou a cabeça para fora da barraca e avaliou o acampamento. Ela parecia um cão-da-pradaria saindo da toca, atento a uma águia que sobrevoava a área. Quando nossos olhares se encontraram, ela virou o rosto rapidamente. Eu não soube dizer se ela estava envergonhada por causa da tentativa de fugir da floresta na noite anterior ou se estava indignada porque a impedi de fugir.

John Scott cutucou a fogueira com um graveto. Faíscas explodiram. Tive que dar saltar para trás para não me queimar.

— Nós comemos tudo que tínhamos? — perguntou Mel. Ela estava sentada no chão com os joelhos encostados no peito, com uma péssima aparência.

— Ainda temos a parte do café da manhã de Ben. Não é muita coisa — respondi.

— Pode liberar, mano — exigiu John Scott. — Por que você escondeu isso?

— Eu não escondi — respondi. — Apenas guardei caso realmente precisássemos.

Tirei a comida da mochila de Mel. Eu a embrulhara em um saquinho com lacre onde tínhamos guardado os sanduiches. Ela colocou seis pratos de papel no chão. Dividi a comida em cinco porções idênticas: uma colher de sopa de nozes, meia colher de sopa de frutas desidratadas, uma pequena fatia de banana passada e uma pequena pilha de macarrão instantâneo seco.

Meu estômago roncou bem alto quando vi aquilo.

— E as uvas? — perguntou John Scott, encarando as onze uvas que não foram divididas.

— Acho que Neil deveria comê-las — respondi —, ele precisa de líquido.

— Você acha que Neil consegue comer?

— Cabe a ele decidir, não nós.

John Scott deu de ombros. Mel e Nina assentiram.

— Beleza, Mel — falei —, escolha.

Ela pegou a porção mais próxima dela. Nina pegou a dela e John Scott em seguida. Ele jogou as nozes e as frutas na boca, mastigando depressa, e aspirou o macarrão da mão. Terminou tudo em menos de dez segundos. Mel, Nina e eu comemos com menos pressa. Coloquei as nozes pouco a pouco na boca, saboreando a crocância e a textura. Chupei o doce da tangerina, do damasco e da maçã até não aguentar a tentação de engoli-las. A banana estava mole, mas deliciosa mesmo assim. Ingeri o macarrão igual a John Scott, tudo de uma só vez, esmagando-o entre os dentes até virar uma pasta, surpreso ao perceber como algo tão simples tinha um sabor tão bom.

John Scott nos observou silenciosamente, provavelmente arrependendo-se de ter devorado a comida com tanta pressa. Ele parecia um cachorro em volta da mesa pedindo restos.

Falei para Mel acordar Tomo e dar a parte dele. Em seguida, fui até Neil com a parte dele. Se ele já estava com uma aparência ruim quando eu acordara, parecia ainda pior naquele momento à luz da manhã. Tinha olheiras grandes, as bochechas pálidas e a boca frouxa. Parecia ter encolhido um pouco, como uma múmia.

— E aí, cara — falei —, está acordado?

Ele abriu os olhos, que estavam embaçados, distantes e sem foco algum.

— Trouxe um pouco de comida. Está com fome?

Ele disse algo, mas tão baixo que quase não escutei.

Abaixei a cabeça. — O que você disse?

— ... *árgua*...

— Não temos água, mas a polícia deve chegar em breve. Eles terão água.

Ele fechou os olhos.

— Quer comida?

Um balançar quase imperceptível da cabeça.

— Coma uma uva. Ela tem água.

Sem resposta.

— Neil?

— ... não...

— Aqui.

Pressionei a uva contra a boca dele. Os lábios dele se abriram e a uva desapareceu.

— Mastigue, Neil, você precisa mastigar.

Ele mexeu a mandíbula lentamente. Um pouco do suco da uva escorreu pela boca.

— Agora engula, beleza? Engula...

Ele tossiu, rolou para o lado com dificuldade e vomitou, apesar de a uva roxa mastigada ter sido a única coisa expelida. Ele continuou vomitando em seco. O barulho era alto e forçado.

Permaneci ao lado dele, frustrado com a incapacidade de ajudá-lo de alguma forma.

John Scott gritou o nome de Tomo. Olhei por sobre o ombro, confuso. John Scott girava em um círculo, procurando pela floresta.

— Tomo! — chamou ele de novo.

Neil deitou de costas e fechou os olhos. Lágrimas escorreram pelo rosto pálido.

— Volto já — avisei a ele antes de voltar à fogueira. — O que houve?

— Tomo virou pó — respondeu John Scott.

— O quê?

— Ele desapareceu — disse Mel. — Não está na barraca.

Aquelas palavras me atingiram como um soco no peito. Olhei para a barraca dele. Estava aberta agora, sem nada além do saco de dormir e da mochila.

— Ele está bem — afirmei instantaneamente. — Provavelmente acordou cedo e foi explorar um pouco. — Eu mesmo duvidei da minha sinceridade. Eu acordara quase uma hora antes, praticamente na primeira luz do dia. Onde Tomo estivera aquele tempo todo?

— Tomo? — gritei.

A única resposta foi o eco da minha própria voz.

— Mas que merda do caralho — xingou John Scott.

— Ele está bem — repeti incapaz de pensar em outra coisa, com o pânico crescendo no peito. Continuei pensando, *Tomo não. Qual é. Só pode ser brincadeira. Não Tomo.*

— Onde ele iria? *Por que* ele iria a algum lugar? — questionou Mel.

— Talvez tenha ido procurar a fita — sugeri.

— Sem falar com ninguém? — Mel balançou a cabeça. — Ele não faria isso.

— Bom, onde  *você* acha que ele foi?

Ela não respondeu. Nem precisava. Eu conseguia ver nos olhos dela.

— Ele não se enforcou.

— Ben...

— Ben estava drogado! — exclamei.

— Beleza, vamos todos nos acalmar — disse John Scott. — Vamos procurá-lo agora mesmo. Ele deve estar em algum lugar por aqui. Ele tem que estar em algum lugar por aqui.

Dez minutos depois, nós o encontramos.

Notei algo vermelho a trinta metros de onde eu estava. Era o mesmo carmesim que tinha nas listras da jaqueta de motociclista de Tomo e eu provavelmente não teria visto se o contraste não fosse tão gritante com a folhagem verde em volta. À primeira vista, disse a mim mesmo que era apenas a minha imaginação. Era apenas uma projeção. Eu esperara tanto encontrar o corpo de Tomo pendurado em uma árvore que acabara convencido daquilo quando ele não respondera a nossos chamados. E ali estava eu, com a mente pregando peças, confundindo um arbusto de frutos selvagens com listras de uma jaqueta. Mas aquilo não me impediu de avançar correndo, batendo e empurrando os galhos para fora do caminho.

Não era fruto da imaginação. Era Tomo. Ele estava de costas para mim com o corpo suspenso no ar pelo cachecol da Louis Vitton.

Quebrei os últimos galhos que estavam na minha frente e parei a um metro de distância dele. Não tentei fazer um resgate heroico desta vez. Eu já sabia que Ben estava morto quando vimos o corpo balançando, claramente, mas cedi à falsa esperança e tentei salvá-lo. De novo, não. Eu passara a esperar os horrores que Aokigahara tinha a oferecer e comecei a acreditar na autenticidade deles.

O cabelo de Tomo estava, como sempre, até mesmo na morte, elegantemente despenteado. A gola da jaqueta de motociclista estava levantada, como Fonzie às vezes usava em *Happy Days*. Eu estava com Tomo quando ele comprou a jaqueta em uma loja de antiguidades em Kichijoji. Eu dissera a ele para não comprá-la porque não gostava da águia americana enorme estampada nas costas, para a qual estava olhando naquele momento. Acima, em inglês, estavam as palavras VIVER PARA PILOTAR e embaixo, PILOTAR PARA VIVER. Derek e eu o apelidamos de Tomo "Easy Rider" por algumas semanas, apesar de não ter durado porque Tomo ignorava ou não entendia o sarcasmo, o que tornara a provocação redundante.

O tênis All-Star da Converse esquerdo caíra do pé dele, revelando a meia amarela. O tênis de cor azul estava no chão abaixo dele, misteriosamente lembrando o Nike solitário que encontramos quando entramos na floresta.

Dizem que a vida passa diante de seus olhos quando se está prestes a morrer. Achei isso possível porque senti algo parecido naquele momento, exceto que o caleidoscópio de imagens não era de mim, mas de Tomo. Lembrei-me de quando eu e Derek o conhecemos, bebendo na estação de Shinagawa, e ele nos cumprimentou com um "Bom dia, mano!" bem estranho que descobrimos depois que um australiano lhe ensinara. Da festa de aniversário dele que, por motivos que só ele conhecia, fora em uma boate onde todos os clientes eram nigerianos suados que dançavam e moças do *hip hop* que curtiam nigerianos suados que dançavam. Tomo e seus amigos japoneses apanharam por serem brancos. Lembrei-me do restaurante de *yakitori* em Shimokitazawa a que ele me levava onde eu, para a grande alegria dele, comi coração, língua, útero e fígado de porco sem saber.

Naquele breve momento, quando o tempo parecia ter parado, pensei em várias outras ocasiões compartilhadas com Tomo, mas uma se destacou. O dia que passara com ele e sua irmã mais nova e a forma como lidara com tamanha paciência e experiência com o comportamento autista dela. Isso me lembrou do futuro dele, ou, mais precisamente, da falta de um futuro. Ele não começaria o estágio no hospital. Nunca se tornaria um psiquiatra nem abriria a própria clínica para ajudar com os problemas de outras pessoas. Nunca se casaria nem teria filhos. Nunca viajaria para outro país. Nunca teria netos. *Nunca, nunca, nunca, nunca*. Ele nunca faria todas essas coisas nem outras mil. Ele estava morto. Acabou. Fim de jogo. Já era.

Encostei a mão no ombro dele. O corpo virou lentamente para mim, girando, como um pedaço de carne pendurado em um gancho de açougueiro. Os olhos estavam abertos e esbranquiçados. A pele, como

a de Ben ficara, estava pálida e solta com os vasos capilares estourados. Para o meu pavor, um besouro saiu da boca dele, subindo pelo rosto.

*Isso só pode ser um sonho, pensei. Estou sonhando. Nada disso é real. Impossível.*

Mel, que percebi que estava ao meu lado, não se mexeu, não chorou, não falou nem reagiu. Acho que estava esperando que ela gritasse e, se fizesse aquilo, eu provavelmente gritaria junto. Mas nada aconteceu. Ela estava provavelmente em choque. Talvez eu também estivesse. Em seguida, ela saiu da paralisia e agarrou-me em um forte abraço, enterrando o rosto no meu ombro.

Deus todo poderoso. Às vezes, a vida podia ser uma bagunça e tanto.

Eu ainda estava abraçando Mel quando John Scott e Nina chegaram. John Scott foi direto para o cachecol e rasgou-o com uma pedra afiada que carregava. A rocha de prontidão me surpreendeu, fazendo-me pensar se ele estivera esperando encontrar Tomo pendurado em um galho de árvore. O cachecol se rompeu com um barulho alto e Tomo caiu no chão de forma nada elegante. Aquilo talvez tenha sido a imagem mais terrível até então, meu amigo caindo daquele jeito, o que reforçou a ideia de que ele não passava de um torso com membros e carne crua, igual aos cortes de carne de porco encontrados na seção de congelados dos supermercados.

Soltei Mel e ajoelhei-me ao lado de Tomo, endireitando-o para lhe dar a dignidade que pude oferecer. Passei os dedos sobre os olhos dele, fechando as pálpebras. Eu vira aquilo ser feito antes apenas no cinema e na televisão e foi algo que nunca gostaria de fazer de novo. No instante seguinte, fui consumido por uma fúria ardente. Eu descobriria quem fez aquilo e faria com que pagassem.

Levantei com as mãos cerradas em punhos. Mel segurou o meu ombro. Recuei.

— Quem fez isso? — exigi. — Quem fez essa porra?

Ninguém respondeu e percebi que estava provavelmente assustando-os.

Respirei fundo, dei um passo para trás para ganhar espaço e levantei as mãos. — Tomo não se matou — declarei secamente.

— Ben também não — afirmou Nina.

Olhei para ela, que me encarou desconfiada. Eu estava prestes a lembrar a ela que Ben usara drogas e Tomo não, que existia uma diferença... quando percebi como aquilo pareceria não fazer sentido. Dois suicídios em menos de vinte e quatro horas. É claro que havia uma ligação. As duas mortes certamente estavam conectadas.

— Beleza — disse.

Nina mordeu o lábio inferior, que começara a tremer. Eu estava confuso, pensando em como ela poderia interpretar equivocadamente o meu "beleza"... a não ser que estivesse aliviada. Ela ficara distante o dia inteiro, sozinha. Ninguém acreditara no que ela sabia instintivamente, que Ben não se matara, assim como eu instintivamente sabia que Tomo não se matara.

Como fomos cuzões com ela.

— Quem fez isso então? — perguntou John Scott. — Quem os matou? Estamos sozinhos aqui.

— Não temos certeza disso — retruquei.

— Você viu alguém?

— Alguém matou Ben e alguém matou Tomo. Isso significa que tem alguém por aí.

Nina estava encarando-me. Eu sabia o que ela estava pensando.

— Não — eu disse.

— Por que não, Ethan? Por que você não...

— Porque não existem merdas como fantasmas!

— Como alguém faria com que ele se enforcasse? Teríamos ouvido gritos, uma briga...

— Vamos verificar.

— O quê? — perguntei.

— Nina tem razão. Tomo não seria enforcado sem uma briga. Vamos verificar.

Olhei para o corpo de Tomo. Mel se ajoelhou e segurou a cabeça dele nas mãos, virando-a de um lado para o outro. Mexeu no cabelo dele, pouco a pouco, como os chimpanzés fazem com os filhos para catar piolhos e outros parasitas.

— Viram! — disse ela abruptamente com empolgação. — Viram!

Agachei ao lado dela e vi uma contusão com sangue coagulado.

Nina correu em direção ao acampamento. Eu não sabia ao certo o que ela planejava... suspeitava, mas não tinha certeza, e resolvi segui-la. Ela correu diretamente para o corpo de Ben.

— Nina! — chamei. — Espere...

Ela puxou o saco de dormir para trás e recuou, virando-se com as bochechas muito vermelhas. Balançou para trás e para frente, como um pelicano regurgitando, e vomitou no chão. Quando terminou, cobriu o nariz imediatamente com o braço.

Puxei a camisa para tapar a parte inferior do rosto e juntei-me a ela perto de Ben. O fedor era tão repugnante como lixo deixado ao sol por uma semana. O rosto estava amarelado, com o sangue drenado e acumulado na parte mais baixa do corpo. A língua ainda estava espichada para fora da boca, exceto que escurecera para um roxo da cor de uma berinjela. O pescoço estava coberto de contusões e escoriações vermelhas.

Usando a mão livre, Nina começou a procurar no cabelo sinais de algum trauma. Os dedos se concentraram em um lugar perto da parte de trás do crânio. Ela se inclinou para olhar mais de perto. Eu também.

O inchaço estava praticamente igual e no mesmo lugar da contusão de Tomo.

Coloquei o saco de dormir sobre o cadáver de Ben novamente e levantei com as pernas repentinamente trêmulas. Segurei a mão de Nina e levei-a para onde estavam Mel e John Scott, que surgiram das árvores no lado oposto ao nosso.

— Ben tem o mesmo ferimento que Tomo — disse.

— Então... alguém o matou? — disse Mel duvidosamente. — Os dois? Como?

— Ele obviamente os atingiu na parte de trás da cabeça com algo — exprimiu John Scott.

— Mas *por quê?*

— Porque essa pessoa, seja lá quem for, tem problemas pra caralho.

Eu encarei John Scott, com a mente lenta, ainda lutando para entender o que estava acontecendo... quando todas as peças do quebra-cabeça se encaixaram. John Scott ficara indiferente com a morte de Ben, preocupado apenas em se livrar da culpa. A Floresta dos Suicidas parecera incomodá-lo pouco até então. Ele carregara a pedra para soltar Tomo... como se já soubesse que o encontraríamos pendurado.

— Por que você estava com uma pedra? — questionei.

Ele franziu a testa. — Oi?

— Quando fomos procurar Tomo. Você estava carregando uma pedra e usou-a para soltá-lo. Você sabia que ele estava morto.

— Do que você está falando?

Dei um passo na direção dele. — Você *sabia*.

— Ethos, acho melhor você se acalmar.

— Você os matou, não foi?

— Caralho, você endoidou?

Tentei dar um soco nele, que desviou do golpe e enterrou um direto no meu queixo. Mas não caí e usei a vantagem de altura e peso para puxá-lo para um mata-leão. Ele esmurrou o meu corpo com socos curtos e, de alguma forma, eu o apertei com um mata-leão invertido. Perdi o equilíbrio e caí sentado, ainda prendendo o pescoço dele e fazendo com que batesse a cabeça no chão.

Mel e Nina gritaram e tentaram nos separar. Eu estava à beira de enlouquecer a ponto de brigar com elas também... Quase, mas não o suficiente.

Soltei John Scott, encostando os joelhos no peito, pronto para chutá-lo caso tentasse algo. Ele sentou no chão e cuspiu terra da boca.

— Que porra foi essa, mano? — xingou ele enquanto limpava os lábios.

Mel me encarou. — Ethan, qual é o seu problema?

— Ele matou Ben e Tomo — reafirmei.

— Por que eu iria querer matá-los? — berrou John Scott.

— Por que está aqui? Por que veio para essa viagem?

Ele sacudiu uma mão. — Mel me convidou.

— Eu sei sobre vocês dois. Isso, sei o que aconteceu. Você a fodeu na faculdade. Ainda está fodendo?

— Você é louco, Ethos.

— Ethan, por favor — suplicou Mel.

Levantei rapidamente e virei-me para ela.

— Hein? — exigi. — Ainda estão trepando?

— Não, *não estamos!* Entendeu?

Afastei-me deles. Não acreditei nela. Não confiava em ninguém.

Esbarrei em Nina.

— Ethan... — começou ela, encostando em meu braço.

Sacudi para que me soltasse. — Você e Ben também já conheciam John Scott antes?

Nina franziu a testa. — Antes? Antes quando, Ethan? Antes de conhecermos vocês aleatoriamente na estação de trem?

— Foi aleatório?

John Scott assobiou como se eu fosse maluco.

— Cale a boca — reclamei. — Vou arregaçar a porra da sua cara. Juro que vou.

— Você está chateado por causa de Tomo, Ethan — disse Mel. — Todos nós estamos. Você precisa aguentar firme, está perdendo a cabeça.

— Você três estavam juntos o tempo inteiro — disse para Nina. — Você, Ben e John Scott. Comeram cogumelos juntos. Está me dizendo que nunca, nunca se encontraram antes deste final de semana?

— É exatamente isso que estou dizendo, Ethan. E eu não comi cogumelo algum.

— Mentira.

— Ethan, pense um pouco! Você que falou comigo e com Ben. Você. Ninguém mais.

Balancei a cabeça em frustração, pois sabia que ela tinha razão. Mesmo assim, não consegui deixar aquilo para lá. John Scott tinha algo a ver com tudo aquilo. Passei a mão nos cabelos e andei de um lado para o outro.

— Então quem matou Tomo? — perguntei, encarando cada um. — Estamos no meio do nada. Quem os matou nessa merda?

Ninguém tinha uma resposta.

Andei mais para dentro da floresta. Não queria ficar perto de ninguém naquela hora. Mel, entretanto, correu atrás de mim, dizendo que eu não deveria ficar sozinho. Tentei ignorá-la, mas ela agarrou o meu braço.

— Solte o meu braço, Mel — disse raivosamente e, pela primeira vez, cogitei usar a força contra ela.

— Sei que está indignado com John — respondeu ela quase tropeçando nas palavras enquanto falava —, e você está chateado comigo, mas não deveria. John e eu... eu menti. Nunca dormimos juntos.

— Do que você está falando?

— Nunca dormimos juntos. Inventei tudo.

— Idiotice.

— É verdade, Ethan. Eu juro. Desculpe-me.

— Você inventou isso? — Franzi a testa confuso. — Por quê?

— Shelly... ela realmente me incomoda, Ethan. Ela é tão bonita e você tinha aquelas fotos dela no seu computador. Depois, ela liga no seu aniversário. E manda mensagens. E liga para você *aqui*... Não sei. Eu já tinha quase esquecido que ela existia, mas aquilo foi demais. Eu não consegui lidar, fiquei tão chateada com você e sabia que não gostava de John. Por isso, eu inventei... aquela coisa sobre nós. E, bem, agora parece bem idiota, não é?

— Por que ele está aqui, então? — perguntei. — Por que o convidou?

— Eu falei a verdade antes. Somos apenas velhos amigos. Ele me ligou e queria fazer alguma coisa. Falei que viríamos para o Fuji e sugeri que nos acompanhasse. Fim.

— Caramba, Mel — disse, por falta de palavras. Não tinha certeza se estava com mais raiva dela pela decepção ou aliviado por não ter acontecido nada entre ela e John Scott.

— Sinto muito — declarou ela. — Sério, de verdade. Foi idiotice e... e eu amo você, Ethan. Amo muito você. Eu jamais, jamais...

O paredão que eu construía finalmente caiu. Eu a puxei para perto, beijando-lhe a parte de cima da cabeça.

— Eu também amo você, Mel — sussurrei.

De volta à fogueira do acampamento, depois de esfriar a cabeça, cheguei à mesma conclusão que todos os outros já tinham aceitado. Havia alguém na Floresta dos Suicidas conosco, perseguindo-nos, alguém que não sabíamos quem era. Um predador na escuridão. O bicho-papão no armário. O câncer nas células. Uma ameaça que, quando não se conhece, não se pode ver nem prever... e, portanto, algo contra o qual não se tem muitos recursos para se defender. Entendendo aquilo, Aokigahara agora parecia não só estranha, mas sinistra. Ela se tornara cúmplice das mortes de Tomo e Ben, mantendo-nos como reféns e escondendo um assassino.

Mel, que estava sentada ao meu lado segurando a minha mão, disse: — Onde está a polícia? Por que estão demorando tanto? Precisamos ir embora daqui agora mesmo.

— Mal passou das oito — respondi a ela. — Eles devem estar chegando ao estacionamento.

— Quanto tempo levará até que nos encontrem?

— Não sei, Mel.

— Talvez eles não venham — disse Nina.

— Por que não viriam? — perguntou Mel. — Nós os chamamos, não? Sabem que estamos aqui e têm que vir. Não têm, Ethan? Não têm que vir?

— Eles devem estar vindo — respondi.

— E se não vierem? — pressionou Nina. — Não podemos ficar aqui por muito mais tempo. Seu amigo está muito doente. Precisamos ir.

— Ela tem razão — disse John Scott. — Não podemos passar outra noite aqui.

— E se a polícia chegar depois que sairmos? — perguntou Mel. — E se não conseguirmos encontrar a saída daqui por conta própria?

— Ontem você estava querendo ir embora.

— E você queria ficar. Aquilo foi antes. Agora é diferente.

— Esperaremos até meio-dia — declarei decisivamente. — Isso dará mais algumas horas para a polícia nos encontrar. Se não aparecerem por qualquer motivo que seja, então teremos quatro ou cinco horas de luz para sairmos daqui. Alguém tem algum problema com isso?

Ninguém tinha.

John Scott e eu discutimos sobre montar uma segunda maca, mas decidimos esperar para ver o que a polícia traria. Em vez disso, usamos a maca de Ben para transportar Tomo para o acampamento. A visão dos dois corpos deitados lado a lado me fez pensar em como os países subdesenvolvidos alinhavam os corpos em uma fila no chão do hospital para que fossem identificados pelas famílias após algum desastre, como um tsunami ou desabamento de casas. Aquilo foi impessoal, indecente e apenas demonstrava a fragilidade da vida humana. Alguém poderia ganhar cem milhões de dólares na loteria em um dia e bater de frente em um caminhão com uma Ferrari nova em folha no seguinte. A morte não escolhe as pessoas nem tem favoritas. Não importa em que país alguém nasceu, quanto dinheiro ganhou em sua breve existência nem como era feliz. A morte é extremamente paciente, pois sabe que é impossível fugir do seu alcance. Um dia, você estará no chão do hospital ou em uma maca de aço inoxidável em um necrotério.

A morte já ganhara. Ela sempre ganharia. Em outras palavras, nascemos para perder.

Esfreguei os olhos com os dedos. Estava ficando para baixo com esses pensamentos depressivos, mas não tinha muito que pudesse fazer. A morte de Tomo me arrastara para um estado que eu vivenciara apenas quando Gary morrera... um estado que eu jurara nunca mais sentir.

John Scott entrou em modo militar e começou a fazer lanças para nós. Ele desmontou a barraca de Tomo, colocou as hastes de apoio no chão, pegou uma pedra do tamanho de uma bola de boliche e martelou as extremidades até que virassem pontas afiadas, entregando uma para cada um de nós. Avaliei o peso com a mão. Tinha quase um metro de comprimento e era oca e leve. Imaginei que daria para empalar um peixe com ela, até mesmo um esquilo, mas não disse nada. John Scott parecia estar orgulhoso do trabalho manual e as garotas pareciam mais confiantes segurando aquelas armas.

Armados e alertas, juntamo-nos melancolicamente ao redor da fogueira e aguardamos a polícia chegar. Mel roía as unhas, algo que eu só a vira fazer em poucas ocasiões, quando estava estressada ou empolgada. Nina estava em silêncio, sem dizer uma palavra sequer. John Scott fumava e dizia coisas insanas ora ou outra, como "será que Tomo chegou a ver a cara do cuzão?" ou "se eu vir esse merda, enfiarei essa lança no coração dele".

Fiquei calado, tentando recriar o que exatamente acontecera com Tomo. Em algum momento da manhã, após escutarmos aqueles gritos assustadores, ele devia ter se aventurado pela floresta para se aliviar. O agressor, que chamarei de Fulano, apareceu por trás dele e golpeou-o na cabeça com um objeto contundente. Não havia motivos para Tomo se aventurar a mais de cem metros, onde encontramos o corpo, então Fulano devia tê-lo carregado até lá. Tomo, no entanto, tinha o peso de um adulto japonês comum, o que significava que Fulano provavelmente era grande e forte, pois seria extremamente difícil para alguém carregar o peso equivalente ao próprio corpo por aquela distância no escuro. Na verdade, ele provavelmente teria o meu tamanho.

Aquilo fez com que eu pensasse bem. Nos mais ou menos quatro anos em que estive no Japão, encontrei apenas um japonês mais alto do que eu... e o cara era uma anomalia, possivelmente sofria de gigantismo, tendo uns bons dois metros e dez centímetros de altura. Imagino que trabalhava perto da minha escola, pois eu o via com frequência quando saía da estação de trem ao redor dos prédios de escritórios. Em algumas ocasiões, notei o homem andando... na verdade, "arrastando-se" seria um termo mais adequado... ao lado de um cara com no máximo um metro e meio de altura que tinha um problema que fazia com que arrastasse o pé esquerdo. Aquele par de opostos extremos parecera coincidência demais para o acaso e eu sempre me perguntava se eram amigos exclusivamente pelo fato de serem tão diferentes.

Enfim, a verdade era que a porcentagem de homens japoneses com estatura física suficiente para levantar Tomo como um saco de farinha seria muito pequena. Portanto, Fulano seria de outra nacionalidade? Eu duvidava. A probabilidade de um dinamarquês ou russo de quase dois metros de altura em Aokigahara parecia ridícula.

Meus olhos recaíram sobre Neil e fiquei imaginando por que ele fora poupado. Afinal de contas, teria sido o alvo mais fácil. Já estava incapacitado e isolado do resto de nós. Então, por que Fulano não fora atrás dele? Porque não era uma ameaça?

Fulano estava guardando o mais fraco para o final?

— Supostamente, vocês tinham que ter vigiado — disse Mel abruptamente. — Vocês disseram que fariam turnos para vigiar.

— Dissemos — respondi sabendo onde ela queria chegar.

— Então, isso aconteceu no turno de Tomo?

— Não — respondi. — Aconteceu no meu.

— E você não viu nada?

— Eu estava dormindo.

— Você pegou no sono?

— Ninguém me acordou.

— Quem deveria acordar você?

Não respondi para não culpar John Scott. Eu queria fazer isso, mas não seria justo. Fora eu e não ele quem se oferecera para o serviço. Ele não acreditava em fantasmas, assim como eu, e teria se sentido muito idiota por sentar no frio enquanto o resto dormia, observando as árvores à procura de um inimigo imaginário. Após trinta minutos de tranquilidade, eu provavelmente teria apagado também.

Nina e Mel, no entanto, não pareciam entender. As duas olharam para John Scott com uma expressão de ódio.

— Por que não acordou Ethan? — perguntou Nina.

John Scott deu de ombros. — Peguei no sono.

— Credo! Você é tão...

— Vão me culpar por isso também?

— A questão não é você! — Mel interveio. — Tomo *morreu*. Ele está *morto*, entendeu? É tão difícil assim ficar acordado por algumas horas?

— Não me lembro de você se oferecer para vigiar.

— Eu não teria dormido.

— Tanto faz.

— Não me venha com "tanto faz".

— Tanto faz.

— Caramba, John, você é muito imbecil às vezes.

Finalmente, pensei, algo sobre John Scott que Mel e eu concordávamos.

— Você disse que aquela mulher cometeu um erro ao tentar se matar — Nina disse para John Scott. — E se você estiver enganado? E se ela tiver sido assassinada como Ben e Tomo?

— Impossível — respondeu ele imediatamente.

Meia hora se passara. Agora eram 9h24. A luz estava um pouco mais forte, com o ar ligeiramente mais quente. Mas o sol se recusava a aparecer, com o céu permanecendo cinza.

— Por que? — desafiou Nina.

— Aqueles gritos foram bem distantes. Diria que a mais de dois quilômetros, talvez três. Como ele voltaria para cá no escuro?

— Tínhamos uma fogueira. Ele pode ter visto.

— Não de longe. Ele teria andado às cegas.

— Pode ter conseguido — persistiu Nina.

John Scott deu de ombros. — Beleza. Está bem, talvez — ele cedeu. — Mas vamos nos ater aos fatos. Ele matou Ben há duas noites. O que significa que já estava aqui, por perto. Ou seja, em algum momento, entre aquela noite e hoje cedo, ele teria que ter perambulado pela floresta, procurando outra possível vítima, esbarrando acidentalmente na mulher e matando-a, e, em seguida, voltado para cá para matar Tomo em um intervalo de, o que, algumas horas? Parece trabalho demais para se fazer em apenas uma noite.

— Por que nós? — perguntou Mel. — Por que nos perseguir?

— Porque somos diferentes — respondi.

— Oi?

— Somos estrangeiros. Talvez ele quisesse algo diferente.

— Diferente do quê?

— Vítimas japonesas.

— Acha que não é a primeira vez que ele fez isso?

— As pessoas que matam sem motivos — respondi — são doentes. Têm problemas. Não conseguem controlar os desejos. Imagine que você fosse uma delas. Você perambularia por Tóquio, caçando vítimas,

onde haveria uma boa chance de ser presa? Ou iria para um lugar com uma fonte infinita de vítimas, onde já é de se esperar que sejam encontradas mortas? Ninguém suspeitaria de crime algum nem faria investigações. Você sempre se safaria.

— Você acha que ele é um assassino em série? — perguntou Mel horrorizada.

— Merda, talvez você tenha razão — concordou John Scott. — O cara não ligaria se os alvos fossem se matar de qualquer jeito. Ele apenas quer o prazer de tirar a vida. Talvez... apenas talvez, já estivesse nos observando no estacionamento. Ele escolhe as vítimas e segue-as até a floresta.

— Isso é loucura — argumentou Mel.

— Ou talvez — continuou John Scott — seja um suicida ele mesmo. Veio para cá se enforcar, decidiu que não queria fazer isso, mas ainda estava chateado com a sociedade ou seja lá o que for, matando outras pessoas que aparecem aqui.

— Independentemente de quem seja — disse eu, vendo que a discussão estava incomodando Mel e Nina —, ele é um covarde que só ataca à noite e nós já estaremos longe daqui até lá.

As duas horas seguintes se passaram com uma lentidão dolorosa. Passei grande parte do tempo preocupando-me com os Chicago Blackhawks, que não ganhavam a Stanley Cup desde 1961, mas que assistira religiosamente quando criança. Quando tinha onze anos, meu pai surpreendeu Gary e eu com ingressos para um jogo contra os Montreal Canadiens. Isso aconteceu em 1988, quando os Blackhawks ainda jogavam no Chicago Stadium, conhecido como "O Hospício de Madison". Passei quase o mesmo tempo olhando para os assentos cheios de fãs barulhentos que para os jogadores no gelo e nunca me esqueci do cheiro envelhecido de cerveja quente e suor que permeava a arena antiga, do urro da multidão que parecia balançar a estrutura do local quando os Blackhawks pontuavam nem da música de circo que o órgão tocava entre os apitos.

Alguns momentos depois, levantei para verificar como Neil estava, sentindo a cabeça leve quando fiquei de pé.

— Ei, Neil! — falei. — Está se sentindo melhor?

Ele tentou molhar os lábios, mas não tinha saliva. — Tomo? — disse ele com um sussurro seco.

— Precisa de algo? — perguntei, tentando evitar a questão.

— Tomo? — A palavra era grossa e embaraçada, como se a língua estivesse retraída, fazendo um som parecido com "Domo".

Balancei a cabeça.

— *Quecouve?*

— A polícia chegará aqui em breve, provavelmente em uma hora. Estamos nos preparando para ir embora. Precisa ir ao banheiro antes disso?

Ele assentiu e eu o ajudei a se levantar. Ele engatinhou para a floresta e curvou-se, abaixando a cabeça. Podia não estar mais vomitando e gemendo, mas as condições dele eram quase críticas.

Ele parou ao lado de uma árvore e abriu as calças com os dedos desajeitados. Não nos afastamos muito do acampamento e, apesar disso, senti-me exposto e vulnerável. Permaneci atento, observando as sombras com uma paranoia de que Fulano apareceria da mata e atacaria a qualquer momento. Pedi silenciosamente para que Neil se apressasse. Finalmente, escutei um esguicho curto e ele fechou a calça. Não defecara ainda naquele dia e perguntei-me se fora porque não tinha nada no estômago ou se estava com prisão de ventre, como resultado da desidratação.

Levei-o de volta para o saco de dormir, puxando-o até o queixo, e voltei para o acampamento.

— Como ele está? — perguntou Mel.

— Se você fosse lá ver de vez em quando — reclamei —, saberia.

— Eu fui — respondeu ela defensivamente. — Várias vezes. Mas não aguento vê-lo no estado em que

está. — Ela abaixou a voz. — Parece que ele já está meio morto.

— É, eu... sinto muito — murmurei, acariciando o cabelo dela com a mão, que estava suja e coçando. A dor de cabeça que começara na noite anterior agora era um latejar constante, impossível de ignorar. Não ajudava em nada o meu humor. — Ele está fraco por causa da intoxicação alimentar — acrescentei de forma mais sociável. — Mas o pior já passou. A cor da pele melhorará com um pouco de água e comida.

— Será que Kaori também chamou a polícia?

— Kaori? — Franzi a testa sem conseguir associar o nome.

— A esposa dele.

— Ah, sim. — Mas eu ainda não fazia ideia de sobre o que Mel estava falando. Por que Kaori chamaria a polícia? De repente, estava ficando difícil de pensar direito.

— Se a viagem estivesse de acordo com o planejado — explicou Mel —, teríamos descido do Monte Fuji ontem à tarde. Kaori deveria estar esperando uma ligação de Neil. Você sabe como ele é, pontual com as coisas. Logo, se ela não recebeu uma ligação ontem, pode ter ficado preocupada. Quando ele não ligou hoje, é possível que tenha ficado preocupada o suficiente para chamar a polícia. Assim, eles saberiam que estamos com problemas.

Assenti, mas foi tudo que pude oferecer. Se Kaori chamara a polícia ou não, não importava. Eles tinham uma hora para chegar.

Depois disso, estaríamos por conta própria.

Faltando quinze minutos para meio-dia, achei que todos tinham desistido da esperança de que algum deus surgiria para salvar o dia e disse: — Vamos embora.

Ninguém concordou em voz alta, mas também não discordou.

— Neil consegue andar? — perguntou Mel.

— Não.

Nina franziu a testa. — Como carregaremos três pessoas?

— Precisamos montar uma segunda maca.

— Sim, mas são *três* pessoas...

— Não podemos levar Ben, Nina. Sinto muito.

Houve um silêncio vazio.

— Não podemos deixar Ben aqui! — Nina explodiu.

— Somos apenas quatro pessoas — argumentei. — Duas por maca.

— Então colocaremos Ben e Tomo juntos — declarou ela.

— Será pesado demais para carregar.

— Você e John Scott dão conta do recado.

— Talvez por uma distância pequena, mas não sabemos onde estamos. Andaremos por horas e precisamos ser rápidos, aproveitando ao máximo o nosso tempo.

— Então cada um segurará em um canto.

— Nina...

— Não podemos deixar o corpo de Ben aqui!

— Deixaremos um rastro ou algo parecido. A polícia poderá vir buscá-lo e eu os acompanharei.

— Não deixarei o corpo dele para essa... pessoa por aí.

— Ele não está interessado nos corpos, Nina. Ele os enforcou para que nós os encontrássemos. É possível que esteja nos seguindo.

— Animais. E se eles...

— Você viu algum animal? Eu não. Nenhum em dois dias. — Eu omiti o veado, claro, mas estávamos

falando especificamente de carnívoros.

— Por que Ben? Por que não Tomo?

Vi a acusação nos olhos dela: *Porque ele é seu amigo.*

— Ben está morto há mais de um dia. Ele está... em estado de decomposição. Fedendo.

— Ben é menor e mais leve.

— Eles têm o mesmo tamanho.

— Isso não é justo!

— Você quer vot...

— Ah, cale a boca! Cale a sua boca!

Ela ficou de costas e começou a chorar.

John Scott e eu montamos a segunda maca usando as jaquetas dele e de Tomo. Surpreendentemente, John Scott a usou sem reclamar, fazendo buracos nos ombros com uma das lanças caseiras.

Ele me viu observando-o e disse: — O que foi?

Balancei minha cabeça. — Nada.

Quando terminamos, colocamos o corpo de Tomo em uma maca, cobrindo-o com o saco de dormir dele, e Neil na outra, que não questionou nem protestou.

John Scott e eu conversamos sobre fazer um túmulo temporário para Ben, mas o solo era apenas uma fina membrana sobre o magma solidificado, tendo não mais do que trinta centímetros de profundidade quando cavamos com pedras. Decidimos também deixar as barracas para aliviar o peso, pois precisávamos conservar o máximo possível de energia.

— Mel, você e Nina carregarão Tomo — ordenei. — John Scott e eu ficamos com Neil.

— Para que direção devemos ir? — perguntou Mel.

Olhei para John Scott. — Ainda quer escalar aquela árvore?

Achei que ele me mandaria foder um macaco ou algo criativamente indesejável, mas apenas assentiu e disse: — Qual?

— Você vai escalar uma árvore? — perguntou Mel.

— Está nublado demais para ver o sol — argumentou ele. — Mas, se eu escalar uma árvore, conseguirei ver o Monte Fuji, que deve estar... o quê, a leste daqui?

— Isso — respondi.

Mel estendeu o pescoço e olhou para as árvores bem altas. — Não acho que seja uma boa ideia — disse ela desconfiada.

— Sou um ótimo escalador — reafirmou John Scott. — Então, qual?

— A mais alta — respondi.

Depois de vários minutos de procura, optamos por uma espécie de pinheiro. Não era a árvore mais alta no local, contrário ao que eu sugerira que John Scott tentasse, mas, diferentemente dos cedros, a coroa quase chegava ao chão, o que significava que poderíamos escalá-la sem cordas nem pregos... que, obviamente, não tínhamos. Além disso, os galhos seguiam o sentido horizontal saindo do tronco e estavam dispostos de forma plana, tornando a árvore perfeita para escalar. Estimei que a copa começava a trinta metros de altura e que o topo estava a quarenta. O formato não era cônico, como os pinheiros em Wisconsin, mas mais irregulares, com os brotos pendurados como se tivessem pesos invisíveis.

— Está pronto? — perguntei a John Scott.

Ele assentiu. — Ajude-me a subir.

Fiz um apoio entrelaçando os dedos das mãos e empurrei-o para cima. Ele agarrou o galho mais baixo e começou a balançar as pernas para tentar subir nele. Um dos pés acertou a minha cabeça. Xinguei e observei enquanto ele continuava a se contorcer como um girino recém-nascido. John Scott prendeu a perna esquerda no galho e, por um momento, parecia que conseguiria puxar o corpo para cima, mas ela escorregou, fazendo-o perder o ponto de apoio. Ele ficou pendurado por um momento, recusando-se a desistir, antes de soltar as mãos e cair no chão.

No fim das contas, fora um espetáculo de falta de coordenação atlética.

— Acha mesmo que vai dar certo? — perguntou Mel.

John Scott a ignorou. — Ajude-me mais uma vez. — disse ele para mim.

Repetimos o processo, mas, dessa vez, ele ergueu o corpo com mais sutileza.

— Tome cuidado — alertou Mel.

John Scott começou a escalar. Vários dos galhos inferiores pareciam estar mortos ou com pouca vida por causa da falta de luz do sol. Ele os evitou, optando pelos que tinham folhas novas parecidas com agulhas. Os galhos começaram a ficar mais próximos, ajudando e, ao mesmo tempo, prejudicando a subida. Facilitou para que ele encontrasse apoios para os pés e para as mãos, mas o espaço para manobrar era menor.

Nina, Mel e eu estávamos olhando para cima, observando o progresso dele. Eu não sabia quanto aos outros, mas estava empolgado e tenso. Se John Scott chegasse ao topo, descobriríamos que lado nos tiraria daquela prisão. Por outro lado, se caísse... bom, ele já estava a quinze metros de altura, o suficiente para ser fatal.

— Ele tinha razão — disse Mel ao meu lado —, é um ótimo escalador. — Ela tinha as mãos sob o queixo.

— Pois é — concordei distraidamente.

— Ele vai conseguir.

— Acho que sim.

Ele subiu cada vez mais, aproximando-se da copa, apesar de o progresso ter diminuído consideravelmente. Provavelmente, os galhos firmes que poderiam aguentar o seu peso estavam acabando.

— Consegue ver algo? — gritei.

Uma pausa. — Ainda não!

— Confira se os galhos não estão podres!

Ele não respondeu.

Eu mal conseguia vê-lo, exceto algumas partes do pulôver branco. Achei que ele tinha parado de avançar.

— Chegou? — gritou Mel.

— Ainda não!

— O que houve?

— Os galhos são finos demais!

— Será que não é melhor descer?

— Só vou mais um pouco!

Mais uma pausa... seguida de um grande estalo, como uma pistola disparando. Depois, aconteceu uma grande comoção, galhos balançando e batendo como se a árvore estivesse abruptamente cheia de macacos revoltados.

*Ele está caindo! Puta que me pariu, ele está caindo!*

Mel e Nina gritaram de forma uníssona e intensa.

John Scott não sofreu uma queda livre até o chão. Foi uma descida em escalas, como uma bola de *pachinko* descendo pelo labirinto de pinos. Caía dois ou três metros, batia em um galho grande, girava para um lado ou para outro, caía mais, batia em outro galho e por assim em diante.

Ele não emitiu som algum e eu não fazia ideia se estava consciente ou não. Tudo que conseguia ver eram braços e pernas balançando para todos os lados.

Em seguida, milagrosamente, ele parou a seis metros do chão.

— John! — gritou Mel. — John!

Ela não respondeu.

— John!

— Ajudem-me a subir — falei rapidamente — Vou pegá-lo.

Mel pareceu não ter me ouvido. Estava olhando para cima, com olhos esbugalhados e o rosto pálido. As mãos não estavam mais apoiando o queixo, mas tapando a boca, como quando uma criança acidentalmente fala um palavrão em frente ao pai ou à mãe.

— John!

— ... oi... — Estava fraco, parecendo mais um gemido do que uma palavra.

Vivo. — Consegue se mexer? — gritei.

— ... não...

— Agente firme! Vou subir. — Virei para Mel. — Preciso de...

Ouvimos outro estalo seco onde John Scott parara nos galhos, que cederam. A descida começou de novo, desta vez muito mais rápida. Em um momento ele estava a seis metros de altura e, no seguinte, caindo pelos últimos galhos. Ele bateu no chão com o som de uma bola de couro pesada batendo no chão de um ginásio.

Ouvi ele soltar um "unf!" quando o resto do ar saiu dos pulmões, ao mesmo tempo em que ouvi algo muito pior: o estouro ríspido de um osso fraturando.

Um momento depois, John Scott começou a gritar.

O rosto e os braços dele estavam cobertos de cortes. O pulôver estava rasgado em meia dúzia de lugares com uma cor vermelho-claro por baixo deles. Parecia que fora arrastado por um arbusto espinhoso e imaginei que, de certa forma, foi o que acontecera, apesar de ter sido um arbusto vertical gigante.

A perna esquerda, a mesma com a qual ele tivera tanto problema para subir naquele primeiro galho, estava dobrada sobre si mesma. Estava em um ângulo tão impossível que achei que o joelho se soltara da articulação. Mas isso não podia ter acontecido, pois, abaixo do joelho, havia uma protuberância de vários centímetros esticada contra o tecido do *jeans* solto. Eu sabia o que devia estar causando a saliência bizarra e meu estômago se revirou.

— Caralho! — berrou Mel. — Olhem a perna dele!

Eu mal consegui ouvi-la porque John Scott ainda gritava, metade por causa da dor e metade, achei,

pela angústia à medida que ele se dava conta da gravidade do ferimento.

Eu queria ajudá-lo, mas estava paralisado pela incapacidade de decidir o que devia ser feito. Aquilo não era um machucadinho de escola quando se tropeça em um jogo de basquete de cinco contra cinco e que o médico costuraria com alguns pontos.

A perna dele estava partida ao meio, porra.

Olhei para Mel e Nina, querendo que alguém assumisse o controle. Mel apontava um dedo curvado para a perna de John Scott enquanto pulava no mesmo lugar, como se tivesse ganhado em um jogo de cassino depois de quarenta anos. Nina olhava para longe, talvez querendo vomitar e descobrindo que já estava toda vomitada.

Corri para o acampamento, com as pernas movendo-se mais depressa que meus pensamentos. Tudo que eu sabia era que precisava de algo para fazer um torniquete. Parei em frente à fogueira apagada, hesitei por um segundo e corri para a barraca de Neil. Soltei uma das cordas e corri de volta para onde John Scott tremia de dor no chão.

*Pelo menos ele está se mexendo, pensei. Podia ter sido pior. Ele não está paralisado.*

Passei esbarrando em Mel e agachei ao lado de John Scott. Ele parara de gritar com um esforço aparentemente extraordinário, fazendo uma careta com a boca trêmula. Uma veia estava saltada na testa.

— Farei um torniquete — disse a ele, enrolando a corda na coxa.

— Não! — sibilou ele.

— Tenho que estancar o sangramento...

— Se você fizer a porra de um torniquete, matará a minha perna. Ela terá que ser amputada.

Hesitei. — O que quer que eu faça?

— Minhas calças. Tire-as.

— Por quê...?

— Você tem que colocar o osso no lugar!

Meu sangue gelou ao ouvir aquelas palavras. Ele tinha razão. Teríamos, de alguma forma, que enfiar a tibia fraturada de volta na carne.

Desfiz os laços dos Doc Martens e tirei os sapatos um após o outro.

— Mel! — chamei. — Ajude-me!

Desafivelei o cinto, desabotoei a calça e abri o zíper. Até mesmo naquele momento, sob um nível incrível de estresse, estava incomodado por estar fazendo algo tão homossexual.

Mel surgiu do outro lado dele.

— Vamos tirar a calça dele — disse. — Lentamente.

Ela assentiu e, juntos, puxamos a calça até as coxas, parando logo acima dos joelhos. Seguramos a parte debaixo da calça, puxando-a sobre os pés.

Fiz o melhor para segurar o tecido que passava sobre a tibia exposta, mas não havia material livre suficiente e ele raspou no osso. Esperei John Scott berrar de dor, mas ele permaneceu em um silêncio resolutivo, exceto pela respiração forte e pesada.

Em seguida, conseguimos tirar a calça.

— Ah... — suspirou Mel, cheia de pavor e nojo.

O ferimento era algo saído direto de um departamento de efeitos especiais de um estúdio de filmagem, pois a visão era tão grotesca que não parecia real: a pele mole parecia borracha de silicone e a papa da carne exposta parecia espuma pintada de vermelho.

A tibia de John Scott estava cerca de dez centímetros para fora da pele rasgada, branca e brilhante, como um enorme dente pré-histórico. Pedacos fibrosos de tendões e ligamentos estavam grudados no osso enquanto o sangue se acumulava na abertura onde ele deveria estar, escorrendo pela perna. A meia do pé esquerdo estava ensopada.

John Scott se ergueu com os cotovelos para que pudesse ver. Esperei que esbugalhasse os olhos e ficasse boquiaberto de choque e enjoo. Em vez disso, a expressão dele era uma máscara de pura determinação, e, naquele momento, senti um novo respeito pelo rapaz. Eu não sabia como teria reagido no lugar dele, mas tinha certeza de que não teria o mesmo nível de compostura.

— E agora, o que eu faço? — perguntei a ele.

— Você precisa empurrar o osso de volta para o lugar.

— Só empurrar?

— Vai logo!

Eu não achei que era possível simplesmente empurrar o osso de volta para dentro da perna. Era preciso ter algum tipo de tração, esticando completamente o membro, para que as partes quebradas não se sobrepusessem.

— Nina? — disse por sobre o ombro. — Nina?

— Sim? — respondeu ela.

— Pegue uma blusa limpa, qualquer uma, e a garrafa de uísque. Ela deve estar perto da fogueira em algum lugar.

Escutei quando ela saiu correndo.

— Mel — continuei —, fique atrás de John Scott, atrás da cabeça dele.

— Por quê?

— Rápido!

Ela agachou atrás da cabaça de John Scott e começou a dizer que ele estava saindo-se bem, que ficaria tudo bem. Nina voltou e entregou-me uma blusa rosa e a garrafa de uísque.

— Beleza, escute bem, Mel — disse. — Segure John Scott por debaixo dos braços e, quando eu disser "vai", puxe-o em sua direção.

— Por quê?

— Apenas faça o que estou dizendo!

Ela segurou John Scott por debaixo dos braços. Pressionei meu joelho com firmeza sobre o pé esquerdo dele, prendendo-o no lugar.

— Beleza... vai!

Mel o puxou. John Scott gritou. Ela parou.

— Continue puxando! — ordenei.

— Ele está sentindo dor!

— Você tem que continuar puxando. Agora... puxe!

Ela puxou de novo. John Scott aguentou a dor dessa vez. Quando a perna esquerda esticou até onde os músculos permitiam, enrolei a mão na blusa rosa, apoiei-a sobre o osso e empurrei-o de volta para o lugar. John Scott gritou. O osso entrou na perna com uma facilidade surpreendente.

— Última coisa — disse eu, abrindo o uísque rapidamente para aproveitar aquele momento. — Isso vai arder. Pronto?

John Scott abriu os olhos e observou a perna em silêncio. Ainda era uma ferida enorme aberta e vermelha, mas pelo menos não tinha um osso para fora.

Ele assentiu.

Derramei o álcool sobre o ferimento, usando tudo que havia na garrafa. John Scott se contorceu. Um gemido escapou das mandíbulas apertadas. Enrolei a blusa ensanguentada na perna, pressionei uma haste da barraca contra a canela e amarrei a tala improvisada com a corda.

John Scott deitou com as costas no chão. O suor escorria e ele tinha a respiração profunda, mas achei que ficaria tudo bem.

Parte de mim estava empolgada com o resultado, mas a outra me disse para não comemorar antecipadamente porque, operação bem-sucedida ou não, John Scott não andaria por um tempo... vetando

completamente nossa estratégia de fuga.

Em vez de tentar carregar John Scott para o acampamento, levamos Neil para o novo lugar na base do pinheiro para que pudéssemos ficar de olho nele. Em seguida, Mel e Nina se ocuparam cuidando dos diversos ferimentos superficiais de John Scott, que estavam em grande maioria no rosto, nos braços e no torso. Como não havia água nem uísque para limpar os cortes, elas basicamente os pressionaram com outra blusa para estancar o sangramento. Contusões antes invisíveis começaram a aparecer por todo o corpo. O ombro e o bíceps direitos ficaram com uma cor marrom-amarelado e uma grande área roxa aparecera na coxa direita, onde a cueca *boxer* da Calvin Klein acabava. Fiquei de olho na perna esquerda, abaixo da fratura, para ter certeza de que não estava fria, dormente nem pálida, o que poderia indicar um nervo rompido ou vaso sanguíneo estourado. Até então, tudo bem, era o que parecia, já que não conseguia observar nada além de descoloração e inchaços.

Ele foi um puta de um sortudo, pensei, por ter caído daquela altura e ter sobrevivido com apenas uma perna quebrada, por pior que tenha sido a fratura. Por outro lado, ele certamente não estava seguro. O risco de infecção era possível em qualquer fratura aberta, especialmente por ter acontecido em uma floresta sem desinfetantes nem antibióticos. Pior ainda, ele poderia estar com uma hemorragia interna sem que soubéssemos. No melhor dos casos, os médicos colocariam um pino de metal no canal do tutano da tibia e ele acionaria todos os detectores de aeroportos pelo resto da vida. Em um meio termo, a perna sofreria gangrena e seria amputada. No pior, ele sofreria um choque hemorrágico, resultando em morte ou lesão cerebral.

O caso era que precisávamos levar John Scott e Neil para um hospital o quanto antes. Infelizmente, a não ser que a cavalaria não tivesse desistido e ainda estivesse indo até lá nos resgatar, as chances de irmos para um hospital em um futuro próximo eram improváveis.

Meu estômago roncou de fome. Obviamente, ele só se importava com comida. Engoli em seco, o que estava tornando-se cada vez mais desconfortável. A dor de cabeça continuou a latejar, só que agora piorava quando eu mexia a cabeça muito depressa. Apesar de ainda estar de manhã, eu queria fechar os olhos e pegar no sono para fugir daquilo tudo, mas não podia fazer isso.

Mel chegou perto e juntou-se a mim sob outro pinheiro onde me isolei para que pudesse pensar no que fazer em seguida sem distrações.

— E aí — disse ela.

— E aí — respondi.

— O que está fazendo aqui?

— Nada.

— Você se importa se eu sentar ao seu lado?

Balancei a cabeça e ela se aconchegou em mim.

— John Scott está... bem.

— Ótimo — respondi.

— Você salvou a perna dele.

— Fiz o que ele mandou.

— Ela poderia ter infeccionado.

— Ainda pode.

Ficamos em silêncio.

— Quero ir para casa, Ethan — disse ela.

— Eu também, Mel. Eu também. — Coloquei um dos braços em volta dela... e senti algo pressionar a minha costela. Olhei para baixo. — O que tem no seu bolso?

Ela se sentou com as costas eretas de novo. — No meu bolso? Nada...

— Mel?

Ela estava olhando para o chão à frente, como se eu fosse esquecê-la se me ignorasse. Um avestruz com a cabeça enfiada na terra teria uma chance melhor de não parecer suspeito.

— Mostre-me — pedi, com a mente já três passos à frente, tentando adivinhar o que ela estaria escondendo. Minha primeira suspeita era um telefone... mas não fazia sentido.

— Não é nada — repetiu ela.

— Então me mostre.

— Não.

— Não deixarei você ir embora até me mostrar o que é.

— Caramba, Ethan! Você não manda em mim.

— Você está começando a me preocupar, Mel. O que é?

— Não é nada! É apenas... comida. Beleza?

Ela abriu o zíper do bolso com raiva e tirou dele uma caixa retangular amarela. Era uma embalagem de *CalorieMate*, uma barra energética saborosa vendida em qualquer loja de conveniência japonesa. Eu experimentara uma anos antes apenas porque apareciam na franquia de jogos *Metal Gear Solid*. O personagem principal, Snake, comia essas barras para recuperar o vigor. Feitas quase inteiramente de açúcar e gordura, provavelmente aumentavam mesmo o vigor, apesar de terem gosto de bolacha seca.

— Onde você conseguiu isso? — Meu tom não foi de acusação... mas quase.

— Estava em um dos bolsos pequenos da minha mochila.

— Você está guardando isso há quanto tempo?

— Comprei no *Mini Stop*.

Não era o que eu realmente tinha perguntado. — Por que você não compartilhou com todos no café da manhã?

— Eu não sabia que tinha uma naquele momento.

— Desde quando você sabe?

— Por que isso importa, Ethan?

— Porque o resto de nós está *morrendo* de fome, Mel, por isso.

— Ninguém está *morrendo*. As pessoas aguentam semanas sem comida.

Talvez tenha sido o tom insolente ou a recusa em confessar o que fizera, mas insisti. — Neil está *morrendo*, Mel. Ele vomitou ou cagou tudo que tinha dentro dele e não tem forças nem para se levantar sozinho. Semanas sem comida? Ele não durará outra noite sequer. E você tinha comida esse tempo todo?

Ela conseguiu a proeza de ficar pálida e corada ao mesmo tempo, com o rosto perdendo a cor, exceto pelas partes rosadas nas bochechas. — Eu... eu encontrei hoje, depois do café da manhã.

Peguei a caixa e conferi o conteúdo. Dois de quatro biscoitos em forma de barra apareceram.

— Estavam gostosos? — perguntei.

— Você não pode me julgar, Ethan — disse ela silenciosamente. — Você não tem esse direito.

— Não estou julgando você.

— Eu estava com tanta fome — argumentou ela. — Achei hoje de manhã e estava com muita fome. Dei apenas uma mordida. Eu iria dividir com todos, mas estava muito gostoso. E... e eu as guardei. Estava esperando caso alguém realmente precisasse.

— Neil precisava — retruquei.

— Chega de falar de Neil! Olhe para ele... não consegue comer nada. Ele vomitará tudo de novo. Ou seja, será um desperdício. Como você disse, ele talvez nem... nem consiga sobreviver.

Eu a encarei com os olhos arregalados. Estava mesmo escutando aquilo? Aquela não era a Mel que eu conhecia. Ela tinha um coração de ouro. E, agora, estava escondendo um recurso essencial e disposta a jogar Neil aos lobos para satisfazer a própria fome?

— Não olhe para mim assim — disse ela com a voz fina, como se estivesse prestes a chorar. — Não faça isso. Não é culpa minha. Eu estava com fome... e era *meu*.

— Aproveite o resto — respondi.

— Vá se foder, Ethan! Você não pode me julgar. Não tem esse direito! — As lágrimas começaram a escorrer. — Você teria feito o mesmo. Se fosse seu, com certeza teria feito o mesmo.

Não respondi. Queria que ela fosse embora.

— Sou a menor do grupo — ela continuou. — Todos são maiores. Vocês têm mais reservas de gordura...

— Cale a boca, Mel. Beleza? Apenas cale a boca.

Ela me encarou, mordendo o lábio inferior.

— Quer um pouco? — ela perguntou.

Olhei para o outro lado.

— Dividirei o resto agora.

— Faça o que quiser.

Ela pegou os dois biscoitos da minha mão e quebrou-os em quatro partes iguais. — Olhe... para você, Nina, John Scott e Neil. Não comerei mais.

Olhei para os pedaços marrons sabor chocolate na mão dela.

— Dê a minha parte para Neil — pedi.

— Não seja...

— Você me ouviu.

— Beleza... porque você é o sr. Nobre. — Ela se afastou de mim. — Vá se foder, Ethan. Vá se foder. Espero que morra de fome.

Observei Mel voltar para o resto do grupo e entregar o *CalorieMate*. Não consegui escutar o que ela dizia, pois estava a cerca de quinze metros de distância, mas imaginei que estava contando onde os conseguira. Em seguida, ela foi até Neil e tentou alimentá-lo. Apesar do que eu dissera a ela sobre Neil precisar de comida, não achava que o biscoito faria bem algum a ele. Secaria a boca ainda mais. E, mesmo se conseguisse engolir de alguma forma, como Mel argumentara, ele provavelmente vomitaria de novo. Todavia, eu ficara com raiva por ter me desapontado e queria magoá-la.

Esfreguei os olhos. *O que estava acontecendo comigo?* Era só a porra de um biscoito. Tínhamos coisas muito mais importantes com que lidar.

Voltei a pensar em nosso próximo passo e o dilema de que tínhamos mais corpos para carregar do que mãos capazes de transportá-los, pois, mesmo se deixássemos Ben e Tomo para trás, Mel, Nina e eu não conseguiríamos carregar John Scott e Neil. O que significava que ficaríamos onde estávamos por mais outra noite ou deixaríamos um dos dois para trás. Ficarmos parados estava fora de questão, pensei. Passaram-se trinta e seis horas desde que tínhamos bebido algo além de uísque. Neil, se sobrevivesse à noite, ficaria em condições críticas. O resto de nós ficaria fraco e preguiçoso. Por isso que tínhamos que agir, agora ou nunca, enquanto ainda nos restava energia e consciência. Aquilo significava deixar aquele lugar. Mas quem levaríamos? Neil ou John Scott? Ambos precisavam de atenção médica imediatamente, portanto, a questão era: quem precisava *mais*?

Escutei um estalo atrás de mim, em algum lugar, e virei-me para trás.

Olhei para as árvores, meio que esperando ser confrontado por algum maluco atacando-me, mas tudo que vi foi verde, verde e mais verde.

Decidindo que escutei uma bolota ou uma pinha, voltei a atenção para o dilema em mãos.

Neil ou John Scott?

Eram 14h37.

Disse a Mel e Nina que precisava de ajuda com algo no acampamento para afastá-las de John Scott e Neil. Quando estávamos longe o suficiente para que não nos escutassem, parei e disse: — Não podemos perder mais tempo. Temos que ir embora agora se quisermos aproveitar a chance de sair da floresta até o anoitecer.

— Nós três não conseguiremos carregar John e Neil — disse Mel. Ela estava muito séria e não soube dizer se ainda estava magoada pela forma que eu a tratara, apesar de suspeitar que sim.

— Esse é o problema — concordei. — O que nos deixa com apenas uma opção. — Pausei. — Deixarmos um deles para trás.

Mel piscou várias vezes. — Deixar um para trás? — Ela abaixou a voz. — Nem pensar que deixaremos alguém para trás.

— Sim, concordo — disse Nina. — Não podemos fazer isso.

— Que escolha temos? — perguntei. — Esperar a polícia chegar? Temos que considerar com seriedade a possibilidade de eles não virem, pelo menos não hoje. Vocês querem ficar outra noite nesta floresta com um assassino maluco à solta?

Mel mordeu o lábio inferior. Nina puxou compulsivamente um cacho do cabelo.

— Não é justo — disse Mel silenciosamente.

Coloquei as mãos para o alto. — Estou aberto a sugestões melhores. Se tiverem, por favor.

— Um de nós pode ir — disse ela. — Você, eu ou Nina. Será mais rápido, apenas uma pessoa...

— Pensei nisso. Mas não deixarei você, Nina ou as duas juntas andando sozinhas com esse cara na floresta. Nem deixarei as duas para trás.

— Então você não nos deixará para trás, mas deixará Neil ou John?

— Que merda você quer que eu faça, Mel? — perguntei, com a última gota de paciência evaporando. — Eu não deixaria ninguém para trás se tivéssemos ajuda, mas não tem como. Agora, se tivermos alguma sorte e sairmos depressa, poderíamos voltar em questão de horas.

— E se não tivermos sorte? Se nós nos perdermos?

— Eles morrerão — declarou Nina. — Pelo menos Neil. Ele já está morrendo.

— Exatamente — concordei. — Neil está morrendo. Se ficarmos aqui, fazendo nada, ou tentarmos sair daqui e nos perdermos, ele já era. Nossa única esperança é *não* nos perdermos, sairmos daqui e trazermos ajuda.

— Como encontraremos o caminho de volta? — perguntou Nina.

— Faremos uma trilha. Dois de nós carregarão a maca e o terceiro deixará uma trilha de galhos ou qualquer coisa parecida.

— Como decidiremos a direção que seguiremos?

— Escalarei a árvore — respondi.

— Você?

— É a única opção.

— Você tem medo de altura!

— Mel, a não ser que queira escalar a merda da árvore, então pare com isso, pois não temos outra alternativa...

Um barulho alto interrompeu a minha frase. Nina ficou de pé instantaneamente e Mel e eu ficamos meio agachados... uma imagem de três pessoas prestes a correr pela própria vida.

— Que porra foi essa? — sussurrei. Parecia alguém batendo um taco de beisebol no tronco de uma árvore.

Ninguém respondeu.

Peguei a lança que estava ao meu lado.

*Toc-toc-toc.*

Comecei a andar em direção às batidas, perguntando-me o que eu estava fazendo. Minha lança parecia absurdamente inútil. E se o cara tivesse uma pistola ou facão ou besta...

*Toc-toc.*

Parei onde estava e quase derreti de alívio.

A vinte metros acima do tronco de um cipreste tinha um pica-pau verde-claro. A cabeça cinza virou para mim, revelando um bigode vermelho e um bico amarelo. Em seguida, virou abruptamente para os lados e voltou a atenção para o buraco que cavava.

*Toc-toc-toc.*

Apontei e disse: — É apenas um pica-pau. — Eu quis rir, mas meus nervos estavam esgotados.

— Vou matá-lo — disse Nina, saindo de trás da árvore onde se escondera. — Ele quase me deu um ataque do coração.

Mel pegou um pequeno galho e arremessou-o, apesar de não ter chegado nem perto do pássaro. — Então *há* vida aqui — disse ela.

— Eu também vi um veado — confessei.

— Quando?

— Hoje de manhã, assim que acordei.

— E por que você não nos contou?

— Todos estavam dormindo e, em seguida, percebemos que Tomo tinha sumido... — Dei de ombros. O veado não importava. — Enfim, vejam só, já são três da tarde. Nosso tempo está acabando. Temos que ir logo.

— Não podemos abandonar alguém! — disse Nina rispidamente.

— Credo, Nina, você não me ouviu? Não temos escolha! Se ficarmos aqui, Neil morrerá, depois, John Scott, depois nós. Sim, nós também. Está se sentindo mal agora? Imagine como se sentirá amanhã sem água para beber. Isso se não encontrarmos você pendurada em algum lugar de manhã.

Ela ficou pálida. Balancei a cabeça.

— Foi mal, Nina, mas cada segundo que perdermos discutindo isso é um segundo a menos de luz do dia que temos, entendeu? Então a questão é se ficamos ou não. E nós *não* ficaremos. Ou seja, quem levaremos conosco?

— Imagino que você queira deixar John para trás — disse Mel.

— Acho que a condição de Neil é mais crítica.

— Você não quer levar John porque não gosta dele.

— Meus sentimentos pessoais não têm absolutamente nada a ver com isso agora.

— Então eu quero levar John.

— Agora você está escolhendo com base nas suas emoções.

— Claro que não.

— Então me diga por que temos que levar John Scott em vez de Neil.

— John está sentindo dor. Neil não. E não sabemos o verdadeiro estado da perna de John, ainda está sangrando. Se a pressão sanguínea cair demais, ele pode desmaiar ou ter uma parada cardiorrespiratória.

— Nina? — perguntei.

— Não escolherei.

— Pare de enrolar nessa porra, Nina! John Scott ou Neil?

Os olhos delas encheram de lágrima e achei que não fosse responder. Em seguida, bem calmamente, ela disse: — John Scott. Acho que devemos levar John Scott.

— Por quê? — perguntei.

— Ele é mais novo — respondeu ela com simplicidade.

Eu queria argumentar com elas, dizer que estavam cometendo um erro e arriscando a vida de Neil, mas tínhamos que partir. A escolha fora tomada.

Fui explicar a Neil o que faríamos enquanto Mel falava com John Scott. A pele de Neil estava seca e a boca, levemente aberta. Ele emitia aquele som catarrento e molhado com a respiração fraca.

— Ei, Neil. Sou eu, Ethan. Consegue me ouvir?

Ele não respondeu.

— Neil. Está me ouvindo?

Ele abriu os olhos, olhou vagamente para mim por um período, e fechou-os novamente.

— Escute só — comecei —, John Scott sofreu um acidente. Caiu de uma árvore. A perna dele está horrível. Enfim, vamos levá-lo embora daqui agora mesmo para que consiga ajuda, mas voltaremos logo em seguida para buscá-lo. Escutou? Voltaremos logo em seguida.

Ele não respondeu.

— É possível que anoiteça — continuei —, mas você ficará bem. Apenas fique debaixo do saco de dormir e não vá a lugar algum. Essa é a coisa mais importante. Não vá a lugar algum ou talvez não encontremos você.

Não achava que Neil tinha força suficiente para andar mais do que dez metros para qualquer direção, mas queria garantir que ficasse parado caso tivesse uma recuperação milagrosa enquanto não estivéssemos ali.

— Neil? Está me ouvindo?

Ele não respondeu.

Encontrei a mão dele sob o saco de dormir e apertei-a de leve. — Nós nos vemos em breve.

Levantei e andei até os outros. Mel parecia estar discutindo com John Scott.

— O que houve? — perguntei.

— John não está pensando direito — disse Mel. — Quer que levemos Neil.

Completamente surpreso, olhei para John Scott.

— Ele está pior do que eu — argumentou ele com a voz firme. — Consigo aguentar uma noite.

— Não seja tolo, John — retrucou Mel. — Você sangrará até a morte se não...

— Então é melhor parar de perder tempo e começar a se mexer.

— Não vamos...

— Você me ouviu.

— John...

— *Essa é a minha decisão!* — berrou ele com uma expressão de pura determinação. — Minha decisão, caralho. Entendeu, Mel? Minha. Não sua. Fim de papo.

Por um momento, Mel pareceu prestes a contestar a declaração altruística de livre arbítrio de John Scott, mas a chama nos olhos dele, uma mistura de intensidade, dor e firmeza, fez com que reconsiderasse.

— Aê, Ethos? — chamou ele, virando o olhar intenso para mim.

— Sim? — respondi.

— Você vai mesmo escalar aquela árvore?

— Sim.

Ele assentiu no que parecia ser uma aprovação. — Não faça merda.

Paramos ao pé do pinheiro que John Scott tentara escalar, olhando para cima, bem para o alto. Ele caíra dele, sim, mas ainda era a melhor opção. Desta vez, Nina entrelaçou as mãos e, com Mel empurrando-me por trás, consegui subir no galho mais baixo na primeira tentativa.

Ergui o corpo, com um pé na frente do outro, segurando os galhos próximos para me apoiar. O tronco estava a trinta centímetros do meu rosto. Era grosso e tinha várias camadas, com buracos profundos e manchados com bolhas de resina de cheiro forte que se misturou com o aroma de alecrim das folhas de cor verde-clara.

Comecei a escalar.

Do chão, olhando para cima, os galhos pareciam crescer igualmente do tronco como um anel, mas logo ficou claro que eram produzidos em séries de verticilos, formando uma espiral ascendente. Eu podia ser grande, mas, como John Scott, era decentemente ágil e capaz de dobrar os galhos para os lados para conseguir progredir em um ritmo razoável. Minhas mãos rapidamente ficaram pegajosas com a resina enquanto vários espinhos pequenos que saíam dos galhos como unhas furavam a pele, arrancando sangue. Notei vários nós, buracos e outras imperfeições na casca da árvore que eram invisíveis de longe e, por algum motivo, aquilo me fez pensar no carvalho-vermelho que escalava quando criança em Wisconsin. Eu passava horas no carvalho, pegando bolotas para usar como armas contra inimigos imaginários, arrancando a casca para ver o que os besouros estavam fazendo, ou apenas curtindo a vista panorâmica dos cinquenta acres da minha família e da fazenda vitoriana no horizonte, com torres, telhas de madeira e arestas.

Quando percebi, já subira pelo menos dez metros. Não tinha certeza porque me recusei a olhar para baixo. Nem para cima, na verdade. Estava apenas concentrado nos galhos dentro do meu alcance imediato, cuidadosamente dividindo o peso do corpo em quatro pontos de apoio em todos os momentos, empurrando mais com as pernas do que puxando com os braços para economizar força e energia. O que ajudou, descobri, foi imaginar o Homem-Aranha escalando um prédio de vidro, mão esquerda, pé direito, mão direita, pé esquerdo e por assim em diante.

Até aquele ponto, eu me sentira relativamente seguro. Os galhos estavam firmes e dentro do alcance. No entanto, quando cheguei a aproximadamente vinte metros, eles começaram a diminuir em espessura e quantidade... e meu medo de altura começou a me dominar. Comecei a duvidar do que estava fazendo. Não era nada natural. Eu não era uma porra de um macaco e, apesar de não estar olhando para baixo, fui atingido por uma onda extrema de vertigem. Aquilo criou uma sensação de tontura, acabando com o meu equilíbrio.

Repentinamente com medo de cair, abracei o tronco da árvore com os dois braços e esperei os sintomas passarem.

— Ethan? — gritou Mel, com a voz baixa e preocupada. — Você está bem?

— Estou! — respondi. Meu peito estava tão apertado que mal consegui falar e até achei que não conseguiria dizer coisa alguma.

Fiquei parado onde estava por um longo minuto. Meu coração estava acelerado, a respiração muito rápida e eu só conseguia pensar: *Estou preso. Que se foda a subida. Não consigo descer. Estou preso aqui.*

Tentei dizer a mim mesmo que era tudo fruto da minha imaginação. Conseguira subir até ali sem problemas e era capaz de continuar, mas não consegui me tranquilizar. A sensação firme de medo paralisara todos os músculos do corpo e não passava.

— Ethan? — Mel gritou. — O que houve?

Abri a boca, mas a língua estava grossa e não consegui responder.

— Ethan!

— Estou descansando! — consegui responder.

A respiração ainda estava muito rápida. Senti uma dormência nos lábios. Cheguei à conclusão de que era porque a bochecha estava pressionada contra o tronco, mas percebi um formigamento nas mãos e nos pés.

Eu estava hiperventilando?

*E se eu desmaiasse?*

Fechei os olhos e tentei esquecer o lugar em que estava. Disse a mim mesmo que estava no carvalho-vermelho na fazenda, apenas três metros no alto, nada demais, e que poderia pular se quisesse. Pensei no calor da tarde de verão em que passara horas na árvore lendo uma edição de maio de 1987 da *Playboy* que achara escondida no fundo da caixa de cartas de beisebol de Gary. Eu procurava a primeira carta de Kenny Griffey Jr. para trocar com meu amigo Danny Spalding, que disse que me daria um dos G.I. Joes dele em troca... mas, em vez de encontrar Kenny Griffey Jr., encontrei Vanna White olhando para mim. Aquela fora a primeira vez que vira fotografias de uma mulher nua, principalmente uma famosa. Rasguei uma página com uma fotografia de Vanna White seminua sentada em uma janela, escondi-a em uma caixa de metal onde guardava minhas outras coisas favoritas e devolvi a revista para o fundo da caixa de cartas de beisebol antes de jantar.

Gary percebeu que a foto sumira uma semana depois, mas não contou para os nossos pais porque não queria admitir a fascinação adolescente por mulheres peladas. Em vez disso, ele entrou no meu quarto certa noite e, do jeito cortês dele, disse que sabia que a foto estava comigo e que a queria de volta. Quando neguei a acusação, ele aplicou em mim um golpe chamado Sonho de Um Milhão de Dólares, que Ted DiBiase usara em Macho Man Randy Savage no evento principal do *Wrestlemania IV*. No entanto, quando não desisti, Gary ficou criativo e começou a arrancar meus fios de cabelo, um por vez, enquanto dizia que eles não cresceriam de novo e que eu ficaria careca...

— Ethan! — Mel de novo. — Desça agora mesmo! Você está me assustando!

Pestanejei, lembrando onde estava.

— Por que está parado?

Caramba, meu Deus, *mexa-se*, disse a mim mesmo.

Soltei o tronco e agarrei um galho acima da cabeça com a mão esquerda. Mexi o pé direito à procura de um novo ponto de apoio, encontrando um meio metro acima, e movi-me vagarosamente, com a barriga arrastando pelo tronco.

Continuei subindo desse jeito por mais três metros, depois cinco, depois dez. Mel e Nina me encorajavam do chão. Eu quase não as escutava. As vozes pareciam estar a milhões de quilômetros de distância naquele momento e eu só tinha uma coisa em mente.

Escalar.

Enquanto subia, os galhos ficavam cada vez mais finos, a ponto de se dobrarem com o peso. Aquilo me assustou, mas eu já estava alto demais para voltar... quase acima da copa.

À minha esquerda, um galho quebrado estava preso em um vivo. A extremidade se soltara e estava rachada e saliente. Deveria ser o galho que John Scott quebrara. Eu o vi cair, tombando nos galhos em uma viagem expressa ao chão... e continuei seguindo em frente.

Em seguida, encontrei o local onde o galho quebrara. Ele tinha cerca de meio metro. Movendo-me tão devagar quanto um mímico em câmera lenta, subi mais três metros. A coroa da árvore começara a se estreitar em um formato cônico e a densidade de galhos diminuía o suficiente para que eu pudesse enxergar além deles... e a vista me tirou o fôlego. Uma paisagem esmeralda se estendia pelo horizonte. Honda dissera que *Jukai* significava "mar de árvores" e, agora, eu sabia o porquê...

O galho sob o pé esquerdo cedeu com um estalo repugnante, fazendo com que eu escorregasse. Comecei a sacudir a perna enlouquecidamente até apoiar em outro galho.

Mel e Nina gritavam para mim. Quis mandar que calassem a boca, mas meu coração estava fora de controle e eu não tinha fôlego.

O Monte Fuji, como percebi, não estava à minha frente. Virei a cabeça lentamente à esquerda, com medo de que uma simples troca de peso me mandasse direto para o túmulo. Não estava lá. Girei à direita. Nadinha.

Atrás de mim?

Enrolando os braços no tronco, que tinha a circunferência semelhante a de um poste, olhei e vi o Monte Fuji diretamente atrás de mim. Parecia estar impossivelmente longe, semelhante às fotografias distantes de cartões-postais.

Mesmo assim, aquilo não importava. Só precisávamos saber a direção, pois assim conseguiríamos descobrir o caminho para o estacionamento.

Marquei a direção da montanha com alguns pinheiros próximos para que, mesmo ficando desorientado após descer, ainda soubesse o caminho certo que teríamos que seguir.

Eu estava prestes a começar a descida quando percebi, talvez a três quilômetros de distância, cinco no máximo, uma fumaça cinza subindo pela vegetação.

A descida foi tão angustiante quanto a subida fora, exceto que, a cada galho que passava, eu me sentia confortado pelo pensamento de que estava aproximando-me do chão.

Fiquei olhando para o tronco o caminho todo e, logo, estava a vinte metros, depois quinze, depois cinco. Em seguida, graças a Deus, estava no galho mais baixo, a míseros três metros do chão. Nina e Mel estavam logo abaixo, enquanto que John Scott estava a alguns metros de distância, onde caíra, deitado com a cabeça no saco de dormir, observando-me.

— Eu nunca, nunca deixarei você fazer isso de novo! — exclamou Mel. — Fiquei muito assustada.

— Mole, mole — disse, sentando no galho e balançando os pés.

— Você viu o Monte Fuji?

— Naquela direção. — Apontei para um dos pinheiros altos que usara como referência.

— Ótimo, Ethan! — exclamou Nina.

Tirei o traseiro do galho, fiquei pendurado pelas mãos por alguns segundos e soltei para o chão. Minhas pernas, exaustas pelo esforço que passaram e ainda fracas por causa do medo, cederam completamente. Caí de joelhos e tombei em seguida, deitando de lado, sentindo o cheiro das folhas mortas, feliz como nunca por sentir o chão firme.

— Então, se o Monte Fuji está naquela direção — disse Mel, calculando —, o estacionamento está...

— Ela virou para o lado e apontou. — Para lá.

— Espere — disse eu ao sentava. — Eu vi outra coisa.

Mel e Nina franziram a testa, olhando para mim. John Scott ergueu o corpo com os cotovelos.

— Fumaça — declarei. — Por perto. A alguns quilômetros daqui.

— Fumaça? — perguntou Nina. — Como um incêndio florestal?

Balancei a cabeça negativamente. — Como uma fogueira.

— Onde? — disse Mel rapidamente.

Apontei para a direção oposta do Monte Fuji.

— Quem você acha que... — ela se interrompeu.

— Podem ser pessoas fazendo trilhas — disse.

— Elas não seriam idiotas o suficiente para fazer uma trilha nessa floresta.

— Nós fomos.

— Nós somos idiotas.

— Alguém que... — começou John Scott, parando em seguida. Estava óbvio que falar se tornara um esforço para ele. — Alguém que veio aqui... para se matar.

— E de que importa sabermos quem é? — perguntou Nina. — Não vamos naquela direção, certo?

— Estou pensando se deveríamos ir até lá — respondi.

Mel olhou para mim como se eu fosse maluco. — Temos nossos próprios problemas agora, Ethan. Não temos tempo para convencer alguém a não se matar.

— Ele pode ter um telefone.

Silêncio.

— Podemos deixá-lo ligado até que a polícia consiga rastreá-lo dessa vez — acrescentei. — Será muito mais rápido do que sairmos da floresta para voltarmos depois. Sem falar que não deixaríamos ninguém para trás. John Scott ficará aqui com Neil e nós traremos o telefone.

— E se essa pessoa não tiver um telefone?

— Todo mundo no Japão tem um telefone. Quem vem para cá, seja para fazer uma trilha ou para se matar, traz o telefone caso se perca ou mude de ideia sobre cometer suicídio. E, se for o cara que matou Ben e Tomo, bem... ele está com nossos telefones, certo?

— Você chegará lá e perguntará, "ei, pode devolver nossos telefones para chamarmos a polícia porque você matou nossos amigos"?

— Nós o dominamos e pegamos nossas coisas. Seremos nós três, com lanças, e ele não estará nos esperando.

— E se ele tiver uma arma? — questionou Nina.

— Armas são ilegais no Japão e quase impossíveis de se conseguir. Além do mais, se ele tivesse uma, poderia ter simplesmente invadido nosso acampamento e atirado em todos nós. Em vez disso, ficou escondido até o anoitecer e pegou-nos um por um. Isso me diz que ele provavelmente não tem arma alguma.

— Vão até lá — murmurou John Scott.

Mel e Nina trocaram olhares, ambas desesperadas e resistentes.

— *Vão até lá* — repetiu John Scott.

— Beleza — disse Mel com má vontade.

— Beleza — Nina disse logo em seguida.

Nina e Mel beijaram John Scott no rosto. Mel prometeu a ele que voltaríamos em breve. Eu não quis apertar a mão dele, sabendo que seria estranho, mas não achei que deveria partir sem falar nada, então pedi para que aguentasse firme, o que pareceu insensato e transigente, apesar de não ter sido a minha intenção.

Em seguida, partimos, incertos se aquilo seria uma viagem apenas de ida da qual nenhum de nós voltaria.

Apesar de Ben e Tomo estarem decompondo-se nos sacos de dormir, apesar de Neil estar por um fio e de John Scott estar enfrentando a possibilidade de amputação e hemorragia interna, do fato de que ainda estávamos presos no lugar mais assustador em que já estive, apesar de toda a escuridão que entrara em nossa vida... convidada, para quem achasse que foi tudo culpa nossa, uma pequena esperança queimava dentro de mim. Estávamos andando. Finalmente estávamos andando. Ficamos no acampamento por quarenta e oito horas. Quarenta e oito horas em um lugar que podia enlouquecer uma pessoa. Adicionando a falta de comida e água e tudo que acontecera, podia beirar a loucura irreversível. Eu estava exausto, mal-humorado, desidratado, nervoso e amedrontado. Mais uma noite fazendo nada além de pensar sobre a morte e um assassino à espreita teria feito com que eu perdesse o controle. Portanto, andar foi ótimo. Deu-me esperanças. Tínhamos um plano e conseguiríamos superar aquilo. Estávamos quase no fim.

A luz que penetrava a vegetação estava cinza-azulada de forma sobrenatural. Ela permeava a vegetação irregularmente, criando uma bagunça embaraçada de sombras flutuantes e folhagem esmeralda. Não sabia ao certo se era minha imaginação, mas as árvores pareciam cada vez mais densas e numerosas ali do que em qualquer outro lugar em que estivéramos, tão próximas que frequentemente precisávamos passar de lado entre elas. Havia também plantas herbáceas, samambaias e arbustos, deixando-nos sem alternativas a não ser levantar os braços e passar diretamente por elas.

Quanto mais avançávamos, mais caótico o cenário se tornava. Passamos sob uma trepadeira tão grossa quanto minhas pernas que, em algum momento no passado, enrolara-se várias vezes em uma árvore que morrera e decompusera-se, deixando a trepadeira no ar como uma mola gigante. Um pinheiro de tamanho médio, desafiando as leis da natureza, crescera no formato de uma ferradura, quase como se não gostasse do mundo em que estava e tivesse tentado voltar para o abrigo seguro abaixo do solo. Havia tanta madeira morta espalhada pela base que era impossível dizer onde a árvore começava ou terminava.

A cada um ou dois minutos, nós parávamos, procurávamos alguns galhos secos e colocávamos uma marcação em X no chão para que encontrássemos o caminho de volta mais tarde.

A sensação de isolamento e invasão de um canto proibido do mundo era tão extrema que fui pego desprevenido quando encontramos mais uma fita. Dessa vez azul, interceptando nosso caminho com um ângulo de noventa graus. Demonstramos uma leve surpresa quando a vimos, mas decidimos ignorá-la mesmo assim. Tínhamos uma missão a cumprir. O tempo para reflexões melancólicas acabara.

Concentrei-me no encontro que nos aguardava adiante. Seria mais complicado do que eu presumira inicialmente, pois seria impossível saber de longe se a pessoa na fogueira seria um alpinista inofensivo, um suicida ou o próprio assassino. Aquilo significava que não poderíamos simplesmente chegar à espreita e atingi-lo na cabeça enquanto dormisse. Teríamos que primeiro confrontá-lo, o que não era bem o ideal. Assassino ou não, poderia entrar e pânico e fugir e, mesmo se não corresse, não estaria usando uma blusa dizendo "O Assassino de Aokigahara"... como determinaríamos a culpa ou a inocência? Se não cooperasse e recusasse-se a nos emprestar o telefone ou dissesse que não tem, nós o revistaríamos e a seus pertences... mesmo se fosse inocente?

*Sim, pensei. Seria exatamente o que faríamos.* Era uma emergência, lei marcial declarada. Que se fodam os direitos civis.

Às dezessete horas, o sol começou a se pôr atrás de uma cortina de nuvens e a pouca luz que a floresta tinha rapidamente desapareceu. Estimei que já tínhamos andado três quilômetros e meio... em uma hora. Não venceríamos corrida alguma, mas era aceitável dado o terreno repleto de obstáculos. Mesmo assim, se meus cálculos estivessem razoavelmente certos, restava-nos possivelmente apenas um quilômetro e meio. Aquilo me preocupou, pois andaríamos às cegas em breve. E se desviássemos do

caminho? E se a fogueira fosse apagada? E então? Não teríamos mais uma orientação a seguir. Teríamos que voltar para John Scott e Neil sem nada para mostrar pelos nossos esforços além de horas desperdiçadas.

Deixei esses pensamentos de lado. Tomamos nossa decisão, tínhamos que mantê-la e conseguiríamos concluí-la.

Tínhamos que concluí-la.

Peguei um galho grande e, em seguida, um menor. Agachei e fiz outro X no chão. Logo depois, virei para trás e esperei Nina e Mel me alcançarem. Elas andaram penosamente até mim, as duas ofegantes.

— Não devemos estar muito longe agora — disse.

— Quanto você acha que falta? — perguntou Mel.

— Menos de um quilômetro e meio. Provavelmente anoitecerá antes de chegarmos à fogueira, mas isso servirá como vantagem para nós. Estaremos mais escondidos, ao mesmo tempo em que será mais fácil ver a fogueira.

— Estou com tanta sede — declarou Nina.

— Pode ter água lá — retruquei. — Mas prestem atenção, teremos que ficar em silêncio de agora em diante. Deem passos leves. Podemos ser ouvidos de longe.

— Então apenas nos esgueiraremos até ele? — questionou Mel.

— Decidiremos quando nos aproximarmos o suficiente do acampamento dele. Se estiver sentado perto da fogueira, talvez seja melhor esperarmos até que volte para a barraca para que possamos encurralá-lo.

— Como saberemos se ele é o assassino?

— Com sorte, ele nos dirá.

— Só isso? Esse é o plano? — objetou Mel desconfiadamente.

— Nós o interrogaremos. Leremos a expressão dele.

— Ele pode ser um bom ator.

— Se for um cara comum, não terá motivos para não nos emprestar o celular.

— E se ele não quiser emprestar?

— Então provavelmente deve ser o assassino e eu o revistarei. Vocês duas apenas garantirão que ele não tente escapar, entenderam?

Elas assentiram devagar e avançamos. As sombras se estenderam e ficaram mais espessas, camada sobre camada, voltando a pregar peças em meus olhos. Depois, em questão de minutos, elas se misturaram em uma extensão única da noite. Eu mal conseguia enxergar alguns metros à frente. Não quis ligar a lanterna com medo de alertar que estávamos aproximando-nos, mas não restou outra escolha.

Peguei-a em meu bolso e liguei-a.

Mesmo com a luz, a vegetação densa nos manteve a passo de lesma, mas resisti à tentação de me apressar. Nossos passos já pareciam altos suficientes no escuro e pedi mais uma vez a Mel e Nina para que tentassem fazer menos barulho.

Subitamente, Nina disse: — O que é aquilo? Bem ali.

Mirei a luz de volta onde estava um momento antes.

— Viu?

— O quê? — perguntei baixinho.

Ela apontou. Em seguida, achei ter conseguido ver flores marcando o que parecia ser outro túmulo. Talvez a uns seis metros.

— Não importa — disse. — Temos que continuar.

— Espere... acho que tem uma garrafa ali — declarou Mel. — E se tiver água?

A tentação era grande demais para ignorar e fomos até lá... mas não antes de colocarmos outra marcação. Não arriscaríamos sair do caminho sem deixar algum rastro.

Mel estava certa, tinha uma garrafa. Infelizmente, não tinha água, mas *shōchū*. Ao lado, flores secas e mortas e uma fotografia com moldura prateada com um casal parecendo ter trinta e poucos anos. Eles usavam óculos, sorriam, pareciam apaixonados e felizes sobre o futuro.

Não havia objetos pessoais espalhados e presumi que o que antes estava no chão fora recolhido pelo parceiro vivo da fotografia. Ele ou ela devia ter pedido a quem encontrou o corpo para ir aonde fora achado para deixar esta lembrança, assim como familiares e amigos deixam cruzeiros à beira de estradas, placas escritas à mão ou lembranças pessoais para recordar do local onde a pessoa amada morreu em um acidente de carro.

Em seguida, pensei melancolicamente que talvez pudesse ter sido um suicídio duplo.

Peguei o *shōchū* e guardei no bolso, argumentando que poderíamos usá-lo para esterilizar os ferimentos de John Scott mais tarde.

Voltamos para o caminho... mas não encontramos a marcação.

Eu estava certo de que estava parado exatamente onde a colocara.

— Onde está a cruz? — perguntei.

Mel e Nina observaram o chão em confusão.

— Não vejo nada — respondeu Mel.

— É impossível ter simplesmente desaparecido — contestei.

— Foi aqui mesmo que você colocou?

— Com toda certeza.

Em algum lugar da escuridão, um galho estalou.

— Escutaram isso? — suspirou Mel.

Assenti, percebi que ela não conseguia me ver e disse: — Sim. — Mirei a lanterna na direção do barulho. Não havia nada.

— O que foi isso? — perguntou Nina.

— Só um animal — disse a elas. — Relaxem.

Continuamos em frente, mas, subitamente, senti-me extremamente vulnerável. E se não estivéssemos fazendo o papel de caçadores, como imaginávamos, mas de presas? E se o assassino estivesse nos observando desde que escalamos a árvore? E se ele tivesse assassinado Neil e John Scott assim que os deixamos e estivesse atrás de nós?

*Pare com isso*, disse a mim mesmo. *Pare de tirar conclusões precipitadas. São apenas roedores noturnos, um rato do campo ou...*

Outro estalo.

Congelei, assim como Mel e Nina.

Logo depois, Nina disse em um sussurrar assustado: — Isso foi um passo.

— Não, não foi — retruquei.

— Foi sim!

Meu coração estava a mil por hora, a mão que segurava a lanterna suando.

*Recomponha-se, Ethan. Recomponha-se, somos três pessoas e temos lanças. Podemos acabar com o filho da puta. Nada mudou, ainda estamos no controle.*

Direcionei o feixe branco da lanterna na direção da origem do barulho.

Nada além de árvores bizarras.

— Falei — declarei.

— Xiu — alertou Mel.

Outro estalo alto do outro lado.

Virei, direcionando a luz comigo. A luz dançou pelas árvores, quase dando uma ilusão de movimento aos galhos e às folhas.

Nina gritou.

— *O quê?* — perguntei — O que foi?

Nina não parou de gritar.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas estava tomado por um pavor enlouquecedor. *Algo* estava acontecendo. Algo terrível.

*O que Nina vira?*

— Nina! — chamei — Silêncio!

Ela tampou a boca.

— O que foi? — perguntou Mel. — O que você viu?

Nina simplesmente olhou para as árvores, inerte. *Aterrorizada* veio à minha mente.

Ela estava prestes a cair com uma parada cardíaca?

*Estava ferida?*

Virei a luz para ela, esperando encontrar uma flecha ensanguentada afundada no peito. Ela estava fisicamente bem.

— Ali! — sibilou Mel, apontando para a escuridão.

Mirei a lanterna. — Onde?

— Vi algo se mexendo... ali!

Segui o dedo dela, balançando a lanterna para os lados com movimentos rápidos e irregulares. — O que era, Mel? O que você viu?

— Não sei!

Algo se mexeu atrás de nós. Viramo-nos para olhar.

Mel prendeu a respiração rapidamente. Nina grunhiu. Eu não conseguia respirar.

Senti como se tivesse entrado em um pesadelo, um mundo onde o impossível era possível. A barreira mental que minha mente criara para separar a realidade da fantasia desapareceu em um piscar de olhos, sendo tomada por um conhecimento sombrio, frio e incompreensível que me deixou entorpecido e dominado de uma desolação fúnebre.

Iluminado pela a luz branca, havia um rosto andrógono aparecendo por trás de um tronco de árvore, com olhos pretos encarando-nos com uma indiferença perversa. Cabelos longos e pretos escorriam pelos ombros e misturavam-se com a noite. A boca fina se curvou em um sorriso.

Mel gritou. Nina gritou. Eu gritei.

*É assim que é enlouquecer*, estava pensando, exceto que não era eu, não poderia ser, pois a voz estava calma demais para ser minha. *É assim que acontece, tudo de uma vez. Não se preocupe, não dói. Acabará muito em breve.*

Quase pude sentir a sanidade deixando meu corpo, fugindo de todo aquele horror mesmo quando eu não conseguia me mexer.

*... é mesmo, não dói, nem um pouco...*

Dei um passo para frente. Senti que deveria. Estava afundando na perdição e tive que me mexer para não perder a cabeça. Percebi que não estávamos mais gritando. Meus ouvidos estavam zunindo e, agora, eu estava pensando, *Por que estamos parados aqui? Temos que correr, escapar antes que essa coisa pegue um de nós!*

Dei outro passo, impossivelmente lento, com a perna pesada como concreto...

Nina gemeu.

Virei para ela a tempo de vê-la sumir na vegetação densa. Ela não correu. Foi arrastada ou carregada. Aconteceu tão rápido que vi apenas de relance um brilho cinza e, logo depois... nada. Nina sumiu.

— Nina! — gritei.

A única resposta foram barulhos de folhagens enquanto ela era levada mais para o meio da floresta.

— *O que foi isso?* — Mel soltou as palavras ao meu lado, com a voz falhando em *isso*. — O que aconteceu com Nina? O que foi *aquilo*? Ela está *morta*?

— Não sei — sussurrei.

— Era um fantasma!

Era? Pensei um pouco. Será que foi...?

Não. Tinha forma e era material.

Eu *escutei* aquela coisa.

Então era real. Uma pessoa. Tinha que ser.

— Ethan... — murmurou Mel, ficando de costas para mim. Também me virei, mesmo parecendo incrivelmente difícil fazer aquilo, e passei o feixe pelas árvores que pareciam aparições. Eu não conseguia ver nada, mas escutei mais movimentos. O arrastar das folhas, o barulho das plantas. Os barulhos pareciam estar vindo de todos os lados.

Vi uma forma de cor cinza. Ela correu de um tronco de árvore para o próximo incrivelmente rápido. Enquanto tentava acompanhar os movimentos, vi de relance mais duas formas, visíveis por um curto período antes de desaparecerem novamente na escuridão.

Havia vários deles espalhados.

E estávamos cercados.

— O que vocês querem? — gritei com voz alta e desafiadora enquanto girava no lugar, procurando pelas árvores. Mel estava colada nas minhas costas, acompanhando meus movimentos.

— Minha *furoresssutaaaa* — uma voz grave ecoou da escuridão.

Meu corpo ficou tenso. *Foi a mesma voz que escutei no telefone dois dias atrás?* Tinha certeza de que sim. Mas como aquelas pessoas teriam conseguido o meu número? Será que conseguiram pegar o telefone de Mel na cratera? Meu número seria o primeiro do registro de chamadas. Será que estavam seguindo-nos desde então? Eles viram quando eu e Nina fumamos aquele baseado?

Eles me viram atender ao telefone?

— Você em minha *furoressssutaaaa*.

Mais perto? Ou longe?

Não soube dizer.

— Vamos embora — falei. — Beleza? Vamos embora.

— *Você em minha furoresssuta. Você morreeeeeeeee.*

Finalmente, vi quem falava. Ele estava a mais ou menos seis metros de distância. Uma figura espectral parada entre duas árvores. Na mão, uma lâmina refletiu nitidamente.

Mel, provavelmente vendo aquilo também, agarrou-me com tanta força que eu quase caí.

— Corra — instruí baixinho. — Não pare.

— O que você fará?

— Estarei logo atrás... agora, vá!

Escutei quando ela saiu correndo. Continuei encarando a pessoa que falava, querendo dar a Mel uma vantagem.

Em seguida, virei-me e saí correndo.

Consegui percorrer apenas uns dez metros antes de sentir uma dor gelada nas costas. Caí de joelhos, levantando desajeitadamente em seguida, e continuei em frente enquanto esticava a mão por sobre o ombro para encontrar a faca que sabia que tinha enfiada nas costas.

Meus dedos encostaram no cabo. Estava abaixo da clavícula. A lâmina passara direto pela mochila de Mel, que provavelmente me protegeu de certa forma. Segurei o cabo com firmeza e puxei-o com força. Berrei e quase desmaiei, mas o choque durou apenas um curto período.

Eu sabia que não podia continuar correndo. Se continuasse, levaria outra facada nas costas. Dei meia volta, segurando a arma ensanguentada à frente.

Três perseguidores estavam logo atrás de mim. Pareciam quase idênticos. Roupões cinzas, olhos pretos, cabelos pretos em mechas escorridas pelos rostos efêmeros. Fiquei chocado ao descobrir que eram apenas jovens adolescentes, apesar de serem magros, musculosos e não parecerem ter um grama sequer de gordura.

Eles pararam, como se estivessem brincando de estátua de vida ou morte.

Em seguida, sem falar nada, começaram a se espalhar, espreitando de árvore em árvore, claramente com o intuito de me atacar pelos lados. Iluminei cada um deles com a lanterna, acompanhando o progresso, sem querer perdê-los do campo de visão.

— Parem! — gritei, tentando conseguir algum tempo.

Incrivelmente, pararam.

— Vocês falam inglês?

Olharam para mim, com os rostos pálidos quase brilhando com o feixe claro da lanterna. Não pareciam incomodados com o fato de eu ser maior do que eles nem por estar segurando uma faca ensanguentada, com várias lanças com as pontas para fora da minha mochila, em curto alcance.

Não os culpei também. Eram três contra um. Eu estava ferido e enfraquecido por causa da fome e da sede.

— Inglês? — insisti. — Vocês falaram antes. Conseguem me entender?

Começaram a se mexer de novo.

— Parem!

Desta vez, não obedeceram.

Balancei a lanterna de um lado para o outro. Estavam dispersando-se bem depressa. Eu seria cercado em segundos.

Mirei a luz diretamente nos olhos do mais alto e arremessei a faca nele. A lâmina bateu no ombro e saiu girando pela escuridão.

Todavia, aquilo o derrubou e os outros dois foram ajudá-lo.

Dei passos lentos para trás, sem tirar os olhos deles e, somente quando havia várias árvores entre nós, senti-me seguro para ficar de costas.

Ao longe, Mel começou a gritar.

O feixe da lanterna balançava loucamente à minha frente. Galhos arranharam-me o rosto. Não me importei nem senti dor, nem mesmo o ferimento nas costas.

Mel continuou gritando e tentei não pensar no que estava acontecendo com ela.

Não sei por quanto tempo corri nem até onde fui. Isso exigiria raciocínio, números, matemática, e nada daquilo existia naquele momento. Eu estava abalado demais, imerso no momento.

Nunca sentira antes o desespero que me invadiu logo em seguida. Se um desfiladeiro inclinado aparecesse bem à minha frente, provavelmente cairia direto nele, mas eu apenas pensava em uma coisa: ENCONTRAR MEL! E, além disso, repetir várias vezes como em um jornal de televisão com notícias de última hora: *Tem mais deles, ela morrerá, tem mais deles, ela morrerá...*

Eu quase conseguia aceitar a minha morte. Conseguia me ver caindo, com os adolescentes alcançando-me e esmagando meu crânio em uma escuridão que me levaria embora. Eu quase conseguia aceitar de forma imparcial e niilista, pois me vi envelhecer, meditei sobre a própria mortalidade e cheguei à conclusão de que um dia morreria. No entanto, nunca pensei na mortalidade de Mel. Nunca, nem uma vez sequer. Sempre a imaginei como agora: jovem, linda, cheia de vida. Ela não podia morrer. Era inimaginável.

*Como aquilo estava acontecendo?*

Notei que estava rezando... rezando para que encontrasse Mel, para que estivesse bem, para que saíssemos daquela enrascada e que fugíssemos. Não sabia ao certo para o que estava rezando, não importava, mas era para algo maior do que eu.

Em seguida, de uma vez só, encontrei uma cena saída diretamente do inferno. Uma massa distorcida de roupões cinzas, mãos e pés empilhados como uma briga de futebol americano... com as pernas de Mel chutando o nada no chão.

Um dos agressores se afastou com uma pedra enorme e levantou-a sobre a cabeça. Por um momento, os corpos se separaram e consegui ver o rosto de Mel, os olhos esbugalhados e a expressão de pavor.

— Parem! — berrei sem parar, correndo direto para a multidão, tomado por uma raiva insana. Eu iria destruí-los, até o último deles, transformando-os em poças de sangue... ou morreria tentando.

No entanto, eles se dispersaram antes que pudesse alcançá-los, fugindo com facilidade para as árvores, deixando Mel enrolada em uma bola protetora no chão, ainda chutando o nada.

Passei os braços em volta dela, que gritou e bateu em mim.

— Mel! — chamei. — Sou eu!

Ela olhou para mim como um cervo.

Carreguei-a em uma direção qualquer até que conseguisse se recompor para andar por conta própria. Corremos, com os braços sacudindo e as pernas balançando em pura descoordenação. Éramos paródias cambaleantes de duas crianças sendo perseguidas em uma floresta pelo cachorro mais raivoso do quarteirão.

Pouco tempo depois, estávamos ofegantes, titubeando como se estivéssemos na neve ou em água rasa, mas não paramos. Mesmo que tivéssemos fugido, não achei que tivesse acabado. Aqueles adolescentes se reagrupariam e viriam atrás de nós novamente. Eles iriam...

De longe, vi um brilho tremeluzente dentre as árvores.

*O acampamento?*

— Olhe! — gritou Mel com empolgação.

— Estou vendo! — respondi.

Redobramos o esforço.

Eu estivera errado o tempo inteiro. Não era um acampamento que nos aguardava. Não era uma barraca. Não era um alpinista, nem suicida, nem assassino. À nossa frente, havia uma choupana velha construída com exterior de madeira. Meus olhos absorveram tudo de uma só vez, o banco descolorado na parte da frente, um bloco para cortar madeira com um machado fincado na superfície, uma serra repousada em uma pilha organizada de lenha... em seguida, subimos até a entrada. Mel chegou à porta primeiro e começou a esmurrá-la, gritando para quem quer que estivesse dentro. Eu estava prestes a testar a maçaneta, quando a porta se abriu.

Um homem de barba feita, de cinquenta e poucos anos, apareceu. Ele usava calças cáqui beges, um cinto de couro marrom e uma camisa de abotoar amarela. Ele ergueu as sobrancelhas peludas e brancas em surpresa e disse algo em japonês. Uma pergunta, achei.

Empurrei Mel para que entrasse, seguindo-a, batendo a porta atrás de nós.

O interior da choupana tinha um estilo espartano e cheirava levemente a cera, creosoto e fuligem. Além da mesa e de duas cadeiras velhas, o único móvel era um fogão a lenha. Comidas básicas, em grande maioria macarrão instantâneo e enlatados, estavam à vista em um armário aberto. Uma panela, uma frigideira e louças estavam em um balcão curto, enquanto que a vassoura e o espanador ficavam pendurados na parede. Não havia pia, o que significava que não tinha água corrente. Nem iluminação nem fiação elétrica. A luz que nos guiara até lá era de uma fogueira de pedra à esquerda e de várias velas do tamanho de potes de biscoitos.

Fui imediatamente até a única janela e olhei para fora. Consegui enxergar pouco além de reflexos vermelhos resultantes das chamas das velas.

O homem aparentava estar admirado. Provavelmente nunca recebera visitas antes, muito menos de dois estrangeiros agindo como se tivessem visto o próprio capeta.

— Você fala inglês? — perguntei. Limpei os lábios, que estavam muito secos, com uma mão trêmula. Meu peito estava tão apertado que até respirar era doloroso e eu não conseguia parar de olhar para a porta e para a janela.

Mel se jogou em uma das cadeiras e apoiou a cabeça nos braços, olhando silenciosamente para a mesa.

— Inglês? — repeti rispidamente. — Você fala inglês?

Ele piscou. — Sim... não. *Skoshi*. — Ele fez um sinal de pinça com os dedos indicador e polegar. A postura era inclinada e eu não soube diferenciar se ele estava com medo ou apenas curvando-se para nós.

— Há... algumas pessoas na floresta. Elas nos atacaram.

— Pessoas? — repetiu ele.

— Crianças! — gritou Mel, ainda olhando fixamente para a mesa.

— Crianças?

— Um grupo delas — acrescentei. — Rostos pálidos, cabelos longos e pretos. Elas nos atacaram. Nossa amiga ainda está lá fora. Precisamos do seu telefone. Você tem um telefone?

— Telefone?

— Um telefone! Precisamos chamar a polícia.

— Polícia?

Porra, qual era o problema daquele cara? Segurei-o pela blusa e gritei: — *Cadê a droga do seu telefone?*

— Telefone? Sem telefone.

Olhei para ele, desacreditado, e cheguei à conclusão de que não fazia ideia de por que o homem estava ali, naquela choupana. Soltei-o, dei um passo para trás e observei as roupas dele. Eu não sabia dizer se ele estava uniformizado ou não. — Você é um patrulheiro da floresta?

— Patrulheiro, *hai*. — Ele tentou dar um sorriso incerto.

— Como você se comunica com os outros?

Ele olhou para mim sem dizer nada.

— Falar? Base? Outros patrulheiros? Falar?

Ele balançou a cabeça.

Observei a sala. Havia uma porta de frente para o fogão a lenha. Fui até ela, abrindo-a rapidamente. Um quarto de dormir. Ao lado de uma cama de solteiro, em uma pequena mesa, tinha um rádio portátil de comunicação.

Senti como se tivesse acabado de me apaixonar.

— Ei! — disse. — Você! Venha aqui.

Ele e Mel foram até mim.

— Um *walkie-talkie*! — exclamou Mel.

Agarrei o braço do homem e apontei para o rádio. — Chame ajuda, beleza?

— Ajuda, *hai*.

— Diga que meus amigos morreram.

— Amigos?

— *Tomodachi*, mortos. — Simulei mãos em meu pescoço. — Você liga, entendido? — Fiz um telefone com o polegar e o mindinho. — Ligue. Consiga ajuda.

— Eu ligar.

— Você não faz ideia da merda que estou falando, não é?

Ele olhou para mim sem dizer nada.

Xingando, cruzei o quarto até o rádio, decidindo que teria que falar com a estação da base eu mesmo e esperar que o maldito que me respondesse não ficasse repetindo tudo como um papagaio.

O patrulheiro me seguiu e segurou meu braço assim que peguei o rádio. Ele balançou a cabeça. — Eu chamar — disse ele. — Ajuda. Beleza?

— Sim, sim, sim! — Entreguei o rádio a ele. — Chame.

Ele girou um botão, pressionou outro para falar e disse algo em japonês. Em seguida, soltou o botão e aguardou. O aparelho emitiu um chiado e alguém respondeu.

Mel quase gritou de felicidade.

O patrulheiro e o despachante trocaram mensagens por menos de um minuto. Escutei atentamente, tentando identificar certas palavras que poderiam sugerir o que estavam conversando, mas sem conseguir. Finalmente, ele colocou o rádio de volta sobre a mesa.

O homem assentiu. — Ajuda, beleza.

— Vai demorar? — perguntou Mel rapidamente.

— Demorar?

Bati no meu relógio de pulso com os dedos. — Tempo. Vai demorar? Ajuda?

Ele levantou um dedo.

— Uma hora? — perguntei.

— Uma hora, *hai*.

— Como eles chegarão tão rápido? — perguntou Mel. — Tem uma estrada? Pergunte a ele se tem uma estrada.

Abri a gaveta superior da mesa e encontrei um pequeno bloco de anotações com um lápis apontado. Desenhei um mapa simples da área, incluindo o Monte Fuji, a cidade de Kawaguchiko, o lago Saiko,

Aokigahara Jukai e nossa posição, que marquei com um X.

Depois de alguns minutos de incentivo e esclarecimento, consegui determinar em certo ponto que a choupana era acessível por uma combinação de uma rua de acesso mais uma trilha de alpinismo.

Mel e eu nos abraçamos, quase virando uma pessoa só, enquanto o patrulheiro nos observava com uma expressão perplexa.

— Você não pode voltar — disse Mel para mim. — E se ainda estiverem lá fora?

Estávamos sentados em uma mesa, perto do calor da fogueira. O patrulheiro saíra para pegar água, que imaginei que pegava em um poço próximo dali. Alertei para que não saísse, mas ele insistiu e cedi. Afinal de contas, era a floresta dele. Enquanto ele estava fora, Mel encontrou um kit de primeiros socorros no armário e fez um curativo no ferimento das minhas costas. Apesar de estar doendo, não era tão profunda quanto eu temera.

— Não podemos deixar John Scott e Neil — declarei.

— A polícia irá atrás deles.

— E se não encontrá-los?

— Eles podem seguir as cruzes que deixamos. E talvez tenham cachorros. Será uma grande equipe de resgate, certo?

— Não sabemos quem virá.

— Mas os patrulheiros chamariam a polícia, que já sabem que estamos desaparecidos. Eles enviarão quem puderem.

— Tomara.

Ela franziu a testa. — Oi?

— O quê?

— Por que não enviariam todo o pessoal possível?

— Nunca disse que fariam o contrário.

— Você não me parece acreditar.

— Eu acredito, desculpe-me. Só estava pensando.

— No quê?

— Em como isso tudo deve ser apenas um sonho ou algo do tipo. Fico esperando acordar a qualquer momento, ainda no acampamento, com Tomo e Ben, e com John Scott e Neil em ótimas condições.

— Não é um sonho.

— Eu sei.

A fogueira estalava e soltava fagulhas.

— *Quem são eles*, Ethan? — perguntou Mel. — Por que estão fazendo isso? Eles só... quantos anos têm?

— As pessoas que vi? Dezessete, dezoito. Não soube dizer, o que significa que há adultos por perto.

Ela ficou pálida. — Você acha?

— Deve ter. Impossível ter adolescentes aqui por conta própria.

— Será que são crianças selvagens?

Crianças selvagens?

Uma sensação vaga e pulsante me invadiu.

— Sabe — continuou ela —, tipo aquelas crianças sobre as quais você lê, que foram criadas por lobos, ursos ou algum outro tipo de animal.

Aquela pulsação estava no meu peito agora, esgueirando-se para a garganta... causada provavelmente pela expressão de Mel. Ela estava séria e fria enquanto falava sobre as crianças serem criadas por animais... em seguida, a pulsação explodiu em minha boca em uma gargalhada que não consegui controlar.

— Ethan, pare com isso — reclamou Mel. — Pare.

Não consegui responder, apenas rir.

— Ethan, você está me assustando!

Balancei a cabeça. Meus olhos estavam lacrimejando.

— Ethan!

Levantei uma mão.

— Ethan!

— Eu estou... bem — consegui dizer, recompondo-me.

— O que tem tanta graça? — Ela estava emburrada.

Respirei profunda e tranquilamente.

— Qual é o seu problema? — pressionou ela.

— Estou bem.

— Fale comigo.

Olhei para ela e disse. — Estamos...?

— Estamos o quê?

— Malucos? — sequei os olhos. — Estamos enlouquecendo, Mel?

— Você claramente está agindo como se estivesse.

— Estamos?

— Não. Com toda certeza. Além disso, nós dois não enlouqueceríamos, apenas um. Se tudo isso fosse fruto da minha imaginação, então você também faria parte dela. Seria apenas uma ilusão da minha mente.

— Não sou uma ilusão — objetei, segurando mais gargalhadas intensas.

— Nem eu.

— Então acho que não estamos malucos.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Sabe o que não entendo? — perguntei. — Por que estão mexendo com a gente. Por que pendurar Ben e Tomo? Por que não simplesmente deixar os corpos onde foram assassinados?

— Talvez queiram nos assustar.

— Mas por quê?

— Talvez para que deixemos a floresta.

— Matar duas pessoas para evitar que elas acampem na floresta deles? Tem que ter outro motivo.

— Talvez essa seja a forma com que lidam com isso. Talvez seja parte do culto de suicídio ou algo...

Uma batida alta na porta fez com que pulássemos.

Levantei e caminhei lentamente pela sala.

— Hiroshi? — chamei, usando o nome que o patrulheiro falara antes de sair.

— *Hai!*

Destranquei e abri a porta.

Hiroshi entrou, carregando um balde de plástico com água, foi até a pia e encheu dois copos. Mel e eu bebemos rapidamente, enchemos novamente e bebemos mais. Eu lera que, quando se está sofrendo de desidratação ou insolação, deve-se beber água lenta e moderadamente para evitar vomitar ou passar mal, mas naquele momento foi impossível. A água era um elixir.

Finalmente, quando estávamos satisfeitos, Mel e eu largamos os copos. Sorrímos retardadamente um para o outro, com água escorrendo pelo queixo, como duas crianças que ganharam um doce proibido e deliciaram-se incansavelmente.

Pela primeira vez no que parecia ter sido eras, comecei a me sentir quase humano novamente... e o meu telefone tocou.

Olhei para Mel, com a dúvida clara em minha expressão. De repente, fiquei com medo de que ela fosse apenas fruto da minha imaginação, de que realmente estivesse maluco, pois aquilo era impossível, não tinha como o meu telefone estar tocando.

No entanto, Slash não parou de solar e Axl continuou cantando.

— É o toque do seu telefone! — exclamou Mel.

A louça de cerâmica que Hiroshi segurava caiu no chão e quebrou em dezenas de estilhaços. Ele parecia um homem que acabara de cortar a própria mão... e foi quando tudo fez sentido.

— Você! — disse, apontando para ele.

Ele se moveu rapidamente, correndo para a porta. Bati nele pelas costas e empurrei-o para que ficasse de joelhos, colocando os braços ao redor do peito, dando-lhe um abraço de urso. Ele se contorceu, mas impedi que saísse do lugar.

— Ethan! — disse Mel. — É ele!

— Pegue algo para amarrá-lo!

— Não há nada aqui! O que posso usar?

Hiroshi balançou a cabeça para trás, atingindo meu nariz. Fiquei tonto e senti gosto de sangue. Ele se levantou rapidamente, correndo para a porta. Segurei o pé esquerdo dele e puxei com força. A mão escorregou da maçaneta e ele caiu de barriga com um berro selvagem e frustrado. Joguei-me sobre as costas dele, prendendo-o com meu peso.

— Pegue o telefone, Mel! — ordenei. — Atenda!

Ela correu para o outro quarto, desapareceu do meu campo de visão e, um segundo depois, gritou: — Está trancado em um baú ou algo do tipo. Está trancado.

Apertei o rosto de Hiroshi contra o chão, com uma mão na têmpora acima da orelha e a outra na bochecha. Ele respirava rapidamente e com dificuldade, com os lábios amassados formando uma boca de peixe.

— Onde está a chave? — exigi.

Ele murmurou algo que podia ter sido ou não uma palavra.

— Chave! Onde está a chave?

Ele murmurou desafiadoramente.

O telefone parou de tocar.

Mel apareceu. — Não consegui pegá-lo.

— Venha aqui — disse a ela.

Ela se aproximou com cuidado.

— Coloque a mão aqui embaixo e solte o cinto.

— Para amarrá-lo?

— Sim, rápido.

Fiquei de joelhos, para que meu peso saísse das costas e ficasse completamente nos ombros dele. Mel tentou colocar a mão por baixo dele.

— Ele está empurrando a barriga contra o chão — disse ela.

— Você não consegue colocar as mãos por baixo?

— Espere. Ai... não. Ele está tentando esmagá-las.

Levantei a cabeça de Hiroshi pelo cabelo e bati-a com força no chão.

— Não — disse a ele. — Não.

— *Kono yarooou.* — *Seu merda...* ou algo nesse estilo.

— Consegue alcançar, Mel?

— Estou tentando...

Deslizei um braço ao redor do pescoço de Hiroshi e coloquei-o deitado de lado, prendendo as pernas na cintura dele. Ele tentou dar outra cabeçada. Flexionei o bíceps, apertando ainda mais sua garganta. Meu rosto estava no cabelo dele, que tinha um leve cheiro de maçã e cachorro molhado.

Mel se agachou à nossa frente. Ele lhe deu uma joelhada na coxa.

— Cuidado com as pernas dele! — alertei.

Ela desafivelou o cinto e disse: — Consegui! — Segurando com firmeza em um lado, Mel soltou a tira de couro das calças. Escutei pelo menos três anéis onde o cinto estava encaixado rasgarem e, em seguida, ela o levantou, esticado como se fosse uma cobra morta que matou com orgulho.

Levantei Hiroshi, ainda imobilizando-o com um mata-leão, levei-o até uma cadeira e joguei-o nela.

— Amarre os pulsos dele, Mel — ordenei.

Ela se agachou e segurou um dos braços dele. Ele puxou para soltá-lo.

— Pare ou quebrarei o seu pescoço — urrei, pressionando mais a garganta.

Na segunda tentativa, Mel conseguiu colocar os dois braços nas costas da cadeira e prendê-los com o cinto.

— Está apertado? — perguntei.

— Acho que sim.

Soltei Hiroshi, pronto para esmurrá-lo novamente se tentasse fugir. Ele ficou parado.

Examinei o trabalho de Mel. O cinto estava enrolado com tanta força que as bordas do couro estavam enterradas na pele. Se não ficássemos de olho, ele conseguiria se soltar, mas, com nós dois ali, não iria a lugar algum.

— Ótimo trabalho — elogiei.

Mel assentiu, atenta, olhando para Hiroshi, como se ele pudesse fugir a qualquer segundo.

Agachei-me em frente a ele. — Onde está a chave daquele baú?

Ele fungou.

Dei-lhe um tapa no rosto. — Onde está a chave?

Ele olhou para cima. Os olhos brilharam sombria e insolentemente.

Levantei. — Vigie-o — pedi a Mel, atravessando a sala.

— Espere? Aonde você vai?

— Volto já.

Destranquei a porta da frente, abri-a e varri a escuridão. Corri até o bloco de corte, arranquei o machado e voltei para dentro, trancando novamente a porta.

Os olhos de Mel se arregalaram ao notar o machado, mas ela não disse nada enquanto eu passava pelos dois e entrava no quarto. Segurei o baú por uma das alças e arrastei-o para a sala principal, onde examinei o mecanismo de travamento. Era de bronze polido e estava embutido na madeira, com uma fechadura tradicional no centro. Segurei o machado como um taco de beisebol e balancei-o horizontalmente, atingindo a placa da tranca. Faíscas e madeira voaram. Repeti mais três vezes até a fechadura quebrar e ficar pendurada.

Larguei o machado e abri a tampa do baú. Dentro, havia pelo menos cinquenta carteiras de todos os tipos e tamanhos, em grande maioria masculinas, pretas e marrons, apesar de algumas serem femininas. Nenhuma delas era nova e quase todas estavam cheias de cartões de banco, identidades e notas de iene. Brilhando entre elas, havia vários relógios de pulso, um amontoado de celulares coloridos, anéis de casamento, alguns anéis de diamante e várias outras joias, como colares de prata e ouro e broches com pedras incrustadas.

Tentei entender o que estava vendo... achei ter entendido, mas minha mente estava sobrecarregada e lenta, lutando com o momento de epifania, quando Mel disse: — Ele saqueia os cadáveres.

— Caramba, tem razão — respondi. — Ele é uma porra de um ladrão de túmulos.

— Ele roubou nossos celulares enquanto procurávamos Ben.

— Mas... ele *matou* Ben? — Gritei para ele: — *Você matou nossos amigos?*

Ele apenas olhou para a fogueira.

Mel encostou no meu braço. — E os adolescentes?

Os adolescentes. O caralho dos adolescentes. — O que está acontecendo? — berrei. — Que porra é essa, Mel?

— Já vamos descobrir. A polícia...

— Merda! — Coloquei a mão dentro do baú e peguei meu celular. Na tela, dentre as chamadas perdidas, estava o número de Derek.

Liguei para ele.

Derek atendeu no segundo toque. — Childs!

— Escute bem, Derek — respondi —, e com muita atenção.

Resumi tudo que acontecera, começando pela nossa chegada ao pé do Monte Fuji com o encontro com Ben e Nina e acabando com o momento em que encontrei o celular na choupana do patrulheiro... ou ladrão de túmulos. No começo, Derek achou que eu estava brincando e não parou de interromper, mas ficou em silêncio em seguida, sem uma palavra sequer.

— Jesus Cristo, mano! — disse Derek quando terminei. — Isso é... nem sei o que dizer. O que quer que eu faça?

— Sumiko está com você?

— Está do meu lado. Estávamos saindo para comer algo.

— Peça para ela chamar a polícia. Diga a eles que precisam trazer remédios para Neil e antibióticos e anestésicos para o outro cara. Em seguida, peça para que me liguem, rastreiem o número e cheguem logo.

— Ela ligará agora mesmo. É melhor não ser uma brincadeira, Childs.

— Não é. Ligue de novo depois que falar com eles.

— Ligaremos assim que possível.

Desligamos.

— Acha que ele estava nos enganando? — disse Mel, acenando com a cabeça para Hiroshi. — Quando estava falando no *walkie-talkie*, acha que ele estava falando sobre o clima ou algo do tipo?

— Não sei, talvez. Não sei a ligação que ele tem com tudo que aconteceu. Ele pode ser um simples ladrão ou pode ser... não sei.

Hiroshi disse algo bem baixinho.

Virei para ele. — O que? — perguntei.

Ele começou a rir sozinho.

— Filho da puta — xinguei, andando na direção dele.

— O que está fazendo? — perguntou Mel para mim alarmada.

— Vou conseguir algumas respostas. — Agachei em frente a Hiroshi e agarrei a parte da frente da blusa dele com as duas mãos. — Quem está lá fora? — exigi. — Quem são aquelas crianças que mataram nossos amigos?

Os lábios dele formaram um leve sorriso.

— A polícia está vindo. Contarei tudo para eles. Direi que *você* matou meus amigos se não me disser quem está lá fora.

Ele cuspiu no meu rosto.

Eu o puxei na minha direção, fazendo com que a cadeira caísse para frente. Os joelhos bateram no chão primeiro e, em seguida, a testa. Ele gritou.

Chutei-o na barriga. Mel pediu para que eu parasse, mas ignorei. Chutei de novo, com mais força, depois levantei-o com a cadeira.

— Ethan, chega — implorou Mel. — Você acabará criando mais problemas.

Eu olhei para ela. — Tomo está morto, Mel! Esse cara sabe de algo! Que se fodam os problemas.

Soltei o laço dos cadarços da bota esquerda de Hiroshi, arranquei-a do pé e peguei o machado.

Mel ficou completamente histérica. — Ethan, não! Não faça isso, pense, por favor... Ethan, não faça isso.

Pisei no dedão do pé de Hiroshi para impedir que se mexesse.

Ele não estava mais rindo nem sorrindo.

Segurei o machado de forma que o cabo ficasse alguns centímetros abaixo da cabeça. Em seguida, ergui-o e disse: — Quem está lá fora?

Ele tentou me chutar com o pé solto.

— Quem está lá fora?

Ele murmurou algo.

Girei o machado para que a lâmina ficasse virada para o teto e bati com a parte de trás como um martelo. A parte plana esmagou o mindinho dele e todos os ossos nele.

Um grito explodiu da boca dele. Os olhos estavam esbugalhados e lacrimejando, as narinas ofegantes e o rosto cheio de suor.

Levantei o machado de novo, com a lâmina virada para baixo desta vez.

— Fale logo!

Nada.

Bati de novo. A lâmina atravessou a carne, o osso e a cartilagem com facilidade, amputando o mindinho arruinado. Ele gritou de dor e tentou se soltar do cinto enquanto o sangue se acumulava no chão.

— Pare, Ethan! — berrou Mel. — Ele não está entendendo!

— Posso fazer isso a noite inteira — alertei-o, ignorando-a. — Um, dois...

— Beleza! — gritou ele. — Beleza!

Abaixei o machado, ainda relutante.

— Você conhece história? Conhece a história japonesa? — perguntou Hiroshi depois de se recompor e enrolarmos o ferimento do pé com um pano de prato.

Olhei para ele estupefato. Apesar de a voz estar agitada e quase como Yoda, mas sem inverter as frases, ele falou com um sotaque britânico, indicando que morara fora em algum momento da vida.

Em outras palavras, estava nos fazendo de otários.

— Não? — acrescentou ele impertinentemente. — Nada?

Agarrei o cabelo dele e puxei com força. — Fale!

Ele tentou fazer com que eu soltasse a cabeça dele, mas segurei-a firmemente.

— Há muito tempo — disse ele, olhando-me preguiçosamente —, vários japoneses fizeram *ubasute*.

Reconheci a palavra... e lembrei que Honda a mencionara na estação de trem. Respondi: — As famílias abandonavam aqueles que não conseguiam se alimentar sozinhos.

Ele ergueu as sobrancelhas grisalhas. — Você não é tão idiota, hein?

Puxei o cabelo de novo.

— Beleza... vou falar! — Ele mexeu a boca, como se estivesse tentando lubrificá-la com saliva. — Maioria japoneses não faz *ubasute* há mil ou dois mil anos. Maioria parou. Não todos. Depois da última guerra, situação complicou para japoneses. Muito difícil. Vários sofrer. Uma família, sem comida para filhos, veio para Jukai, mandou elas brincar. Depois, saiu e deixar para morrer. — Ele mexeu os lábios. — Sede. Eu falo. Você pegar água.

— Você o vigia — disse Mel. — Eu pego a água.

Ela foi ao balcão, encheu um copo no balde de plástico e entregou-o para mim. Encostei-o na boca de Hiroshi, esperando que tentasse algo repentinamente. Ele engoliu, virando a cabeça em seguida. A água escorreu pelo queixo e para a blusa.

— Mãos doendo — disse ele. — Você soltar?

— Acho que não — respondi.

— Onde vou?

— Você morou em outro país?

— Gostar do inglês?

Não respondi.

— Você ser professor inglês, hein? — Ele assentiu. — Sim, sim. Por que estar em meu país? Ter vários professor inglês amigos de meu *eikaiwa*. Não falar com eles agora. Não mais. Fazer muito tempo. Sentir falta, às vezes. Muito sozinho aqui. Muito sozinho.

Soltei o cabelo dele. — Fale-me sobre as crianças — mandei.

Ele lambeu os lábios, mas não disse nada.

Dei-lhe um tapa no rosto.

Ele fez uma expressão de escárnio.

Dei-lhe um tapa mais forte.

— Ethan... — disse Mel.

— Fique fora disso!

Levantei a mão.

— Família deixar garota e garoto em Jukai — disse Hiroshi com a voz rouca. — Garota morreu. Garoto sobreviveu. Ele caçar animais, comer frutos. Ser garoto esperto. Forte de novo, ele deixar a floresta, ir para vila. Ele achar que pais esqueceu por acidente. Ele achar que pais felizes quando chegar em casa. Eles não felizes. Ainda não ter comida. Eles mandar garoto embora. Eles não querer. Mas

garoto ficar. Ele ficar perto da vila, em floresta. Ele roubar galinhas, legumes. E ver garota. Garota bonita. Filha fazendeiro. Um dia, ela desaparecer. Ninguém saber o que acontecer... só eu.

— Ele a trouxe de volta para cá? — perguntei. — Para Aokigahara?

— Choupana construída em 19, 7, 3. Trabalhar aqui. Meu trabalho, encontrar corpos. Encontrar homem uma vez. Talvez trinta. Talvez. Achar que veio suicídio. Tentei conversar, mas ele não falar. Ele correu. Procurar ele, corpo dele, durante um ano. Mas não encontrar. Ele me encontrar. Ele saber onde ficar choupana. Ele viver aqui trinta anos, talvez mais. Ele conhecer floresta muito bem.

— O que ele queria com você?

— Ele me trazer mulher. Ela morrendo. Ela ter neném, mas algo errado. Bebe morreu e ela... ela muito sangue. Eu ajudar ela. Dar remédio. Vários dias, ajudar ela. E falar com homem. Nome Akira. Ele me dizer tudo. Dizer que pais deixar ele aqui, irmã aqui. A mulher que ele trazer ser filha fazendeiro. Ele pegar ela. Ele roubar ela. Eles fazer vários nenéns antes desse, mas nenéns não viver. Eles matar nenéns. Eles não ter comida para nenéns.

Olhei para Mel, que estava observando Hiroshi com uma fascinação cheia de repugnância. Virei para ele de novo. — O que aconteceu com a esposa dele? — perguntei. — Ela sobreviveu?

— Ela morrer. Não conseguir ajudar. Sangrar muito. Akira fugiu. Não ver ele dez anos. Talvez mais. Depois voltar. Ele aparecer inverno. Inverno muito ruim. Ele ter pneu... pneumonia.

— Pneumonia.

— Ele ter isso. Eu dar remédio. Ele melhorar. Dois dias depois, três dias, ele voltar. Ele dar muito presentes. Como isso. — Ele sinalizou para o baú com a cabeça. — Joias. Carteiras. Mas telefones não. Não telefones antes.

— Ele pegou as coisas dos cadáveres dos suicidas.

— Ideia ser boa, não? Eu dar arroz, açúcar e sal. Ele feliz, muito feliz, e continuar trocar. Todo mês, ele dar joias, dinheiro. Eu dar comida, roupas. Finalmente, ele ter boa vida. Ele ter filhos. Ter oito agora. Garotos. Não garotas. Ele matar garotas.

— As crianças que vimos na floresta — declarei.

— Sim, você já conhecer. Eu sei.

Fiquei em pé lentamente, balançando a cabeça, atônito com a história de Hiroshi. Um cigano com sua trupe de moleques. Eram eles que estavam nos aterrorizando. Virei para Mel, para ver a reação dela, e vi-a franzindo a testa.

— Você disse que a esposa dele morreu — disse ela. — Então quem..? — O rosto dela ficou pálido. — Ah, não.

— Ele pegar elas antes suicídio — ele esclareceu a ela. — Ele prender elas. Às vezes, você escutar elas gritar. Você ouvir ontem? Ela gritar muito alto.

A narrativa de Hiroshi e a minha necessidade de ter respostas tinham me deixado cativo. Mas, abruptamente, aquilo tudo era demais. Pensei em Ben, em Tomo e em toda a merda que acontecera conosco e tive que resistir à tentação de pegar o machado de novo. — E nossos outros amigos? Por que ele os matou?

— Ele querer mulher. Ele dizer ontem, quando me dar telefone, que ver mulheres bonitas. Muito bonitas. — Hiroshi sorriu para Mel. — Ele chamar você Mãe Branca. Você sentir honrada. Ele muito empolgado.

— Então Nina... — comentou Mel. — Ela não está morta?

— Você escutar? Ele não matar. Ele quer bebê. Ele quer bebê dela e quer bebê seu.

Ela ficou pálida.

— Sim, sim. Ele vir para você — disse Hiroshi. — Ele vir atrás de você agora.

— Não escute o que ele está dizendo, Mel — alertei. — Ele não sabe de nada. Está mentindo.

— Mentir? — Hiroshi parecia insultado. — Filhos dele já estar fora da choupana. Eu falar com eles quando pegar água. Eles mandar mensagem para pai.

Mel disse: — E se ele estiver falando a verdade?

Balancei minha cabeça. — Não importa. Esse cara, Akira, é velho. Deve ter sessenta anos. Posso cuidar dele.

— Você achar? — Hiroshi riu solenemente.

— Eu imobilizei você com facilidade, não?

— Ele e crianças igual animais. Eles matar você fácil.

Meu telefone tocou, assustando-me, apesar de já estar esperando a ligação. Atendi imediatamente.

— Chamamos a polícia — disse Derek sem enrolar. — Parece que já mandaram uma equipe para procurar vocês.

— Ligamos para eles ontem, antes de o telefone de Neil morrer, mas ninguém apareceu.

— Bem, disseram que só existe uma choupana de patrulheiro na floresta em que você está, então sabem onde estão. Mandarão a equipe de novo agora.

— Diga a Sumiko para ligar de novo e avisar que precisamos deles aqui o quanto antes.

— Eles com certeza já estão...

— As pessoas que estão atrás de nós podem estar fora da choupana agora mesmo.

— O quê? Credo! Beleza, é, pois é, merda. Farei com que Sumiko ligue agora mesmo. Fique aí e aguento firme.

Desligamos.

— A polícia sabe onde estamos — anunciei para Mel. — Estão vindo agora mesmo.

— Quanto tempo isso levará?

— Não muito...

— Ethan! — ela berrou, apontando para a porta da frente.

Virei, mas não vi nada estranho.

— O quê, Mel?! O que foi?

— A maçaneta! Ela estava se mexendo. Alguém está tentando entrar!

Peguei o machado e fui até a porta, verificando novamente a fechadura. Ela estava bem presa. Espiei pela janela e vi uma silhueta baixa e escura correr por entre as árvores antes de desaparecer do meu campo de visão.

Xinguei, apoiando as costas contra a parede.

— Ainda achar que menti? — perguntou Hiroshi.

— Mande-os ir embora.

— Por que eu fazer isso?

— Porque, se deixar que nos ataquem, você terá um grande problema.

— Eu já ter grande problema.

— Não, não tem..

— Você contar a amigos sobre mim. Sumiko contar sobre mim para polícia.

— Resolveremos isso.

— Por que achar que falar de Akira? Porque sentir dor? Porque você me bater? — Ele balançou a cabeça. — Não, eu já ter grande problema.

Andei até ele e bati com a parte plana do machado no peito dele. — Mande-os nos deixar em paz ou matarei você agora mesmo.

— Você não aprender nada em Jukai?

— Como assim?

— Suicídio! Morte! Você não aprender nada? Você não ter medo morte. Morte não ser problema. Morte saída. Vida, você ter medo. Vida ser monstro. Vida ter muita dor. Você querer matar eu? Matar! Eu morrer com honra.

Uma pancada violenta balançou a porta da frente.

Mel gritou, tropeçando em direção à parede. Ela deslizou como gelatina, prendendo os joelhos com os braços.

— Está tudo bem, Mel — confortei-a, tentando transparecer uma casualidade absurda. — Eles não conseguirão entrar...

*Bang!*

— Diga a eles para irem embora! — gritei para Hiroshi.

*BANG!*

— Diga a eles...

Um galho de árvore enorme quebrou a janela atrás de mim, espalhando vidro para todos os lados. Girei, balançando o machado cegamente.

A lâmina assobiou pelo ar e fincou com força na moldura da janela vazia.

Mais vidros se espalharam em outra parte da choupana. *O quarto!* Eu me esquecera da janela no quarto.

Enquanto tentava soltar o machado, senti algo avançando em minha direção e atingindo-me na cabeça. Cambaleei, mas permaneci de pé. Minha mão encostou instintivamente no ferimento, ficando molhada com o sangue.

Fui tropeçando até o centro da sala.

— Abaixese, Mel! — ordenei.

Houve mais pancadas na porta, mas a tranca aguentou.

Passei direto por Hiroshi. O quarto de dormir estava à minha direita. Abri a porta com força. Um menino estava agachado no parapeito da janela, com metade do corpo dentro do quarto.

Ele olhou para mim por debaixo dos cabelos compridos que caíam sobre o rosto.

Apertei o cabo do machado com as duas mãos e avancei na direção dele.

Ele se esgueirou novamente para a escuridão. Coloquei a cabeça para fora da janela quebrada, inalando o ar frígido. Não dava para enxergar nada além da escuridão e não consegui ver aonde a criança fora.

Virei a tempo de ver outro menino com cara de cavalo pular da cama em mim, balançando uma faca. Esquivei à esquerda e afundei a parte plana do machado na parte de trás do crânio dele. Ele caiu aos meus pés.

Um terceiro menino já estava dando a volta na cama em minha direção, com uma faca levantada. Ele e o menino que estava no chão deviam ter se escondido atrás da porta quando entrei no quarto segundos antes.

Apontei o machado para ele, mantendo-o à distância.

Ele abriu os lábios em uma careta, mostrando vários dos dentes faltando, e arremessou a faca. Fiquei de lado, tentando ser um alvo o mais estreito possível. A lâmina se enterrou no tríceps. Gritei, largando o machado. O menino avançou em mim, empurrando-me contra a parede, prendendo meus braços para os lados.

Fiquei surpreso com a força dele. Ele era uma massa firme de músculos e eu não consegui soltá-lo, por mais que me esforçasse. Ele bufava e grunhia, e tinha um odor azedo.

Do outro cômodo, Mel gritou.

Mordi a orelha do moleque, puxando-a como se fosse um pedaço de carne, e senti o gosto de sangue. Ele berrou e afrouxou as mãos. Soltei-me e apertei a garganta dele com as duas mãos, ao mesmo tempo em que o arrastava na direção da janela. Empurrei a cabeça dele contra o espaço aberto para que as costas ficassem no parapeito, e inclinei-me sobre ele com todo o peso que tinha. Ele bateu com as mãos em mim. Dei um último impulso. Ele caiu um metro e meio até o chão e aterrissou com força. Berrando algo selvagem e gutural para mim, arrastou-se para longe.

Mel gritou novamente.

Com a pouca força que ainda tinha, arranquei a faca do braço, segurei o Cara de Cavalo pela gola da *yukata* e arrastei-o para o cômodo principal.

Registrei a cena em um piscar de olhos: Mel contra a parede onde eu a deixara, com os olhos fixos no maior de todos os meninos que tinha acabado de pular do parapeito da janela da frente para o chão. Uma das mãos apertava o ombro e provavelmente era quem eu atingira com a faca mais cedo. Na outra mão, ele segurava um pedaço de pau comprido. Percebi que ele estava com uma faixa preta amarrada na roupa, enquanto Cara de Cavalo e Banguela tinham faixas cinzas.

*Aquilo era arbitrário? Pensei. Ou ele era algum tipo de especialista faixa-preta em caratê?* Aquilo parecia uma conclusão ridícula, mas caratê era uma tradição japonesa. E o que mais alguém faria com o tempo livre, vivendo em uma floresta? Artes marciais parecia uma opção razoável.

— Mel — grunhi —, venha até aqui.

— Ethan! — ela gritou, vendo-me pela primeira vez. Ela passou correndo direto por Hiroshi, que estava contorcendo-se na cadeira tentando se soltar, e agachou-se atrás de mim.

Ergui Cara de Cavalo semi-inconsciente para que ficasse em pé e segurei-o contra o peito. Pressionei a lâmina da faca na garganta dele.

— Vá embora daqui! — exigiu a Faixa-preta. — Ou eu o matarei.

Ele olhou para mim, mas não se mexeu.

— Suma!

Mesmo assim, ele não se mexeu.

Cara de Cavalo gemeu e contorceu-se para tentar se soltar. E estava conseguindo.

Faixa-preta deu um passo para frente.

— Pare! Agora!

Outro passo.

Enfiei a faca na coxa de Cara de Cavalo. Ele gritou e contorceu-se. Encostei a lâmina novamente contra a garganta dele.

— Eu vou matá-lo! Abrirei a garganta dele!

Faixa-preta parou e recuou lentamente.

— Continue andando — disse —, continue andando...

Mel gritou em advertência.

Virei-me e vi um homem muito mais velho com topete movendo-se depressa em nossa direção. Ele empurrou Mel contra a parede como se não ela pesasse nada e, no mesmo movimento, golpeou-me na cabeça com o cabo da espada que carregava.

O mundo girou e, em seguida, eu caí, mergulhando na escuridão.

Abri os olhos. Senti uma onda de dor contundente na cabeça. Percebi duas pessoas. Pareciam estar nadando, mudando de forma, transformando-se em uma só. Aos poucos, no entanto, ficaram nítidas. Uma delas era Akira. Ele estava segurando uma espada de samurai próxima ao peito, com a ponta virada para o teto. Logo à frente dele, Hiroshi estava sentado no chão, de pernas cruzadas, observando de uma certa distância enquanto desabotoava a blusa e tirava a parte de baixo de dentro da calça, revelando o peito e a barriga praticamente sem pelos. Em seguida, pegou uma faca em um prato logo à frente, segurando-a com um pedaço de tecido enrolado na lâmina.

Ele fincou a faca no próprio abdome.

Enquanto lutava para ficar consciente, tentei entender o que estava vendo. *Seppuku* ou *hara-kiri* era uma prática original da classe de samurais no Japão feudal, uma forma honrada de morrer por desentranhamento caso tivessem se envergonhado de alguma forma, fracassado com os mestres ou apenas para evitar cair nas mãos inimigas.

Então aquela era a punição de Hiroshi por deixar-se ser capturado por mim, a forma de evitar ser pego pela polícia?

Lembrei do que ele dissera mais cedo, baboseiras sobre morrer com honra.

Ele desenhou o corte na própria barriga, direita para esquerda, depois para baixo em uma diagonal, formando um 7 sangrento. Começou a cortar da esquerda à direita novamente, no que criaria um Z, mas hesitou. As mãos tremiam muito, o rosto expressava agonia e não pareceu que conseguiria concluir o corte.

O sangue espirrou dos ferimentos e ele tombou para frente...

Akira desceu a espada sobre a nuca de Hiroshi, acabando com o sofrimento com a decapitação.

Não, eu percebi... *quase* uma decapitação, pois ele deixara uma pequena tira de carne entre a cabeça e o corpo que manteve a cabeça de Hiroshi pendurada contra o peito, como se estivesse segurando-a com as mãos.

Akira andou em volta do corpo sem vida e agachou-se perto de mim. O rosto e o pescoço pareciam couro, quase escamosos, e ásperos. A boca era uma linha grossa e indiferente, curvada para baixo nos cantos. Os olhos eram finos, pretos e afastados um do outro. Eles me observavam com uma indiferença imperial, como se eu fosse um humilde plebeu, escória do mundo, insignificante para ele.

Ele passou a lâmina da espada em minha blusa, limpando o sangue dela.

Em seguida, levantou-se, foi até a fogueira, fincou a lâmina em uma lenha em chamas e largou-a na mesa. As chamas imediatamente devoraram a toalha de mesa de algodão.

Sem olhar novamente na minha direção, ele saiu pela porta da frente.

Mergulhei novamente nas profundezas da escuridão.

A Feira de Fazendeiros no Parque de Diversões do Estado de Wisconsin era um evento anual que acontecia na última semana de setembro. Gary e eu íamos todos os anos, estufando-nos com algodão doce e maçãs caramelizadas e correndo de uma atividade a outra. Minha favorita sempre fora a pescaria, que tinha uma vara com gancho magnético para pescar prêmios que flutuavam em uma banheira de plástico.

Agora, no entanto, era noite, o parque de diversões estava vazio e eu e Gary caminhávamos pela rua principal.

— Sempre adorei esse lugar — disse Gary ao passarmos por vários tratores abandonados e montes de feno.

— Eu também — respondi. — Compramos as abóboras do dia das bruxas aqui.

— Logo ali, mano — disse ele, apontando para um campo de abóboras espalhadas. Ele correu até lá, pegou uma abóbora e voltou até mim. — Nada mal, hein?

A abóbora era laranja, simetricamente ondulada e perfeitamente redonda. Gary sempre tinha um sexto sentido para encontrar os melhores exemplares para transformar em lanternas. Eu preferia pegar as maiores que encontrava, que geralmente estavam amareladas, com a casca irregular e esburacada.

— É perfeita, Gare — elogiei.

Ele assentiu, mas com certa melancolia. — Queria tanto trazer Lisa aqui quando estivesse mais velha. Acha que Cher viria?

— Não sei, estão em Chicago agora.

— Com aquele cara novo, certo?

Concordei.

Ele suspirou. — Nunca deveria ter feito aquilo.

Olhei para ele. — Aquilo o quê?

— Parar para ajudar o cretino que atirou em mim. Poderia apenas ter dado minha carteira. Se tivesse feito isso, ainda estaria por aí. Poderia trazer Lisa à feira. Uma decisão, cara. É tudo que basta, uma decisão, e tudo pode mudar.

— Também queria que tivesse dado a carteira.

— Mas... nunca se sabe. Essa é a parada. Nunca se sabe as consequências de uma decisão. Caramba, como você saberia no que se meteria?

— Está falando da Floresta dos Suicidas?

— Tem uma coisa que preciso que faça, mano.

— Claro, Gare. O que é? Faço o que quiser.

— Preciso que acorde.

— Acordar?

— Se não acordar, você vai morrer. Não está sentindo o fogo?

Apesar de a noite ao nosso redor estar quieta e escura, estava preenchida com um calor que eu não notara segundos antes.

— Sim, estou — respondi.

— Você tem que sair daí.

— Não sei se consigo.

— Você precisa. Precisa ajudar Mel.

*Mel!* — Ela também está no fogo? — perguntei urgentemente.

Chegamos no cruzamento com a avenida Grandstand.

Gary deu um tapa no meu ombro e disse: — Tenho que ir, mano. — Ele começou a andar em direção ao campo que se estendia diante de nós.

— Gare! Espere!

— Lembre-se do que tem que fazer.

— Irei com você!

— Salve Mel...

— Não consigo! Não sei como!

Ele desapareceu logo depois.

Do nada, o parque de diversões explodiu em chamas ao meu redor, o calor virou uma fornalha, sugando todo o oxigênio do ar...

Abri os olhos novamente. Estava quente, muito quente, e a fumaça enchia meu nariz com o cheiro ácido.

Eu mal conseguia enxergar, mas ouvia o fogo, estalando e balançando. Tossi e respirei o ar seco, parecido com o de uma sauna.

Eu estava deitado de costas. Tentei rolar para ficar de lado e consegui na segunda tentativa. Tudo me voltou à cabeça então.

Hiroshi praticando *hara-kiri*.

Akira incendiando a choupana.

*Onde estava Mel?*

Havia fumaça por toda parte, branca e espessa, exceto na parte de baixo, perto do chão. *Pare, deite e role*, lembrei de um dos meus professores do ensino fundamental ensinando à turma durante uma simulação de incêndio. Aquilo serviria para alguma coisa, no final das contas.

Em seguida, escutei alguém gritando o nome de Mel, depois o meu. Arrastei-me em um círculo desajeitado à procura de Mel, com os olhos ardendo e lacrimejando.

Esbarrei em algo pesado e redondo. A cabeça de Hiroshi. A tira de pele que a prendia ao corpo romperá ou derreterá.

Os olhos me encaravam, indiferentes e desfocados.

Empurrei-a para longe e avancei tossindo.

*Morrerei, pensava, não conseguirei ajudar Mel e queimarei até a morte nessa choupana...*

Alguém começou a me arrastar.

A pessoa me segurava pela parte de trás da gola da blusa, enforcando-me. Tentei virar a cabeça para ver quem era, mas não consegui.

O calor sumiu. Uma escuridão fria me banhou. Achei que tinha morrido, que era a morte e que não era tão ruim, até perceber que estava ao ar livre.

Quem me resgatara me largou no chão e começou a tossir. Eu também tossi, sentindo a garganta dolorida.

Quando finalmente parei, algo que não achei que conseguiria, estendi o braço. Uma mão segurou a minha. A pessoa estava falando comigo, sacudindo-me.

Minha visão focalizou e vi John Scott sobre mim.

— *Onde ela está, cara? Onde Mel está? Ali dentro?*

Abri a boca, mas comecei a tossir de novo.

Ele se levantou lentamente com o auxílio de uma muleta improvisada e mancou de volta para a choupana em chamas.

Eu estava me levantando quando John Scott cambaleou embriagadamente pela porta da choupana. Ele conseguiu dar apenas alguns passos antes de cair no chão.

Corri estonteado até ele, segurei-o pelos braços e puxei-o na direção das árvores, longe do perigo.

Andei em direção à choupana, mas ele agarrou minha perna.

— Ela não está lá — ele murmurou.

— Tem um quarto...

— Eu olhei em todos os lugares. Ela não está lá.

Observei a choupana. A fumaça subia pela janela quebrada e pela porta aberta. Atrás dela pulsavam labaredas laranjas.

Em seguida, de forma dramática, as chamas subiram pelas bordas da porta, contornando-a como o arco de fogo de um domador de leões.

Seria suicídio entrar lá novamente e eu sabia que John Scott tinha razão. Mel não estava lá. Ela fora levada. Estava com Nina agora.

John Scott sentou, tossindo com a mão na boca. O rosto estava coberto de fuligem, deixando apenas os olhos intocados.

— Ela está viva — declarei.

Ele limpou a boca com o antebraço, tirando as cinzas. — Onde?

— Não sei. — Estirei-me no chão. — Ele a levou.

— Ele quem?

— Akira.

— Puta merda, Ethos, seja mais claro! — A fúria iniciou outro acesso de tosse que fez com que ele estremecesse.

— O cara que matou Tomo e Ben — respondi quando ele recuperou o fôlego.

John Scott pigarreou e cuspiu. — Vi um corpo lá dentro.

— Não é ele.

Expliquei tudo da forma mais breve possível.

— Ai, meu caralho — xingou ele. — Temos que encontrá-las.

Ele não disse nada além daquilo. Entendia tão bem quanto eu.

Elas já eram.

Minhas sobrancelhas foram queimadas, além dos pelos nos braços. A pele sob a fuligem estava rosa e muito lisa. Ainda doía respirar, fazendo-me pensar se sofrera algum tipo de edema pulmonar. A cabeça latejava onde fora atingida com o que eu acreditava ter sido uma pedra arremessada, mas não se comparava à dor no braço e nas costas, ambos sangrando livremente. Contudo, analisei tudo aquilo com um interesse distraído. Não parava de pensar em Mel: onde estava agora, o que poderia ter acontecido com ela, física e emocionalmente.

Quando parte das minhas forças retornou, procurei o poço de onde Hiroshi pegara água. Encontrei-o não muito longe da choupana em chamas. Girei uma manivela de madeira bruta para pegar um balde cheio de água. Minha sede fora saciada, mas agora estava de volta, tão brutal quanto antes. Bebi gananciosamente, enchi outro balde, desamarrei a corda do cabo de metal e levei-o para John Scott.

Rezei para que a polícia trouxesse cachorros com a equipe, como Mel sugerira que poderia acontecer, pois era nossa única esperança de encontrar Mel e Nina, não era? Eu poderia levar a polícia

de volta ao nosso acampamento. Eles poderiam ajudar Neil e eu poderia dar aos cachorros alguma peça de roupa de Mel, o suéter que ela usara para dormir ou roupas íntimas. Ela não tomara banho por dois dias e os rastros estariam fortes.

— E aí — disse a John Scott.

Estávamos sentados lado a lado, olhando para a choupana ardente.

— E aí?

— Obrigado.

— E?

— Você salvou minha vida.

— Uma pena.

— Estou falando sério.

— Eu também. Estava procurando Mel.

Olhei para ele. Havia uma sombra de sorriso nos lábios, apesar de não chegar aos olhos distantes.

— Você me salvou mesmo assim.

— Você teria feito o mesmo.

*Teria?* Pensei. Acho que teria.

— Como você nos encontrou? — perguntei.

— Ouvi vocês gritando, berrando e o caralho. Principalmente Mel e Nina, mas acho que também escutei você.

Eu mal conseguia me lembrar da emboscada na floresta. Era como se eu tivesse me concentrado apenas nas ameaças imediatas e ignorado todos os detalhes. Talvez não tivera tempo para gravá-los direito.

— Você consegue andar bem com isso? — Sinalizei com a cabeça para a muleta improvisada com galho bifurcado perto dos pés dele.

— Não com facilidade.

— Você seguiu as cruzeiras que deixamos?

— Até acabarem.

— Foi quando corremos.

— Fiquei perdido por um tempo, mas Mel começou a gritar de novo e acabei chegando aqui.

Uma viga de sustentação desabou dentro da choupana em chamas, fazendo com que uma grande parte do telhado caísse com um estrondo.

Lembrei do *shōchū* no meu bolso. Peguei-o, abri a tampa e dei um grande gole. Passei-o para John Scott. — Para a sua perna... e para a dor.

Ele aceitou e deu gole lento e longo.

— Mel me contou sobre você, sabe... — disse ele.

— É mesmo?

— Seu irmão. Levou um tiro.

Não respondi.

— Que merda. — Uma pausa. — Meu irmão mais velho também morreu.

Olhei para ele.

— Ele e a esposa. Mel contou isso a você?

Balancei a cabeça negativamente.

— Eles estavam caminhando em uma rua em Charlotte. Crescemos em Raleigh, mas ele se mudou para lá a trabalho. Estavam no centro em um dia tempestuoso. Um muro desabou e matou os dois.

— Um muro?

Ele deu outra tragada na garrafa. — Uma merda de um caralho de tijolo em uma calçada. Havia rachaduras na parte inferior. A coisa apenas caiu e esmagou-os.

— Sinto muito.

— Aconteceu há oito anos e ele era bem mais velho do que eu. Mesmo assim, isso muda quem você é. Deixa você... hesitante.

Franzi a testa. — Como assim?

— Pelo menos por um tempo.

— Como assim, "hesitante"?

— Quanto à vida. Às escolhas que você faz.

— Que tipo de escolhas?

— Escolhas da vida. As grandes.

— Acho que não.

— Porque você não fez nenhuma ainda.

— Que merda é essa que você tá falando?

— Mel é uma boa garota. Vocês dois ficam bem juntos.

Fiquei em silêncio.

— Não a deixe ir embora — continuou ele.

— Não planejo fazer isso — disse brevemente.

— Essa é a parada, cara. Você não planeja nada. Estão juntos há, o quê, quatro anos? Por que não a pediu em casamento?

— Não estou pronto.

— Você a ama?

Eu estava mesmo falando com John Scott sobre isso?

— Ama, mano?

— Sim, amo.

— Só porque perdeu seu irmão, não significa que perderá Mel.

— Não penso assim.

— Pensa sim, eu sei. Já passei por isso. Algumas pessoas, depois de perder alguém, ficam com medo de ficar sozinhas. Elas ficam grudentas, acomodadas e tentam se agarrar a tudo na vida. Outras, como você e eu, fazemos o contrário. Ficamos com medo de nos aproximar. Indiferentes com a vida. Afastamos as pessoas. Chegamos à conclusão de que não sofreremos de novo se não tivermos ninguém para perder.

Eu já escutara toda aquela psicologia popular antes, mas escutá-la de novo, depois de tudo pelo que passara naquela floresta, com Mel possivelmente perdida para sempre, percebi como era verdade.

Eu estivera afastando Mel ou, pelo menos, uma vida com ela. Estive tão concentrado no futuro, com tanto medo do que poderia ou não acontecer, que não consegui vivenciar o presente e apreciar o que tinha...

Um grito distante ecoou pela noite.

Levantei-me abruptamente.

— Isso foi Nina! — exclamou John Scott. Ele apontou para trás de mim. — Para lá!

Foi a mesma direção que eu pensara. Peguei a lança e a lanterna que ele trouxera.

John Scott se esforçou para ficar de pé.

— Fique aqui — pedi. — Espere a polícia.

— Nem fodendo!

— Você não consegue andar!

— Não vou perder essa.

Eu não tinha tempo para ficar discutindo com ele. Comecei a me afastar.

— Ethos! Espere! — gritou ele, reconhecendo a realidade da situação. — Leve isso. — Ele estendeu a mochila. Três hastes de barraca estavam para fora do bolso principal. — Já martelei as pontas para que ficassem afiadas.

Coloquei a mochila nos ombros.

— Obrigado... John — disse.

— Mande ver, cara. E desça o cacete nessa porra.

Criando um caminho com a lanterna, escolhi por onde andar pela vastidão de árvores o mais rápido possível, esquivando-me de galhos, raízes e rochas vulcânicas. Eu sabia que Mel não fora com Akira por vontade própria. Então ele a carregara gritando e debatendo-se? Ou a deixara inconsciente, que parecia ser seu *modus operandi*? John Scott dissera que a escutara gritando, mas enquanto eu estava interrogando Hiroshi, ou depois, quando estava inconsciente? Eu quase esperava que ela estivesse desmaiada porque, pelo menos, significaria que estava relativamente segura por enquanto. Akira não a estupraria naquele estado, estupraria? Sem falar que ela não estaria ciente de que fora raptada e mantida refém nas profundezas da Floresta dos Suicidas por uma gangue de selvagens.

Nina, infelizmente, não tivera a mesma sorte. Eu tinha certeza de que fora dela o grito macabro dez minutos antes. O que acontecera, então? Akira começara a violá-la? Mas, se aquele tivesse sido o caso, por que fora apenas um grito? Por que ela não continuara gritando, gritando e gritando até acabar... ou até mesmo depois?

Vinte minutos. Os pulmões e a garganta, já prejudicados pela inalação de fumaça, ardiavam, enquanto que as pernas, principalmente as coxas, queimavam com exaustão. Eu entrara em algum tipo de piloto automático. Um pé atrás do outro, expirando a cada terceiro passo, afastava os galhos, repetia o processo. Tentei não pensar na distância que tinha que percorrer nem se ainda estava na direção correta. Aquilo levaria a dúvidas, hesitação e, finalmente, inaptidão. A única opção era correr e continuar correndo. Correr até chegar a Mel e Nina, correr independentemente da dor. Correr, correr, correr.

Quanto tempo? Quanto tempo se passara? Eu não fazia ideia, estava além da exaustão. O ar estava ácido, minhas pernas eram pesos mortos, meus pés se arrastavam. Eu cambaleava como um zumbi, à beira da derrota. Eu deveria ter esperado a polícia, ter feito aquilo direito e agora estava perdido, incapaz de ajudar...

O chão desapareceu sob os meus pés. Por um ou dois segundos bizarramente demorados, caí pelo ar, com a mente esperando a colisão iminente com seja lá o que estivesse abaixo... em seguida, o impacto. A dor foi excruciante. Senti como se alguém tivesse batido em meu rosto com um frigideira. Vi estrelas. O sangue espirrou da boca, muito mais do que quando Hiroshi me batera. Fiquei deitado sobre o peito, estupefato com o que acontecera, tossindo e cuspiendo sangue, apesar de a boca continuar enchendo-se com ele, grosso e denso.

A escuridão ao meu redor era opressora. Pestanejei, achando que ainda estava de olhos fechados. Mas não, estavam abertos. Devia ter largado a lanterna na queda, soltando as pilhas ou quebrando a lâmpada.

Tentei forçar o corpo para cima para que sentasse e gemi. Havia algo de errado com o ombro ou braço esquerdo, não sabia dizer qual. Aquele lado do corpo latejava em todos os lugares, nenhum em específico. Testei o outro braço. Estava funcionando. Coloquei a mão no rosto. Estava mole e latejante. Os dedos ficaram ensopados de sangue gosmento. Examinei a boca, os lábios inchados como duas linguças. Em seguida, notei a respiração. Estava alta e... longa. Na verdade, parecia como se estivesse acontecendo fora do meu corpo...

O ar ficou preso na garganta. Esperei um pouco. A outra respiração continuou, áspera e próxima.

*Não é minha.*

Levantei-me devagar, com a mão boa agarrando a parede rochosa atrás de mim, impedindo que eu caísse de novo. Cambaleei cegamente pela parede do que parecia ser outra daquelas crateras enormes. Quando cheguei a um lugar onde conseguia escalar, subi freneticamente pelas pedras, cortando a mão boa e os dois joelhos, mas sem me importar. Continuava esperando algo agarrar meu tornozelo e não soltá-lo.

Logo depois, puxei o corpo por sobre a borda da cratera. Olhei para a abertura e consegui ver algo preto ao lado de onde eu caíra.

*É um veado, pensei, arqueando em alívio. Apenas um veado deitado de lado.*

Talvez eu o tivesse assustado, fazendo com que caísse no buraco. Ou talvez ele tivesse caído sozinho e estava lá havia algum tempo.

Ele grunhiu.

Cambaleei para longe da borda da cratera e esbarrei em um tronco de árvore. Examinei o braço esquerdo. Ele não estava quebrado, como eu temia. Na verdade, grande parte do tato voltara. Contudo, aquela era a melhor das notícias. O corpo estava um desastre e só a força de vontade me mantivera em movimento. Mas ela acabara de desaparecer... porque minha busca agora era inútil.

Eu não fazia mais ideia da direção em que estava andando.

Comecei a afundar no desespero. Senti que estava desistindo, com a mente desligando. Talvez eu devesse apenas deitar, fechar os olhos e... sumir. Seria o fim da dor, do sofrimento. Mel estava morta, a quem eu queria enganar? Ela estava morta e eu jamais a encontraria...

Um segundo grito rasgou a noite.

Levantei a cabeça. Eu estava ajoelhado.

Por que estava ajoelhado?

O grito voltou, parte terror, parte súplica, parte raiva.

E de algum lugar perto dali.

Cambaleei para longe da árvore... diretamente para uma teia de aranha enorme. Era grossa e grudenta. Tentei limpar os fios sedosos histericamente, agarrando cada vez mais teias, incapaz de evitá-las na escuridão noturna.

Enquanto tirava a última das teias... *de onde vieram todas elas? Elas eram reais? Eu finalmente enlouqueci?...* senti algo na nuca. Peguei a coisa sem pensar, sabendo que era uma aranha antes mesmo de colocar os olhos nela.

Ela era grande e peluda. Arremessei-a para longe em uma reação de repulsa.

Dois minutos depois, mais uma vez questionando minha sanidade, se eu realmente escutara o grito, vi o brilho de uma fogueira distante.

Aproximei-me o mais lentamente possível. Estava tomado pelo medo. Não de Akira nem de suas crias diabólicas, mas do que poderia encontrar. Só conseguia pensar, com facilidade, em Nina e Mel penduradas em um galho de árvore nodoso por uma fita ou corda, com os corpos flácidos como bonecos de testes, balançando em um vento inexistente.

Forcei as imagens infernais para longe e concentrei-me na fogueira à frente. Conseguia ver apenas uma silhueta preta de uma pessoa perto dela. Não sabia o que pensar daquilo.

Onde estavam as outras pessoas?

Parei atrás de uma árvore. Tinha perdido a haste da barraca que estava carregando quando caí na cratera. Estendi a mão por sobre a cabeça e peguei uma nova da mochila de John Scott, deixando-me com duas de sobra. Testei a ponta, que estava afiada. Mesmo assim, senti-me idiota e vulnerável. Hiroshi tivera razão: Akira era um durão filho da puta. E os filhos também não eram moleza. Seriam um grande desafio mesmo se eu estivesse saudável e descansado. Nas condições atuais, eles estavam em um nível tão superior que ninguém em um ringue em Vegas apostaria em mim.

Espiei em volta da árvore. A figura solitária não se movera.

Avancei às escondidas novamente.

Três galhos longos, percebi, formavam uma grelha sobre a fogueira, suspendendo uma panela acima do calor. A pessoa mexia o conteúdo com um graveto. Ele usava uma vestimenta branca esfarrapada com costuras retas e mangas longas.

Aquilo estava errado. Todos os músculos do meu corpo me diziam isso. Eu escutara Nina gritar. Fora mais ou menos dali. Onde ela estava, então? E Mel? E Akira? E quem era a pessoa solitária? Parecia pequena e frágil demais para ser Akira. Uma das crianças, então? Mas por que estaria ali sozinha?

Tropecei em algo e cambaleei para frente. Quando recuperei o equilíbrio, congelei. A pessoa estava olhando na minha direção.

Era uma mulher de cerca de quarenta anos.

A luz da fogueira não chegava até mim, portanto, ela não conseguia me ver. Mas ela me escutara e sabia que eu estava ali. Fiquei tenso, pronto para avançar se ela tentasse chamar alguém, mas não fez nada além de observar, parecendo olhar diretamente para mim, e comecei a pensar que talvez conseguisse me ver.

Levantei os braços em um gesto redundante, pois estava armado, e aproximei-me. Após dez passos, as sombras começaram a recuar. Andei até a luz trêmula.

A mulher certamente conseguia me ver agora, apesar de não ter reagido à minha presença...

Ela não tinha olhos. Onde deveriam estar, havia apenas um tecido irregular cicatrizado.

Endireitei-me repentinamente, tomado por horror e pena. Abaixei as mãos.

— *Summimasen* — disse calmamente. — *Gomen nasai*. — *Com licença, desculpe-me*. Não fez sentido algum, mas eu precisava dizer algo.

Ela não respondeu.

— *Eigo o hanashimasu ka?* — *Você fala inglês?*

Nada.

Olhei para trás, subitamente convencido de que era uma distração para que alguém pudesse me atacar. Não havia ninguém. Quando olhei para frente, ela inclinou-se para perto da panela, mexendo-a novamente.

— Akira? — perguntei.

Ela levantou a cabeça.

— Akira? — repeti em tom mais insistente.

Ela apontou à direita. Segui o dedo dela e percebi pela primeira vez uma cratera parecida com aquela em que caíra, exceto que era muito menor, a menos de três metros, em um círculo perfeito.

*Era uma armadilha, afinal de contas? Akira estava lá, preparado para atacar?*

Segurando a lança por cima do ombro com uma azagaia, esgueirei-me até o buraco.

Observei assombrado. Vi que não era uma cratera isolada e sim a entrada para uma caverna subterrânea, quando um túnel pareceu continuar além da luz do céu para a escuridão.

*Akira e os filhos moravam lá embaixo?*

Olhei novamente para a mulher e as peças começaram a se encaixar no quebra-cabeça. Ela seria uma das reféns de Akira, uma pobre alma que veio para Aokigahara encontrar a morte e acabara encontrando estupro, mutilação e escravidão. Parecia que Akira a transformara em nada menos que um zumbi, incapaz de pensar ou agir por conta própria, existindo exclusivamente para carregar os filhos dele e servi-lo.

*O destino que ele planejara para Nina e Mel.*

Uma urgência frenética me invadiu. Comecei a descer pelos pedregulhos e rochas que criavam uma rampa, ligando o chão da floresta ao chão da cratera. No final dela, encarei a boca da caverna... e vi uma pequena luz laranja a talvez quinze metros adiante.

*Eles moravam ali embaixo. Viviam no subterrâneo como roedores.*

Dei um passo para a caverna. O ar estava frio, úmido e envelhecido. Não conseguia enxergar minhas mãos. Levantei uma em frente ao rosto, deslizando os dedos pelo teto de rocha derretida que endurecera sobre a lava original para formar aquele canal. Era viscoso e tinha textura irregular.

Senti o caminho à frente com os pés, concentrado nos sons, mas sem ouvir nada.

Aquilo era loucura, pensei. Eu estava entocado sob a pele de Aokigahara, em suas veias, sem nenhum plano em mente e sem ter ideia do que me aguardava.

Eu estava estimulado, imagino, pelo mesmo tipo de mentalidade de viver ou morrer que os soldados têm quando atacam o inimigo. Simplesmente não havia alternativa.

A luz à frente estava mais próxima, cada vez mais brilhante, até que percebi que vinha de outro buraco.

Escutei vozes... indistintas e ecoando com raiva ou empolgação.

Ajoelhei-me e espiei pela beirada da janela no chão e percebi que olhava para uma câmara de magma drenado. Tinha facilmente o tamanho de uma sala de cinema e as paredes eram pomposamente coloridas, provavelmente devido à oxidação.

Vários dos filhos de Akira estavam reunidos no chão rochoso, jogando em um *Gameboy*. O aparelho, juntamente com a lanterna ao lado deles, devia ter sido saqueado de suicidas ou, mais provavelmente, adquiridos em trocas com Hiroshi.

A música *folk* russa de *Tetris* tocava entre as exclamações breves e guturais.

Não vi Mel e Nina em lugar algum nem Akira ou os outros garotos. Consegui, no entanto, ver a entrada de outro túnel.

Cerrei o maxilar. Até onde aquele mundo subterrâneo se estendia? Poderia ser um labirinto complexo, estendendo-se por vários quilômetros com inúmeros tubos de lava, fissuras e cavernas. E como eu conseguiria passar pelos moleques sem ser notado e atacado por eles? A única opção era descer o depósito em rampa que se estendia para longe da janela em um ângulo íngreme. Entretanto, eles certamente me veriam. Minha única vantagem, o elemento da surpresa, seria perdida.

Afastei-me do buraco... e pensei se conseguiria preparar uma emboscada do lado de fora. No começo, achei que a mulher-zumbi traria a comida que estava preparando até eles, mas era provavelmente muito fraca e a panela grande demais para isso. Ela poderia fazer várias viagens, mas fazia mais sentido todos saírem para comer. E, se aquilo fosse verdade e eu pudesse surpreender e matar

Akira instantaneamente, sobrariam só os meninos com quem lidar, dos quais não mais do que três tinham idade suficiente para apresentar grande ameaça. Seria uma competição difícil de ganhar, mas não impossível. Sem falar que, se comesçassem a me dominar e eu tivesse que fugir, não estaria preso aqui sem ter para onde correr.

Decidi e comecei a voltar.

A mulher cega não desviou o olhar da panela de barro quando saí da cratera. Olhei para o lugar aberto, decidindo como prepararia a emboscada. Considerando que estava com uma enorme desvantagem em termos de número, o combate próximo não seria o ideal. Infelizmente, as lanças eram leves demais para serem usadas como projéteis eficazes. Em vez disso, catei várias pedras do tamanho de bolas de beisebol, que poderia arremessar de uma curta distância. Tirei a mochila de John Scott das costas e estava prestes a jogar as pedras dentro do bolso principal com as duas lanças quando parei. Havia algo no fundo da bolsa. Enfiei a mão e puxei vários objetos fibrosos e borrachudos, os cogumelos psicodélicos que John Scott colheira. As cabeças tinham cor marrom-clara e os corpos eram pretos.

*Que porra o cara tinha na cabeça?* perguntei a mim mesmo. *Tinha o suficiente para que os sete de nós víssemos Jesus...*

Com uma ideia súbita, larguei os cogumelos no chão e verifiquei se tinha deixado algum na mochila. Encontrei mais dois punhados e coloquei-os na pilha à minha frente. Havia facilmente duzentos gramas, talvez trezentos. Ouvi que cogumelos perdiam noventa por cento do peso quando desidratados, do jeito como eram geralmente distribuídos e vendidos, o que significava que eu tinha algo entre vinte e trinta gramas do que era vendido nas ruas.

Joguei todos de volta na mochila e despedacei-os para que ficassem irreconhecíveis. Em seguida, levei a bolsa até a fogueira. A mulher escutou quando eu me aproximei e parou de mexer a panela.

— Olá — disse calma e amigavelmente. — Meu nome é Ethan. O que está cozinhando? — Espiei a panela. Uma variedade de legumes flutuava em uma sopa amarelada fervente: batatas doces, cenouras e repolho, além do que pareciam ser tiras de *daikon*, um rabanete branco gigante. — Parece gostoso e está cheiroso. Qual é o seu nome...?

Enquanto falava coisas sem sentido, derramei os cogumelos no ensopado e afastei-me, observando a mulher para saber como e se reagiria. Ela voltou a mexer a panela.

Agitado pela ansiedade, dizendo a mim mesmo que aquilo funcionaria, que *tinha* que funcionar, voltei à escuridão das árvores, ficando onde não seria descoberto, mas ainda com uma visão da festa que estava prestes a começar.

Dez minutos depois, os três meninos mais velhos, Faixa-preta, Cara de Cavalo e Banguela, saíram não da caverna, mas da floresta. Eles se moveram tão silenciosamente que só os percebi quando chegaram perto da luz da fogueira, todos de cabelos longos e *yukatas* cinzas. Cara de Cavalo estava mancando muito, sem dúvida por causa da facada na coxa.

Primeiro, estava irracionalmente convencido de que estavam procurando-me... irracionalmente porque teriam achado que eu morrera no incêndio. Em seguida, percebi que Faixa-preta e Banguela carregavam coelhos mortos. Evidentemente tinham uma visão noturna acima da média, mas não achei que conseguiriam caçar coelhos no escuro, o que significava que estavam voltando depois de verificar armadilhas preparadas antecipadamente.

Faixa-preta e Banguela foram até a mulher-zumbi, enquanto que Cara de Cavalo desapareceu na caverna. Fiquei tenso. Ela contaria a eles sobre mim? Revelaria que eu mexera na comida?

Eles a ignoraram, sacaram as facas, colocaram os coelhos em uma pedra grande e plana e arrancaram os pés, as caudas e as cabeças. Em seguida, esfolaram, estriparam e juntaram o que sobrou, jogando tudo exceto os intestinos na panela.

Empurrando a mulher-zumbi para o lado, eles assumiram o trabalho de mexer a panela.

Não conversaram muito entre si, mas, quando falavam algo, eram mais grunhidos e bufadas do que palavras. Além do mais, a postura deles era curvada, a linguagem corporal grosseira. Nada de movimentos suaves da cabeça, apenas balançadas violentas do queixo e dos braços.

Pensei de novo no que Mel os chamara, crianças selvagens, e percebi como ela estivera certa. No entanto, não eram selvagens nobres. Eram brutos, cruéis, sem a maioria das habilidades sociais obtidas com a civilização.

Aquilo me ajudou a enxergá-los como inferiores a humanos... e diminuiu minhas expectativas sobre a matança que planejava.

Cara de Cavalo apareceu da caverna carregando um grande baú de madeira. Ele o colocou ao lado da fogueira e abriu-o. Os outros garotos saíram da cratera segundos depois, empurrando-se e atropelando uns aos outros até a fogueira, onde formaram uma fila barulhenta que se estendia para longe do baú.

Akira apareceu por último, saindo da terra como um samurai experiente do século passado que sobrevivera a muitas batalhas. A *yukata* dele, como a de Faixa-preta, estava amarrada com uma faixa preta.

Ele parou no topo da rampa de pedregulhos e gritou algo para o céu. Notei que estava segurando três fitas amarelas em uma mão. Ele as puxou com força. Nina apareceu, seguida de Mel e de uma mulher japonesa de vinte e poucos anos. As três estavam vestidas como a mulher-zumbi, com roupões brancos e disformes. As fitas estavam amarradas no pescoço de cada uma como coleiras.

Uma raiva ardente de indignação me envolveu e foi preciso toda a minha força de vontade para não avançar e afundar uma lança na garganta do corno.

Akira amarrou a ponta das fitas em um galho de árvore e rugiu uma ordem. A mulher japonesa se sentou obedientemente, mas Mel e Nina não entenderam tão depressa. Ele esmurrou Nina no rosto e deu um tapa com as costas da mão em Mel, derrubando as duas no chão.

Cerrei os dentes e mantive a posição.

Akira andou até o fogo. Cara de Cavalo pegou uma tigela e um par de *hashis* de madeira do baú e entregou-os para ele. Akira passou um tempo inclinado sobre a panela. Segurei a respiração, convencido de que notara os cogumelos. Mas, quando ele se sentou sem imprevistos, percebi que provavelmente estivera escolhendo o que pegar no ensopado. Faixa-preta se serviu em seguida, depois Banguela, Cara de Cavalo e só então o resto.

Comeram como animais, todos eles, inclinando as tigelas na boca e usando os *hashis* para empurrar o ensopado para dentro o mais rápido que conseguiam, lambendo os lábios e com líquido escorrendo pelo queixo.

Akira e os garotos mais velhos terminaram antes do resto e voltaram para repetir pela primeira vez e pela segunda logo depois. Fiquei incentivando-os silenciosamente.

Quando Akira estava satisfeito, ele grunhiu algo e Cara de Cavalo jogou alguns legumes crus em frente à mulher-zumbi, mais alguns em frente a Mel, Nina e a outra prisioneira. As duas japonesas comeram de forma silenciosa e indiferente, enquanto que Nina e Mel demonstraram desinteresse pela comida, apesar de estarem famintas.

A cena se transformou em uma noite de sábado surreal da *Família Sol-Lá-Si-Dó*, com todos sentados juntos como uma grande família feliz. Akira tomou um gole de uma garrafa que parecia ser algum tipo de bebida alcoólica e fumou um cachimbo estranho, que tirara do baú. Faixa-preta e Cara de Cavalo se juntaram e começaram a jogar no *Gameboy*, enquanto que Banguela folheava um mangá. Os outros se organizaram em times e jogaram um jogo que envolvia chutar uma bola de borracha.

Eu assisti e esperei.

Quase dez minutos depois, os garotos que jogavam bola começaram a perder o foco no jogo enquanto a onda batia. Um após o outro, pararam de perseguir a bola e caíram vagamente, lutando com o que, sem dúvidas, eram cabeças pesadas e corpos não responsivos. Logo em seguida, a maioria caiu no chão com a mente às alturas. O maior olhou na minha direção, ficou boquiaberto, como se tivesse enfiado um clipe de papel em uma tomada e sentido o maior choque de toda a sua vida. Em seguida, começou a arrancar a *yukata* que usava, tentando descobrir o que era ou por que estava vestindo algo além da própria pele. Ele se inclinou e vomitou.

Distraído do que estava acontecendo em volta, Akira olhou para a garrafa que tinha nas mãos, provavelmente tomado pela própria versão de tempo, espaço e realidade. Faixa-preta e Cara de Cavalo continuaram insanamente concentrados no *Gameboy*. A música do jogo que estavam jogando era o único barulho que perturbava a noite. Banguela largou o mangá e andou desequilibradamente para uma árvore para tirar água do Joelho. Em seguida, pressionou as mãos contra a casca do tronco hesitantemente, como se achasse que estava andando, derretendo ou... caralho, até mesmo respirando. Em algum momento, ele se virou e caiu de bunda no chão. Com os olhos esbugalhados e assustados e com a respiração exagerada, parecia ter se esquecido de como respirar e tentava repetir a ação conscientemente.

Akira se levantou repentinamente e girou o corpo, balançando a mão, claramente debatendo consigo mesmo sobre um pensamento ou uma ideia. Em seguida, foi até a mulher-zumbi e gritou com ela, que balançou a cabeça. Ele deu-lhe um tapa e, quando ela não respondeu, deu outro mais forte ainda. Ela gritou algo, meias palavras irreconhecíveis, e apontou para as árvores onde eu aparecera pela primeira vez. Akira continuou gritando e batendo nela. Perguntei-me por que estava resistindo, por que não me entregava... e percebi que, talvez, em uma reviravolta irônica, ele cortara a língua dela, da mesma forma que fizera com os olhos.

Desistindo dela, Akira cambaleou em direção a Mel, Nina e a japonesa. Ele desamarrou a fita de Mel do galho e arrastou-a lentamente para a fogueira. Ela gemeu e choramingou. Ele a arremessou de cara no chão, puxou-lhe pela vestimenta e montou sobre ela, usando o Joelho para abrir as pernas dela.

Faixa-preta e Cara de Cavalo estavam tão chapados e vidrados no *Gameboy* que não notaram quando me esgueirei por detrás deles. Segurando uma das lanças firmemente com as duas mãos, finquei-a nas costas de Faixa-preta, acreditando que fosse o mais letal dos dois. Ela atravessou a carne sem muita resistência e saiu pelo peito, encharcada de sangue. Cara de Cavalo observou em surpresa muda. Em seguida, olhou para trás a tempo de me ver avançando com a lança pelo lado, atingindo a área entre o quadril e as costelas. Ela bateu em um osso e parou abruptamente. Ele saltou, berrando, girando em piruetas, batendo na lança pendurada nas costelas. Eu a arranquei e enfiei novamente na parte superior do peito dele.

Por um momento senti pena e repugnância, escutando em seguida a voz de John Scott em minha mente: *Alvos abatidos, filho da puta.*

E ele tinha razão.

Dois abatidos.

Minha cabeça pulsava com uma fúria sangrenta, pintando tudo de vermelho, e avancei em Banguela, que tentava se levantar. Não desperdicei a última lança nele. Em vez disso, esmurrei-lhe a boca com a mão e martelei a cabeça contra o tronco de árvore. Ela quicou na madeira com um baque pesado. Repeti aquilo várias vezes até a cabeça estalar como a casca de um ovo duro.

Cambaleei para longe dele e virei-me para Akira. Ele estava agachado sobre Mel, com uma faca na mão. Os olhos dele mostravam uma fúria primitiva e selvagem enquanto cuspiam palavras inarticuladas para mim.

Dei um passo cuidadoso em direção a ele, com a lança erguida à minha frente.

Ele continuou gritando. Saliva branca voava de seus lábios como flocos de neve.

Dei outro passo.

Mel tentou se ajoelhar. Akira a agarrou pelo cabelo e puxou-a contra o próprio corpo, usando-a como escudo.

— Ethan! — berrou ela.

— Solte-a! — gritei.

Akira cuspiu mais palavras inarticuladas.

A situação virou um tumulto, com todos falando ao mesmo tempo.

— Solte-a!

— Ethan!

Akira de novo.

— Solte-a!

— Socorro!

Akira começou a andar para trás, arrastando Mel consigo e tentando recuar até as árvores. Eu não deixaria Mel sumir das minhas vistas, mas, assim que me mexi para segui-lo, ele gritou enlouquecidamente e pressionou a faca com força no pescoço dela, com a lâmina afundando na pele e erguendo-lhe o queixo.

Eu parei e observei impotentemente enquanto eles recuavam ainda mais para as sombras. Senti-me como se fosse explodir. Não podia deixar Akira levar Mel, mas que escolha tinha? Akira era um lunático... viajando no cogumelo. Não hesitaria em cortar a garganta de Mel de orelha a orelha.

— Ethan! — implorou Mel com os olhos brilhando com lágrimas.

Decidi arriscar uma investida completa. Não podia perder Mel novamente. Não conseguia lidar com o fato de ela ser mantida refém sozinha na floresta, sendo estuprada várias vezes por Akira, com a língua e os olhos arrancados.

A morte era melhor do que aquilo.

— Ethan! — gritou Mel... com alguma coisa de diferente na voz desta vez. Mais de alerta do que de medo.

Braços me agarram pelo pescoço, esmagando minha garganta. Estavam escorregadios por causa do sangue e não consegui soltá-los. Enquanto eu os agarrava, lutando para respirar, Akira e Mel sumiram na escuridão da floresta.

Entrei em frenesi, contorcendo-me e resistindo, e consegui girar o corpo o suficiente para ver quem estava atrás de mim.

Faixa-preta. A lança que usara para empalá-lo estava manchada de sangue e pelo menos trinta centímetros para fora do peito dele.

Ele deu um soco no meu rosto com os dedos enterrando-se em meus olhos.

Sacudi a cabeça, soltando a mão do olho. Ele tentou repetir o gesto. Mordi a mão dele, afundando os dentes na parte carnuda abaixo do polegar.

O osso foi esmagado. O sangue quente e salgado espirrou para dentro da minha boca.

Faixa-preta puxou a mão e eu me afastei. A *yukata* estava encharcada e preta ao redor da lança e ele estava com o semblante acinzentado. Mesmo assim, continuou a desafiar a morte e alcançou-me.

Agarrei a lança com as duas mãos e balancei-a para os lados. Ele gritou e caiu de joelhos. Empurrei e puxei a lança várias vezes, abrindo o buraco, causando a maior quantidade possível de dano nos órgãos internos. Um esguicho de sangue espirrou-lhe pela boca, sujando o meu pescoço e o meu peito. O corpo dele entrou em convulsão, caindo para frente logo em seguida.

Olhei para Cara de Cavalo e Banguela para garantir que não haveria outras surpresas. Cara de Cavalo estava encolhido em posição fetal, imóvel, enquanto que Banguela permanecia estirado na base

do tronco de árvore, também imóvel. Os mais jovens ignoravam o que estava acontecendo ou olhavam para mim com expressões entorpecidas.

Notei que Nina gritava para que eu a ajudasse enquanto tentava freneticamente soltar o nó do pescoço.

Corri até ela cambaleante e cortei a fita com a ponta da lança. Ela me abraçou, apertando-me com bastante força.

— Ele me estuprou — repetiu ela várias vezes.

Tentei soltá-la, mas ela não deixou.

— Nina, pare! — exclamei. — Temos que ajudar Mel!

Ela me soltou e pestanejou, os olhos vagos. Nina estava em choque e não achei que soubesse do que eu estava falando.

— Fique aqui — ordenei, correndo em seguida na direção aonde Akira e Mel tinham ido. Meus olhos se adaptaram à escuridão rapidamente e eu estava andando em um ritmo excelente, passando por sob galhos e esquivando-me de troncos. Eu criava uma cacofonia de sons, mas não tinha como evitar. Akira passara a vida naquela floresta e caçava nela. Provavelmente me ouviria mesmo se eu estivesse andando na ponta dos pés.

De algum lugar à frente e à esquerda, Mel gritou meu nome.

Desviei o caminho, batendo nos galhos para tirá-los do caminho.

— Mel! — gritei.

— Ethan!

Corrigi meu curso novamente e, quinze metros depois, dei de cara com uma clareira banhada pela luz do luar. Eu estava tão concentrado na vegetação rasteira, cuidando onde pisava, que não vi o pé até esbarrar nele com o ombro.

Empurrei-o, achando que Akira o arremessara, um pé amputado, mas ele balançou de volta em minha direção.

Meus olhos seguiram a perna descoberta, seguindo pelo torso murcho e nu... até a cabeça. Apesar dos cabelos pretos e longos, que pareciam resistir à putrefação, o rosto era pouco mais que uma caveira coberta de bolhas e pele descascando.

Mesmo após tudo que testemunhara na Floresta dos Suicidas, a visão daquela última atrocidade me abalou. Cambaleei para longe dela... diretamente para um segundo par de pés, que pertenciam a outra mulher, apesar de não parecer ter morrido muito tempo antes. A carne e a gordura estavam inchadas, acumularam-se nos peitos caídos. Os pelos pubianos eram um arbusto irregular. O cabelo estava na altura dos ombros, emoldurando um rosto que já fora provavelmente considerado bonito. Os olhos estavam entreabertos, mostrando apenas a parte branca.

Corri além dela, nauseado por estar tocando no cadáver, e vi outra mulher pendurada em uma árvore à minha frente, e mais outra além daquela.

Estavam por toda parte.

Deveria ter pelo menos mais uma dúzia. Todas mulheres, peladas, suspensas a um metro e meio, dois no máximo. Havia todos os níveis de putrefação, algumas pouco mais do que míseros esqueletos, outras que evidentemente tinham morrido não muito tempo antes.

*As ex-carregadoras dos bebês de Akira.*

— Mel! — gritei, sentindo uma certa histeria na voz.

Nada.

— Mel!

— Eth...

Ela foi impedida no meio da palavra e, em seguida, ocorreu uma comoção. Akira saiu de trás de uma árvore grande, segurando Mel em frente ao corpo.

Antes que eu pudesse decidir o que fazer, Mel golpeou com a mão sobre o próprio ombro. Acho que ela estava segurando um galho. Seja lá o que fosse, machucou Akira o suficiente para que ele urrasse de dor e soltasse Mel. Ela caiu de quatro e engatinhou em minha direção.

Corri em frente com a lança estendida.

Ele se preparou erguendo a faca.

A lança atravessou-lhe as entranhas até onde minhas mãos seguravam o cabo. Ele balançou a faca em um arco descendente, acertando a lâmina nas minhas costas. Em seguida, arrancou-a com um som alto para tentar atacar novamente.

Agarrei o pulso dele. Como os filhos, ele era incrivelmente forte, mesmo empalado como estava, e balançamos para trás e para frente em uma valsa mortal, ambos incapazes de conseguir alguma vantagem.

Em seguida, Mel apareceu ao meu lado, tentando soltar os dedos de Akira do cabo da faca.

— A lança! — grunhi — Pegue-a!

Ela agarrou o cabo e arrancou-a. Akira berrou, fraquejando. Tirei a arma da mão dele e enfiei-a em seu peito.

Ele tropeçou para trás, caindo de costas.

Akira olhou para nós, com o rosto transpirando e os olhos brilhando de fúria.

Peguei a lança de Mel e tentei enfiá-la na boca de Akira. Ele cerrou os dentes. Pisei na garganta, fazendo-o tossir, e deslizei a lâmina por entre os lábios.

— Quantas pessoas você matou? — exigi.

Ele emitiu um som ríspido e engasgado.

— Quantas você estuprou?

Ele gorgolejou.

— Apodreça no inferno, seu filho de uma puta...

— Não!

Mel e eu nos viramos. Era Nina. Ela conseguira atravessar o cemitério suspenso, empurrando os corpos para os lados com indiferença perturbadora, parando em frente a Akira com uma adaga firme na mão.

Sem dizer nada, agachou-se entre as pernas abertas dele e arregaçou a *yukata* que ele vestia.

Ele adivinhou o que estava prestes a acontecer e, pela primeira vez, o medo surgiu em seu rosto. Ele tentou rolar para o lado.

Eu e Mel seguramos os ombros dele, prendendo-o no chão.

Logo depois, Nina começou a cortar e remover seus órgãos genitais.

Nunca ouvi um homem gritar da forma como Akira gritou naquele momento. Era como se a alma dele estivesse sendo arrancada do corpo. Ele não parou nem mesmo quando Nina enfiou o pênis em sua boca.

Usamos a fita que anteriormente prendera Nina, Mel e a japonesa para amarrar os cinco garotos sobreviventes. Foi uma tarefa fácil, pois todos estavam em um estado de catatonia, coisa nada surpreendente dada a quantidade de cogumelos que consumiram e o que viram durante a onda. A mulher-zumbi desaparecera e não nos demos ao trabalho de procurá-la. O nome da prisioneira japonesa era Oshima Mano. Ela falava um inglês básico e admitiu que viera a Aokigahara para se matar uma semana antes, quando fora sequestrada e levada até lá, onde disse que Akira a estuprara quatro vezes. Em seguida, começou a chorar porque tinha certeza de que estava grávida do filho dele.

Mel, Nina e eu nos aconchegamos lado a lado durante a noite, pegando no sono e acordando várias vezes. Perto do amanhecer, um dos garotos, o que vomitara primeiro, estava bem o suficiente para que Oshima conseguisse se comunicar com ele. Perguntamos se sabia onde a choupana de Hiroshi ficava, o que ele disse que sabia, e se poderia nos levar até lá, o que concordou em fazer.

A caminhada levou vinte e cinco minutos. Nada restara na choupana além de ruínas queimadas. Para o nosso grande alívio, um policial estava lá para nos receber. Ele limpou e fez um curativo no ferimento em minhas costas com produtos de um kit de primeiros socorros e chamou pelo rádio os policiais que nos procuravam. Quando voltaram, a maioria seguiu para o acampamento de Akira com o garoto, enquanto dois nos escoltaram em uma caminhada de quinze minutos até onde vários carros de polícia estavam estacionados no fim da rua de acesso que Hiroshi mencionara. Eles nos levaram ao Hospital da Cruz Vermelha de Yamanashi, localizado nos arredores de Kawaguchiko. Mel, Nina, Oshima e eu ficamos em quartos separados, onde fomos examinados pelos médicos e interrogados incessantemente pela polícia. Repeti minha história para vários detetives e, depois, para um homem que achei que trabalhava para as agências de inteligência do Japão. Fiquei sabendo que John Scott e Neil foram levados a um hospital em Tóquio de helicóptero. John Scott não perderia a perna, mas Neil ainda estava em condições críticas.

Quando finalmente fui deixado a sós, dormi e acordei no meio da noite com um grito preso na garganta, aterrorizado por um pesadelo do qual não conseguia me lembrar.

Enquanto estava acordado no quarto de hospital escuro, fui bombardeado pelas memórias de Ben, de Tomo e de todos os horrores dos dois dias anteriores.

Fechei os olhos para deixar aquelas imagens pesadas de lado, mas não consegui dormir nem esquecer, e, pela segunda vez na vida, escutei os sussurros degenerados que o suicídio prometia.

# EPÍLOGO

O inverno do condado de Napa não se comparava ao de Wisconsin, mas alguns dias podiam ser muito frios. Aquele era um desses dias. O vento sacudia as janelas da sala de estudos e algumas das ventanias mais fortes balançavam as molduras. O céu estava cinza e nublado. Faltavam alguns dias para o Natal, apesar de a falta de neve no chão não dar uma sensação festiva. Aquilo não me incomodava, pois já estava acostumado com os Natais sem neve durante minha estadia em Tóquio.

Eram 19h45. Eu estava sentado em uma poltrona na sala de estudos da casa da mãe de Mel, assistindo a um documentário sobre animais em uma televisão pequena. Minha mente, por outro lado, estava viajando, como acontecia frequentemente naqueles dias, e, de forma nada surpreendente, comecei a pensar sobre o Japão e Aokigahara Jukai.

Após o resgate na floresta, Mel, Nina e eu permanecemos sob custódia da polícia por quase duas semanas. Não fomos elogiados pelas autoridades japonesas por colocar um fim no reinado de um dos assassinos em série mais terríveis da história do Japão. Em vez disso, fomos ameaçados com acusações criminosas. Os detetives que nos interrogaram sugeriram que nós já havíamos tomado o controle da situação antes de matar Akira, portanto, não era mais homicídio justificável nem autodefesa, e que havíamos ultrapassado a definição de "legítima defesa" quando fizemos aquilo com ele. Eu não sabia por quanto tempo eles teriam nos mantidos presos nem se teríamos sido julgados ou não, mas não precisamos descobrir graças aos meus pais. Quando finalmente tive a chance de ligar para eles, repassaram nossa história para uma rede de televisão regional. Logo em seguida, ela foi transmitida, chegando aos noticiários nacionais. No meio de uma tempestade de atenção internacional, a polícia, ou os políticos que a manipulavam, decidiu nos libertar.

Mel, Nina e eu embarcamos no primeiro voo para Los Angeles, Tel Aviv e Nova Iorque, respectivamente. Após passar algumas semanas na fazenda com meus pais, para arejar a cabeça, pode-se dizer, peguei um ônibus da Greyhound de Madison para São Francisco e depois um furgão para um famoso estabelecimento vinícola em Santa Helena, onde Mel me buscou.

A casa da mãe de Mel ficava a alguns quilômetros fora da cidade em cinco acres nas colinas. Inicialmente, aproveitei a paz e o silêncio que o lugar oferecia. Passei dias ensolarados frescos cortando a grama, repintando a casa de hóspedes, podando os jardins, consertando telhados e cercas, essas coisas. Mas, como eu já sabia que aconteceria inevitavelmente, senti-me preso demais, principalmente pelo fato de estar desempregado. Quando a escola de ensino médio da região começou a publicar nos jornais que procurava professores para o novo ano letivo, Mel e eu nos inscrevemos e fomos rejeitados uma semana depois. Nenhuma explicação foi dada, apesar de os anúncios terem continuado por mais dois meses.

Aquilo não me surpreendeu completamente. Apesar de a mídia ter nos rotulado como heróis ao voltarmos para os Estados Unidos (recebemos inúmeras solicitações para entrevistas em rádios e na televisão, que recusamos), não éramos o tipo de heróis que resgataram uma família de um incêndio em um prédio... éramos do tipo que cometeram atrocidades terríveis em nome da injustiça e da sobrevivência.

Em outras palavras, não éramos o tipo que os pais queriam perto dos filhos, principalmente naquela comunidade tão pequena. Na verdade, a maioria dos habitantes compartilhava dessa atitude. Daria para achar que eu e Mel havíamos contraído lepra pela forma com que nos tratavam quando íamos ao supermercado, ao cinema ou a um restaurante.

Comecei a encher o saco de Mel diariamente para que nos mudássemos para Los Angeles ou para outro lugar onde poderíamos desaparecer no anonimato e encontrar algum emprego, mas parei depois que a mãe dela sofreu um acidente. Certo dia, ela limpava o porão e espirrou um desinfetante químico perto

demais de uma fornalha a óleo antiga. Parte dela explodiu, causando queimaduras de terceiro grau em grande parte do corpo, deixando-a de cama.

O espírito e a resistência incríveis que Mel demonstrara após os acontecimentos da Floresta dos Suicidas deixaram-na imediatamente. Era como se o acidente tivesse sido a gota d'água. Ela começou a ficar depressiva e raramente fazia mais do que dormir ou limpar e cuidar da mãe. Nem mesmo a notícia inesperada de que estava grávida a tirou da espiral decadente em que entrara. Eu e John Scott tentamos convencê-la a procurar um profissional, buscar ajuda, mas ela se recusou com teimosia.

Falando em John Scott, mantínhamos contato com frequência e agora eu e ele éramos bons amigos. Após receber alta no hospital de Tóquio, ele fora transferido de Okinawa para o Forte Bragg no estado onde nascera, Carolina do Norte, onde fora promovido a sargento... e onde estava saindo com uma garçonete da franquia de restaurantes *Hooters*. Ele ainda me incentivava a pedir Mel em casamento, algo que eu já estava mais do que pronto para fazer... assim que conseguisse um emprego e conseguisse comprar um anel de noivado.

E os outros? Neil se recuperou da intoxicação alimentar e ficou no Japão, onde o público japonês o colocara em um pedestal quase que divino. Da última vez em que soube, a fotografia dele aparecia em propagandas de todos os tipos e ele fazia comerciais para o café *BOSS*, junto com Tommy Lee Jones. Nina foi morar com os pais e voltou a estudar moda na faculdade. Em um e-mail recente, ela perguntou como estava "minha namorada" e comentou que ainda queria visitar os Estados Unidos em algum momento. Respondi que, caso passasse pelo condado de Napa, que viesse dizer oi. Duvidei que fizesse isso, o que provavelmente acabaria sendo melhor.

Ouvi uma batida na porta.

Virei-me e vi Mel na soleira. Ela usava uma calça com listras cinzas e uma blusa extra-grande para cobrir a barriga gigante.

— E aí — eu disse, sorrindo. — Qual é a boa?

— Nada demais. — Ela retribuiu o sorriso, que não chegou aos olhos.

— Quer assistir um pouco de televisão?

— O que está passando?

— Uma parada da *NetGeo* sobre chitas.

— Não, obrigada. Tenho que lavar as louças do jantar. — Ela hesitou — Eu... senti ele chutar.

Fiquei de pé imediatamente. — Sério?

— Mais cedo, hoje de tarde. Só uma vez.

Fui até ela, colocando a mão em sua barriga. Era estranho, eu refletira inúmeras vezes desde que ela engravidara, como os eventos podem alterar suas prioridades rapidamente. Um ano antes, a última coisa que eu queria era um filho. Agora, a ideia de criar um bebê me dava empolgação e propósito.

— Você procurou algum outro emprego? — perguntou ela.

Sacudi a cabeça negativamente. — Tem aquele negócio de garçom de bar em Oakville, mas disseram que preciso de um certificado ou coisa parecida para servir bebidas alcoólicas.

— Por que você não faz o curso?

— Talvez eu faça, mas estou esperando a empresa de construção em Rutherford primeiro.

— Não temos dinheiro, Ethan, e, quando o beber vier...

— Eu sei, Mel — respondi gentilmente. — Eu sei. Estou procurando todos os dias. Encontrarei algo. O problema é que não tem muitas coisas aqui...

— Ah, caramba! — exclamou ela abruptamente. — Esqueci de dar o remédio da mamãe mais cedo. Ela acordará sentindo dor.

Ela recuou para o corredor. Eu a observei sair e, em seguida, voltei à poltrona para continuar assistindo ao documentário sobre animais.

Eu estava prestando atenção na narrativa quando Mel gritou.

Corri para o quarto da mãe dela, onde Mel continuava a gritar. Passar pela porta foi como voltar ao passado. Parei abruptamente, como se tivesse batido contra a parede. A mãe de Mel amarrara uma extensão no pescoço e enforcara-se em uma viga exposta do teto. A cabeça estava inclinada para um lado, com o pescoço roxo e inchado, e a calça do pijama manchada.

— Puta que me pariu, não... — respirei.

Minhas tentativas de confortar Mel foram em vão, portanto, corri para a cozinha e chamei a polícia. Enquanto falava com a despachante, ouvi minha própria voz dizendo que não sabia por que a mãe de Mel se enforcara, mas aquilo não era verdade. O namorado fora assassinado pelo ex. A filha fora rotulada como vilã pela cidade onde morara a vida toda. O rosto e o corpo foram desfigurados além do reconhecimento por queimaduras de terceiro grau.

Eu claramente sabia por que ela se enforcara.

Contudo, não senti pena dela... e sim uma raiva enorme.

*Por que ela escolheu fazer isso daquela forma... sabendo pelo que a filha passara?*

Desliguei o telefone e corri para o quarto. Mel parara de gritar e estava sentada na beirada da cama. As mãos estavam apoiadas no colo. Nelas, uma pistola calibre .44 preta. Era da mãe, que a comprara anos antes, com medo de o ex-marido fugir da prisão e ir atrás dela.

— Mel — falei, aproximando-me lentamente —, solte essa arma.

Ela encostou o cano na têmpora direita.

Eu parei. — Mel...

— Sinto muito, Ethan...

— Não faça isso, Mel, não faça isso. Pense no que está fazendo.

— Isso nunca acabará, não é? — perguntou ela séria e pensativa.

Ela soltou a trava da arma.

— Mel! — gritei. — Não... o bebê! Mel, o bebê. Se fizer isso, o bebê morrerá. Não faça isso, não mate o bebê.

Ela franziu a testa.

— Ficaré tudo bem. Eu prometo. Ficaré tudo bem. Pense no bebê.

As lágrimas se acumularam nos olhos dela, transbordando em seguida, escorrendo pelas bochechas. Ela abaixou a pistola. Aproximei-me dela rapidamente e tirei-lhe a arma da mão. Coloquei-a de volta na gaveta superior da cômoda e, em seguida, levei Mel para a sala de estar, onde a abracei com força.

Enquanto o corpo dela tremia com o choro, minha mente estava a mil por hora. Pensei nas palavras que ela falara... *isso nunca acabará, não é?...* e disse a mim mesmo que ela estava enganada. Superaríamos Aokigahara Jukai de uma vez por todas. Apesar de a morte da mãe dela ser trágica, significava que não estávamos mais presos a Santa Helena. Nós nos mudaríamos para outro lugar e conseguiríamos um emprego. Os dois. Bons empregos. Começaríamos do zero. Eu fizera aquilo antes e faria de novo, exceto que, desta vez, com Mel ao meu lado. Começaríamos de novo e tudo ficaria bem.

Apertei Mel e acariciei-lhe os cabelos, escutando as sirenes aproximando-se.

# NOTA DO AUTOR

Obrigado por ler *A Floresta dos Suicidas*. Se você gostou da história, seria maravilhoso se deixasse uma avaliação na página do produto, onde também encontrará o próximo livro da série, *The Catacombs*. As avaliações podem não ser de grande importância para autores de grande renome, mas podem ajudar muito os pequenos escritores a atingir um público leitor maior.

Além disso, por tempo limitado, acesse [www.jeremybatesbooks.com](http://www.jeremybatesbooks.com) para receber uma cópia grátis de *Black Canyon* e *The Taste of Fear*.



# NOTA DO AUTOR

Jeremy Bates é um autor *best-seller* premiado nº 1 em vendas da Amazon de contos e livros. Ele escreve histórias de suspense, terror e ação. Os livros da série "Os Lugares Mais Assustadores do Mundo" acontecem em lugares reais e, até agora, incluem a Floresta dos Suicidas no Japão, as Catacumbas de Paris, Helltown em Ohio e a Ilha das Bonecas no México. Confira esses lugares na internet ou acesse [JEREMYBATESBOOKS.COM](http://JEREMYBATESBOOKS.COM).

## **Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença**

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!